

Priscila Urano



# Do Seu Lado

Muita coisa ainda vai mudar







**GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ**  
*Secretaria da Educação*

# **Do seu lado**

Priscila Urano

Fortaleza - Ceará  
2017



**GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ**  
*Secretaria da Educação*

**Camilo Sobreira de Santana**  
Governador

**Maria Izolda Cela de Arruda Coelho**  
Vice-Governadora

**Antonio Idilvan de Lima Alencar**  
Secretário da Educação

**Márcia Oliveira Cavalcante Campos**  
Secretária Adjunta da Educação

**Rita de Cássia Tavares Colares**  
Secretária Executiva da Educação

**Julianna da Silva Sampaio**  
Assessoria de Comunicação - ASCOM

**Rogers Vasconcelos Mendes**  
Coordenador da CODEA/Gestão Pedagógica

**Iane Terceiro Nobre**  
Orientadora da Célula de Currículo e Formação

**Elane Maria Feijó Borges**  
Orientadora da Célula de Desenvolvimento do Currículo e da Aprendizagem

**Paulo Venício Braga de Paula**  
Centro de Documentação e Informações Educacionais

## **Coordenação**

Centro de Documentação e Informações Educacionais/Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola e da Aprendizagem - CODEA / Gestão Pedagógica

## **Conselho Editorial**

Prof. Adriano Silva Lima  
Dr. Antônio Roberto Barreto Melo  
Profa. Cristina Márcia Maia de Oliveira  
Prof. Daniel Vasconcelos Rocha  
Profa. Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda  
Prof. Genivaldo Macário Castro  
Profa. Gleissiane Ferreira  
Prof. Hylô Leal Pereira  
Prfa. Ideigiane Terceiro Nobre  
Prof. Ilde Guedes da Silva  
Prof. Jenilson Sousa Nogueira  
Prof. José Evangelista de Carvalho Moreira  
Prof. Rickardo Leo Ramos Gomes  
Prof. Rosendo Amorim de Freitas  
Prof. Pedro Jorge Caldas Magalhães  
Profa. Paula de Carvalho Ferreira  
Prof. Paulo Venício Braga de Paula  
Prof. Jefrei Almeida Rocha  
Profa. Sandra Ma Silva Leite Reis  
Profa. Tereza Cristina de Freitas Oliveira  
Profa. Antonia Varele Gama Silva

## **Edição**

**Centro de Documentação e Informações Educacionais/Gestão Pedagógica**

Prof. Paulo Venício Braga de Paula

## **Revisão**

Profa. Cristina Márcia Maia de Oliveira  
Profa. Paula de Carvalho Ferreira

**Projeto Gráfico**  
Gráfica Digital da SEDUC | ASCOM

**Diagramação e Arte-Final**  
Gráfica Digital da SEDUC

**Normalização Bibliográfica**  
Elizabete de Oliveira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F383d Ferreira, Priscila Urano de Carvalho.  
Do seu lado / Priscila Urano de Carvalho Ferreira. –  
Fortaleza: SEDUC, 2017.

240 p.

**ISBN: 978-85-8171-165-2**

1 - Literatura. 2. Romance. I. Título.

CDD 869.93

[www.seduc.ce.gov.br](http://www.seduc.ce.gov.br)



[www.facebook.com/EducacaoCeara](https://www.facebook.com/EducacaoCeara)

---

## PUBLICAÇÃO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS E LITERÁRIAS DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO DO ESTADO DO CEARÁ

---

Existem múltiplas formas de valorização da Educação, uma delas consiste em valorizar o professor. O reconhecimento da atividade do magistério pode manifestar-se por meio de várias funções e ações desenvolvidas pelo professor. Em 2008 foi criada uma ação governamental denominada Professor Aprendiz, cujo destaque tem sido a formação contínua entre pares. O amadurecimento dessa ação, que aposta no protagonismo docente, gerou desdobramentos substanciais dentre os quais destaca-se a publicação de livros de professores da rede. Os trabalhos acadêmicos e literários selecionados para publicação passam por um processo de submissão.

A iniciativa da Secretaria da Educação do estado do Ceará (Seduc), em publicar livros produzidos pelos professores da rede estadual de ensino, está baseada na ação Professor Aprendiz, do Programa Aprender pra Valer, tendo como principais objetivos: a) Valorizar os professores por meio da publicação das suas produções acadêmicas e literárias; b) Estimular a produção científica e literária de professores; c) Promover uma rede de colaboração entre os professores ao tornar pública suas produções com seus pares.

As obras publicadas podem ser de natureza acadêmica (Tese de Doutorado ou Dissertação de Mestrado) ou Literária (Romance; Poema; Cordel; Novela; Crônica ou Conto). São produções de professores(as) da rede pública estadual de ensino do Ceará, na condição de autor(es) ou coautor(es) da(s) obra(s). O Conselho Editorial, ao selecionar as produções acadêmicas, considerou: clareza e precisão de conteúdo; relevância e atualidade do tema; originalidade; qualidade metodológica. Em relação às produções literárias, observou-se os seguintes aspectos: originalidade de conteúdo/ineditismo; repertório linguístico; fruição estética; coerência e consistência do texto; e, por último, potencial artístico. Os trabalhos publicados são originais, escritos, em língua portuguesa, em consonância com os Direitos Humanos.

Com essa iniciativa, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará, mais uma vez, faz história. Ao publicar as produções de seus professores, a Seduc promove um círculo virtuoso de valorização do Magistério, cujos efeitos podem se manifestar no fortalecimento do protagonismo docente; no investimento da formação acadêmica e, principalmente, num processo de ensino e aprendizagem mais qualificado e comprometido.

# Sumário

1. Capítulo.....	08
2. Capítulo.....	16
3. Capítulo.....	23
4. Capítulo.....	32
5. Capítulo.....	39
6. Capítulo.....	48
7. Capítulo.....	56
8. Capítulo.....	62
9. Capítulo.....	69
10. Capítulo.....	75
11. Capítulo.....	81
12. Capítulo.....	87
13. Capítulo.....	94
14. Capítulo.....	100
15. Capítulo.....	108
16. Capítulo.....	115
17. Capítulo.....	123
18. Capítulo.....	131
19. Capítulo.....	137

20. Capítulo.....	143
21. Capítulo.....	150
22. Capítulo.....	157
23. Capítulo.....	165
24. Capítulo.....	172
25. Capítulo.....	180
26. Capítulo.....	187
27. Capítulo.....	194
28. Capítulo.....	201
29. Capítulo.....	208
30. Capítulo.....	216
31. Capítulo.....	222
32. Capítulo.....	229
33. Capítulo.....	236

---

# 1 Capítulo

Mais um ano que se foi, mais uma vez a vontade que ficou. Essa história de ser a menina quieta do canto da sala já tinha de ter acabado há tempos. Talvez na sétima série. Mas ainda está durando e pelo jeito vai terminar o colégio sem mudar.

Terceiro ano e continua a mesma, só que agora vai prestar vestibular. Você tem mais um ano, nada mais que um ano para provar quem realmente é. Você tem de sair da prisão onde se meteu sozinha.

Está na hora! Acorda! Vamos tomar as decisões diárias.

Maria Lúcia acordou com a impressão de que não se deve levar a sério aquela história de o travesseiro ser o melhor conselheiro. O seu muitas vezes a deixava assustada. Que coisa!

Deu um jeito no comprido cabelo castanho. Viu em cima da cadeira o vestido separado para a festa de final de ano, simplesmente o ignorou como preferiria fazer com a festa inteira. Dirigiu-se ao banheiro e enquanto escovava os dentes, lembrava-se das palavras categóricas da diretora: “Nada de faltar, Dona Maria Lúcia. A senhora sabe muito bem o trabalho que dá para organizar essas festas, o quanto demanda do nosso tempo e dinheiro. Tudo por vocês, alunos. Não quero que falte nenhum dos homenageados da noite, principalmente a melhor aluna. Olhe lá. Já falei com seus pais. Por favor, não invente nada.” Dona Cecília era uma boa amiga, sempre fez de tudo para deixá-la à vontade. Malu não poderia decepcioná-la.

\*\*\*

Tomar banho, se vestir. Jamais conseguiria ficar bonita como as meninas do colégio. Nisso a escolha do Santa Inês fora infeliz. Aquele colégio mais parecia uma agência de modelos, cada menina mais linda do que a outra, sem falar em toda aquela sofisticação que uma caipira como ela nunca poderia acompanhar.

Sobre a cama o vestido preto emprestado pela mãe a esperava. Básico e de um tecido que se moldava ao corpo. Não teve a coragem necessária para vesti-lo. Pegou o inseparável vestido amarelo no guarda-roupa.

*Isso mesmo! Vai com o amarelo. Ele combina com você, sua medrosa!* Fingiu não escutar os próprios pensamentos. Sabia que não tinha o corpo necessário para preencher o vestido preto.

*Quando é que você vai olhar no espelho e se enxergar, menina? Você é perfeita! Olha essa cinturinha. Será que você pode me ouvir somente desta vez? Este vestido amarelo é pra quem tem doze anos. Aos dezesseis você pode ousar um pouco mais.* Decidiu concordar temporariamente com essa insistente voz interior.

Soltou o cabelo, trocou de vestido e passou um batom. Encheu-se de coragem e encarou o espelho. Pela primeira vez em muito tempo, achou-se bonita. Pena que ainda usava aquele aparelho a lhe prender o sorriso.

De repente, volta a si. Ela não era aquilo refletido no espelho. Ela era a Maria Lúcia, menina tímida e sem jeito que não deveria usar uma roupa daquelas nunca. Vou trocar de novo. *Nossa, são sete e meia! Ai meu Deus!*

Não deu tempo, a mãe batia na porta. Ia deixar Malu na festa e depois sairia com Otávio. Tinha pressa. De maneira que Malu não teve outra escolha senão pegar a bolsa e ir.

\*\*\*

A mãe a deixou na porta. Muitos rapazes e moças entravam no colégio que estava glamorosamente iluminado. Sentiu-se nua naquele vestido e em cima daquele salto, mas já havia descido do carro. Puxou a saia um pouco mais para baixo, ajeitou o cabelo e disse para si mesma:

– Bem. Agora é só ser o de sempre até o fim. – respirou fundo – Pense que isso está acabando e em mais um ano você estará longe daqui.

– Ora, ora, ora, se não é a nossa *nerd* predileta! Olha, pessoal, como hoje ela está jeitosa. Cuidado, hein... Ela deve estar à procura de um coitado para ver se desencana. Deve ser por isso que está nervosa e fazendo loucuras, deu até para falar sozinha...

Nada podia ser pior, encontrar Vinícios logo na entrada, juntamente com toda sua turma. Parece que aqueles meninos, o time de futebol do Santa Inês, vivem grudados nele, pois sempre estavam lá para concordar e rir com suas besteiras.

– Você não muda, né? – ele falava perto do ouvido dela – Troca de roupa, mas continua a mesma menina tola...

Não podia deixar de responder, mas tinha muita vontade de chorar e aqueles idiotas não paravam de rir. Aquilo não ia acabar nunca? Aguentava desaforos do Vinícios desde a quinta série. E nesses anos todos, ele nunca deu tréguia. Toda vida a mesma história de que ela era uma tola que não mudava.

– Caracas, que cara otário! Por que você não vai brincar com seus coleguinhas e deixa a Malu em paz?

Outro rapaz chegou por trás de Vinícios e bateu em seu ombro. Depois de um breve momento de reconhecimento, abraçaram-se.

– Grande André! Por onde tu andava, cara? Nem me ligou. Tinha uns rachas pra gente na semana passada.

– Pois é... Eu estava estudando. Quase não passo. Nem sei como vai ser no próximo ano... Vestibular é dureza! – falava isso olhando para Malu, sabia que na recuperação era sempre ela quem o ajudava a sair do sufoco.

– Relaxa! O que é que tem demais numas provinhas à toa?

– Vini, você fala isso porque é um monstro. Só tira nota alta. Melhor que você só a Malu. E a propósito, - bateu o dedo indicador na testa do amigo e disse – vê se cria um pouco de juízo e deixa a mina em paz.

– Vamos entrar, galera, que a música já começou. – gritou um dos rapazes do grupo de Vinícios.

André, antes de virar e seguir o restante do grupo, jogou um beijo para ela. Malu quase derreteu de vergonha, principalmente quando o ouviu dizer:

– Você está muito bonita hoje.

Afastaram-se. Mais uma vez, André a tinha salvo. Ele sempre fazia isso. André era tudo, perfeito. Líder da turma, capitão do time de futebol, Vinícios jogava melhor, mas André era mais consciente, mais maduro, melhor exemplo para o time. E ele era lindo. Um rapaz de ombros largos, um cabelo castanho claro sempre muito bem cortado e um sorriso humilde apesar da popularidade que tinha com as garotas do colégio. Um sonho. O sonho perfeito de Malu.

\*\*\*

– Até que enfim, menina. Pensei que você não viesse mais. Eu já estava nervosa. Por que é que você é sempre tão tímida? Mas olha só... Você está linda! – Dona Cecília murmurava para Malu na entrada do palco.

– Obrigada, Diretora.

– Venha. Vamos ouvir as homenagens.

Nessa parte da festa, geralmente os adolescentes não prestavam atenção aos discursos. Malu ficou ali quietinha reparando no que eles faziam. Alguns tiravam fotos com os colegas, ela não tinha uma amiga com quem gostaria de bater uma foto, talvez um amigo, mas André estava ocupado com Angélica, a namorada. A moça arrumava os cabelos e ajeitava o vestido. Ela olhou mais uma vez para o próprio vestido preto, não acreditava ainda que fora capaz de usá-lo.

– E agora, senhoras e senhores, homenagearemos os alunos que se destacaram durante este ano. Uma salva de palmas para aqueles que são o orgulho desta instituição. – disse o Professor Elias com seu vozeirão, já suando dentro do seu paletó de festa de fim de ano.

Finalmente, a atenção dos alunos se concentrara no palco. Todos gostavam de saber o resultado, mesmo fazendo ideia de quem seriam os escolhidos.

– Caros alunos e amigos do corpo docente, chamo ao palco nossa melhor aluna pelo sétimo ano seguido: Maria Lúcia Aragão.

Nessa hora, Malu tinha vontade de que o chão se abrisse, morria de vergonha daqueles aplausos. Por ela, jamais subiria ali, Dona Cecília a obrigou. Agradecida, recebeu das mãos dos professores sua medalha e um cheque no valor de uma prestação do colégio. Depois se sentou na cadeira que lhe correspondia e ficou ouvindo o restante da cerimônia torcendo pelo fim.

– Parabéns, Malu. Você merece. Chamemos agora o nosso mais importante atleta: Vinícios Matos Leal.

As meninas do colégio começaram a gritar enlouquecidas. Malu não entendia como podiam gostar dele. Não que Vini fosse feio, pelo contrário. Era ainda mais alto que André, parecia um gigante quando tirava onda com a cara dela, tinha a pele queimada de sol e olhos de um verde que variava do claro ao escuro seguindo seu humor, as moças do Santa Inês deliravam por aqueles olhos, mesmo assim, sua principal característica não era o olhar, era o sorriso zombeteiro que só ele dava.

Vini disputava com André o posto de mais desejado do colégio. Aos olhos de Malu, não havia nem competição. O rapaz subiu no palco na alegria de sempre, veio correndo, saudando a galera. Fazia caretas para outros atletas e imitava o treinador dando bronca. Todos, alunos e professores, riam de suas gracinhas, seria impossível não rir. Vini cumprimentou cada um dos professores, alguns fingiram lhe passar um sermão, mas, na verdade, se

divertiam também. Afinal, não havia aula tediosa com aquele rapaz, ele tinha sempre uma observação curiosa sobre o fino rabo do lagarto, mesmo quando o assunto era a Segunda Guerra Mundial.

Malu tentou sumir. Pensou consigo que se conseguisse ficar invisível por alguns segundos, Vini se esqueceria dela. Esforço inútil. Antes de sentar, o rapaz fez estalar no rosto da garota um beijo. Por que ele faz isso? Qual o prazer de me humilhar na frente de todos? Era no que pensava Malu.

Seguiram-se as homenagens, todo tipo de categoria: o artista, o líder, o engajado social. Tinha até um prêmio para o aluno mais palhaço, logicamente o júri era severo, as brincadeiras não poderiam ser prejudiciais, só divertidas. Vini levava esse prêmio todos os anos.

E chegara o momento do ponto máximo: a escolha do rei e da rainha da festa. Todos os alunos, funcionários e professores votavam no último dia de aula. Dona Cecília adorava essa parte, fazia questão de anunciar os coroados com a mesma pompa e circunstância da entrega de um Oscar.

– Rapazes e moças, é chegado o momento... – ela pegou o envelope azul – O rei e a rainha deste ano são... – dava o ar solene percebendo a plateia ansiosa – André Camargo e Souza e Angélica Coelho de Freitas.

O ginásio explodiu em palmas. Todos se levantaram para assistir à coroação. André estava com aquele sorriso simpático de sempre, fez um gesto de reverência para o público quando recebeu a coroa. Angélica agradeceu as flores e a tiara e disse docemente ao microfone como estava honrada por poder representar o Colégio Santa Inês. Realmente, dois rostos tão lindos representavam bem o que o colégio tinha de melhor.

Hora da valsa e Malu tentou sair à francesa para o jardim. Esgueirou-se discretamente e já vislumbrava o limiar da porta quando o Professor Elias a tirou para dançar.

Depois da primeira dança a orquestra começou a tocar uma música romântica para dar continuidade aos passos lentos dos enamorados. O professor agradeceu a valsa à Malu e pediu a um rapaz que trocasse de lugar com ele já que estava de olho na professora Marlene de Biologia. Para desespero de Malu, seu novo parceiro não era outro, era Vini.

– Eh, né, Maria Lúcia, parece que o nosso destino é se esbarrar...

Dizendo isso, naturalmente passou o braço pela cintura dela. Ela tentou se afastar.

– O que é isso, Maluzinha, tá com medo de mim? Não vou te engolir, não.

Ela tinha que admitir, ele sabia exatamente como a constranger. Ao menos daquela vez a turminha de Vini não estava ao seu redor.

– Pronto, Vinícios, já chega! Me solta! Eu não quero mais brincar.

– Poxa, Malu! Aposto que se fosse com o André, você queria dançar...

Ela tentava se afastar, mas ele a agarrava mais forte e continuava dançando e zombando com o sorriso de sempre misturado a caras forçadas de lamentação que fariam rir a qualquer outra garota naquela situação.

– Com ele é diferente... Ah! Vini, para! – estava desesperada, forçava a mão no peito dele.

– Você me chamou de Vini? Que progresso! O que uma dança não faz, hein? – Ele a trouxe para perto de si num solavanco. Malu pôde sentir o cheiro dele. – Eu sei que tenho tirado muito sarro com a tua cara nesses anos... – Vini olhava de cima bem direto nos olhos dela, estavam muito próximos e ele usava um tom de voz agradável, quase sincero. Aquilo assustou mais ainda Malu. – Por isso, vou aproveitar que estou aqui e te pedir desculpas...

Ele afrouxou o abraço e ela respondeu virando o rosto.

– Considere-se desculpado.

O rapaz não gostou da atitude. Mudou o tom da voz.

– Valeu! Gosto mesmo quando você mente! Fica mais parecida com um ser humano e não com esse anjinho barroco que você faz questão de mostrar pra todo mundo. – Ele a segurava pelo pulso.

– Do que é que você tá falando, garoto?

Já nem prestava mais atenção no que Vini dizia, tinha encontrado André e Angélica dançando de rosto colado. Imaginava o dia em que seria a dona daquele abraço, quase podia sentir o macio da pele de André, como quando ele sentava ao seu lado pedindo que lhe explicasse os problemas de Matemática.

– Tô falando de você. Dessa menina tola que você é! Veio aqui hoje, toda pronta, toda linda, pensei que finalmente ia entrar na briga. Mas, pelo visto, continua com esse mesmo jeitão superficial de caipira... Como se não soubesse que com um mínimo de esforço consegue tirar ele dali...

Vini apontava para o casal. Maria Lúcia teve de olhar nos olhos dele, estavam muito escuros de um verde quase opaco. Ela não acreditava que justamente Vinícios sabia do seu segredo mais secreto. Acabou perdendo o casal de namorados no meio da multidão. Irritou-se com isso.

– Não sei do que você está falando. – fingiu – Mas se a minha presença te incomoda tanto, é só largar o meu braço que eu vou para casa.

– Ah! Não seja dissimulada. – o rapaz puxou novamente o corpo dela para junto do seu – Eu sei muito bem o quanto você é louca pelo André. É só isso que me impede... – balançou a cabeça interrompendo o pensamento – O que te falta é coragem! Pois olha, se você continuar desse jeito, o garotão vai te achar a irmãzinha inteligente para o resto da vida...

– E o que é que você tem com isso, Vinícios? Eu gosto assim! Agora me larga!

Os olhos de Malu reencontraram o parzinho de dançarinos, eles trocavam um beijo apaixonado. Sentiu o chão rodar e um calafrio lhe desceu pela espinha.

– Para de mentir, Malu! Encara a realidade. Isso mesmo, pode olhar... É aquele ali o tipo de garota que seu perfeitozinho gosta. Linda e completamente vazia. – Vini segurou seu rosto a obrigando a encarar o verde dos seus olhos novamente - Você tem duas opções: ou continua assistindo à sua própria vida ou vai lá e tenta fazer alguma coisa.

Malu tentou esconder a primeira lágrima. Seu corpo estremeceu. Vinícios afrouxou o abraço temeroso de como ela poderia reagir. Estava sendo um esforço grande para ambos. Alterou mais uma vez o tom de voz para um mais doce.

– O pior de tudo é que você não percebe...

Não adiantava mais falar. Maria Lúcia correra desesperadamente para o jardim.

\*\*\*

Ela batia com força no travesseiro.

– Chega! Chega!

Maria Lúcia chorou até o sono a acalmar. Acordou de madrugada. Foi à janela, bem mais tranquila, e olhou para o céu mirando as estrelas. Sentia um vazio que crescia cada vez mais. Afastou-se sacudindo de leve a cabeça. Já tinha dezesseis anos, seria, por certo, muito bom acabar com essas fantasias infantis.

Amanhã, as férias começavam e o ano que vem será o último ano de escola: quase o fim da adolescência. E o que fizera afinal? Ótima aluna, ótima filha... Só? Sozinha ou somente?

Queria continuar a acreditar que um Peter Pan por aí ainda estivesse sem receber o dedal de sua Wendy. Olhava-se agora no espelho. Não era feia. Tinha uma bonita pele, talvez mais branca do que juventude dentro das suas veias pediria, um nariz fininho como os dedos das mãos, pequena por inteiro, só os cabelos eram compridos e de um castanho muito escuro, os olhos da mesma cor, tudo escondido atrás de óculos e de uma timidez sem tamanho.

Nessas horas de solidão, só conseguia enxergar como referência de beleza as meninas sorridentes, com cabelos sedosos chicoteando um biquíni milimetricamente programado sobre uma pele dourada, própria para seduzir os rapazes. Meninas pelas quais André se interessava. Desligou as luzes e resolveu dormir.

---

## 2 Capítulo

Malu acordou cedinho e exausta. Teve a noite toda de sonhos com vários Peter Pan visitando sua janela. Decidira-se, depois de tudo, ao menos a melhorar no quesito bronzeado, numa sincera tentativa de mudança. Tomara um livro por companhia e tão logo terminasse o café desceria até a piscina do prédio para pegar um sol.

– Bom dia, minha filha. – a mãe lhe dava um beijo enquanto pegava o jornal na mesa e tirava migalhas de torrada do roupão de seda colorida que só usava quando estava de bom humor.

– Bom dia, mãe. Como foi ontem com o Otávio? – Já estava dormindo há muito quando ouvira o barulho do trinco do quarto da mãe, supunha que a noite tivera sido boa.

A mãe e o pai divorciaram-se quando ela tinha oito anos. Tudo muito amigável, sem traumas. E, de uns anos para cá, Dona Helena andava de namoricos. Tudo no maior respeito, deixando bastante claro o espaço de Malu, mais até do que a moça achava necessário.

Então, surgiu o Otávio, que era um cara bem legal. Malu gostou dele logo no primeiro instante, não só pela risada gostosa, mas porque achava que aqueles olhos tão azuis seriam incapazes de mentir tanto e porque ela vira nos olhos bonachões de Otávio um sentimento sincero. Bastava isso para ganhar seu voto de confiança. E, nesses quase dois anos em que o casal estava junto, ele não fizera nada que o desabonasse.

– Tudo ótimo. – Será que sentira certo tom de nervosismo na fala da mãe? Franziu a sobrelanceira por reflexo. – Falando nisso... – Dona Helena colocou o copo de suco de laranja sobre o balcão da cozinha com tanta solenidade que Malu até estranhou.

– Falando nisso... Continue. – Insistiu indagando com as sobrelanceiras.

Mas Dona Helena não continuou, perdeu o ânimo com um suspiro. Ela se ajeitou novamente na cadeira como se nada tivesse acontecido, deixando Malu com uma interrogação enorme no meio da cara.

– Ah! Seu pai me ligou ontem...

Podia jurar que ali tinha coisa. O pai ligando para a mãe. A que horas? Ela mesma tinha passado o dia inteiro em casa e não ouvira sequer uma vez o telefone chamar. Mas achou melhor não insistir. Mudou de assunto drasticamente. A mãe estava bastante confusa até mesmo para o normal destrambelhado de Dona Helena.

– Não sei se devo passar minhas férias deste ano no interior... – levantou os ombros naturalmente e foi como se uma bomba caísse na cozinha.

– Claro que vai! – Dona Helena levantara de supetão – Você sabe muito bem que isso é parte do meu trato com seu pai. Metade das férias com ele.

– Calma, mãe. Duvido que papai vá ficar chateado... – Malu estava tão abismada com a reação sem lógica da mãe que no susto até derramara suco sobre a entrada de banho – É o ano de vestibular e eu preciso começar a estudar...

– Nada disso, mocinha. – Gaguejava Dona Helena, mexendo demais os braços para uma simples discordância de ideias. Pelo jeito, aprendera alguns gestos italianados com Otávio afinal - Você já estuda demais e este ano com certeza vai estudar até mais do que deve... Isso vai acabar te deixando doente. – *Será que isto faria sentido com qualquer outra pessoa ou será só na minha casa que acontece*, pensava Malu durante o discurso sem noção da mãe – Sem falar que este ano nem terminou e você já está pensando como quem está às portas do exame. – Sacudia o cabelo nervosa, talvez percebesse que loucura de conversa estava tendo com a filha.

O resultado deste embate, se é que foi algum tipo de embate, é que Malu acabara dentro de um ônibus, indo diretinho para casa da avó, muito antes da hora do almoço, como se fosse questão de vida ou morte. Claro que ela desconfiava de que havia algo de estranho. A última vez que acontecera coisa semelhante, ou seja, ser mandada no meio da semana para o sítio, fora quando a Gertrudes, sua tartaruga de estimação, morrera.

Nunca foi o forte de Dona Helena dar notícias difíceis. Ela começava a chorar muito antes, para desespero de quem estava ao redor. A moça já a conhecia, podia se lembrar como se fosse hoje de como fora ela quem consolara a mãe dizendo que estava tudo bem no tempo do divórcio.

As notícias e conversas difíceis eram departamento do seu Fernando, o pai de Malu. Seu Fernando era a própria tranquilidade em pessoa, mesmo na maior das aflições, nada o afligia e, de fato, era bem melhor ouvir notícias, boas ou ruins, da boca do pai.

Malu já imaginava que deveria esperar por algo nesse sentido, mas não conseguia pensar o que poderia ser. Tentava não se preocupar, pois tanto Dona Helena quanto seu Fernando ainda não tinham se dado conta de que ela já não era exatamente uma menininha e a enchiam de cuidados, principalmente no que concerne a importância da estrutura familiar para filhos de pais separados: Dona Helena era psicóloga infantil e vivia repetindo isso como um mantra.

\*\*\*

Chegando ao sítio, os cheiros e sons daquele lugar tão maravilhoso, o carinho da Vovó Lúcia de quem ela herdara parte do nome fizeram-na esquecer dos problemas e pensamentos. O pai fora recebê-la na estação com uma coroa feita de flor de laranjeira como já era costume entre eles desde sempre, mas não pôde ficar para conversar. Era tempo de melão e ele trabalhava como um louco nas colheitas para a exportação em todas as fazendas da região. O pai era agrônomo.

Somente depois do jantar, um delicioso frango recheado com farofa de bacon, o favorito da menina, Seu Fernando se dispôs a conversar com Malu. Mas antes quase a deixara maluca de ansiedade perguntando como ia a escola e os amigos.

– Bem, minha filha, - Tirou o chapéu e coçou a cabeça dando sinais de que entraria no assunto – o que eu tenho para te dizer é coisa séria. Mas acho que você vai levar... – fez uma pausa tentando se lembrar de algo – Como é mesmo que vocês dizem? Ah! Vai levar numa boa. – E ele sorriu.

Malu sorriu também. O sorriso do pai, ou a lembrança do sorriso dele, muitas vezes a consolara nas noites sozinhas na cidade após um dia de miséria naquela escola. Até hoje adorava aquele sorriso branco e tranquilo de quem não se importa com o ritmo acelerado das coisas, ela tinha a impressão de que para Seu Fernando o único ritmo que importava era o da própria natureza que era também o ritmo dele mesmo.

– Sua mãe me ligou nervosíssima. Confesso que mais um pouco, ela também me tirava do sério.

Vovó Lúcia que fazia tricô por ali deu uma risadinha enquanto fingia não prestar atenção à conversa particular. No fim, não resistiu e gritou lá do alpendre:

– Coisas de Helena. Você se lembra?

– Se me lembro, mamãe. Se me lembro...

– Como assim? – Eles pareciam saber bem do que se tratava, mas ela já estava cansada daquele suplício.

– Sua mãe me pediu para perguntar sobre a sua opinião com relação ao Otávio, Malu. – suspirou Seu Fernando conformando-se em falar a verdade.

Esperava tudo menos isso. O que tinha o pai com relação ao namoro da mãe? Ele parecia se perguntar a mesma coisa pela cara que fazia. Malu esforçou-se para produzir uma resposta.

– Acho que ele é legal... Mas, e daí?

– Sei que é confuso, querida, são coisas que sua mãe me obriga fazer... Você sabe o que ela pensa sobre a integridade da estrutura familiar para os filhos de pais separados.

Não pôde deixar de rir da imitação perfeita de Seu Fernando da mãe quando entrava na sua fala profissional.

– Ela quer saber o que você pensaria do casamento dela com Otávio e quis que essa pergunta fosse feita num ambiente neutro... E cá estamos, eu e sua avó, nós somos o que sua mãe reconhece como ambiente neutro.

– Ah! Mas me poupe! Mamãe me mandou para cá à galope para perguntar se ela pode casar com o Otávio? – Caiu na gargalhada – Só por isso? Dessa vez ela passou dos limites do exagero. Ela que case e seja bem feliz!

– Eu disse que você ia levar numa boa...

\*\*\*

Ligou para a mãe naquela mesma noite. Depois de uma pequena discussão sobre tempestades em copos de água e de como ela não era mais nenhuma garotinha indefesa que não pudesse ouvir uma notícia sem precisar de ambiente neutro, deu os parabéns pelo noivado.

Foi uma longa conversa sobre como fora o pedido e principalmente sobre os planos para o futuro. Dona Helena disse que, por enquanto, não seria necessária uma mudança mais brusca, Otávio viria morar com elas, mas pediu que Malu não desconsiderasse a possibilidade de ir para um apartamento maior e até mesmo, quem sabe, ganhar um irmãozinho.

Nesse ponto, sentiu uma balançada no coração. Um irmão. Ela sempre quisera um, mas já achava que esse tempo passara. Mas não, não seria uma ideia tão ruim ganhar um irmão.

Dona Helena contou que pretendiam fazer uma cerimônia íntima para

amigos e familiares. Mais ou menos pelo recesso das festas. Como assim? Já? Pensou, mas não deixou transparecer, afinal, pedira para não ser poupada. E aquela conversa era um progresso grande no temperamento da mãe.

Em todo caso, a pressa tinha um nome, Antonio, o filho de Otávio de um relacionamento anterior que estudava na Califórnia, o rapaz viria visitá-lo nas férias de Natal e eles gostariam bastante que ele também participasse da cerimônia.

\*\*\*

– Malu, menina, desce daí!

A avó gritava para ela debaixo do pé de jabuticaba. Ela sabia que não era mais menina para subir em pé de planta, mas adorava jabuticaba. Tal qual fosse a Narizinho de Lobato, passava o tempo a comer da frutinha, depois pegava a bicicleta e ia até o ribeirão tomar um banho para logo depois tirar longos cochilos na rede do alpendre, cansada como ela só.

– Veja quem veio te visitar.

– Isaura!

Isaura era grande amiga de Malu na infância. Estudaram juntas no grupo escolar antes da mudança para a capital. Era uma moça doce de longos cabelos negros tais quais seus olhos que bem poderiam ser confundidos com as jabuticabas com que Malu se fartava.

Malu desceu num pulo, fez um rasgo no vestido e estava com a cara toda manchada de fruta. Isaura vendo a cena deu uma risada tímida.

– Você continua a mesma, Maria Lúcia.

– Ora, ora, Dona Isaura dos Santos Costa, nem venha me falar como se fosse muito adulta – abraçou a amiga com vontade – até parece que se eu te chamar para um banho no ribeirão você não vai...

– Já vim de biquíni!

Malu colocou a amiga de carona na bicicleta e partiram deixando Dona Lúcia sacudindo a cabeça das maluquices das meninas.

Malu aproveitou o banho para contar como andavam as coisas na cidade: o casamento da mãe, o vestibular, André... Isaura ouviu longamente com toda a paciência do mundo. Sabia que Malu só falava daquelas coisas com ela.

– E você, minha amiga, como vai? – perguntou enfim.

– Casada.

Malu quase escorrega da pedra em que tomava sol de tão supetão que levantou.

– Como?

– Você não ouviu errado, amiga. Eu me casei. Faz duas semanas agora.

– Como? Ah? Por quê?

– Não se preocupe. – Como se isso fosse possível diante de uma amiga adolescente casada e muito provavelmente grávida - O seu pai contratou o Jorge e eu estou trabalhando na farmácia durante o dia...

– Isaura... – perguntou com tom inquisidor enquanto tentava processar as ideias.

A moça fugiu do olhar de Malu, sabia o que ela queria saber. Talvez fosse mais complicado revelar para a amiga o que ela mesma tentara amenizar nessas semanas tão confusas. A outra não poderia entender. As duas, quando eram meninas, queriam ser médicas, mas a realidade é mais difícil que os desejos infantis. Malu ainda subia em pés de jabuticaba, ao mesmo tempo em que estudava, ou melhor, era a melhor aluna de um dos colégios mais conceituados da capital, ela não poderia entender. Não compreenderia o que era viver naquela mesmice de dia após dia, como os sentimentos ficavam intensos no tédio do interior.

– Eu estou grávida.

Era bastante confuso. Isaura não passava de uma menina como ela. Poderia pensar em brigar, falar sobre o uso de preservativos ou em como ela estragara sua vida antecipando um passo tão importante. Mas percebeu como aquela situação já andara por si só maltratando a amiga. Notou também quanto o corpo de Isaura mudara, olhando com olhos mais atentos podia ver seios bem maiores e uma barriga arredondada.

O mundo parece que às vezes gira mais rápido do que se percebe. Acabara de levar uma rasteira. Sua melhor amiga estava ali, diante dela, casada e grávida e Malu sequer havia dado o primeiro beijo.

– Por que não me chamou para madrinha do casamento? – finalmente sorriu tentando dar um ar mais leve para aquela conversa – Eu acho que merecia...

– Foi tudo muito rápido. E você estava fazendo provas...

– Desculpas... Blah! – Pôs a língua para fora retomando a atitude infantil de poucos instantes atrás. Passou o braço pelo pescoço da amiga e lhe deu um beijo na testa para então continuar - Mas fique sabendo que do bebê

eu não abro mão. Dele eu faço questão de ser madrinha. Nem que ele resolva nascer no dia da prova do vestibular, ouviu?

– Certamente, Dona Maria Lúcia. – A amiga sorriu de volta – Mas trate de arranjar um padrinho.

\*\*\*

---

## 3 Capítulo

O restante das férias no sítio fora mais tranquilo. Apesar de o pai ter também aproveitado a onda de novidades para apresentar a Maura, sua namorada nova. Malu perguntou se a avó também não tinha nada secretíssimo para contar, mas Dona Lúcia apenas lhe deu um beijo e a mandou buscar na despensa quantas compotas de doce conseguisse carregar para levar para casa como fazia todos os anos.

Os dias passaram voando. E, faltando dois para o Natal, Malu despediu-se de todos e seguiu de volta para a capital.

Em casa, Otávio já estava instalado, mas de modo geral, as mudanças foram mínimas, outro computador fora trazido para o escritório, agora tinham na sala um super home theater e a mãe abriu um espaço no closet para o novo marido. As demais coisas de Otávio foram mandadas para um depósito. Ele esperava que tivessem mais espaço para elas na nova casa que ele andava a procura.

Com tudo isso, Malu contava. Malu não contava era com Antonio. Não contava com os olhos azuis de Antonio. Com o metro e noventa de Antonio. Com o cabelo queimado de sol cortado rente aos olhos de Antonio. Com o sotaque encantador de Antonio, esbanjando simpatia desde o primeiro sorriso na rodoviária quando foram todos buscá-la.

Não que ela fosse se apaixonar por ele ou coisa assim, mas não dava para negar que Antonio era lindo com todas as letras maiúsculas. E falava pelos cotovelos. E, é claro, balançava as mãos enquanto falava como todo bom italiano. Era tão comunicativo que não o intimidava a barreira do idioma, misturava os que conhecia: inglês, italiano e português.

Logo requisitou Malu para suas aventuras turísticas, ela servia perfeitamente: falava metade dos idiomas que ele conhecia e não estava

trabalhando. Iam a todos os lugares juntos, supermercado, praia, museus. E que loucura foi entrar com um homem daqueles no shopping lotado de véspera de Natal. As vendedoras, mesmo com a loja vindo abaixo, disputavam a atenção del ragazzo como se Papai Noel tivesse lhes dado o presente antecipado.

Antonio estava com 19 anos e fazia Administração nos Estados Unidos. Ele é filho de uma ex-namorada de Otávio, os pais conheceram-se na América nos tempos de faculdade, mas, como ela era italiana, o rapaz crescera na região da Toscana. Porém, viera ao Brasil com frequência para visitar o pai.

Malu ficava sem jeito com as atitudes do rapaz, obviamente não estava nem um pouco acostumada a ser o centro das atenções no meio da rua. Mas tudo era tão natural para Antonio que ficava mais difícil ainda se sentir desconfortável perto dele. E foi desse jeito extremamente natural que na noite de Natal, com toda a família reunida, ao pararem os dois debaixo de um enfeite de azevinho, ele abaixou assim displicentemente e deu um selinho nela.

Dona Helena quase se engasga com um pedaço de panetone. Foi um sacrifício explicar que esse era um costume natalino americano e não o começo de um caso de amor entre irmãos. A moça perdeu tanto tempo tentando deixar a mãe tranquila que somente mais tarde se dera conta que havia ganhado seu primeiro beijo.

\*\*\*

– Para o mundo que eu quero descer! – Ana Maria virou metade do bronzeador em si mesma – Que homem é esse?

– Sei não, Naninha. Mas se ele me der uma chancezinha, eu descubro...

– disse Carolina já pegando a saída de banho que acabara de tirar para ir seguir o rapaz.

As duas iam pegar sol na piscina do prédio. Ana Maria morava lá, Carolina era visita. Estavam tão compenetradas na conversa que não perceberam o casal que já estava lá. Só se deram conta quando Antonio passou para tomar uma chuveirada antes de cair na água. E a presença de Antonio era realmente bastante perceptível.

– I just can't believe that it was your first kiss... I'm sorry... Really?<sup>1</sup>

Antonio de dentro d'água falava para Malu sentada na borda da piscina com as pernas balançando. Ele gesticulava tanto que sacudia a água e ela ria. Ela acabara de tentar explicar o estresse da noite de Natal, mas Antonio de fato só se ateu ao detalhe de aquele ter sido o primeiro beijo de Malu.

---

1. Eu só não consigo acreditar que este foi seu primeiro beijo. Peço desculpas. Mas é sério?

Qual não foi a surpresa de Carolina e Ana Maria ao verem Malu sentada ali com aquele deus. Conversando com ele. Rindo. Justamente Maria Lúcia, a eterna caipira, a melhor aluna da sala, a que não falava com ninguém. Se não tivessem pegado por muito tempo o mesmo transporte escolar, Ana Maria não saberia nunca que moravam no mesmo condomínio.

– Jesus me chicoteia! Eu não acredito. O que é que aquela nerdzinha tá fazendo com aquele H-O-M-E-M?

– Eh, Carol, disse se conclui que os nerds também amam. E cá entre nós, se eu soubesse que ser santinha dava aquele tipo de resultado – apontava para Antonio que nesse momento erguia Malu pela cintura e a colocava devagar dentro d’água – eu teria me comportado bem melhor...

– Nem fala, minha filha.

– Mas a culpa é nossa. Quem mandou deixar de acreditar na magia do Natal? Tenho certeza que a comportadinha ali pediu esse aí pra Papai Noel. E, nós, tolinhas, ficamos com MP4 e celular...

– Cala a boca, Ana Maria. Não vê que a situação é séria.

Malu girava no colo de Antonio como se fossem velhos conhecidos. De repente, seus olhos fixaram naquelas duas estátuas a observá-los. Ela imediatamente perdeu a naturalidade, mas Antonio ergueu o braço e disse olá.

Ana Maria, mais que rapidamente, num reflexo ergueu o braço em retribuição ao aceno. Muito desastrada, enganchou a mão na saída de banho de Carolina fazendo a moça desequilibrar. Carolina caiu e bateu a cabeça na ponta da espreguiçadeira abrindo um corte em cima da sobancelha direita.

Sangrou bastante e Ana Maria deu um grito que assustou Carolina que só conseguia ver sangue. Antonio e Malu saíram da água o mais rápido possível. Malu olhou para o ferimento, provavelmente precisaria de uns dois pontinhos. Antonio controlava Ana Maria que sentia vontade de desmaiar sempre que olhava para o rosto da amiga.

– Antonio, I guess we should go to the hospital near here...<sup>2</sup>

Ele fez menção de ir pegar o carro, depois de muito balançar as mãos tentando explicar que macchina em italiano quer dizer carro, mas Malu fez um gesto com os dedos para dizer que iriam a pé.

Antonio pegou Carolina no colo e Malu deu uns dois gritos em Ana Maria para que se acalmasse. Duas quadras depois estavam no posto de saúde do bairro e uma enfermeira logo deu uma olhada no corte. Realmente

---

2. Antonio, acho que nós devemos ir num hospital perto daqui...

precisou de pontos. Apenas dois, mas Carolina fez um escândalo enquanto os levava. Sua principal preocupação era ficar com uma cicatriz enorme no rosto para o resto da vida. A enfermeira garantiu que se ela não pegasse mais sol naquele verão, no próximo, não iria mais nem se lembrar do incidente.

Na volta, já recuperada por completo, Carolina fez menção de retomar seu lugar nos braços de Antonio. Ele olhou para Malu sem entender do que se tratava, ela fez um gesto discreto para que não ligasse e seguiram adiante, todos a pé.

Pararam no caminho porque Carolina quis pagar um sorvete para seu herói. Ignorando totalmente a ajuda de Malu. Como estava quente, todos aceitaram a proposta. Malu e Ana Maria escolheram rápido, mas Carolina estava compenetrada em escolher o sabor com Antonio, já era o quinto sorvete que pediam para provar.

– E, então, Malu, Antonio é seu namorado? – Perguntou Ana Maria com mais intimidade do que Malu gostaria.

– Não.

– Não, o quê? Ah! Vamos! Nós estudamos juntas faz séculos e é tipo a terceira vez que nos falamos... Você podia tentar ser um pouco menos monossilábica já que surgiu a oportunidade. Não venha me dizer que me acha do tipo dessas patricinhas malvadas de filme americano?

De fato, não tinha motivos para não gostar de Ana Maria, ela era uma menina legal, sempre com tiradas inteligentes, tentava puxar assunto com todo mundo. Estava longe de ser uma patricinha malvada. Seu único problema era ser a melhor amiga de Vinícios.

– Não.

– De novo?

– Não, não acho você patricinha. E não, ele não é meu namorado. Ele é...

– ficou confusa se poderia ou não dizer isso – Ele é meu irmão. Ou quase...

– ãh? – Ana Maria gostou do que ouviu, embora estivesse ainda um pouco confusa sobre o quase.

– Ele é filho do meu padrasto. - explicou Malu.

– Irmão, é? Gostei de saber...

Ana Maria, entendendo a situação, sentiu o caminho livre para futuras investidas. Procurou o olhar de Antonio para dar uma secada de arrancar pedaço, mas encontrou os olhos azuis do rapaz plenamente fixos em Malu e seu sorvete, enquanto uma Carolina falava sozinha sem perceber.

Malu não encontrara um lugar na sorveteria para sentar e resolvera encostar-se aos canteiros de flores do lado de fora. Tinha o cabelo quase seco solto ao vento e suas bochechas avermelhadas do sol faziam par com o sorvete de morango que tomava, melando-se toda.

Foram apenas uns segundos antes que Antonio tornasse a dar atenção à Carolina, mas foi o suficiente para que Ana Maria compreendesse que, do ponto de vista do rapaz, ninguém era irmão de ninguém ali.

\*\*\*

A partir daquele dia, Ana Maria se tornou figura constante, ela não perdeu a esperança de conquistar Antonio, embora soubesse que, para isso acontecer, a outra deveria colocar suas intenções em pratos limpos. Achava que valia a pena correr o risco, uma vez que podia não saber muito sobre Malu, mas sabia que não era boa em identificar caras legais com os quatro pneus arriados por ela.

Assim, sempre que Malu e Antonio estavam na piscina, ela chegava. Se iam à praia, ela perguntava se poderia ir junto, reclamava de falta de companhia, mas seu telefone tocava de instante em instante convidando para milhares de programas.

Veza em quando, aparecia algum convidado de Ana Maria para completar o passeio: Fabiana, Carolina, Ingrid e até o Júlio César que gostava demais da Madonna. Aquilo começou a incomodar Maria Lúcia, nada contra Ana Maria, gostava do jeito dela conversar e os programas realmente ficavam mais divertidos com mais gente, porém, chegaria o dia em que o convidado seria desagradável.

Foram à praia e Antonio convidou Malu para uma partida de frescobol. Ana Maria ficou na barraca com Ingrid e Júlio César, os três faziam ohs e ahs para cada movimento da raquete de Antonio. Malu achava aquilo tudo um pouco mais ridículo do que precisava ser. Mas tudo bem, acreditava que Antonio deveria ser o assunto das férias da galera do colégio, então, ele poderia vomitar no cabelo de uma daquelas ali que mesmo assim seria considerado o máximo.

– Alô. – Malu ouviu Ana Maria atender pela milionésima vez ao telefone – Chegou, amor? Finalmente. Pensei que tinha esquecido minha

pessoa de vez... – sorrisos, provavelmente a pessoa do outro lado dizia coisas engraçadas – Ah! Você nem vai acreditar onde estou, ou melhor, com quem estou...

– Principessa, andiamo al mare...<sup>3</sup> – Antonio largou raquetes perto da barraca e agarrou Malu a puxando para água e arrancando mais uma onda de ohs e ahs das meninas.

– Claro que pode, deve, aliás. Estamos aqui na Sol e Mar, sabe qual é?

Não, criatura, é aquela perto do começo... – Ana Maria continuava ao telefone.

O mar estava tranquilo e Antonio apostou uma corrida até a boia dos salva-vidas a certo ponto no mar. Surpreendeu-se ao ver que não precisaria dar vantagem a Malu, ela nadava melhor que ele, mesmo com a força das ondas. Chegaram à boia ofegantes e sorrindo.

– Tu sei veramente bella, mia sorella. Non lo so come li ragazzi non te hanno dato un bacio.<sup>4</sup>

A estas alturas, Malu já entendia um pò de italiano, mas ainda preferia quando Antonio falava em inglês, porque na sua língua mãe, apesar de soar bellissimo, Antonio falava rápido demais.

Ela tomou fôlego e começou o caminho de volta com Antonio logo atrás. Só pararam na praia. Deitaram de costas na areia, um ao lado do outro, bem na borda do mar. Ficaram nesta posição por um bom tempo, olhando duas pipas brincando no céu.

De repente, Antonio virou e ficou em cima dela, sustentando seu peso apenas nos dois braços. Ficou daquele jeito, olhando fixamente nos olhos dela, sorrindo com a maior cara de pau, ela sorria de volta e ele se aproximava mais um pouco. Estavam tão próximos que Ana Maria, Ingrid e Júlio César se levantaram das cadeiras para ver melhor o que acontecia na beira da praia.

Nessa hora chega Vinícios, André, Angélica, Bruno e Gustavo. André foi logo cumprimentando as meninas e tirando os chinelos. Vinícios teve seu olhar sugado para a cena na beira do mar, seu corpo estremeceu inteiro. Antonio, de tão perto que estava do corpo de Malu, apoiava-se apenas em um cotovelo, passou a mão pelo cabelo que já encostava no rosto da menina.

– Principessa... – colocou a mão grande no rosto dela.

Malu o empurrou com força e ele caiu com as costas na areia. Levantando as

---

3. Princesa, vamos ao mar...

4. Você é realmente bonita, minha irmã. Não sei como os rapazes não te deram um beijo.

mãos para o céu gesticulando.

– Why? Why? I just wanna kiss you! What’s the problem with this?<sup>5</sup>

Ela saiu correndo em direção à barraca. Não sabia se estava zangada ou sequer se gostaria ou não de ganhar um beijo de Antonio. Era tudo bastante confuso. Antonio levantou logo depois e a alcançou no meio da corrida. Ele a segurou e forçou um longo beijo em seu rosto provando a seu modo que se ela não queria, continuavam amigos.

Pegou Maria Lúcia no colo e a carregava para tomar uma ducha de água doce antes de voltarem à barraca.

– Ana Maria Norões Fraga, você sabia disso? – Vinícios fulminou a amiga com o olhar.

– Receio que sim... – ele falava tão sério que ela respondia temerosa.

– Há quanto tempo?

– Pouco tempo... Dias...

– E consegue encontrar um motivo para não ter me dito nada antes?

– Calma, Vini. Relaxa um pouco. – André batia nas costas do amigo – Você chegou ontem de viagem... Ainda tem muito tempo de férias para você tirar o couro dessa pobre coitada por conta desse namoradinho novo...

– Não se trata disso... – Vini falou baixo, quase que somente para ele mesmo. Ana Maria sabia o que se passava no interior do amigo.

\*\*\*

– Ora se não é a nossa doce caipirinha de sorriso metálico...

O simples som daquela voz já a fazia tremer. Era aquela voz que proporcionara os piores momentos vividos no Colégio Santa Inês. Vinícios Matos Leal. A razão de todos os seus problemas. Nada podia ser pior do que encontrá-lo, quanto mais assim, despreparada, de biquíni, em plena praia.

Sentiu-se nua, enfraquecida, envergonhada. Enquanto isso, Vini parecia o mesmo calhorda da escola, escoltado por aquela patota de meninos mimados e cruéis que achavam graça de tudo que ele dizia.

– Nossa nerd mais querida... Não sabia que você vinha à praia... Pensei que passava as férias trancada no armário de vassouras do Santa Inês estudando para o próximo ano.

Angélica quase engasga com um gole de refrigerante de tanto que ria da cara de Malu.

---

5. Por que? Por que? Eu só quero te beijar. Qual é o problema com isso?

Antonio se forçava a entender o que estava sendo dito, mas eram tantas expressões desconhecidas e Vini falava tão rápido que era realmente difícil acompanhar as ideias. As palavras do rapaz, entretanto, pareciam-lhe rudes, porque Malu estava prestes a chorar enquanto as outras pessoas riam.

Desde o primeiro dia de aula, fora assim entre os dois. Vinícios escondia os livros dela, pregava chiclete na cadeira, passava trotes e várias vezes a humilhara nas aulas de Educação Física a escolhendo para jogar no mesmo time em que ele, só para provar o quanto era bom.

– Obrigado. Muito obrigado. – fez uma reverência que arrancou muitas risadas dos que estavam na barraca – É uma honra contar com a presença de tão ilustre alienígena entre nós... Quer que nós a levemos ao nosso líder supremo?

Ela atribuía essa raiva de Vinícios a um engano, uma rixa antiga que não havia modo de se dissipar. Uma rixa que ela não sabia como começara. Certa vez, Vinícios colocara óleo de cozinha perto da piscina, porque sabia que ela sempre ia lanchar por lá. Não deu outra, Malu apareceu na sala molhada dos pés a cabeça com os livros e lanche em condições idênticas. Vini foi suspenso por uma semana e assunto no colégio por mais de um mês. Sempre que se lembrava disso sentia vontade de chorar, como nesse momento.

– Ô Vini, cara, larga a mão de ser otário e vamos logo bater esse racha. Vê se deixa a pobre da Malu em paz que ela não tem culpa de você ser um mané... – dizia André com a bola na mão chamando o amigo.

– André, André, não defende muito não que ela gama.

– Se liga, Vini, a mina tem namorado... Desencana dessa obsessão, cara. Ela tá em outra.

Vinícios ignorara parcialmente a presença de Antonio, mas não lhe escapara o detalhe de que estavam de mãos dadas e que quanto mais nervosa ficava, mais ela apertava aquela mão.

Já Malu continuava calada qual fosse espectadora do filme de sua própria vida, como ele mesmo já tinha dito anteriormente. Nessa metáfora, aliás, estavam ali representados o mocinho e o vilão. André era o sonho perfeito de Malu, bonito, gentil e educado e Vinícios era o próprio pesadelo em forma de gente.

– Concordo com o André – disse Ana Maria pela primeira vez percebendo o estado de Malu – Você deveria ir se ocupar em jogar ao invés de ficar aqui perturbando quem está quieto, Senhor Vinícios. Na verdade, me

pergunto diariamente aonde é que você quer chegar com essas brincadeiras idiotas...

– Deixa pra lá! Ela continua a mesma boboca de sempre.

Vinícios foi jogar, mas olhava de vez em quando para a barraca. Antonio pegara carinhosamente entre as mãos o rosto de Malu e soprava-lhe os olhos para impedi-la de chorar. Ela o abraçara e pouco tempo depois foram embora.

A partida acabou e enquanto os rapazes na barraca tomavam algo para refrescar, Ana Maria aproveitou o banho de ducha de Vinícios para lhe dar uma dura.

– Posso não ser especialista, mas acho que a tática do outro é mais eficiente...

– Eu sei, Ana. Eu sei. Mas não consegui me controlar...

– Como sempre, né, Vini... Como sempre...

\*\*\*

---

# 4 Capítulo

– Pronto, Maria Lúcia. Seus dentes estão perfeitos e sem nenhuma cárie. Surpreendente para quem usou aparelho por tanto tempo.

Usou. Não usa mais, doutor. Finalmente chegara o dia, o momento tão esperado, a libertação de seu sorriso. Nunca aquele consultório esteve tão bonito. Achou até o aquário mais interessante, sorriu para ele. Sorriu para tudo, sorriu para todos. A recepcionista achou que ela estava louca. Malu teria dado um beijo nela, se não fosse tão tímida.

Passou a língua nos dentes lisos. Enfim um sorriso branco e liso. E que sorriso. Era quase impossível parar de sorrir. Malu saiu do consultório ainda sorrindo para todos. Para as crianças na sala de espera. Para as pessoas nas calçadas. Para o motorista do ônibus.

\*\*\*

– Oi, Antonio, sozinho hoje?

O rapaz nadava sem vontade na piscina, ou melhor, balançava a água entediado. Ana Maria aproximou-se cheia de intenções. Ele ergueu o braço como saudação.

– Ah! É mesmo, Malu disse que ia ao dentista... Mas e você, não quer sair?

Ele fez que não com a cabeça ainda parecendo entediado.

– Não acredito. Por quê? Tanta coisa bacana pra fazer... Vamos! Vamos, Antonio. Vamos tomar um sorvete. – insistia com um sorriso de provocação.

Sem muita energia, Antonio começou a se mexer, pois já conhecia Ana Maria o suficiente para saber que ela não desistia tão facilmente.

– Vamos! Tô mandando. Venha, eu tenho um convite para você...

\*\*\*

Qual não foi a surpresa de Maria Lúcia ao chegar sorrindo na portaria do prédio e encontrar Antonio e Ana Maria no mezanino trocando um longo beijo. Ele tinha a moça tão segura em seu corpo grande que era um beijo quase zangado, enquanto ela parecia ser capaz de derreter naqueles braços.

Malu passou o mais discretamente que pôde. Eles não a viram. Melhor, evitou-se o constrangimento. Já trancada no quarto, Malu se perguntou olhando para o espelho porque o sorriso havia desaparecido de seus lábios. Sentia-se traída, mas sabia que não tinha este direito.

*A culpa é sua. Bastava uma palavra, uma menção de que você queria também...* Lamentava-se em pensamento.

Deitou-se na cama, talvez fosse até chorar. Mas chorar pelo quê? Estava cansada de ser a menina tímida que nunca recebe atenção. Era tão bobo aquilo. Todos ao seu redor estavam crescendo, vivendo, assumindo riscos e responsabilidades. E ela? Mais uma vez a coitadinha? Não, dessa vez era inadmissível. Antonio estava claramente interessado nela, não poderia negar. Ela o havia conquistado e o desprezado também.

Certo estava ele de se enlaçar em Ana Maria que se jogou aos seus pés desde o primeiro instante em que o viu. Que mal havia em curtir as férias com alguém? Mas ainda assim foi difícil racionalizar sem colocar Ana Maria como uma serpente, rastejando ao redor dele, envolvendo-o em palavras e Antonio dizendo não. Sacudiu a cabeça. Não era verdade.

Aquilo não era o que ela queria dali para frente. Viver como coitadinha, espectadora da própria vida. Mesmo que o objetivo não fosse Antonio. Tinha de mudar. Precisaria de um tempo, mas decidira-se, sairia daquele quarto mais fortalecida.

E foi assim quando a mãe a chamou para jantar. E quando Antonio, entendendo o que havia acontecido, bateu na porta do quarto pedindo para que fossem conversar e ela respondeu a ambos que estava com dor de cabeça e ia dormir.

\*\*\*

Acordou no outro dia muito cedo e bem disposta. Sorriu para a mãe mostrando o resultado da visita ao dentista na cozinha na hora do café, mal cumprimentou um Antonio sonolento saindo do quarto seguindo a voz dela, jogou-lhe um beijo apenas e ele nem teve tempo de falar aspettami<sup>6</sup> sem que Malu tivesse descido correndo as escadas.

---

6. Me espera

Pegou a bicicleta e foi passear perto da praia, sem medo de assalto ou de acidente de carro, fatores que a impediriam antes. Vinícios e sua turma já estavam lá batendo o racha no lugar de sempre. Ela resolveu testar sua convicção e parou a bicicleta ali mesmo. Ficou assistindo ao jogo e esperando o ataque.

Gustavo tinha a tarefa difícil de tirar a bola dos pés de Vinícios. Malu nunca tinha reparado em como ele jogava bem, a bola simplesmente lhe obedecia, praticamente sentia atração pelos pés de Vini, mesmo no complexo terreno da praia, ele driblava e corria com a bola sempre ali, dominada. Gustavo era o último antes das traves improvisadas. Inevitável. Gol.

Vini correu sem camisa para cumprimentar seus companheiros de time e a viu no calçadão batendo palmas. Sorriu meio sem saber o que dizer ou fazer, ela sorriu de volta. E, ao contrário do que ele esperava, Malu não subiu na bicicleta e saiu da frente de suas vistas o mais rápido que pôde, ficou ali paradinha, encostada na bicicleta, com os braços cruzado, assistindo ao jogo.

Ele tentou se concentrar novamente na partida, mas a todo instante olhava para o calçadão. Até que perdeu duas bolas perfeitas seguidas, desistiu do jogo e pediu para sair. Deu um mergulho no mar na tentativa de organizar os pensamentos. O que ela queria ali? Onde estava o bonitão italiano? Será que queria conversar? O que quer que fosse, desta vez ele ia se controlar para não estragar aquele primeiro sorriso trocado em tantos anos.

– Oi. – disse chegando perto dela com uma expressão desconfiada.

– Oi, Vinícios. Bonito gol.

– Valeu.

Como ela não falasse, nem se mexesse que não fosse para tirar o cabelo do rosto, ele ficou se sentindo um pouco estúpido parado ali na frente.

– E então, esperando alguém? – sacudiu o cabelo molhado.

– Na verdade, tô sim. – disse decidida, estava preparada.

– O bonitão italiano de quem todas as meninas do colégio estão falando nessas férias e que não sai do seu pé... O que você fez com ele? Macumba? – perdeu um pouco da compostura e já estava a um passo de estragar tudo, controlou-se.

– Não. – olhou diretamente nos olhos dele – Estava esperando você tentar me humilhar de alguma forma, porque hoje estou disposta a me defender... – incredivelmente sorriu e ele percebeu que ela tinha tirado o

aparelho e não conteve o sorriso também, ela estava mais linda do que jamais esteve – Acontece que ontem percebi que você é o menor dos meus problemas... – uma breve pausa para respirar e ela continuou com firmeza – E não quero começar mais um ano com probleminhas deste tipo.

– Sério? – gostava do ar contestador naqueles olhos castanhos mirando os seus. – Então, o que vai fazer? Cadê sua metralhadora para me exterminar...

– Que é isso, Vinícios? Não preciso de metralhadora. Não! Umas boas chineladas te colocariam no teu lugar...

– Aproveite meu bom-humor, então, e dê logo essas chineladas... – virou o bumbum para o lado dela que não pôde deixar de rir.

– Deixe de gracinhas. – fechou a cara – Eu só quero saber o porquê? Por que você faz isso comigo se com as outras pessoas você é razoavelmente legal?

– Obrigado pelo “razoavelmente legal”...

– Responde! – nem ela acreditou no tom autoritário com que deu essa ordem – Por favor... – amenizou.

Ele pensou nas mil respostas que poderia dar a essa pergunta, incluindo toda a verdade, mas diante do olhar inquisidor da garota parada a sua frente, agindo de um jeito que ele não acreditava mais que ela fosse capaz de agir, apenas disse:

– Porque você nunca revidou... Nunca disse que não gostava. – levantou os ombros displicentemente.

Malu esperava uma conversa com traumas do passado ou até mesmo que ele entrasse naquela de ofendê-la como sempre, jamais uma resposta tão idiota, insistiu:

– Anos de ofensa, simplesmente porque eu não disse que não gostava... É isso? Só isso que você tem a me dizer...

– Bem... Não posso dizer que depois não acabou virando mais um hábito... – por dentro ele era um turbilhão de emoções, porém, falava com tranquilidade.

– Sendo assim, Vinícios, gostaria de informá-lo de que não gosto nem um pouco das suas brincadeiras estúpidas e estou pedindo a você que pare com elas. Seria pedir demais?

– Acho justo. - confirmava com a cabeça - Vou considerar sua proposta.

Mas o que eu ganho com isso?

– E o que você deveria ganhar?

– Ah! Muita coisa. Uma vez que já espero por esse interrogatório há tantos anos... – ele foi se aproximando dela, encarando-a nos olhos, questionando se aquela era a mudança que esperava.

Malu não desviou o olhar, mas a proximidade do corpo de Vini, sem camisa, todo molhado, estava tornando complicado para ela controlar o medo que sentia dele. Quanto mais porque, em todo esse tempo, ele nunca se aproximara dela tanto, nem assim...

– Olá, gente.

André acabara de chegar e se espreguiçava erguendo os braços compridos ao lado da bicicleta de Malu. Estava com óculos escuros e quando os tirou ficou bem óbvio, pela cara de ressaca, porque não chegara a tempo para o racha da manhã.

Vini passou a mão pelos cabelos. Jamais detestou tanto rever o melhor amigo. Já Malu pensou consigo como André sabia ser apropriado, como se tivesse um instinto para protegê-la.

– Oi, André.

– Ah! Tirou o aparelho, né? – bocejou e no meio de um sorriso falou na maior tranquilidade – Ficou ainda mais bonita.

– Obrigada. – incrível como aquele rapaz sabia ser observador e gentil naturalmente, motivos que a faziam amá-lo.

No pensamento de Maria Lúcia, André era um rapaz rico que bem poderia ser um playboyzinho enfadonho, mas, na verdade, comportava-se muito bem. Não era um bom aluno definitivamente, mas quem liga para isso. Tinha várias dificuldades, principalmente em Biologia e Matemática. No fim do ano, Malu acabava sendo chamada para dar umas aulas particulares. Adorava essa oportunidade de ficar junto dele.

Ele gostava de baladas também, como todo jovem. E de mulheres. Malu pensava que, de fato, as mulheres é que gostavam dele. Como não gostar?

– E, aí, Malu, vai para festa de réveillon lá de casa? Deveria ir... Meus pais adoram essa festa. Gastam rios de dinheiro pra todo mundo se divertir. Vai a maior galera do Santa Inês...

– Não sei, André. Minha mãe casa nesse dia.

– Poxa! Legal. Nunca ouvi falar em casamento nesse dia... - disse

casualmente - Mesmo assim, querendo aparecer por lá mesmo depois da meia-noite, será muito bem-vinda.

– Talvez... Talvez... – ela media dentro de si quanto de coragem acumulara a ponto de encarar uma festa como aquela.

\*\*\*

– Cosa è successo con noi, mia sorella?<sup>7</sup>

– Niente, mio fratello.<sup>8</sup>

Malu respondeu sem olhar para Antonio. Ele estava parado diante da porta do quarto com uma expressão desolada, enquanto ela se olhava no espelho admirando o vestido curto azul de frente única que escolhera para usar no casamento da mãe. Tentava dar um jeito naquele cabelo comprido, mas nada lhe agradava.

– Ok! But... By the way... – ele não sabia como reagir àquele desprezo, nem aguentava mais – I would like to say that I hate your silence. And I hate spend my time whitout you. If I did something wrong...<sup>9</sup> – ele deu um murro no ombra da porta e sem resposta tomou o caminho da sala.

Ela sorriu. Não era mesmo justo se afastar de Antonio. Ele não fizera nada de errado. Pelo contrário, tudo que aquele rapaz tinha feito naquelas férias fora trazer um pouco de diversão e companhia para ela.

– Quer sair, Antonio?

Foi buscá-lo enterrado no sofá da sala. Claro que ele queria sair. Imediatamente o ar brincalhão e natural voltou aos seus olhos azuis.

– Vamos. Preciso ir ao cabelereiro. - Malu pegou as chaves dela no móvel da sala onde costumava guardá-las. Deixou lá os óculos de grau, resolvida a só usá-los para ler dali em diante.

\*\*\*

– Mãe, você estava linda. Tudo muito lindo. – deu um beijo na mãe antes que ela entrasse no carro - Otávio, toda a felicidade do mundo.

A cerimônia fora simples e com poucos amigos. Acontecera à tarde no cartório e todos foram convidados a brindar com os noivos num salão de buffet perto da praia. Sem muitas demoras, pois aquela era noite de ano e as pessoas estavam apressadas para seus próprios compromissos.

Os noivos adoraram a data. Eles se conheceram naquela mesma noite anos antes. Dona Helena e Otávio partiam agora para uma suíte de hotel para

---

7. O que aconteceu conosco, minha irmã?

8. Nada. Meu irmão.

9. Certo... Mesmo assim... Eu gostaria de dizer que eu odeio o seu silêncio. Odeio passar meu tempo sem você. E, se eu fiz alguma coisa de errado...

curtir os fogos no clima de noite de núpcias.

– Adesso, noi due.<sup>10</sup>

Antonio estava parado em frente a ela de barba feita, terno e com dois olhos azuis pedindo mais daquele vestidinho. Ela virou de costas para ele sorrindo, mal haviam se despedido.

Desceu o dedo pelo generoso decote nas costas dela. Não podia mais fingir. Não com aquela mulher na frente dele. O corte do cabelo na altura das orelhas tinha revelado uma feminilidade quase fatal em Maria Lúcia. Não conseguia desgrudar os olhos de cada movimento, cada sorriso, cada detalhe. Da barriga lisa, dos seios pequenos, do sorriso que subia aos olhos muito bem maquiados. Até o detalhe em brilhante na sandália de salto alto a adornar um mimoso pezinho.

– E o que você quer, mio fratello? Che desidera? – sorriu provocando o que ela já sabia que estava por vir.

– Fratello? – fez que não com a cabeça – Antonio, principessa. Per favore... Noi non siamo fratelli. – disse a abraçando por trás e falando à altura de sua nuca. Malu sentiu um arrepio bom descer pelo corpo – Non oggi. Domani io me vado... Domani siamo fratelli. Questa notte sono soltanto innamoratto da te.<sup>11</sup>

Ela virou-se mais depressa do que ele esperava. Foi ela quem passou a mão pelo pescoço de Antonio, alcançando o cabelo liso. Ele fechou os olhos e a abraçou mais ainda. Malu guiou a boca dele ao encontro da sua.

\*\*\*

---

10. Agora, nós dois.

11. Irmão? Antonio, princesa. Por favor... Nós não somos irmãos. Não hoje. Amanhã eu vou embora. Amanhã somos irmãos. Hoje eu sou apenas um apaixonado por ti.

---

# 5 Capítulo

Chegaram à festa da casa do André uns dez minutos antes da meia-noite. Para ela, era fundamental comemorar sua mudança de atitude ali, na frente de todos, Vinícios, Andrés, Angélicas e Ana Marias. E Antonio estava tão hipnotizado que nem sequer questionou. Faria o que ela desejasse.

Malu conhecia a casa. Estivera lá outras vezes para dar aulas particulares tanto para André quanto para Milena, a irmã mais nova dele. Era uma construção enorme, piscina, churrasqueira, quadra de tênis, boate, canil... Esta noite ainda parecia mais monumental, iluminada e decorada em branco e prata.

– Maluzinha, que bom que você veio!

O rapaz a abraçou por trás dando-lhe um susto. André já estava “meio alegre” da bebida. Deu dois beijinhos nele. Estava calma, incrivelmente calma. Antonio segurava sua mão.

– Antonio, meu chapa!! – André batia nas costas de Antonio com intimidade de grandes amigos. – Vamos! Vamos buscar champanhe pra vocês. – empurrava o rapaz para dentro da casa onde estava o bar – Sem falar que tá cheio de gatinha aí louca pra te ver.

Antonio levantou os ombros sem entender metade do que o outro tinha dito. Malu devolveu com um olhar de “deixa rolar”. Antonio se desvencilhou da recente afetividade de André para dar um beijo em Malu, depois seguiu o rapaz pela multidão.

Outra vez sozinha. Ficou no jardim rodeando a pista de dança.

– Peraí, peraí, pessoal... Olha lá.

Reconheceu a voz.

– Meu Deus! Como está bonita hoje! Assim até eu vou sentir vontade de te beijar à meia-noite. Quem sabe não te transformo em princesa, não é? – ele foi chegando perto - Ops! Peraí que tá dando as horas. Deixa eu chegar perto...

Risada geral. A turma do futebol olhava para Vini esperando a conclusão do massacre, mas dessa vez foi diferente. Malu chegou bem pertinho, mais até do que ele pretendia para a brincadeira. Levantou os braços e os cruzou atrás do pescoço de Vinícios. A turma toda fez aquele “huumm!!”. Maria Lúcia encarava seriamente o olhar do rapaz, o verde ficando claro muito depressa. E, enquanto uma de suas mãos pousava nos ombros dele, a outra descia pela camisa aberta, parando no peito nu bem no lugar onde batia o coração acelerado de Vini.

Ela cheirou o pescoço dele. Vini fechou os olhos e a abraçou com força.

– Não, Vinícios, obrigada. Mas você não é o meu príncipe encantado. – e soprou na cara dele quase que o despertando de um sonho. Depois, de maneira muito delicada, fez estalar um beijo na bochecha direita dele como quem coloca a cereja no bolo.

Risadas novamente. Agora, aplausos à vitória dela. Vinícios não teve resposta. Malu saiu triunfante.

\*\*\*

– Excuse-me! Excuse-me!<sup>12</sup>

Antonio rodava a pista de dança com duas taças de champanhe. Tentava não esbarrar em ninguém, mas dado o seu tamanho, era quase impossível. Já tirara o terno de tanto calor e estava tão perto da meia-noite que ele desesperava-se para encontrar Malu.

– Antonio! – era a voz de Ana Maria, mais feliz do que nunca, não tinha mais esperança de vê-lo depois de tantos dias de desprezo. Ana Maria estava dançando com Angélica e Milena, ambas estavam boquiabertas olhando para Antonio.

– Olá, Ana. – ele sorriu.

– Nossa, Antonio, não esperava te ver aqui... – disse já pegando uma das taças na mão dele. Ele a puxou educadamente do mesmo modo natural que sempre tinha.

– Viu a Malu? – forçou seu melhor português.

– Malu? Como assim Malu?

---

12. Com licença. Com licença.

Já estavam começando a contagem regressiva, quando ele finalmente a viu. Mal cumprimentou a moça que ficou ali no meio da pista de dança. As amigas perguntando o que estava acontecendo.

Antonio foi afastando as pessoas da melhor maneira possível. Cinco. Quatro. Três. Ele a abraçou e a beijou, ainda com as taças na mão. Dois. Um! Feliz ano novo!

Os fogos explodiram por cima deles sem que se dessem conta.

\*\*\*

As luzes animavam os dançarinos. Madonna no mais alto volume. Malu balançava os braços e se abraçava a Antonio. Sensual demais. Provocante. Quem se importava? Todos os olhares da festa pareciam mirar aquele par.

Ana Maria não aguentara nem cinco minutos daquilo e fora para casa antes que tivesse de pedir carona para os dois. Até Angélica estava com inveja. André a essas alturas estava dormindo pesado e a mãe tivera que tirá-lhe os sapatos para que ele simplesmente não passasse a noite com eles.

Antonio girava com Malu nos braços, alheio a tudo que não fosse ela. Trocavam beijos apaixonados.

– Cadê a máquina fotográfica, Milena? Se você perder essa, eu juro que não te dou outra...

– Calma, mãe. Peraí que eu vou buscar...

Tentava lembrar onde tinha deixado. No banco do jardim.

A irmã de André correu até os bancos mais escondidos do jardim de onde ela aproveitara para bater fotos da festa e principalmente umas bem comprometedoras de seus convidados.

Sentado num banco, estava um vulto solitário. Aproximou-se.

– Vini, o que você está fazendo aqui?

Rapidamente, ele limpou as lágrimas com as costas das mãos.

– Nada, Milena. Nada.

– E por que você está chorando? Tá sentindo alguma coisa? Vou chamar alguém...

– Não! – gritou – Sério, Mile. Tô bem! Tô legal! Senta aí, me faz companhia... Não foi nada, prometo. Não precisa se preocupar. Foi só uma coisa muito chata que aconteceu hoje...

Não precisou pedir duas vezes. Milena tinha uma quedinha por Vinícios desde sempre e uma oportunidade assim de consolá-lo não acontecia com frequência.

– Quer falar o que foi?

– Não. Deixa estar...

Ele ia colocando sua cabeça no colo dela quando ouviram um barulho de mesa caindo, copos quebrando. André, completamente bêbado, caíra sobre a mesa onde seria servido o jantar.

A festa acabou ali mesmo.

\*\*\*

O dia seguinte foi difícil. A mãe e o padrasto ainda não haviam voltado do hotel e Antonio só precisava chegar ao aeroporto às duas da tarde. Otávio garantiu que estaria lá no horário, aquele era o menor dos problemas. O que a incomodava era: *como agir na frente do rapaz depois de uma noite como a anterior?*

Ao finalmente criar coragem para ir até a cozinha tomar café, descobriu que bastava agir do modo mais natural possível. Antonio a recebeu com um “bongiorno, mia sorella”, suco de laranja e pão quentinho. Estava de bermuda e camiseta com a bandeira do Brasil e usava seus óculos para ler. Organizava documentos e passagens. Bem consciente da sua posição de irmão mais velho.

Conversaram sobre amenidades, descobriu que Antonio ainda ia visitar a mãe na Itália antes de voltar para os Estados Unidos. Mais tarde, assistiram a um filme na televisão juntos. Chegaram até a se abraçar, tudo muito fraternal. E, por volta de uma hora da tarde, Otávio ligou avisando que estava passando na portaria para levar Antonio.

– Antonio, escuta... – decidiu falar antes que ele fosse embora – Você é maravilhoso! A melhor coisa que poderia ter acontecido para mim... Tanto, tanto, que eu quero guardar você desse jeito. Pode ser? – uma lágrima começou a rolar do seu rosto – Não quero ir ao aeroporto e ver você subir naquele avião. Eu não vou aguentar... - as palavras jorravam de sua boca sem nenhum controle - Até porque eu sei muito bem que no ano que vem, quando você voltar, nós seremos somente irmãos. Provavelmente, você vai estar namorando uma mulher linda, nem vai mais querer saber de mim... – sorriu e ele também sorriu – Então, eu queria guardar o Antonio de ontem comigo até que eu tenha forças para esquecê-lo. Você entende?

– Io capisco, mia principessa. Capisco. – ele a abraçou com carinho e deu um beijo em seu rosto, mesmo não tendo sequer compreendido boa parte daquelas palavras – E anche so che questo tempo non va essere più lungo come tu pensai...<sup>13</sup>

Ela não entendeu muito bem o que ele quis dizer. Mas depois de mais beijos, deu-se por despedida de Antonio.

\*\*\*

Fim de tarde. Nada para fazer e sem querer atrapalhar o clima romântico que preenchia o apartamento com a chegada dos noivos e a partida de Antonio. Malu pegou a bicicleta para ir ver o pôr-do-sol do calçadão.

Foi bom sentir o vento nos cabelos. Sentia que mudara de vez. Não era só por causa de Antonio. Ela agora estava diferente, deixara boa parte da menina caipira para trás nessas férias. Preparava-se para assumir de vez a mulher que surgia dentro dela.

– Oi, Malu. – André, sentado debaixo de uma barraca, acenava para ela. Ele tomava água de coco.

– Ressaca, né? – ela parou a bicicleta perto dele.

– A pior é a ressaca moral. Meus pais quase me dão as contas ontem...

– Também... Que mico, hein, André?

– Viii! Se até você está falando assim, deve ter sido bem ruim mesmo. Eu não me lembro de quase nada.

– Você caiu em cima da mesa do jantar na frente de todos os amigos importantes dos seus pais.

– Eu sei. Eu sei. Muita gente já fez questão de me dizer isso hoje. Minha mãe, Milena, Vinícios, Angélica...

– Foi uma vacilada grande. Para ficar na memória...

– Estraguei sua festa, né?

– Nada que você ou qualquer pessoa fizesse poderia estragar minha noite ontem...

– É mesmo. – ele concordou com a cabeça - De você eu me lembro bem. Estava lindíssima de vestido azul e veio com o cara bonitão. Antonio, não é? – balançou a cabeça lembrando detalhes dos cochichos de quando o casal chegou à festa - As meninas lá da sala estão querendo te esganar.

Principalmente a Ana Maria. Aliás, se inveja matasse...

---

13. Eu entendo, minha princesa. Entendo. E também sei que este tempo não vais ser tão longo quanto você pensa...

André tomava sua água de coco tranquilamente. Mas parecia arrasado.

– Hei, Malu. Sabe o que a gente podia fazer, ou melhor, sabe o que você poderia fazer por mim?

– Não, não sei. Assim como não sei se o senhor está merecendo algum tipo de ajuda. - Ela subiu novamente na bicicleta disposta a sair pedalando. Mas André se levantou e segurou com firmeza o guidom.

– Ah! Não fala comigo assim. Nem parece você. - E sorriu, sorriso que Malu retribuiu. Como não retribuir? - Você poderia ir comigo lá em casa, sabia? Tenho certeza de que na sua presença minha mãe não ia surtar tanto...

– André, acho melhor não...

– Por favor, Malu, Maluzinha querida do coração. Meus pais estão me detestando, minha irmã está me detestando, meu melhor amigo está muito zangado e minha namorada mais um pouco termina comigo. Isso não é jeito de começar um ano tão chato como este vai ser, né?

– André... Ai! Ai! Ai! - se ele insistisse um pouco mais ela não iria resistir.

– O que é que custa, hein? Minha mãe te adora. Você é tudo que ela queria ter como filha, inteligente, educada... Vai, Malu, limpa minha barra. Por favor...

Vinte minutos depois estavam na sala da casa de André. Ele subira até o quarto dos pais para chamá-los para assistir a um filme antigo na TV a cabo. Malu mesma preparava as pipocas porque era folga dos empregados. Na casa, estavam apenas umas últimas pessoas do buffet limpando, e, ainda assim, terminavam o serviço.

– Quem tá aí?

Malu ficou sem saber se respondia ou não. Não esperava que Milena soubesse quem era Maria Lúcia e mais ainda que a entendesse na cozinha de sua casa em pleno dia primeiro de janeiro.

– Malu? - Milena teria achado menos estranho se um alienígena estivesse usando o micro-ondas - O que é que você está fazendo aí?

– Ah! Oi, Milena. - disse sem jeito - Tô fazendo pipoca.

Continuaram se olhando sem entender nada.

– André me chamou para vir aqui...

– Que seja! - deu de ombros. Não queria nem saber o que o irmão andava aprontando agora.

Ao retornar para sala, Milena viu que seus pais desciam animados do quarto ainda usando pijamas. Os dois, pai e mãe, aos sorrisos. André sempre conseguia o que queria.

– Oi, Maria Lúcia. - Dona Heloísa apressou-se a ir cumprimentar a moça - Que bom que você insistiu em vir. - *Como assim insistiu para vir? André inventa cada coisa, pensou.* - Nós também adoramos os filmes da Audrey Hepburn.

– Veja, Helô, é prendada. - Completou Doutor Edgar, o pai de André, apontando para a bacia de pipoca que a moça trazia.

– Verdade que você foi novamente a melhor aluna do Santa Inês, Malu? Venha. Venha. Sente-se aqui conosco.

– Fui, sim, Dona Heloísa.

Milena ainda estava boquiaberta na entrada da sala.

– Quantos anos faz que você é o primeiro lugar, hein, Malu? - André puxava assunto satisfeito com o resultado do plano.

– Acho que desde o ano que eu entrei...

– Nossa! Sua mãe deve estar muito orgulhosa.

– Claro que está, Helô. Claro que está. Esta moça com certeza vai passar nos melhores vestibulares do país. Você, rapazinho sem juízo, deveria se espelhar mais nela. E em Vinícios, claro.

– Vini também é um excelente menino. Você sabia, Malu, que ele e André são amigos de infância?

– Suspeitava... Eles se dão muito bem. - Maria Lúcia estava tão constrangida que nem raciocinava a respeito da conversa, apenas mantinha seu sorriso amarelo.

– E que o pai dele foi meu amigo de faculdade, você sabia?

– Não sei muito sobre o Vinícios. Não me lembro de ter visto o pai dele alguma vez...

– Ele morreu faz tempo. Acidente de carro. - André disse discretamente ao seu lado. Era um assunto de que não gostavam naquela casa.

– O Adriano era um grande amigo. Infelizmente, foi embora cedo demais. E Eleonora ficou naquela situação.

– Que situação? - a pergunta saiu da boca antes que ela pudesse racionalizar.

Felizmente o filme começou e todos aproveitaram a oportunidade para se calarem.

\*\*\*

– Alô, Vini.

– Oi, Ana. Como é que você tá?

– Na mais completa fossa. O que é que você acha?

– Acho que você mereceu... Já ouviu aquele ditado: o que é do homem o bicho não come? Tava na cara que o bonitão estava mais do que a fim da Malu.

– Isso é que é amigo. Me liga em pleno primeiro de janeiro, diga-se de passagem, o pior primeiro de janeiro da minha vida, pra dizer um negócio desses. Ah! Vai te catar, Senhor Vinícios. Mas isso não vai ficar barato, não. Aquela CDF me paga. Disso você pode ter certeza.

– Nana, você sabe que eu te amo. E mais do que ninguém você sabe que eu também tô numa fossa braba. Mas...

– Mas o quê? Vini, a diferença é que você escolheu com todas as forças ficar nessa fossa. Do jeito que você trata aquela coitada, ela faz muito em não te bater... Tem que ser muito lesa, aliás, pra não fazer isso. Mas por mim, querido, agora você pode é acabar com ela que eu não tô nem ligando.

– Que é isso, Ana? Você tá mesmo com raiva da Malu?

– Ah! Tô sim. Não era pra tá. Aquela diaba tinha o mundo inteiro para ir se pegar com o Antonio. Sumir, como ela sempre faz nas férias. Me dar o direito a ter a dignidade da dúvida. Mas não, ela foi justamente se exibir na casa do André. Humilhação inesquecível. O cara nem sequer me viu. E eu aqui, ainda arriada os quatro pneus e o step por ele.

– Também recebi uma lição ontem...

– Eu soube. A festa toda soube. Se não fosse o micão do André ia ser a notícia do ano no Santa Inês. Não posso negar. Essa parte você mereceu.

– Eu sei. Eu sei.

– Mas quero ouvir da sua boca... Diz aí, o quão humilhante foi?

– Totalmente. Eu quase a beijei. De verdade.

– Ah! Amigo, era o que você deveria ter feito... Quem sabe tinha sobrado bonitão italiano pra mim.

– Só se fosse pra eu levar uns tapas dela e uns murros do grandão lá...

– Você também mereceria isso. Deles e de quem mais pudesse te bater. Toda surra para o senhor é pouca. Sabe por quê? Porque você me ligou para saber se estou com raiva da Maria Lúcia. Mesmo depois de ontem, de tudo que ela te fez ontem, você me ligou para saber qual será minha vingança para poder protegê-la, não é?

– Eh!... Eu sei que eu não tenho amor-próprio.

– Tem mesmo não. E é por isso que dessa vez eu não vou te contar nada. Porque eu vou armar legal pra aquela sonsa e não quero você no meio.

– Você sabe que eu vou ficar do lado dela, não sabe?

– Sei, sim. Só não sei é como você vai conseguir fazer um negócio desses...

– Então, sem ressentimentos futuros?

– Creio que sim. Falando em ressentimentos futuros, sabe quem veio deixar sua Maria Lúcia em casa quase nesse instante?

– Infelizmente, ela não é minha. Mas diz, quem?

– André.

– Como? Acho que não ouvi direito.

– Eh! Maluzinha está mudada mesmo. Não perde tempo. Imagine quando a Angélica souber... E, olha, veio todo mundo, viu? Papai, mamãe, irmãzinha e André. Maior prestígio. Pararam o carro aqui na frente da minha janela.

– Tá bom, Ana. Eu não quero saber...

– Ah! Vini, amor meu, não vai chorar, né? Você também sabe que enquanto ela não ficar com o André e você não mudar essa sua imagem, não vai rolar... Já que eu toquei no assunto, chorou ontem?

– Como um bebê. Várias vezes durante a noite.

– Esse é o Vini que eu conheço.

\*\*\*

---

# 6 Capítulo

O primeiro dia de aula é sempre muito confuso, não importa há quanto tempo se estuda na mesma escola. Mudam os horários, mudam as salas, os professores e os colegas. É tanta novidade que pode até dar uma tontura. Principalmente em quem se preocupa demais. E principalmente no último ano, o ano do vestibular.

Era com pensamentos desse tipo que Maria Lúcia tentava se acalmar diante do seu atípico primeiro dia de aula. Nunca antes em sua vida fora tão notada. Entrava e saía do colégio sem sequer ser percebida por ninguém, exceto durante as brincadeiras cruéis de Vinícios.

Hoje, porém, era diferente, as pessoas passavam por ela no corredor e lhe davam olhadas, parecia que os grupinhos de meninas cochichavam sobre ela. Até os rapazes estavam mais perceptivos que o habitual.

Tudo bem que uma mudança como a que tivera durante as férias merecia mesmo ser notada, mas todos aqueles olhares a acompanhando quase com um tom de censura, dedos a apontar e risadas... Por que as risadas? Balançou a cabeça tentando afastar esses pensamentos. Obviamente que nada estava acontecendo. Ela estava criando essas fantasias na sua cabeça, era a maldita timidez tentando voltar. Seguiu seu caminho para a sala.

\*\*\*

– Eu não acredito que você foi capaz de uma coisa assim, Ana Maria! - Ele estava furioso.

Ana Maria levantou os ombros fingindo não estar interessada no amigo. Continuou conversando animadamente com suas colegas.

– Ah não! Você não vai me tratar desse jeito. - Ele a puxou pelo braço a arrancando do grupinho composto por Angélica, Carolina, Júlio César e

Ingrid. - Não depois disso aqui!

Ele mostrava uma impressão tirada de um site de relacionamentos da internet de uma foto batida por Milena na festa do réveillon onde Malu dançava sensualmente com Antonio, embaixo da foto uma legenda: Malu à putanesca.

– Ai, Vini! Vê se não enche!

– Ana Maria, eu tô com vergonha de ser seu amigo. Isso aqui é coisa de gente baixa, sem caráter... Que direito você acha que tem para fazer uma coisa dessas com alguém?

Vinícios falava alto e segurava os ombros da amiga forçando-a a encará-lo, mas a moça desviava o rosto dos olhos que ela sabia estarem em um verde muito escuro.

– Não me acuse injustamente, ninguém vai poder dizer que foi eu... Aliás, me solta que eu não tenho nada a ver com isso!

As amigas de Ana Maria riram e aquilo deixou Vinícios ainda mais furioso.

– E daí, Ana, que ninguém vai poder te acusar? Isso de alguma forma diminui a gravidade da situação? Isso aqui, Ana, é crime. É difamação! Você...

– Já falei, Vini. - ela o interrompeu com tanta fúria quanto ele - Não sei do que você está falando. Só sei que ela vai ter o que mereceu e você não vai poder fazer nada... Quem mandou se meter com quem não devia?

Vini fechou os olhos realmente decepcionado, aquilo acabou com Ana Maria por dentro, embora ela não tenha deixado transparecer. O rapaz afrouxou as mãos.

– Sabe, Ana, eu poderia esperar uma coisa dessas de qualquer um dessa sua patota... - apontou para o grupinho que acompanhava a briga de perto - Mas sempre achei que você fosse diferente. Inteligente. Doce. - Trocaram um olhar e ambos imediatamente lembraram um passado não tão distante de tardes de vídeo game e potes e potes de sorvete - Ou talvez, você simplesmente tenha mudado como você certa vez disse que faria. Mudado para pior...

\*\*\*

– Eu não acredito! Malu?

Não podia ser verdade, aquela era a Rosana, a amiga do grupo escolar, a

outra ponta do triângulo formado por ela e Isaura nas bagunças na casa da avó. Eternas amigas de brincadeiras de Barbie e juramento de sangue. O que ela estava fazendo ali depois de tantos anos.

– Rosana?

Foi entre sorrisos que trocaram um longo abraço. Não se viam há mais de nove anos. O pai de Rosana era militar e vivia sendo mandado de um estado para outro.

– Eu nem acredito. O que é que você está fazendo no Santa Inês?

– Agora eu estudo aqui. - ela sorriu, estava muito feliz de encontrar alguém conhecido, era um excelente começo para quem vivia mudando de colégio. - Meu pai finalmente sossegou e aceitou um trabalho interno. Vamos morar definitivamente aqui.

– Nossa! Que maravilha!

– Maravilha foi te encontrar, menina. Detesto o primeiro dia de aula. Nunca conheço ninguém...

– Também adorei te ver. - Dizia isso com toda a sinceridade do coração, sabia que Rosana era um presente de Deus, uma extensão de Isaura ali ao lado dela. Finalmente, depois de tantos anos, teria uma amiga de verdade naquele colégio. - Seu irmão também veio?

– Felipe? Claro! Tá por aí...

– Continua o mesmo arteiro de sempre? - ela lembrava-se do menino que arrancava as cabeças das bonecas enquanto ela e as amigas merendavam.

– Malu, o Felipe tem quase 16 anos, arteiro não é propriamente a palavra que mais se aplica a ele nesse momento...

– Ah! O tempo passa, né?

Apesar de que Malu achava que Rosana continuara a mesma, um pouco mais alta do que ela, olhos castanhos e longos cabelos encaracolados com um gostoso cheiro de xampu emoldurando um rosto arredondado ainda de criança. A diferença estava mais na maquiagem e nas unhas bem feitas de adolescente descolada.

– Nem me fale! - disse do topo da sua experiência de 17 anos incompletos - Mas me diz, e da Isaura, você tem notícia?

– Claro. Ainda nos falamos sempre que vou lá na vovó. Casou recentemente. Está grávida.

– Sério?

– Seríssimo!

Rosana ficou em choque. Gravidez na adolescência parece uma coisa tão distante. Até que acontece com alguém do seu lado.

\*\*\*

Encontrar Rosana distraiu Malu das preocupações e ela já nem se lembrava das suas impressões iniciais sobre esse primeiro dia durante a aula da nova professora de Geografia, Dona Geovana. A professora falava sobre conteúdos e didática para um ano tão corrido como esse do vestibular e a turma estava anormalmente calma, mas era de se esperar. No começo do ano, os alunos que vão prestar vestibular ficam muito atentos, não querem desperdiçar um segundo. Com o passar dos dias, quando eles se dão conta das coisas das quais se abre mão em prol do estudo, é que desanda tudo e a bagunça toma conta como sempre.

Malu anotava atenta os conteúdos que a professora dava como certos para caírem no vestibular, queria começar a estudá-los imediatamente para não acumular. De repente, o colega de trás a cutuca e lhe entrega um bilhete muito bem dobrado.

***Quanto é que você cobra a hora?***

Não entendendo do que se tratava, ignorou. Pensou que não era com ela. Mas, em poucos minutos, chegaram mais três bilhetinhos. No último, as fotos de Malu postadas em um site de prostituição.

***Vagabunda sem-vergonha! Faz pose de santinha no colégio, mas se vende barato para qualquer gringo.***

***só com gringo ou você topa brasileiro também, putinha?***

***É desse jeito que você paga à escola, Malu Surfistinha?***

Começando a compreender o que aqueles bilhetes significavam, mas ainda sem conseguir racionalizar tanta crueldade, Malu começou a chorar. Olhava ao redor procurando culpados e via uma sala de cara limpa, nem ao menos um sorriso denunciante, todos compenetrados anotavam a lista de conteúdos de Geografia.

As lágrimas desciam cada vez mais doloridas. Sentia vontade de morrer. Para piorar a situação, foi Vinícios quem primeiro notou que ela estava chorando. Ele, provavelmente o grande culpado dessa situação, ainda aproveitaria para humilhá-la mais.

Malu encostou a cabeça na carteira esperando o golpe. Mas ele não veio. Sentiu apenas Vinícios abaixando-se ao seu lado, acariciando delicadamente seus cabelos enquanto pegava os bilhetinhos e os lia silenciosamente.

– Agora já chega! - ele falou furioso diante de uma perplexa Dona Geovana para toda a turma ouvir - Venha, Malu! Vamos falar com a Dona Cecília. Isso não vai poder ficar assim!

Não tinha forças para tirar o rosto da carteira. Sentia-se fraca como se estivesse muito doente. A dor explodia dentro dela, dor e vergonha. Vinícios a ajudou a levantar.

– André, cara, pega as coisas dela, faz favor...

– Claro!

André e Rosana imediatamente se levantaram e começaram a juntar os pertences de Malu. Ambos parecendo não entender absolutamente nada do que estava acontecendo.

– Mas o que é que está acontecendo aqui, posso saber? - perguntou a professora.

– Uma covardia, professora. - respondeu Vinícios desistindo de ajudar Malu a andar e finalmente a colocando no colo e saindo com ela da sala - Uma tremenda covardia!

Nos braços de Vinícios, andando pelo corredor, Maria Lúcia estava em choque. Mal escutava o que se passava ao seu redor. Os momentos maravilhosos que tivera com Antonio viravam motivos de vergonha em sua mente, cada beijo, cada toque... E ela imaginava seu pai e sua mãe virando a cara envergonhados.

De repente, se sentiu tão mal que teve vontade de vomitar. Vomitou o uniforme de Vinícios inteiramente. Ele parou de andar.

– Malu! - gritou Rosana preocupada.

– André, vá chamar a Dona Cecília agora.

André foi, enquanto isso, Vinícios procurou o banheiro mais próximo.

– Você pode entrar e ver se tem alguém aí dentro, por favor?

– Claro! Claro! - respondeu Rosana. - Mas o que é que está acontecendo?

Como ele não respondesse, Rosana entrou no banheiro feminino. Logo no espelho havia um cartaz com uma foto de Malu tirada de um site vagabundo com os dizeres: essa cobra em Euro. Rosana rasgou o papel com toda a força. Quando saiu, viu Vinícios sem blusa segurando o rosto impassível da amiga entre as mãos. Ela parecia vazia, só as lágrimas escorriam pelo rosto frio.

– Olha, Malu, não importa quantos idiotas essa escola tenha, tá me ouvindo? Você não precisa deles. Você não precisa ter vergonha de nada! Nada, entendeu? Porque você não fez absolutamente nada de errado! Você é uma garota maravilhosa! Seus pais têm muito orgulho de você. Eu tenho muito orgulho de você!

Malu começou a vomitar novamente.

Vinícios a levou para dentro do banheiro sem se importar com a sujeira que ela fazia. Nesse instante, ouviu a voz preocupada da diretora da escola e um atrapalhado André que não sabia como explicar o que tinha acontecido.

– Cuida dela, por favor. Eu volto já. - disse para Rosana. Lavou o rosto e saiu diretamente para falar com a diretora.

\*\*\*

– Mas isso é um absurdo! - Dona Helena estava descontrolada vendo as fotos de Malu na internet - Quem fez isso com a minha filha vai pagar muito caro, Cecília. Eu posso garantir. E este colégio... – deu um murro com toda força na mesa – Pensei que estava colocando minha filha em uma boa instituição de ensino. Mas no que foi que isto aqui se transformou?

– Calma, Helena!

– Como é que eu posso ficar calma, Otávio? Você viu as fotos da Maria Lúcia? As coisas que estes delinquentes de classe média alta estão dizendo sobre ela? Ela é só uma adolescente, caramba!

Dona Helena abraçou-se ao marido procurando proteção. Sentia o coração apertado, como psicóloga, sabia bem o estrago que o bullying era capaz de fazer na cabeça fragilizada de um adolescente, como mãe, sentia-se um fracasso por ter permitido que sua filha convivesse com aquele tipo de gente.

– Sinceramente, Dona Helena, nem sei o que dizer para a senhora. Isto nunca aconteceu antes aqui no Colégio Santa Inês. – Dona Cecília estava desesperada. Passara a manhã toda no telefone tentando amenizar o problema das mais diversas maneiras, mas tinha a mais plena consciência de

que aquilo não seria o suficiente. Sentia-se mortificada pelo que tinha acontecido com Maria Lúcia – Estou imensamente envergonhada. Mas saiba que tomaremos todas as providências necessárias. Já entrei em contato com o Núcleo de Processamento de Dados e tenho certeza de que, se essas atrocidades foram praticadas aqui ou em algum dos computadores dos alunos, os rapazes do NPD encontrarão os culpados e a senhora vai poder tomar todas as medidas legais contando com o nosso apoio.

\*\*\*

– Olá, meu amor. - Dona Helena, na beira da cama da enfermaria da escola, esperava com uma grande caixa de chocolate que ela abrisse os olhos.

Malu fora medicada para que se acalmasse e conseguisse dormir. Eram quase três horas da tarde e ela ainda não tinha comido nada. A cabeça doía e ela não sabia ao certo o que havia acontecido. Logo depois as lembranças foram voltando num turbilhão e ela sentiu vontade de chorar novamente.

– Malu, me escuta, querida. Você não fez nada demais. - Dona Helena abraçou a filha e lhe deu um beijo no alto da testa - Se tem alguém inocente nessa história, meu bem, esse alguém é você. - Ela segurou o rosto da filha entre as mãos - Não vejo mal nenhum em trocar uns beijos com um rapaz lindo como o Antonio. Aliás, não tem nada de feio nem se você fez algo mais... - As lágrimas caíam livremente dos olhos de Malu - Ele é simplesmente lindo, não é? - Ela não respondia. Dona Helena a abraçou com mais força. - Isto que essas pessoas fizeram, minha filha, isso sim foi muito feio e cruel. Elas não têm o direito de te expor dessa maneira, nem se fosse verdade, muito menos sendo mentira... E saiba que eu e seu pai vamos fazer de tudo o que estiver ao nosso alcance para que essas pessoas sejam punidas. Mas nós não vamos pensar nisso agora, certo? Eu liguei para o seu pai e amanhã ele vem nos buscar, nós vamos passar uns dias lá na casa da sua avó. O que é que você acha? Nada para nos preocupar, exatamente como antigamente. Lembra quando você era criança lá no sítio? - Dona Helena se perdeu em pensamentos trazidos do passado - Ah! Eu tenho tanto orgulho de você, sua maluquinha. Tanto. - beijava a testa da filha com carinho quando bateram na porta.

– Com licença...

Vinícios entrou na enfermaria. Estava de banho tomado e com o uniforme do time de futebol, a única roupa que lhe restara, ainda não tinha ido para casa, nem sequer almoçara, apesar da insistência da diretora para que o fizesse. Trazia uma rosinha cor-de-rosa roubada do jardim e um sorriso preocupado no rosto.

Maria Lúcia arregalou os olhos.

– Olá, Senhor Vinícios Matos Leal. - Dona Helena deu um beijo na bochecha de Vini - Que pena que sempre que lhe vejo isso quer dizer problema...

– Mãe, tira esse menino daqui! Foi ele, mãe! Foi ele! Foi esse moleque que fez aquilo comigo. Mãe, ele me odeia. – Malu começou a gritar.

– Você está sendo injusta, Maria Lúcia!

– Deixa, Doutora Helena, eu tenho meus méritos nisso! Melhor eu voltar outra hora. Ela deve estar muito cansada. – Vinícios saiu imediatamente, deixando Dona Helena com o coração partido com sua cara de decepção.

– Olha, querida, eu sei que você está cansada e tudo mais. Hoje foi um dia péssimo para nós duas, eu sei, mas eu quero te pedir uma coisa. - Chegou perto da filha e a olhou diretamente nos olhos - Abra seu coração e converse com o Vinícios, Malu. - A moça fez menção de interromper, mas a mãe continuou - Você vai descobrir que ele seria incapaz de um absurdo desses. Tanto que foi ele quem te socorreu e depois explicou tudo tanto para a diretora quanto para mim e ainda ficou aqui plantado feito um pé de jacarandá até você acordar. Entenda que um rapaz que faz isso pela gente é um rapaz de ouro, não um mau caráter covarde que se esconde atrás de um computador...

\*\*\*

---

# 7 Capítulo

Seu Fernando foi buscá-las em casa dessa vez. Dirigiu boa parte da madrugada de tanta ansiedade que tinha para encontrar e abraçar a filha. Estava chocado com tudo que acontecera. Por ele, Malu não voltaria nunca mais para aquele colégio. Ficou mais reconfortado quando viu que Maria Lúcia estava bem. Ela forçava o sorriso, provavelmente para tranquilizá-lo, mas, no geral, não parecia tão abalada como ele pensou que poderia estar.

Dona Helena deixou com Otávio a responsabilidade de encontrar os agressores, ele prometeu tomar conta de tudo. Partiram, então, para o sítio. Enquanto os pais conversavam amenidades. Malu com sua tiara de flor de laranjeira olhava pela janela, tentando desviar seus pensamentos das imagens desagradáveis do dia anterior.

Veza ou outra, lembrava-se de Vinícios, de como a ajudara e de como a sua mãe tinha certeza de que não fora ele o responsável. Na verdade, não era mesmo o estilo de Vini um golpe assim pelas costas, protegido pelo anonimato.

Chegaram ao sítio por volta do meio-dia. Almoçaram com Dona Lúcia que fez questão de tudo bem caprichado. Depois de um longo cochilo, no fim da tarde, fizeram um lanche também bem caprichado e Malu já se sentia melhor.

Otávio ligou dizendo que o juizado de menores autorizou a retirada imediata das fotografias de Malu da internet e deu mais detalhes sobre as buscas dos culpados. Dona Helena recolheu-se para conversarem, Maria Lúcia pediu para não se envolver com essa parte.

Isaura veio fazer uma visita logo depois do expediente na farmácia, a barriga já começava a aparecer. As duas amigas tiveram um longo tempo para conversar e Malu botou para fora o restante das mágoas que ainda tinha para chorar.

\*\*\*

– Vini, olha, eu juro que não fui eu quem colocou as fotos da Malu na internet. Aquilo foi demais até para mim! Foi só uma brincadeira estúpida. Eu jamais imaginei que iria chegar nesse ponto. Até a polícia está envolvida...

– Ana, sinceramente, não me interessa! - ele continuava a andar sem dar a mínima atenção à colega – Não me interessa quem começou o boato, quem postou as fotos da Maria Lúcia... Para mim, é tudo farinha do mesmo saco. E me dá licença que eu não quero me misturar com gente desse tipo...

– Então é assim? Você simplesmente me dá as costas. Nós não somos mais amigos?

– Nós éramos amigos, Ana. E é em nome dessa antiga amizade que nós costumávamos ter que eu não vou denunciar você e seus comparsas. Mas não espere mais do que isso.

– Vini, não fala assim, por favor...

– Falo, Ana. Falo. Falo porque, como eu já tinha lhe dito, estou com vergonha de você, do que você se tornou. Será que se esquece de que não faz muitos anos que esse mesmo pessoal com quem você anda hoje, best friends forever, tirava onda com a sua cara te chamando de balofa, baleia, rolha de poço...

– Chega, Vini. - ela o interrompeu caindo em lágrimas - Eu me lembro.

\*\*\*

– Malu, minha filha, nós temos que tomar uma decisão importante.

Seu Fernando falava da maneira mais natural possível, mas era fácil perceber o quanto a sua tranquilidade habitual fora abalada, o quanto o assunto era difícil. A mãe e a avó estavam sentadas ao lado de Malu na mesa da sala de jantar que ninguém nunca usava, ambas sem querer demonstrar a angústia das decisões que deveriam ser tomadas.

– Malu, eu e a sua mãe discutimos... - Dona Helena deu uma olhada séria para o ex-marido, ela não gostava dessa palavra - Ou melhor, nós conversamos. E chegamos à conclusão de que você não deve voltar para o Colégio Santa Inês. O que aqueles meninos fizeram foi inaceitável! E nós achamos que talvez você não esteja preparada para enfrentar as consequências desse ato.

– É, Malu, pensamos em colocar você num colégio menor, sabe? Onde você possa estudar tranquilamente para o seu vestibular. Sem tantos meninos ricos e fúteis que não têm mais o que fazer.

*Será que era verdade? A mãe e o pai estavam falando em tirá-la do colégio.* Por muito tempo, foi o que ela mais desejou. Sair daquele colégio cheio de gente bonita demais, sofisticada demais, ela nunca conseguiu se encaixar. *Mas será que ainda era isso que ela queria?* Sair no último ano. Começar tudo de novo depois do esforço que fizera nas férias. Novos professores, nova escola, novos colegas, novos insultos...

– Mas, - Dona Helena chamou a filha de volta - eu e seu pai pensamos bem e a verdade é que quem deve decidir sobre isso é você, querida.

– Apesar de acharmos que você não merece conviver com jovens capazes de tamanho egoísmo, nós também achamos que se tem alguém inocente nessa história, esse alguém é você. - disse Seu Fernando.

Dona Lúcia segurava a mão de Malu com força, querendo mostrar que qualquer decisão que ela tomasse seria acatada.

– E tirar você assim do colégio, além de ser um desafio tremendo para você que é tímida, não deixaria de ser uma vitória para esses meninos horríveis. E, definitivamente, quem tem de ser punido é esse grupo, não você, minha filha. - continuou o pai.

Maria Lúcia ficou calada. Não sabia o que dizer. Era uma decisão difícil. E ela ainda não se sentia preparada para pensar a respeito do que tinha acontecido e na extensão dos danos.

–Malu, eu não vou poder ficar aqui por muito tempo. Tenho muitas providências a tomar. – a mãe mais uma vez a tirou de seus pensamentos – Mas quero que você leve o tempo que precisar para decidir.

\*\*\*

O primeiro dia de aula já parecia a anos de distância na sexta-feira. Maria Lúcia deitada na rede no fim da tarde conseguia pensar melhor sobre o assunto, sobre os interesses envolvidos. Ainda doía pensar no que a inveja pode causar no ânimo das pessoas. Mas, sinceramente, não era justo sair do colégio em pleno ano letivo, mudar tudo às pressas, e ainda mais por conta de uma situação em que ela era a maior vítima.

Ao mesmo tempo, não se via com forças para reencontrar os mesmos rostos maldosos. Sabia em seu íntimo que, com o mínimo de inteligência necessária, os culpados teriam usado uma lan-house qualquer para postar as fotos, nunca se poderia provar nada. E talvez estivessem ainda mais zangados, prontos para se vingar silenciosamente nela das represálias que devem ter sofrido de Dona Cecília.

– Malu! Hei, Malu! É você? Achei, pessoal. Eu disse que lembrava o caminho.

Aquilo era inacreditável. Rosana com uma mochila nas costas e um boné azul na cabeça acenava da porteira. E não somente isso, seguindo-a de perto estava André e Vinícios também de mochila nas costas. Malu se levantou da rede ainda pasma enquanto os rapazes abriam a porteira e caminhavam pela estradinha que levava ao alpendre.

– Menina, isso aqui continua a mesma coisa! Nem foi tão difícil de achar...

– Não. - disse André enxugando o suor do rosto - Foi só a quinta fazenda que nós entramos... Ufa! - desabou a mochila nos degraus.

– Não se esqueça dos cachorros da penúltima. Foi uma corrida e tanto. - disse Vini.

– Bobagem. Estamos aqui, não estamos.

– Rosana? - Dona Lúcia franziu os olhos para enxergar melhor, ela veio para a varanda seguindo as vozes - É você mesma?

– Eu mesma, Dona Lúcia. Como vai? - Abraçou a avó de Malu sem cerimônias. - E estes aqui são o Vinícios e o André.

– Boa tarde! - disse André estendendo a mão para cumprimentar.

– Boa.

– Como vai a senhora? - disse Vinícios fazendo a mesma coisa.

– Nossa! Que olhos lindos você tem, menino. Verdes, tão claros, quase translúcidos.

– Obrigado.

– Translúcidos? - perguntou Rosana - Eu podia jurar que eram escuros.

– Você ainda não tinha notado, Rosana? - disse André ainda tomando fôlego - A cor dos olhos do Vini acompanha seu humor. Ele deve estar muito feliz agora, porque faz muito tempo que eu não vejo tanta clareza nesse olhar.

Vinícios sorriu e olhou para Maria Lúcia.

\*\*\*

Rosana comia sua fatia de bolo de milho com avidez. Tinham saído do colégio direto para rodoviária, a intenção era chegar antes do pôr-do-sol. Além do lanche que levaram nas mochilas, não comeram mais nada.

– Dona Lúcia, este seu bolo é ainda melhor do que eu me lembrava.

– Pode comer, minha filha. Pode comer... - a avó de Malu colocou mais um pedaço no prato de Rosana.

Seu Fernando não imaginava o que aqueles adolescentes estavam fazendo ali. Fora Rosana, que ele conhecia de infância, Maria Lúcia nunca tinha falado nada sobre nenhum dos outros dois. Ficava encarando os rapazes se perguntando se algum deles seria o namoradinho da filha.

– E então? - perguntou olhando diretamente para André que engoliu um pedaço quase inteiro de tapioca para responder.

– Viemos ver se a Malu estava bem.

– Está. Está. - ficou em pé atrás da cadeira da filha - Está ótima como vocês já puderam ver.

– Pai... - Malu quase se enterra na cadeira com vergonha. - Só me faltava essa, um pai caipirão e ciumento...

– Quando a gente ama, minha filha, a gente cuida. Se esses moleques da cidade soubessem que você tem esse pai caipirão e ciumento, duvido que tivessem feito o que fizeram com você.

– Claro que não teriam. Eles teriam pego as suas fotos para colocar na internet. Faria muito mais sucesso. - Ela se levantou e deu um beijo nas bochechas avermelhadas do pai.

Todos riram e a conversa se estendeu com amenidades até o jantar. André levantou da mesa e foi direto para uma rede, estava exausto. Vinícios foi tomar um banho e Rosana, Dona Lúcia e Malu sentaram na varanda para conversar.

– Pois é, menina, esse Vinícios sabe ser insistente. Enquanto não me convenceu a vir aqui, não sossegou. Fora isso, ele fez e aconteceu nesse colégio durante a semana, uma coisa impressionante. Reuniu os pais e explicou tudo que aconteceu contigo. O André ajudou na divulgação como Presidente do Centro Acadêmico. Deu muita gente nas reuniões. Todo mundo ficou chocado com o que fizeram com você. Os pais caíram em cima dos computadores dos filhos. Depois do que encontraram neles. Nossa! Foi outro escândalo! Meu pai quase cancela minha matrícula. Vocês sabem como ele é, né?

– Mas ninguém encontrou os culpados... Ou melhor, nada que incriminasse os culpados.

– Não, Malu, não vou mentir. Não vai ser possível encontrar os

culpados, a polícia já falou...

– A polícia esteve na escola?

– Claro! Várias vezes. Nós até tivemos uma palestra sobre o uso responsável da internet dado por um agente da Polícia Federal. Aliás, nós tivemos palestras sobre um monte de coisas essa semana. Dona Cecília pegou pesado depois dessa história. Nada mais de intervalo, agora assistimos a palestras de conscientização.

– Muito bom! Muito bom! - Dona Lúcia se levantou para arrumar os quartos para os meninos dormirem - Você não vai ficar, Rosana?

– Não, Dona Lúcia. Não posso. Meu pai só me deixou viajar sozinha porque era para a Malu, nem sabe que eu vim com os meninos, senão era outro escândalo. Ele fez questão que eu fosse dormir lá na tia Cotinha. Acho melhor não contrariar.

– Melhor mesmo. Nesse caso, vou pedir ao Fernando que vá te deixar

– Seria ótimo.

\*\*\*

---

# 8 Capítulo

– Oi.

Vinícios veio sentar ao pé da escada ao lado de Malu. Estava de banho tomado, bermuda, camiseta, chinelos e usava um perfume muito gostoso. A casa já estava em silêncio, Dona Lúcia se recolhera, André dormia e o pai fora deixar Rosana na casa da tia.

– Oi. - ela respondeu sem olhar para ele.

– Ainda com raiva de mim?

– Não. Na verdade, eu queria lhe agradecer pela ajuda. Não sei como eu ia conseguir sair dali sem você. Sem falar que lhe devo sinceras desculpas...

– Se foi por aquilo que você disse na enfermaria, não se desculpe. Eu mereço sua desconfiança.

– Eu ia falar sobre o vômito... - ela sorriu olhando pela primeira vez para ele - Mas também peço desculpas sobre aquilo. Minha mãe estava certa, você seria incapaz de fazer uma coisa cruel assim.

Ficaram em silêncio por um tempo só observando a paisagem. Malu tomou um gole do chocolate quente que segurava entre as mãos.

– Mas, me diz uma coisa, Vinícios? O que é exatamente o que você está fazendo aqui? - ela falou de supetão encontrando uma força que não pensava ter - Não acredito que você fez uma viagem dessas só para defender a Ana Maria? Até porque você deve saber que vai ser impossível incriminá-la?

Vini estremeceu com a pergunta, embora esperasse por ela desde a hora que convencera Rosana a viajar em busca de Malu.

– Não, eu não vim defender a Ana. Embora eu espere que você entenda que, se for possível interceder por ela, eu o farei.

Maria Lúcia levantou os ombros demonstrando desinteresse.

– Se você quer mesmo saber, senhor Vinícios Matos Leal, eu estou pouco me lixando com o que vai acontecer com a Ana Maria, com a Angélica, com toda aquela gente. - olhou para ele com uns olhos cheios de amargura - Não sei mais nem se eu vou voltar para o colégio... - Tomou outro gole de chocolate - Mas não tenho o menor interesse em prejudicar ninguém, sabe? - fez uma pausa pensando bem se gostaria de dar essa explicação a Vinícios, acabou não vendo grande problema em fazê-lo - Isso que aconteceu... Bem.

Foi realmente uma lição maior do que eu acho que merecia. Mas foi só uma forma que eles encontraram de provar o que eu sempre soube: eu não me encaixo lá. Não pertencço àquele lugar. Você mesmo disse isso várias vezes à sua maneira. Eu sou somente uma boboca.

As palavras amarguradas de Malu eram um murro na boca do estômago de Vini. Ele sentia o coração apertado. Com os punhos fechados, procurava se controlar e limpar a mente para encontrar as palavras certas. Por isso viajara até ali, estava na hora de falar toda a verdade de tantos anos.

– É por isso que eu vim aqui, Malu. - Começou devagar com a voz um pouco trêmula - Para dizer que isso não é verdade. Para te convencer a voltar para o Santa Inês.

– Para quê? Qual o seu interesse nisso? - ela sorria já indiferente aos maus tratos - Não me diga que agora ficou com remorsos?

– Não. Não fiquei com remorsos. Fiquei com medo. - Vini prendeu os lábios entre os dentes. A verdade queria fugir de sua boca e ele ainda queria ter um mínimo de controle sobre estas informações. Sabia que elas iriam perturbá-la demais - Muito medo de ter causado alguma vez nessa vida um terço daquela dor que você sentiu segunda lá na escola. Porque, se eu fiz isso, eu prefiro que seu pai me espanque agora mesmo.

Malu olhou para Vinícios como se o estivesse vendo pela primeira vez. Ele parecia nervoso e verdadeiro, não lembrava em nada o gigante cheio de confiança cercado de fãs que fazia gato e sapato com ela.

– Fiquei com muito medo de perder você... - suspirou profundamente e colocou a cabeça entre os joelhos como se estivesse se livrando de um peso enorme, como se aquilo o deixasse tonto.

– Me perder... Perder seu saco de pancadas, é isso? - Era difícil de entender.

– Não. Não. Não! - ele sacudia a cabeça com força - Você não é nem

nunca foi meu saco de pancadas. Você é um pedaço de mim mesmo fora do meu corpo...

– Você tá ficando louco, Vinícios. Só falta agora vir me dizer que isso sempre foi paixão... - ela se levantou e imediatamente ele ficou em pé na sua frente, voltara a ser o gigante como num passe de mágica.

– Paixão, não. Amor. - Vini olhava tão profundamente nos olhos de Maria Lúcia que ela sentia as pernas bambearem. - Não espero que você entenda agora o que eu mesmo demorei anos para fazer... - ficou em silêncio por um instante. Seu coração batia tão forte que poderia sair do peito a qualquer momento. - Quero só que você saiba alguns dos meus motivos... -

Ela estava tão assustada que havia congelado, não conseguia se mexer, não conseguia desviar o olhar daqueles olhos verdes - Esta vai ser uma longa conversa. Tem um tempo para mim?

Sem saber como reagir, deixou-se conduzir por Vinícios. Voltaram a se sentar nos degraus da varanda. Vini ficou ainda um bom tempo calado. Até que respirou fundo e continuou.

– Deixa eu ver por onde começo para isso fazer sentido... - Nunca tinha verbalizado nada daquilo. E ia dizer logo para ela. - Bem... Uma coisa muito ruim aconteceu na minha casa, com a minha família, há uns anos atrás - Malu, mesmo chocada, imediatamente associou essa informação à morte do pai dele como André havia mencionado antes - Meu pai morreu num acidente de carro.

Malu podia perceber como aquilo ainda mexia com o rapaz. Uma onda de tristeza perpassava seu olhar enquanto ele falava.

– Nossa! Meu pai era tudo pra mim. Pra mim e pra minha mãe. Nós adorávamos jogar futebol... Passear de carro... Ou simplesmente assistir à televisão juntos... - Parecia perdido nas memórias do passado. - Ele não teve a menor culpa e acabou morrendo. Isso foi tão injusto, ele era tão novo. Tão cheio de vida.

Estava tão abalado. Quase tremia. Ela nunca o tinha visto frágil daquela maneira. Malu instintivamente passou a mão pelas costas dele numa tentativa de consolá-lo. Vini estremeceu e ela tirou a mão rapidamente, mas ele a segurou entre as suas enquanto procurava o olhar dela. Eram mãos muito geladas.

– Eu fiquei com tanta raiva, tanta raiva, que me transformei numa criança revoltada. Batia nos meus colegas de sala. Gritava com a minha mãe. Briguei definitivamente com o meu avô. Não queria aceitar que minha vida

tinha mudado daquela forma. - devia mesmo ser difícil para uma criança perder o pai assim, ela conseguia compreender. - Essa história toda aconteceu mais ou menos quando eu a conheci... Quando você mudou para o Santa Inês.

Trancinhas, laço de fita amarelo para combinar com o uniforme e a lancheira da Pequena Sereia. Eu me lembro como se fosse hoje. - Nem ela se lembrava direito, mas aquela era a sua descrição no primeiro dia de aula. -

Você era exatamente o que eu costumava ser antes do acidente. Tão amada, tão protegida, dócil... E inteligente. Muito inteligente. Senti muita raiva de você. Senti inveja de você. Peço desculpas, sinceramente.

Vini soltou a mão de Maria Lúcia para poder enxugar uma lágrima que escorria de seu rosto.

- Calma, Vinícios. Faz tanto tempo. Você estava passando por um momento difícil. E para falar a verdade, eu nem me lembro mais disso.

- Mas eu me lembro. E não me orgulho do meu comportamento naquela época. Mas o pior, Maria Lúcia, é que quanto mais eu te tratava mal, mais você procurava um motivo dentro de si para justificar minhas aberrações. Uma rixa antiga, um comentário inconveniente que você pensava ter feito. Sempre culpa sua. Exatamente como você fez agora. - Ela sentiu-se nua. Descoberta. Era sempre esse mesmo seu comportamento.

Recolheu-se, encostando-se na escada e se afastando dele. Vinícios falava efusivamente. - Diferente das outras crianças, você nunca reclamava, nunca me acusava. Nossa! Eu me sentia um lixo! Porque, sinceramente, Malu, eu tava mesmo precisando de uns bons puxões de orelha de alguém como você que nunca fez mal a uma mosca nessa vida.

Mais uma vez ele ficou calado, olhando para o tempo. Levantou-se e subiu os degraus indo se sentar na bancada da varanda, também se afastando dela. Não queria que ficasse com ainda mais medo do que o que ele deveria estar causando. E o pior, aquela conversa estava apenas começando. Ambos precisavam de espaço.

- Depois a sua mãe entrou na história... Sabia que ela foi minha terapeuta? - Fez que não com a cabeça. - Pois é, quase dois anos. Coitada, foi tantas vezes chamada juntamente com a minha mãe para tratar dos meus desafetos com você. - ele sorria lembrando-se da cara que a mãe de Malu fazia sempre que o via - Dona Helena resolveu me aceitar como paciente. E eu te digo, ainda bem. Sua mãe é muito competente. Foi com ela que eu consegui entender que eu não tinha culpa de nada do que vinha acontecendo com a minha família. Entendi também que a raiva que eu sentia de você, era raiva de

mim mesmo e da forma que a minha vida tinha tomado. Foi a sua mãe quem me ajudou a perceber que eu poderia voltar a ser o Vinícios da minha infância ainda que sem o apoio completo dos meus pais. - Agora ele já estava mais tranquilo, como se estivesse novamente de posse dos seus sentimentos -

Quando eu percebi isso, Malu. Deixei de tratá-la mal. Passei a protegê-la. Como se eu estivesse me protegendo.

Ela não conseguia lembrar momento nenhum em que Vinícios a protegesse. Ele nem percebeu a divagação, continuou a falar.

- Mas aí, a gente já era adolescente. E o estrago já estava feito. Você ficou extremamente tímida e não se enturmava com ninguém. As pessoas faziam brincadeiras desagradáveis, eu não gostava nem um pouco. E por mais que elas fizessem, eu sabia que você não se defenderia. Juro que tentei de todas as maneiras impedir as gozações, eu me aproveitava da minha popularidade, dava beijos em você, escolhia sempre você para o meu time nas aulas de Educação Física, mas nada adiantava. - *Era isso que ele considerava proteção, matá-la de vergonha, humilhá-la nas aulas de ginástica?* - Então, eu inverti novamente o jogo. E passei a debochar de você.

Quando eu o fazia, ninguém tinha coragem de me enfrentar, de tentar se comparar a mim nessa tarefa. Depois de anos de prática, realmente fiquei bom nisso, admito. Mas Deus sabe o quanto eu esperei que você revidasse...

- E por que você se importava tanto comigo? Por que era importante para você que eu me defendesse, não bastava saber que o seu problema era só seu, eu nem ligava para as gozações dos outros, já estava bem habituada, poderia me virar sozinha... - ainda estava zangada com o que ele considerava proteção.

- Foi a mesma pergunta que sua mãe me fez. - Novamente ele se levantou e em poucos passos, estava sentado ao lado dela na escada - Foi quando eu me dei conta de que eu não exatamente me importava com você, eu gostava de você. - Vini sorria e a olhava nos olhos. Sentia-se leve com a verdade. - Passei tanto tempo voltando minhas energias para seu lado, prestando atenção na sua vida, que eu não podia de uma hora para outra simplesmente esquecer a sua existência.

Maria Lúcia, pelo contrário, não conseguia mexer um músculo. Estava desconfortável. Fugia dos olhos dele. De repente, também os olhos de Vinícios foram ganhando ares de timidez e desconforto.

- Até aí imaginei que era amizade, amor fraterno, sei lá, uma neurose a mais para a minha coleção... - Então ele hesitou. Sabia que não tinha mais

como voltar atrás naquela conversa. Foi somente por isso que encontrou forças para continuar. - Mas então eu me dei conta, e espero que me perdoe a indiscrição, que você gostava do André. - Maria Lúcia ficou vermelha na hora.

Levantou e desceu as escadas rapidamente, caminhando até onde a luz da varanda não a pudesse alcançar. Vini determinou-se a continuar falando. - Quando eu cheguei na casa dele e vi você toda derretida dando aula particular... Caramba! Não gosto nem de lembrar... Quase engoli minha bola de tanto ciúme. - foi descendo degrau por degrau devagar - De tantos para escolher, justamente o meu melhor amigo? - Mesmo no escuro, ele já podia ver novamente o rosto dela - Você tem bom gosto, não posso negar. É um cara e tanto. Ele e a Milena são como irmãos para mim. Nossos pais eram grandes amigos e eu quero muito continuar com essa amizade...

Vinícios já estava bem próximo a ela. Malu não queria mais conversar. Queria acabar a conversa e ir para o quarto correndo. Já tinha ouvido demais. Mas Vinícios não ia parar. Não sem terminar o que tinha para dizer.

- Mesmo assim, eu não conseguia pensar em você com ele. Ainda que eu soubesse o cara legal que ele era. Sabe que eu até me propus a dar aulas ao André só para te afastar dele. Nem vou continuar essa história, ainda estou tentando me conformar com isso e está bem difícil. - ele balançava a cabeça afastando os pensamentos. Estava sendo mais sincero do que precisava ser.

Tinha de se controlar. - Basta saber que dali em diante eu tive de admitir que em alguma curva do desenvolvimento dessa minha psique destrambelhada, eu me apaixonei perdidamente por você... - suspirou fundo aliviado.

Ele a tocou no ombro, a mão fria de nervosismo e a pele quente de vergonha, ela estremeceu. Não sabia o que ele esperava depois dessa declaração, talvez um beijo. Mas Malu não queria. Ela não gostava dele, nem começaria a gostar por causa disso, na sua frente ainda estava o Vinícios de quem ela tinha medo, o rapaz que sentia prazer em desrespeitá-la.

- Calma, Malu. Pode ficar tranquila. Não vou fazer nada. Eu sei o meu lugar. Não tenho motivos para imaginar que você deseje sequer minha companhia.

Vini se afastou e ela teve coragem o suficiente para encará-lo.

- Na verdade, eu queria uma chance, apesar de não a merecer, de tentar modificar ao menos isso... Queria mostrar para você que sou um cara legal. Prometo que vou deixar você em paz. Mas, sabe, sinceramente, acho que a gente podia tentar... Esse lance de ser amigo.

- Não sei se eu consigo.

– Consegue sim. Eu vou te ajudar... Se você voltar para o Santa Inês segunda-feira, eu prometo que vou fazer a sua vida lá bem mais fácil. Você vai ter o ano mais perfeito que alguém já teve dentro daquele colégio. Juro. Começando por...

– Obrigada, Vinícios. Mas essa decisão é minha.

– Claro. - recuou imediatamente encerrando a questão.

\*\*\*

---

# 9 Capítulo

Malu teve uma noite confusa. Sonhou com Vini a noite inteira. Misturava cenas de quando eram pequenos, puxões de cabelo e lágrimas, ele cobrindo a quadra de vôlei inteira para que ela não errasse uma bola, ela no colo dele totalmente fragilizada e finalmente um beijo, um beijo que nunca existiu.

Vini não conseguiu dormir. Verdade que se sentia bastante aliviado por ter contado a verdade. Mas Maria Lúcia não deu o menor indício de como reagiria às suas declarações. Então, ele rolou na cama criando hipóteses até clarear e no primeiro canto do galo já estava na cozinha. Encontrou Seu Fernando tomando café com Dona Lúcia.

– Tinha pulga na sua cama, menino?

– Não, Dona Lúcia. Estava tudo ótimo. Eu é que acordo cedo mesmo.

Gosto de jogar futebol na praia de manhã.

– Pois já sei muito bem onde o senhor vai gastar essa energia. - disse o pai de Malu.

Quando Malu resolveu levantar, Vini já estava na roça há algumas horas. Seu Fernando o colocou para dar milho às galinhas, ordenhar as vacas e tirar os parasitas da plantação de tomate.

– Bom dia, vó.

– Bom dia, minha querida.

– Os meninos já acordaram?

– O Vinícios está para cima e para baixo com seu pai desde cedo. André continua dormindo.

– Não mais... - André apareceu bocejando e esfregando os olhos - Bom dia!

– Bom dia, André.

Ele era ainda mais lindo acordando. Dona Lúcia foi aguar as plantas da varanda e do jardim e Maria Lúcia ficou sozinha servindo o amigo.

– Quer mais leite?

– Não, Malu. - ele sorriu - Obrigado. Estou bem. - pegou um pedaço de pão, presunto e queijo. - Mas e aí, como é que você está? Nem falei com você direito ontem. Aquela louca da Rosana deu uma canseira na gente.

– Melhor agora. - ela sorriu para ele naturalmente como nunca tinha conseguido fazer antes, estavam numa situação tão despreziosa que se dava o direito de ser ela mesma - Obrigada por ter vindo. E, principalmente, por não ter desistido de seguir a destrambelhada da Rosana. Ela não vinha aqui há pelo menos nove anos. Não deve mais conhecer nada.

– Percebi. Depois da segunda fazenda que a gente visitou... - ele sorriu.

O sorriso lindo que derretia Malu inteira por dentro. - Sim. Mas voltando ao assunto, quero saber se você vai voltar com a gente para o Santa Inês? Dona Cecília me fez prometer que não ia deixar você nos abandonar...

– Não sei, André... É complicado.

– Vai por mim, Malu. Ninguém mais vai tratar mal você. Eu e uma galera do Grêmio Estudantil, Dona Cecília e principalmente o Vinícios, a gente tem feito de tudo para conscientizar o pessoal. Se você não voltar para a escola, vai ser uma vitória muito grande desses manés. Eles vão saber que funciona. - tomava agora um copo de suco de laranja.

– Você diz isso, mas tem gente do Grêmio que é responsável por aquele absurdo. - Malu não quis citar nomes.

– Se você está falando da Angélica... Bem. Não dá para provar nada. - Malu ficou com muita vergonha. Não era bacana falar da própria namorada de André. - Vini me disse que as principais responsáveis pelo que aconteceu com você foram Angélica e Ana Maria. Depois do que eu ouvi sobre você daquelas duas durante as férias, não pude duvidar. E elas estavam mesmo de muita conversinha. Apesar de eu nunca ter visto muita amizade entre elas antes. Em todo caso, terminei o namoro. Isso não é coisa que se faça.

– Você terminou com a Angélica?

– Terminei. Ela é realmente linda, mas até para mim, futilidade tem limite. - terminando o café, ele se levantou para colocar sua louça na pia - Cadê o Vini? Já saiu?

- Já. - ainda estava pasma com a notícia - Faz tempo...
- E aí, o que vamos fazer hoje? Eu vi que vocês têm cavalos aqui...
- Temos sim. Quer dar uma volta?
- Claro.

\*\*\*

Vini já tinha pegado o jeito da direção do trator quando viu Malu e André passando ao longe montados em cavalos. Sabia o que cedo ou tarde ia acabar acontecendo entre eles. Respirou fundo deixando os sentimentos fluírem.

– Que é isso? Perdeu a concentração?

– Não, Seu Fernando. Só estava pensando que eu poderia dar um trato aqui nessa máquina. - bateu na lataria do trator - Esse bichão está precisando de uma regulagem no motor.

– E você sabe mexer em motor, moleque? - Seu Fernando falava de um jeito brigão, mas já estava completamente encantado com Vini, nunca tinha visto um rapaz tão disposto.

– Claro que sei. Motores eram a segunda maior paixão do meu pai. Aprendi muito com ele.

– E qual era a primeira que mal pergunte ?

– A minha mãe, é claro. - ele riu.

– Mas e então, o que é que você acha que precisa?

– No mínimo, trocar o óleo. E eu daria também uma acochada nos parafusos que prendem o escapamento, tá fazendo um barulho estranho. No mais, eu preciso dar uma olhada.

– Certo. Certo, me convenceu. Dê de uma vez essa olhada que nós vamos lá no povoado comprar o que essa belezinha precisa.

\*\*\*

– Maria Lúcia, isso aqui é muito lindo! - André desceu do cavalo com perícia depois ajudou Malu a fazer o mesmo.

Estavam perto do ribeirão. Lá as pedras eram lisas e os cavalos não podiam ir sem o risco de acidentes.

André foi logo tirando a camiseta e os tênis e caindo na água. Depois do primeiro mergulho, fez questão que ela entrasse também.

\*\*\*

– Malu! Malu!

Rosana gritava desesperada. Não sabia por onde começar a procurar a amiga. Depois, lembrou-se que ela estava com André e ligou para o celular do rapaz.

André atendeu na maior boa vontade. Ele e Malu estavam estendidos nas pedras, secando ao sol na maior tranquilidade. Mas como Rosana parecia muito nervosa, imediatamente passou para Malu.

– Malu, vem já para cá. A Isaura caiu da escada, está no hospital.

\*\*\*

Chegaram ao hospital só depois do meio dia, ficava na cidade vizinha e tiveram de esperar que Seu Fernando fosse buscá-los. E o pai de Malu já tinha se comprometido em levar o marido e a família de Isaura para o hospital primeiro.

Vini estava sentado na sala de espera lendo uma revista, quando os viu e foi dar as notícias.

– Calma, Malu! A Isaura está bem. O bebê está bem. Ela levou uma queda da escada, teve um pequeno sangramento, mas foi socorrida a tempo e...

– Graças a você, não é, moleque? - disse Seu Fernando com satisfação. - Só você viu a Isaura caindo.

Malu não resistiu e deu um abraço em Vinícios.

– Obrigada. - Foi o melhor presente que ele poderia ter ganho.

– Esse meu amigo é sempre o herói da história. - disse André o cumprimentando.

\*\*\*

– Oi. - Malu entrou no quarto de Isaura segurando um enorme ramalhete de flores - Como estão?

Jorge, o marido adolescente de Isaura, recebeu as flores e tratou de colocá-las em um vaso com água, ele parecia cansado, ou então, muito assustado.

– Oi, Malu. - sorriu para a amiga, esforçando-se para se ajeitar na cama, tinha um dos braços bem roxos da queda - Jorge, meu amor, você pode pedir um suco de laranja para mim lá na cantina?

– Claro, meu amor. - Deu um beijo em Isaura, passou a mão na barriga

dela, cumprimentou Malu desajeitadamente e saiu.

– Já que você chegou, vou dar uma folguinha para ele, coitado. Tomou um grande susto. - disse assim que Jorge fechou a porta.

– Eu também tomei um baita susto. Pensei que você ia...

– Também pensei nisso. - interrompendo Malu. Não queria nem ouvir o que poderia ter acontecido - E provavelmente isso teria acontecido se não fosse o Vinícios. Ele me viu caindo lá da autopeças. Veio me acudir e ainda me trouxe de carro. Acredita que ele quebrou o vidro do carro de entrega da farmácia?

– Foi mesmo? Eu não sabia nem que o Vinícios dirigia...

– Dirige, sim. E muito bem. Graças a Deus! Porque se a gente fosse esperar pelo almoço do Maneco terminar ou o fim da visita do seu pai a fazenda da Dona Cotinha, podia ter acontecido o pior...

Maria Lúcia ficou realmente impressionada com a rapidez de pensamento de Vini.

– Falando nisso, você poderia chamá-lo, por favor? Eu queria agradecer direito. Coitado, sofreu um bom bocado. Pensaram que ele estava roubando o carro da farmácia e depois chegando aqui, foi um sufoco para ele explicar que não era o pai da criança.

Enquanto Malu ia buscar Vini, André e Rosana, Jorge voltava com o suco da esposa na mão.

Vini ficou sem jeito quando Jorge com lágrimas nos olhos lhe deu um abraço de gratidão. Isaura também se emocionou.

– Cara, isso que você fez não tem preço. Essa mulher e essa criança são a razão da minha vida. Nem sei o que ia ser de mim se... - Não conseguiu mais falar.

Rosana, segurando a mão de Isaura, olhava para o rapaz como se ele fosse um anjo caído do céu, tamanha a admiração que sentia crescer. No pouco tempo que conhecia Vinícios, só o vira agir como herói e não podia negar, já se pegara procurando aqueles olhos verdes várias vezes desde então. Eram olhos verdes muito lindos.

– Sério, cara. Eu posso te entender. Que bom que deu tudo certo. - deu um tapinha nos ombros de Jorge. E voltou-se para Isaura. - O importante é que você e seu filho estão bem, Isaura.

– Graças a você! Nunca vamos nos esquecer disso. Aliás, eu e o Jorge

estávamos conversando e temos um convite para te fazer...

– Diga...

– Nós queremos que você seja o padrinho da Laura. - Foi Jorge que continuou.

– Laura? - O rosto de Malu se iluminou - Vocês já sabem o sexo?

– É uma menina. - sorriu Isaura - O médico me disse enquanto fazíamos os exames.

Maria Lúcia correu para abraçar a amiga. Rosana fez a mesma coisa. Vinícios se sentiu tão contagiado pela emoção que deu outro abraço em Jorge.

– E, então, Vinícios, aceita ser o padrinho da minha filha? - Insistiu Jorge.

– Vai ser uma honra.

– Ótimo! Bem que eu tinha dito para a Malu arranjar um padrinho para a afilhada dela... Só não sabia que ela ia trazer um herói, um anjo da providência...

\*\*\*

---

# 10 Capítulo

– Bom. Agora que está tudo bem com a Isaura. - disse Rosana quase chegando na casa da avó de Malu - Bem que a gente podia ir numa festinha por aqui na região. O que vocês acham?

– Eu tô dentro. - imediatamente André se pronunciou - Essa terra parece abençoada de mulher bonita... Deve ser bom observá-las em habitat natural. - bateu no ombro de Vini procurando compreensão, mas o amigo só levantou a sobrancelha.

– E aí, Malu, vamos? - chamou Rosana.

– Que mal pode haver? - ela concordou com um sorriso.

\*\*\*

Foram para uma vaquejada a 60 km dali. Seu Fernando foi deixar, não queria Vini dirigindo sem carteira. Rosana usava uma mini blusa e calça de cintura baixíssima, um salto monumental, batom, rímel, blush, tudo que tinha direito. Até um chapéu arranhou para entrar no clima. Malu foi com um dos seus vestidos quase infantis de renda e sandália rasteira, tinha feito duas trancinhas com a franja do seu cabelo curto e as prendera atrás da cabeça. Por insistência de Rosana, também usava rímel.

Vini tinha a mais absoluta certeza de que poderia olhar para ela a noite inteira. Memorizar cada sorriso. Agora que dissera a verdade, sentia que os seus sentimentos estavam mais fortes, se chegasse muito perto, não controlaria a vontade de beijá-la. Mas não ia fazer isso. Não tão cedo.

André, mal chegou na festa, comprou um copo de cerveja. A mulherada logo se deu conta da sua bela presença, quando voltava para o grupo, uma moça já o chamara para dançar. Ainda convidou Vini, mas ele fez um gesto de que iria ficar com as meninas.

Tocava um forró muito gostoso. As pessoas se amontoavam na pista de dança. Rosana estava louca para dançar. Ela tentou puxar Vini umas três vezes, mas ele ficou na mesa irredutível.

– Pode ir, Vini. Eu tô legal! - disse Malu percebendo a insistência da amiga - Não tem o menor problema, garanto. Aqui todo mundo conhece o meu pai.

– Você me chamou de Vini...

Ela ainda o ouviu dizer antes que Rosana o arrastasse para a pista de dança.

Vini finalmente percebeu que Rosana queria bem mais que dois para lá, dois para cá com ele. Era uma moça decidida, encarava-o com desejo. Dançava tão colada que mais um pouco poderia escutar o som do coração dele.

Maria Lúcia também acabou arranjando um par em menos de vinte minutos de festa, um primo de doze anos de Isaura que ela já tinha visto uma ou duas vezes antes. Era um meninote todo metidinho a rapaz, tirou Malu para dançar na moral e até que dançava bem.

Ela se divertiu rodopiando feito louca guiada pelo menino, já estava ficando tonta e ele não desistia. Ria dos trejeitos de conquistador do primo de Isaura, principalmente quando ele tentou beijá-la.

Vini a acompanhava com o olhar sem dar maiores atenções a Rosana. Apesar de seu par dançar colada ao corpo dele até a música mais rápida. Pensava se o meninote incomodava Malu de alguma forma como já começara a incomodar a ele. Quando o menino tentou beijar Malu, Vini quis se afastar de Rosana e interceder. Malu, porém, resolveu sozinha sem problema, agradeceu a dança e deixou o garoto no meio da pista, os colegas dele tirando onda da dispensada. O moleque atrevido ainda foi lá tentar de novo, mas André apareceu do nada, agarrou Malu pela cintura e a arrastou para a pista.

Ela achou graça do jeito que André dançava, muito elétrico. Ele ria por ter de tirá-la de uma confusão como aquela. Malu agradeceu no ouvido do rapaz o provável sacrifício de um fica por conta do salvamento.

– Besteira, Malu. Mulher bonita por mulher bonita, você também é uma gatinha. - ele sorriu naturalmente para Maria Lúcia.

Ele a girava e riam muito juntos. Aos poucos, a música foi ficando mais lenta e André a trouxe para perto de seu corpo. Malu não esperava nada daquele abraço, mas era bom sentir o cheiro de André. Os giros foram

ficando cada vez mais raros. Até que chegou o momento em que ela simplesmente o abraçava de olhos fechados.

Vinícios assistiu àquilo com muita dor no coração. Entretanto, esperava mesmo que acontecesse e faria qualquer coisa para que Maria Lúcia decidisse voltar para o Santa Inês, inclusive perdê-la para André. Resolveu deixar totalmente o caminho livre depois da conversa da noite anterior. Cedeu à insistência de Rosana, abaixou o rosto procurando os beijos dela.

André e Malu dançaram grande parte da noite bem coladinhos. Já passava de uma hora da manhã quando ele tomou o rosto dela entre as mãos. Trocaram um olhar intenso, estavam ambos com os corpos quentes de vontade.

Mas ele não a beijou na boca, foi um beijo na bochecha.

– Desculpa, Malu. - ele segurava os lábios de desejo de beijá-la - Mas eu não posso fazer isso com você.

– Por que não? Eu sou tão feia assim? - abaixou o rosto com vergonha da pergunta que escapou de sua boca.

– Você tá louca! Eu tô aqui me segurando. Você está linda, aliás... - ele a olhou dos pés a cabeça, um arrepio lhe desceu pela espinha - Você é muito linda! - sacudiu a cabeça e respirou fundo - O problema é que uma garota como você não merece só uma ficada em uma festa. Uma garota como você merece um namorado legal. Andar de bicicleta, tomar sorvete, assistir filme comendo pipoca, passear de mãos dadas, essas coisas. E, sinceramente, Malu, eu não sei se faço bem o tipo.

O que ela poderia dizer diante de uma coisa assim. Respirou fundo. Não sabia sequer se havia sido dispensada ou se André realmente só a respeitava demais. Pegou na mão do amigo e saiu da pista de dança, foram tomar um refrigerante.

Foi então que Malu viu Vinícios e Rosana trocando beijos e carícias. Sentiu certo alívio porque ele estava cumprindo a promessa da noite anterior de deixá-la em paz e tentar ser um cara legal.

\*\*\*

Na manhã seguinte, foi tudo muito corrido, Maria Lúcia decidiu voltar com os meninos de ônibus, apesar da insistência do pai em ir deixá-los. O ônibus saía às dez e meia. Então, muito cedo, ela e Vini, os únicos que estavam acordados, foram visitar Isaura no hospital.

– E aquele era o André? - cochichou com a amiga quando os rapazes

saíram para tomar um café. Maria Lúcia fez que sim com a cabeça.

– Ele é um gato mesmo. Se bem que, se me permite dar uma opinião, o Vinícios é ainda mais lindo.

– Ele ficou com a Rosana ontem...

– Ah! Uma pena! Sempre pensei, pelo que você falava dele, que fosse louco por você...

– Pois é... - como Isaura poderia perceber o que ela mesma nunca notara?

– Mas quem sabe as coisas não mudam, não é? Quem sabe quando vocês vierem para batizar a Laura?

Malu passou a mão na barriga da amiga com carinho, mas a olhou com censura e disse:

– Não inventa, Isaura. Sempre te falei que meu negócio é com o André. E ontem aconteceu uma coisa legal, ou estranha entre a gente... - Ainda estava confusa com relação à noite anterior.

– Hum... Como assim?

– Ele disse que queria me beijar e depois falou que não podia me beijar porque eu merecia coisa melhor...

– Ele te deu o fora do amigo, foi?

– Não... Nem isso.

Interromperam a conversa porque os meninos voltaram para o quarto conversando animadamente. Vini comprou bombons de chocolate para Isaura e Malu.

– Minha afilhada precisa ser paparicada. - entregou o de Isaura - E você está muito magricela, parece que passa fome. - entregou o chocolate para Malu. Ela o encarou com uma cara de quem pergunta se voltariam ao mesmo ponto de antes, cheio de ofensas, ele só foi até ela e a beijou naturalmente na bochecha.

– E então, Maria Lúcia, decidiu se vai voltar a estudar no mesmo colégio ou se vai estudar em outra escola? - perguntou Jorge.

– Taí uma pergunta que eu quero ver respondida... - disse Vinícios olhando diretamente para ela.

– Vou voltar para o Santa Inês. - respondeu decidida. - Meus pais acham que sou incapaz de lidar com essa pressão, mas eu cresci muito nas

férias passadas e não pretendo deixar que uma meia dúzia de idiotas estrague meu último ano. Até porque me disseram que eu vou ter o melhor ano que alguém já teve naquele colégio. - dessa vez foi ela quem olhou diretamente para Vinícios.

Poucos minutos de conversa depois o pai de Malu batia na porta os chamando para voltarem para a fazenda. Vini deu todos os seus contatos, telefones, e-mail, endereço, pediu para ser informado sobre tudo que acontecesse com a sua futura afilhada. Ele e Malu se despediram e seguiram com Seu Fernando.

– Hei, moleque, não pense que eu me esqueci do trato do motor que você prometeu. Ontem você enrolou, enrolou e não cumpriu o prometido.

– Mil desculpas, Seu Fernando. Ontem aconteceu tanta coisa que...

– Estou brincando, menino. - Seu Fernando deu uma risada gostosa - Claro que você não tinha cabeça depois de uma coisa daquelas. Só estou te dizendo que quero você de novo lá em casa para resolvermos isso. Você volta, não volta?

– Claro que volto. - ele sorriu, seus olhos estavam muito claros, Malu percebeu pelo retrovisor do carro. - Gostei muito de todos lá na fazenda.

\*\*\*

Dez e meia embarcavam no ônibus em direção à cidade. Rosana sentou-se logo ao lado de Vini que ia na janela, não quis deixar dúvidas de quem sentaria com quem. Tratou de se aninhar no abraço do rapaz que pensativo apenas olhava as paisagens passando cada vez mais depressa.

André e Maria Lúcia ficaram nos bancos um pouco mais a frente. Malu não sabia como agir e André também não se sentia confortável.

– Você ficou chateada comigo, Malu? Por conta de ontem, sabe? - finalmente ele resolveu falar.

– Não, André. Imagina. Todo mundo tem direito a uma opinião. E a sua sobre mim é aquela... - ela levantou os ombros para dar casualidade à situação, mas estava bem nervosa.

– E não é a verdade?

– Huum... Não. - hesitou em como deveria responder, mas acabou balançando a cabeça sinceramente - Discordo de você em dois pontos...

– Quais? - estava realmente interessado em saber.

– Primeiro, no que diz respeito a mim, bem, posso até ser uma menina

para namorar, mas também não vejo problema nenhum em trocar uns beijos com um gato como você em uma festa. - Ficou toda vermelha dizendo aquilo, ele sorriu.

– Continue. Tô gostando dessa história...

– E, em segundo lugar, não acredito que você não seja o tipo de cara que namora. Para mim, você sempre foi o tipo namoradinho perfeito.

André se aproximou de Malu e a beijou sem cerimônia. Foi um beijo demorado e quente. Depois, muitos beijinhos. Carinhos. Mãos dadas. Confidências ao ouvido. Risadinhas. Malu estava prestes a explodir de tanta felicidade naquele abraço. Queria que a viagem não acabasse jamais.

\*\*\*

---

# 11 Capítulo

Mais uma vez na frente da escola. Respirou fundo, estava decidida a não se deixar abater acontecesse o que fosse dentro daqueles muros. Deu o primeiro passo e logo o Seu Francisco, porteiro do Santa Inês a cumprimentou:

– Bom dia, Malu. Que bom que você decidiu voltar. Seja muito bem-vinda!

– Faça minhas as suas palavras, Seu Francisco. Seja muito bem-vinda!

Vinícios apareceu de trás do portão segurando uma rosa cor-de-rosa roubada do jardim e com um sorriso enorme no rosto. Ela não resistiu, recebeu a rosa e retribuiu o sorriso.

Ele se aproximou do ouvido dela e falou antes de lhe dar um beijo no rosto:

– Eu lhe prometi um ano incrível nesse colégio e é isso que eu vou fazer, entendeu? Você vai ter um ano perfeito! Perfeito!

– Vini, isso não é obrigação sua. - começaram a andar, indo em direção a sala de aula - Até porque, para o ano ser perfeito, você vai ter que me fazer passar no vestibular e isso não está ao seu alcance...

– Sério, Malu? Até parece que você não vai passar no vestibular. - ele passara a mão em torno da cintura dela a trazendo para um abraço - Mas também vou ajudar nisso. Toma.

Tirou da mochila o caderno novo de Malu que ela jurava que tinha perdido na confusão. Vinícios tinha separado as matérias e anotado todos os conteúdos dados na semana em que Malu faltara.

Maria Lúcia ficou sem voz folheando as páginas repletas da letra forte e marcada de Vinícios. Tudo ainda mais organizado do que se fosse ela mesma quem o fizesse.

– Falei que eu era um cara legal. - Ele sorria satisfeito - E à propósito, eu simplesmente adoro quando você me chama de Vini.

– Você sempre repara nisso. Por quê?

– Porque apelidos como os nossos são formas carinhosas e você nunca me chamava assim... Mas desde o fim de semana já foram duas vezes. Pergunta respondida? - ela fez que sim com a cabeça - Vamos. Dona Cecília quer falar com você.

Seguiram, Vini com o braço sobre o ombro de Malu numa posição protetora. Passaram por Angélica e Malu estremeceu, mas a garota nem deu atenção e seguiu fingindo que nem os tinha visto. Mais na frente encontraram Rosana. Malu imediatamente se afastou de Vinícios. Rosana veio direto abraçá-lo, ele a tratou educadamente, dois beijos no rosto e um sorriso, um modo mais frio do que ela gostaria.

Rosana começou a falar animadamente, forçando Vinícios a segurar sua mão.

– Malu, menina, o Felipe está feito louco atrás de você.

– Posso saber o porquê? - Malu franziu a sobrancelha, o que poderia o Felipe querer com ela.

– Posso saber quem é Felipe?

– Meu irmão.

– Essa Maria Lúcia arrasa corações, primeiro, meu amigo André, agora teu irmão... - tentava fazer piada, mas não via a menor graça naquilo.

– Não posso negar que o Felipe sempre teve uma quedinha pela Malu... - Rosana sorriu.

– Ai, gente, para! Da última vez que vi o Felipe ele era um menininho...

– Pois é, mas você acredita que ele ainda lembrava que vocês faziam natação juntos?

– Nossa! Faz séculos isso.

– Ele está numa pilha para saber se você ainda nada. Ele é viciado em natação, sempre tem mais medalhas no pescoço do que notas boas no boletim. Meu pai fica louco. Mas enfim, entrou na equipe do Santa Inês e parece que a equipe está treinando para um campeonato... Algo fora do estado...

– É o Encontro Nacional das Escolas Católicas. - respondeu Vinícios - Acontece de dois em dois anos, todo mundo do esporte fica louco nessa época. Vai ser na Bahia em junho. O pessoal do futebol de salão está se preparando para isso desde outubro.

– Pois é, está faltando uma menina na equipe e o Lipe resolveu falar com o treinador sobre você. Ele diz que seu estilo era sempre elogiado na escolinha, muita postura... Coisa assim... Você ainda nada?

– Nado. Mas acho que não dá certo. Nunca gostei de competir...

– Ah Malu, deixa de besteira! Vai perder a chance de fazer uma viagem dessas...

– Totalmente de graça. - completou Vini fingindo que não tinha interesse na resposta dela - O colégio arca com todas as despesas. E a gente não pode esquecer que você terá a minha companhia e... a do André.

\*\*\*

Vini, Rosana e Maria Lúcia trocaram bilhetinhos durante as aulas. Malu nem teve tempo de se lembrar da semana anterior de tanto que se esforçava para acompanhar as explicações dos professores e não se distrair demais.

Na verdade, não fosse a cara amargurada de Ana Maria no fundo da sala, olhando direto para Vinícios, ela bem poderia esquecer tudo o que houve de vez e nunca mais voltar a tocar no assunto, pois no fim, sentia que saíra ganhando dessa história.

O único ponto lamentável do dia foi a ausência de André. Faltou a aula. Vini ficou de ligar para ele na hora do intervalo.

Quando a sineta tocou, Malu percebeu que Rosana tinha dito sobre as palestras era verdade. Dona Cecília apareceu na porta da sala chamando os alunos para o auditório, o tema hoje seria Prostituição Infantil.

Não eram palestras obrigatórias, mas a diretora não sossegava enquanto o auditório não estivesse cheio. A breve conversa com Dona Cecília antes do início das aulas não fora fácil. A diretora pediu nomes a Malu, queria punir os culpados, se não era possível pela lei, pelo menos como alunos do colégio. Maria Lúcia lhe pediu que esquecesse o assunto, pois era o que ela mesma iria fazer. Disse que o trabalho que ela vinha fazendo no colégio seria muito melhor do que prejudicar àquelas pessoas que a seu ver estavam simplesmente perdidas.

Depois de insistir bastante, Dona Cecília desistiu aliviada. Sentia que lhe tiravam um peso enorme das costas. Abraçou Malu com carinho de mãe.

\*\*\*

– Felipe?

– Oi, Malu. Tudo bom? - dois beijinhos no rosto.

Felipe, ao contrário da irmã, mudara bastante desde a infância. Ainda tinha o mesmo rosto arredondado e o mesmo cabelo escuro e cacheado de Rosana, mas tinha crescido e estava muito largo, obra da natação.

– Rosana contou que eu queria falar contigo?

– Olha, Felipe, falou sim... - ela já tentava articular um discurso. - Mas, sabe, acho que não dá certo...

– Então, você ainda nada? - perguntou empolgado.

– Nado.

– Quantas vezes por semana?

– Duas horas três vezes por semana.

– Malu, que ótimo! - os olhos de Felipe brilhavam - Você tá em forma. É perfeito!

– Felipe, eu nunca fiz esporte para competir...

– Besteira! Falta muito para a competição. Você pega o ritmo. O treino é sempre terças e quintas às dezenove horas e aos sábados pela manhã. Vai lá, Malu. Você não vai se arrepender é um pessoalzinho superlegal.

\*\*\*

– Vini?

– Diga, Ana Maria... - parou no meio do caminho sem muita vontade de fazê-lo.

– Fala comigo... Olha para mim pelo menos... - Vini virou-se, mas fazia uma cara de desapontamento - Não faz isso comigo, por favor... Você é meu melhor amigo e eu sinto sua falta, dos seus telefonemas de madrugada, das suas piadas sem graça e dos seus bilhetinhos no meio da aula... Tem pelo jeito muita coisa boa acontecendo na sua vida. Olha só esse seu sorriso, olha a cor dos seus olhos, nunca vi claros assim. Estou morrendo por dentro de não ter notícias suas.

– É?

– Claro que é, Vini! Tô me sentindo uma leprosa. Poxa! Desculpa! Eu tô muito arrependida do que eu fiz, não tinha ideia da proporção do meu ato, nem das consequências dele... - Ana Maria começou a chorar. Passara a semana mais sozinha de toda sua vida - Tem alguma coisa que eu possa fazer

para você me perdoar?

– Não sou eu quem tem que te perdoar...

\*\*\*

– Ai, amiga, o que é que eu faço? Tô louca pelo Vini e ele nem me deu bola hoje...

– Não é bem assim, né, Rosana? Ele te tratou super bem.

As duas estavam na frente do colégio esperando o transporte para casa. Tomavam sorvete.

– Bem não é o suficiente, Malu. Eu quero que ele me deseje... Desesperadamente, se for possível. - deu uma lambida no sorvete de creme com passas.

– Eu não teria esperanças.

– Ai, Malu, deixa de ser baixo astral. Por quê?

– Para ser sincera, Rosana, metade da população feminina desse colégio é apaixonada por Vinícios Matos Leal e quando ele tá com vontade, ele pega mesmo...

– Jura? Será que sou só um fica?

– Provavelmente. - preferiu nem pensar na declaração de Vini, para que magoar a amiga? Continuou chupando seu sorvete de morango.

– E você com o André? Tá animada?

– A outra metade da população feminina do colégio é apaixonada pelo André, a diferença entre eles dois é que o André pega até quando não está com vontade.

– Nossa!

\*\*\*

– E aí, cara? Não foi para aula. Não me atendeu. Qual o motivo?

Vini encontrou André na piscina de casa, tomava banho de sol tranquilamente, suco de laranja na mão e óculos escuros no rosto.

– Nada não. Só não me senti muito bem pela manhã... - ele tirou os óculos e Vini viu as olheiras de quem passou a noite na farra.

– Mas você não toma jeito, André. Precisava sair ontem?

– O problema não foi nem a saída. Eu me passei legal! Vomitei tequila até cinco da manhã. Tô totalmente desidratado. - sorriu e tomou um gole de suco.

– E você fala isso para eu achar bonito? Porque já acho que você tá passando dos limites faz tempo, irmãozinho.

– Vini, que saco! Às vezes, você parece minha mãe.

– E falando nela, o que pensa disso?

– Nem me fale. Hoje já ouvi montes...

– André, cara, te ajeita. É ano de vestibular...

– Eu estava aqui pensando nisso. E pensando na Malu... - Vini já começou a se sentir desconfortável na cadeira a simples menção do nome dela - Ô boquinha gostosa de beijar, amigo. Tá que eu não dava nada por ela, mas é um pedacinho de céu. Fico pensando no resto. Aquele corpinho miudinho... Putz! Deve ser encaixe perfeito.

– Nunca imaginei. - pensava se ia aguentar muito tempo.

– Sei que você a detesta. Deve ser uma paixãozinha retraída que você guarda aí nesse peito. - André levantou da cadeira, bateu no tórax do amigo e pulou na piscina - Mas, cara, - André sacudiu a cabeça jogando o cabelo molhado para trás - eu não vou dispensar.

– Vi que vocês ficaram ontem...

– Tô pensando em namorar ela.

Foi uma bomba no estômago de Vinícios. Era exatamente o que ele queria, mas nada que pudesse fazer o prepararia o suficiente para uma conversa como aquela. Aguentou firme.

– Sei que não é uma menina pra ficar. Ela merece um namorado. E eu tô com vontade mesmo de me amarrar por uns tempos. Pegar um cineminha, segurar na mão... E tem mais uma vantagem, com aquela menina me ensinando, eu passo até em Medicina.

– Tenho certeza de que ela vai ter o maior prazer em te ensinar... - respirava fundo e devagar, precisava manter o controle.

– Que foi, Vini? Tá passando mal?

– Nada não, cara. Deve ser fome. Ainda não almocei.

– Pois vamos almoçar. - André saiu da piscina e começou a se enxugar - Mas e aí, o que é que você acha?

– Acho que passar no vestibular não é motivo suficiente para sair com alguém.

– Mas você é implicante com a garota, não é?

\*\*\*

---

# 12 Capítulo

– Que bom que você veio, Maria Lúcia!

Joel, o treinador da equipe de natação, ajudava-a com uma mão a sentar na borda da piscina. Malu estava ofegante depois do treino puxado. Tirou a touca e começou a respirar fundo tentando recuperar o fôlego.

– Você está muito bem! Excelente puxada de peito! Se você quiser mesmo entrar, a vaga na equipe feminina é sua.

Pensara muito sobre ser atleta do colégio. Não competira a vida toda e achava que aquele não era ano para começar. Mas falara com Dona Helena e ela achou uma ideia ótima. Queria porque queria a filha ocupada com outros assuntos além de estudo.

E tinha o André. A possibilidade de viajar com André. Decidiu que valeria a pena.

\*\*\*

Entrou no ginásio ainda com o cabelo pingando do banho. As bochechas vermelhas de fazer exercício. Felipe viera com ela, falando muito, tanto que ela quase não falava nada. O rapaz, muito empolgado, passava dicas para corrigir a braçada de Malu. Ela, por sua vez, estava muito mais interessada no treino dos meninos do futebol de salão.

Vini, jamais imune à presença dela, percebera imediatamente sua chegada. Esforçou-se a continuar concentrado na armação das jogadas, mas não resistiu diante de um sorriso recebido à oportunidade de um lance de gol individual. Driblou dois e meteu no canto, sem chance de defesa. Arrancou suspiros da legião de fãs que acompanhavam o treino.

André, por sua vez, não gostou nada daquilo. Não fora aquela a jogada combinada, investido do seu papel de capitão, foi lá dar bronca em Vini. Afinal, estavam num treino importante e marcar as jogadas era fundamental se quisessem vencer o torneio na Bahia.

Repetiram a jogada algumas vezes depois disso e o treinador deu o treino por terminado. André ficou conversando uns últimos detalhes com o técnico, Vini imediatamente pulou o alambrado. Algumas meninas gritaram o nome dele, só acenou e foi direto sentar do lado de Maria Lúcia.

– E aí, deu certo lá? - Quis saber empolgado.

– Ainda vou ter que treinar muito, mas...

– Que é isso, Malu? - intrometeu-se Felipe a abraçando por trás com uma intimidade que eles não tinham - Você está ótima! O Joel adorou. A vaga é sua com certeza, basta você querer...

– Muito delicado da sua parte, Felipe. - disse discretamente afastando o corpo do rapaz do seu - Mas tenho bastante consciência das minhas condições. Sei que não tenho experiência e só isso já é um diferencial negativo muito grande em uma competição nacional.

– Você vai tirar de letra.

Felipe tinha uma empolgação tão desastrosa e infantil que Vini teve de rir.

– Mas, e aí, vai entrar para a equipe? Vai viajar com a gente? - retomou a conversa.

– Penso que sim. Pelo menos vou tentar.

\*\*\*

– Oi, André.

– Oi, Angélica. Como você está? - André disse sem a menor vontade enquanto pegava sua mochila e a de Vinícius e seguia em direção a Malu.

– Eu estou arrasada. Desde quinta que você não me liga e...

– Sinceramente, Angélica, eu ia falar com você para quê? Por um acaso, você esqueceu alguma coisa lá em casa?

– Ai, Deco, não fala assim comigo. - A moça foi logo se jogando no ombro do rapaz. Enchendo de beijo seu rosto e pescoço. André nem deu bola. Continuou andando. - Olha, pelo tempo que a gente tem junto, eu mereço pelo menos a chance de tentar explicar esse mal-entendido que te deixou tão zangado.

– Pode até ser que você tenha mesmo esse direito, Angélica. Pode até ser. Por favor, para de me beijar um instante pra gente poder conversar. - André disse com tanta autoridade que a moça não teve outra escolha. André continuou a falar. - Só quero que você saiba de antemão que isso não muda nossa situação. Eu estou em outra.

– Que outra, Deco? Que outra?

Angélica falou tão alto que chamou a atenção do ginásio inteiro. Malu sentiu uma pontada de decepção quando os viu juntos. Sonhara mil coisas que a presença de Angélica inviabilizava.

– Ei, menos, garota! - zangou André.

Vini se apressou em ir buscar a sua mochila que estava com o amigo. Tentou pegá-la da maneira mais discreta possível. André, entregando a mochila, interrompeu o sermão que passava em Angélica aos sussurros a fazendo chorar:

– Cara, segura as pontas pra mim um pouco que eu vou já falar com vocês. - Pediu e Vini entendeu muito bem que o “vocês” se referia à Malu.

Correspondeu ao pedido do amigo com um olhar e levou Malu para a portaria do colégio. Logo depois, os pais de Felipe e Rosana apareceram e levaram o rapaz para casa. Malu estava pensativa, visivelmente chateada. Ligou para a mãe vir buscá-la, era tarde para voltar de ônibus.

– Olha, ele disse que vem já aqui falar com você...

– Deixa pra lá.

– Não desiste, Malu. Você é inteligente demais para ter acreditado que namorar o Deco ia ser fácil.

– Eu me pergunto se não é impossível!

– Bom, era na sua direção que ele caminhava enquanto falava com a Angélica. - Vini arranjava forças para essa conversa que ele mesmo não acreditava ter.

– Mas era ela que o beijava e abraçava.

Ficaram calados. Ele não conseguia mais prosseguir com a conversa, já lhe doíam demais os ciúmes do ciúme de Malu. Poucos minutos depois, Dona Helena chegou e a moça se despediu com um tchauzinho sem graça. André apareceu logo em seguida. Vinha calmo e tranquilo, andando sem camisa para refrescar do calor. Assim como Vini, também não conseguira tomar um banho.

– Cadê a Malu, cara? Não pedi pra você segurar as pontas?

– Foi pra casa. Já é tarde.

– Tarde? Agora que vai dar dez... Ainda tô pensando em sair com a galera.

– Tarde para quem acorda cedo no outro dia para assistir aula. - Sorriu batendo nas costas do amigo que não mudava nunca.

– Esqueci que a mina é responsa. - Tirou o cabelo da cara fazendo uma careta de decepcionado. - Também, a Angélica fica enchendo a minha paciência. Vacilei.

– Vacilou, mesmo. Agora eu já vou indo.

– Fica aí. Meu motorista te leva. Ou então, você dorme lá em casa. Milena e mamãe iam adorar.

– Na próxima, irmãozinho. Na próxima. Hoje prefiro ir de ônibus, pensando na vida.

– Eu, hein? Eu brigo com a namorada e tu que fica pensativo?

\*\*\*

– Pois eu acho que vai ser ótimo se você transferir sua natação para o treino da equipe do colégio. - dizia a mãe de Malu tentando equilibrar a sacola de compras e abrir a porta do apartamento - É uma prestação a mais que eu deixo de pagar, e, além disso, deve ser ótimo ser atleta, cheio de gatinhos sarados, ir competir em outros colégios com mais gatinhos sarados... Hum! Muito bom, hein?

– Mãe! - Malu censurava. - Assim a senhora me deixa com vergonha!

– Ai, Malu, deixa de ser careta! Tá mais do que na hora de você arranjar um namorado. De preferência um que não seja seu meio irmão e more a milhares de quilômetros de distância. E...

Entraram na sala e deram de cara com um Otávio sem jeito fazendo sala para Ana Maria.

– Ah, Malu! Que bom, você chegou. Sua amiguinha já está esperando a mais de uma hora.

Sem saber o que esperar de uma conversa com Ana Maria, Maria Lúcia levou a moça até seu próprio quarto. Estava tão cansada, cabeça cheia, que não teria mais forças para discutir se fosse o caso, estava disposta a ouvir calada e consentir qualquer desaforo que fosse receber naquele instante. Ofereceu uma cadeira e tratou de sentar confortavelmente na cama, tirando os sapatos.

– Vou direto ao ponto, Malu. - começou Ana Maria. - Não tenho nem o direito de estar aqui, principalmente porque é tarde e você parece bem cansada, além disso, a gente não tem a menor intimidade para ficar batendo papo no quarto até altas horas. - respirou tomando fôlego - Estou aqui para te pedir desculpas. Estou sinceramente arrependida daquele lance horrível da internet e disposta a arcar com todas as consequências legais disso.

Era tudo que Malu não esperava. Não soube nem o que pensar a respeito. Ana Maria a encarava esperando respostas que obviamente não vieram de imediato, por isso, ela continuou a falar.

– Só agora eu tenho consciência de que o que fiz foi muito sério, entende? E me arrependo muito, muito mesmo. - Ana começou a chorar. - Não posso responder pelos outros, mas no que diz respeito a mim... Quero receber minha punição, porque esse remorso tá me matando... Além disso, perdi a confiança de pessoas muito queridas, muito importantes pra mim.

Nunca me senti tão suja. Tão sozinha. - as lágrimas caíam do rosto de Ana Maria copiosamente, molhando sua camiseta da Hello Kitty. Malu numa ação quase de reflexo, estendeu a mão para seu móvel de cabeceira, buscando um lenço para oferecer a ela. Ana chorou por uns minutos sem resposta, ouviam-se apenas os seus soluços. Mas, de repente, voltou a falar. - Eu não tenho intenção que você me perdoe, sei que é pedir demais. Eu não me perdoaria, mas gostaria que você aceitasse ao menos minhas desculpas. Você não é a pessoa repugnante que aquelas imagens mostravam. Nunca achei que você fosse. Sinceramente falando. Na verdade, até te admiro, você é sempre tão inteligente. Não vou tentar me justificar, porque isso não tem justificativa.

Vou só tentar me explicar... Acontece que eu fiquei com muita raiva. Raiva porque o Antonio estava caidinho por você e eu queria que ele, ou pelo menos alguém, se sentisse da mesma forma comigo. Fiquei cega. Nojenta.

Como as pessoas que eu detestava em outros tempos. - Voltou a chorar intensamente. - Eu não sou uma má pessoa de todo, sabe?

Ana Maria chorava tanto que comoveu Malu. De fato, ela quase nem pensava mais no assunto. Já tinha se resolvido internamente a respeito. Saíra ainda mais forte de tudo isso. Sem dar explicações foi até a cozinha e trouxe um copo d'água com açúcar para a moça em seu quarto. Entregou com carinho.

Esperou que ela bebesse e se acalmasse para então dizer alguma coisa.

– Ana Maria, sério, eu te perdo. Não vou dizer que aquele absurdo não me magoou, mas pelo que estou vendo, fez mais mal a vocês do que a mim.

– É verdade... Isso está me consumindo por dentro.

– Por mim, não precisamos procurar autoridades e mais punições. Eu já até tinha me manifestado a respeito tanto com meus pais quanto com a diretora. Acho que a forma como o colégio encarou o meu problema foi bastante satisfatória. Além disso, os pais de vocês não merecem esse desgosto, porque eu sei o quanto meus pais ralaram para me educar, assim como os seus, os da Angélica e dos outros daquele grupinho, esses pais não merecem ver seus filhos fichados na polícia e expulsos do colégio por uma molecagem inconsequente.

– Nem me fale nisso. Estou morrendo de vergonha de encará-los depois disso tudo.

– Pois eu sugiro que você faça justamente isso. Procure seus pais, fale a verdade, procure a ajuda e a orientação deles para resolver os seus problemas. Mesmo que isso signifique um castigo de proporções incalculáveis. Não por mim, mas porque acredito que só assim você vai encontrar a paz que perdeu. Mas isso é somente uma sugestão. Com relação a mim, não se preocupe. Não vou perder meu tempo te condenando. Tenho bem mais o que fazer da vida, sempre tive...

A impressão que tinham é que a conversa acabara. Malu esperava que a moça terminasse de se recuperar para acompanhá-la até a porta. Ana Maria não sabia ou não esperava aquela reação. Talvez, por um lado, saíra no lucro, mas ainda faltava um ponto.

– Malu... - fez uma pausa pensando se tinha o direito de entrar nesse assunto. Decidiu por falar. - Só mais uma coisinha...

– O que?

– Vini.

– O que tem ele?

– Vini não fala mais comigo desde o que aconteceu.

Malu se perguntava onde Ana Maria queria chegar, uma vez que ela não tinha nada haver com as decisões e brigas de Vinícius.

– E ele não vai voltar a falar comigo enquanto você...

– Eu?

– É... Enquanto você não disser a ele que falou comigo. Que eu pedi desculpas.

– Foi por isso que você veio aqui, Ana Maria? Para me pedir para falar

com o Vini? Justo eu?

– Não foi por isso. Mas é só você que vai poder interceder por mim diante daquele teimoso. Malu, por favor, sinto demais a falta dele.

– Não sabia desse seu amor todo pelo Vinícios.

– Não interprete mal. Não vou negar que já fui louca de amor, mas o coração dele nunca, nunca esteve disponível. E eu aprendi desde cedo a conviver com isso. Até transformar toda a paixão em amizade. - pensou um pouco se deveria continuar. Já que estava na chuva, ia terminar de se molhar. - E já que é um momento de verdades... Aquele cara, que é mais que um irmão para mim, o melhor sujeito que eu conheci nessa minha vida, engraçado, leal, romântico, carinhoso, etc, etc e tal... Só tem olhos, ouvidos, pulmões e hormônios pra você. Só você não enxergou isso até agora. O que é uma pena, porque não consigo imaginar alguém incapaz de não ser feliz tendo o Vini como namorado.

Aquilo atingiu Malu como uma bala. Guardara essa revelação de Vinícios numa caixa mental na intenção de esquecê-la cedo ou tarde. E agora vinha Ana Maria relembrar a questão e avivar memórias. Achou melhor nem dar resposta ao pedido. Ana também não se sentiu no direito de insistir e agradecida despediu-se de Maria Lúcia.

\*\*\*

---

# 13 Capítulo

Malu sonhava pela quinta vez com Vinícios naquela noite depois da conversa com Ana Maria. Sonhos como os da noite fatídica na fazenda, vários momentos da infância, ela frágil nos braços dele e um beijo. Beijo que nunca existiu. Foi acordada de sobressalto com um telefonema. Atendeu imediatamente, mesmo com o coração na garganta.

– Alô.

– Malu?

– É ela. Quem está falando?

Já passava das três da manhã, o número era desconhecido e o barulho na ligação, uma música alta e vibrante, impediam-na de reconhecer a voz.

– É o André.

– André? Onde você está? Aconteceu alguma coisa?

– Não. Não. Tô bem. Tô numa festa. Mas o que importa é que eu não consigo parar de pensar em você. Em nós dois.

– ... - Só podia estar sonhando ainda. Agora com a pessoa certa. Ou então ouvira a coisa errada.

– Malu? Malu você tá aí ainda?

– Tô sim.

– Ainda bem. Você não sabe o trabalhão que deu para arranjar seu número. Liguei para metade da minha agenda do celular. E já é tarde, né? Levei muito telefone na cara. Mas isso não importa. Valeu à pena. Afinal, tô falando contigo.

– Também gostei de ouvir sua voz. Ou quase, o barulho está muito alto.

– Espera um instantinho. Vou lá pra fora. - silêncio no telefone, Malu percebeu que ele caminhava em direção a um lugar menos barulhento. - Pronto. Daqui tá melhor?

– Tá sim.

– Pois é, Maluzinha, tô te ligando porque não vou conseguir deixar pra amanhã. Eu preciso te perguntar uma coisa.

– O quê? - Não pôde conter um bocejo. Estava exausta. E sem interferência de som, tinha agora a clara impressão de que André tinha bebido demais.

– Quer namorar comigo?

– ...

\*\*\*

Não dormiu mais naquela noite com medo de acordar e ter sido apenas um sonho. Arrumou-se feito um zumbi. Chegou na escola com o coração na mão. Pensava se tinha dito tudo certo, se tinha aceitado mesmo a proposta. Rememorava cada palavra. Queria vê-lo de uma vez. Saber o que significava de fato estar namorando alguém. E não um alguém qualquer. O sonho perfeito: André. Mas Milena chegou com o motorista e André não viera junto. Não tinha coragem de perguntar o que acontecera. Não a Milena.

– Bom dia, flor do dia. - Vinícios fez estalar um beijo no rosto dela. Surgiu tão de repente que a assustou.

– Oi.

– Ainda desanimada por causa de ontem?

– Na verdade, não. Você sabe se o André está doente?

– Não. Por quê?

– A Milena chegou e ele não veio.

– Deve ter farreado até quatro da manhã ontem...

– Ou então está doente. - Disse zangada com Vini por ter dito a verdade que ela não queria admitir. - Estou muito preocupada.

– Eita. Se você prefere essa versão, por mim, tudo bem. É a que ele conta aos pais também.

– Ele me ligou ontem.

– Sério? E disse o quê?

– Perguntou se eu queria namorar ele.

– ... - Esperava tudo menos isso. Uma serenata de bêbado talvez ou até um pedido de cola para a prova de Biologia. Mas não uma ligação romântica no meio da noite. Perdeu o chão. Ficou sem resposta.

– Eu aceitei... - Percebendo a reação de Vini, ficou vermelha.

– Que bom! - Forçou.

Ficaram em silêncio até a chegada de Rosana. Vini tentava agir naturalmente, principalmente com Rosana ainda investindo todo seu charme sobre ele, mas não conseguia nem pensar direito. Seu peito parecia que ia explodir de tanta dor. Estava difícil até respirar. Pouco antes de tocar o sinal, pediu licença e saiu, deixando as duas amigas conversando, provavelmente sobre André.

\*\*\*

Vini não teve cabeça para assistir à primeira aula. Praticamente cambaleou até seu canto favorito no colégio. Uma árvore de copa grande que ficava atrás do ginásio. Sentou abraçando as pernas e ficou se torturando enquanto imaginava imagens felizes de André e Maria Lúcia. Ainda bem que no Santa Inês não havia o hábito de colocar os alunos à força para dentro das salas de aula. Poderia ficar ali o tempo que quisesse sem ser incomodado. Vinte minutos se passaram antes que ele sequer se mexesse. Então, sentiu uma lágrima dolorida rolar no seu rosto sem que ele pudesse controlar.

– Vini? - uma sombra conhecida estava diante dele. Era Ana Maria, com a cara péssima de quem chorara a noite inteira. - O que foi que aconteceu, meu amor, por que você está chorando?

Ele nem levantou o rosto.

– Aconteceu alguma coisa com a sua mãe? Foi seu avô?

Fez que não com a cabeça.

– Maria Lúcia?

– ...

Ana Maria até se esqueceu de que tinham brigado algum dia. Imediatamente sentou ao lado dele o puxando para um abraço. Beijou sua cabeça.

– Estão namorando, Ana. Ele ligou pra ela no meio da noite pedindo e ela aceitou. Como é que eu vou aguentar uma coisa dessas, me diz?

– Ah, Vini! Sei que não é consolo pra ninguém, mas você já sabia de

muito tempo que isso ia acabar acontecendo um dia.

– Eu não vou suportar.

– Vai sim. Vai porque eu vou te ajudar. Como eu prometi que faria sempre.

– Justo você?

– Eu sim. Você sabe que eu te adoro. Tanto, tanto, tanto que ontem eu pedi desculpas para Malu. Tenho outros motivos, mas o principal é que não consigo ficar mais um dia sequer sem falar contigo, seu bestinha. - Ainda encontrou lágrimas para chorar.

Vini sorriu. Ana Maria era uma amiga imprescindível. Ainda bem que ela conseguiu encontrar o caminho de volta até ele justamente quando ele mais precisava.

– Aposto que diante do namoro com o André, ela nem te falou nada sobre isso, não foi?

– Não. Não falou. E depois, se falou, eu não ia mesmo ouvir mais nada.

– Pois é. Menina legal essa Maria Lúcia. Meio bobinha, não sabe escolher namorado, né? - sorriu para ele que retribuiu. - Mas ninguém pode negar que tem um bom coração debaixo daquela racionalidade toda.

– O que foi que ela te disse?

– Que por ela estava tudo esquecido. Que não tinha o menor interesse em me expulsar do colégio ou sujar minha ficha na polícia. Só me aconselhou a contar tudo aos meus pais e isso se eu quisesse aliviar o coração, o meu, não o dela.

– E o que você fez?

– Fiz justamente isso. Estou de castigo até a eternidade. Mas conversei com meus pais, coloquei para fora boa parte dessa angústia que eu carregava, chorei horrores de remorso e de vergonha, levei um sermão gigantesco e no final eles me abraçaram e me trataram da melhor forma possível.

– Que bom!

– Melhor agora que falei contigo. Mesmo ainda não tendo oficialmente te pedido desculpas. Desculpas, amigo. - Abraçaram-se com força. - Desculpa ter te feito sofrer. Desculpa.

– Teve uma parte boa...

– É. Fiquei sabendo que o senhor deu um jeito de ir buscar Maluzinha

lá nos interior das botas perdidas. E voltou todo amiguinho. Trocando bilhete em sala de aula.

– Falei toda a verdade, Ana. Todinha. Ela quase caiu pra trás.

– Pudera. E o que mais?

– Mais nada. Se o André não tivesse ido e trocado uns beijos com ela, não tinha nem voltado pro colégio. Tive de me contentar com uma frágil possibilidade de amizade. E o pior não te contei, tive que ficar com a amiga para que ela não fosse fugir toda vez que me visse.

– Péssima ideia, Vini. Péssima. Sei lá! Não vou com a cara dela. É essa tal de Rosana lá da sala, não é?

– Ela mesma.

– Cara, se a Rosana estiver apaixonada por você, a Malu não vai te querer nunca. Do jeito que ela é certinha.

– E daí, Ana? Ela tá com o Deco. O sonho dela. Nem que eu me pintasse de ouro ela olhava para mim.

– Resta saber, amore mio, por quanto tempo o André vai querer saber dela. Um mês, dois... Convenhamos que não são estilos de vida semelhantes.

– Sei não...

– Pois tem que saber. Olha pra mim, Vini. - Segurou o rosto dele em direção ao seu. - Nós já discutimos isso uma porção de vezes. A pior parte você já fez. Parou com aquele jeito mala de chamar atenção e falou a verdade para a menina. Agora ela vai ficar com o André, descobrir que ele está longe de ser perfeito como ela pensa, sofrer pra caramba. Nessa hora você vai estar lá, entendeu?

– Eu não vou conseguir.

– Vai sim. Eu não vou deixar você desistir. Você ama aquela menina e merece mais do que ninguém ficar com ela. Basta ter um pouquinho de paciência, porque enquanto ela estiver cega por esse André que não existe, não tem pra ninguém. Mas isso não vai durar muito. Prometo.

– Eu sei, Ana. Mas é difícil.

– Ah! Mas você é uma fortaleza.

– Não sou, não.

– É sim. Agora vamos para aula que o sinal já vai tocar. - ela se levantou e ofereceu a mão para ajudá-lo a levantar - Para efeito de justificativa, você

não foi para a primeira aula porque ficou conversando comigo. Jamais porque ficou abalado com esse namorico. Certo?

– Eu, Vini, abalado com o namoro de alguém. Eu fico com quem eu quiser nessa escola. - sorriu.

– Isso mesmo, boçalzinho. Mas, falando nisso, tá na hora de colocar amiga Rosana para correr.

– Eu sei. Eu sei.

– E o que vai ser?

– O time de vôlei feminino.

– Ótima pedida. Só não faz elas brigarem entre si, senão ninguém ganha uma partida no ENEC.

\*\*\*

– Malu?

Parado em frente ao colégio. André, encostado no carro, segurando um ramalhete de flores, de óculos escuros, lindo como um deus, chamava por ela no final da aula.

– Pensei em vir convidar minha namorada pessoalmente para almoçar lá em casa hoje.

Entregou o ramalhete e arrancou um beijo cinematográfico na frente da Angélica que quase enfartou de susto. Rosana suspirou fundo. Malu pensava a todo momento que ia acordar.

– Olha, eu não aceito não como resposta. - pegou os livros de Malu e fez um gesto para Milena ir sentar lá na frente com o Paulo, o motorista. - Quando falei pra mamãe que você aceitou namorar comigo, ela fez questão de que eu te convidasse para almoçar. Quer meu celular para ligar para avisar?

– Calma, Vini. Calma. - Ana Maria diante da cena procurou o ombro do amigo para consolar, mas Vini aparentava não dar à mínima. Escolhera um lugar estratégico para dar uns beijos em Carol, levantadora do time de vôlei. - Ah, tá! - foi o que restou a ela dizer, além de conferir se Rosana vira claramente que o amigo estava com outra.

\*\*\*

---

# 14 Capítulo

O tempo passou mais rápido do que tivera condições de imaginar. Quando se deu conta já estavam no final de março. André estava fazendo 18 anos. Fazia um tempo que não conversavam sozinhos de coisas da vida. Desde que André começara a namorar Maria Lúcia. Aproveitou a manhã de domingo, pegou a bicicleta e foi lá. Sabia que iria encontrar o amigo ainda na cama da farra do dia anterior.

– Bom dia, Vini. Quanto tempo... - Dona Heloísa suspendeu os preparativos do café da manhã especial de aniversário para cumprimentar o rapaz.

– Estou bem. E a senhora, como vai?

– Não vou mentir, Vini. Ando meio preocupada com esse seu amigo. Só vive em farra. Bebe demais. Está faltando colégio... Assim não vai passar no vestibular. Agora com o carro, então, vai virar um vagabundo de marca maior.

– André ganhou um carro?

– Sim. O pai faz todas as vontades, não tem jeito. Um gol zero. Está tirando a carteira, faltam umas dez aulas de autoescola ainda.

– Que bom!

– Bom dia, Vini. - Milena entrou na cozinha e correu para dar um beijo em Vinícios.

– Bom dia, Mile. - retribuiu o beijo na bochecha da menina. - Hei, me avise se tiver algum marmanjo tentando tirar uma de engraçadinho com você, viu? Se tiver, eu quebro esse sem-vergonha.

– Vini, o único engraçadinho que tira onda comigo é você.

– Nesse caso, vou ficar na minha. - sorriu.

– Onde está Maluzinha que ainda não chegou, mãe? - disse irônica enquanto se servia de suco de laranja.

– Não vem pela manhã. Acho que já percebeu que nem adianta. - Dona Heloísa levantou os ombros.

– E como está meu amigo de namoro? - quis saber Vinícios.

– Aproveitando tudo. - Milena fez uma pausa para tomar o suco e depois levantou as sobrancelhas para dizer. - E todas...

– Não brinca. Mas ele não tá sério com a Malu?

– Pois é... - Dona Heloísa parecia decepcionada. - A Maria Lúcia é ótima influência, ótima menina, educada, responsável, estudiosa...

– Mas é boba. - completou Milena. - Uma bocó. Ela vem pra cá de tarde, ensina ou faz os trabalhos dele. Namoram um pouquinho, daí voltam pro colégio, treinam. A mãe dela passa para buscá-la e ele vai para o meio do mundo. Volta de madrugada. Nem sempre sozinho. E se na manhã seguinte ele não acordar para ir pra escola, Maluzinha ainda traz as anotações para ele não perder o conteúdo. Diga se não é uma vida boa?

– Muito...

– Meu filho não está sabendo aproveitar o que a vida está lhe dando. Uma moça como Maria Lúcia não se encontra em cada esquina. Daqui a uns dias ela descobre as traquinagens dele e termina.

– É uma pena, não é mesmo?

Vini no fundo sabia que aquilo ia acontecer cedo ou tarde. Mas não imaginava que o amigo estivesse se enfiando em buracos tão profundos. Sabia que ele andava faltando muito, tanto às aulas quanto aos treinos, o treinador do futebol começara a reclamar da ausência do capitão. Faltara até a um amistoso no Sábado.

Com relação à Malu, não gostava nem de se estender nas conversas. Afastara-se o máximo da questão para não sofrer e para não interferir. Mesmo assim, ficou arrasado por saber das frequentes traições de André. Tinha a esperança que pelo menos isso ele não fosse fazer com Maria Lúcia.

– Ei, Vini, já que o senhor está aqui... - Milena foi se chegando nele com olhinhos piscando de segundas intenções.

– Diga, Dona Milena, o que é que a senhora deseja? - Ele sorriu daquele jeito dela de pedir as coisas.

– Dois favores bem pequenininhos. - juntava os dedos para mostrar o tamanho mínimo do favor.

– Olha lá, Vini. É desse jeito que ela dá os maiores golpes no pai dela.

– Mas, mãe, dessa vez não é nada... Tenho certeza que o Vini vai tirar de letra.

– Pode pedir, Milena. Você sabe que eu faço tudo que você me pede.

– Primeiro: você pode pedir para sua mãe coreografar as danças do meu aniversário de 15 anos?

– Era só isso? - não entendeu o porquê de tanto mistério. A mãe fazia isso há anos, jamais iria se recusar a um pedido da filha de amigos tão queridos. - Sem problemas. Ela vai adorar. Falo com ela hoje mesmo.

– Excelente ideia, Mile. - interferiu Dona Heloísa - Eleonora sempre dançou maravilhosamente e tem muito jeito para ensinar.

– Ótimo! Só a tia vai ser capaz de fazer do jeitinho que eu quero. - batia palmas empolgada - Estou pensando em fazer tipo o Ritmo Quente 2, sabe?

– Salsa, então?

– É. Agora vem a segunda parte do pedido. Quero que você dance comigo.

– Aaaah, Mile! Não.

– Por favor. Por favor, Vini. - ela se jogou aos pés dele - Eu te imploro.

– Você sabe que... - tentava cortar a insistência dela, mas Milena já se agarrara a perna dele e já fingia que ia chorar. Teve de rir da cena.

– Sei que você detesta holofotes e principalmente que detesta dançar com a sua mãe de coreógrafa... Mas é pra mim, Vini. Sua irmãzinha querida de criação.

– Falei que ela é boa de golpe. - lembrou Dona Heloísa rindo do teatro apresentado pela filha.

– Sério, Vini. Se fosse uma valsa, eu dançava até com o André, mas salsa... Não conheço ninguém que dance tão bem quanto você. Nem esses profissionais aí que a gente contrata. Sem falar que eu ia matar minhas amigas de inveja se dançasse com você. Por favor. Por favor. Por favor?

– Mile...

– Nem precisa me dar presente.

– Ela deve estar querendo muito mesmo que você dance com ela, viu, Vini. Nunca vi Milena dispensando presente.

– Por favor? - implorava de mãos postas.

– Certo, Mile. Eu danço. Mas nem pense em tentar me fantasiar, viu?

– Você aceitou? Ai que maravilha!!! Promete mesmo?

– Prometo. - balançou a cabeça conformado com a promessa.

\*\*\*

Era quase meio-dia quando o aniversariante resolveu acordar. Cara amassada, olheiras fundas, cabeça pesando. A mesa especial de aniversário estava posta, mas ao invés do café da manhã, Dona Heloísa preferiu servir logo o almoço.

– Vini, meu irmão. - recebeu um abraço - Quanto tempo, rapaz!

– Feliz aniversário, cara. Pelo visto, já andou por aí comemorando a maioridade.

– Nem me fale. Nem me fale. Quero ver agora com o carro.

– Espero que ele tenha pelo menos o juízo necessário para não provocar nenhum acidente.

Milena disse isso na maior inocência, mas o clima imediatamente ficou pesado. O pai de Vinícios havia morrido em um acidente de carro provocado por um motorista embriagado. O responsável não sofreu mais do que arranhões, não chegou nem a ser preso. E mesmo que tivesse sido, isso não traria Doutor Adriano de volta à vida. Por isso Vini detestava bebidas.

– Não se preocupe, Mile. - Vini quebrou o desagradável silêncio da sala.

- André é meu brother, nunca seria tão idiota a ponto de dirigir embriagado. Não é, cara?

– Claro. Claro.

– Até porque, se ele fizer isso, não vai precisar de carro... Eu mesmo quebro a cara dele.

\*\*\*

– E aí, o que é que vai rolar por aqui mais tarde? - Vini, no quarto do amigo, mexia numa antiga coleção de álbuns de figurinha do Campeonato Brasileiro.

– Só um bolinho... - André se jogou na cama exausto. - Com o carro e a festona que a Mile tá aprontando, achei melhor dar uma folga pra carteira do velho.

– Beleza. Posso vir?

– Deixa de frescura, Vini. - jogou uma almofada na direção do amigo. -

Nem te chamo porque você é totalmente de casa. Apesar de que anda sumido.

– Você é que está sumido. Eu vou pelo menos pra aula todo santo dia.

– Nem me fala... - enterrou a cara no travesseiro. - Tô um vagabundo mesmo. Meu pior medo é o treino.

– Pois é, chapa... - Vini levantou a sobrancelha. - Fica de olho que daqui a pouco tu sai do time. Ontem no jogo foi osso. O Bené ficou uma fera com a tua falta.

– Foi mesmo? E tu disse o quê?

– Que você andava reclamando de dor nas costas... Que estava até fazendo fisioterapia.

– Valeu. Amanhã, eu vou com certeza.

– Depois de hoje à noite? Sei... Até parece que você vai comer esse bolinho no seco. - disse com tom de deboche.

– Falei que eu ia para o treino, não pra aula... - explicou André.

– Rapaz, assim você não passa no vestibular...

– No vestibular, não sei. Aliás, duvido muito que alguém aqui em casa ou lá no colégio pense que eu seja capaz de tal proeza. Mas táí que é capaz de eu passar de ano por média. Graças à Malu!

– Imagino. - Chegaram ao assunto que Vini preferia evitar. - Vocês estão fazendo todos os trabalhos em grupo, não é mesmo?

– Claro. Que namorados não fariam? - cruzou os braços atrás da cabeça deitado na cama. Vini achou que ele estava parecendo o próprio cafajeste. - Tirei a sorte grande. Malu é gente boa demais! Perfeita. Um crânio. Meus pais adoram. E não enche como essas outras meninas. Na verdade, ela só tem um problema?

– Qual? - perguntou mais por educação do que por querer ouvir a resposta.

– Beija, atíça, mas na hora do vamos ver... Nada.

– Sério, Deco. Prefiro nem falar disso. - levantou as mãos e respirou fundo.

– Que é isso, Vini? Tá ficando cheio de frescura? Quantas vezes nós não já falamos sobre isso?

– Não consigo imaginar você nessa situação com a Maria Lúcia.

– Esqueci sua cisma com ela. Pensei até que tinha acabado. Você foi tão legal com o lance da internet...

– Não é isso.

– Ah, não? E o que é isso então? Ciúmes de mim? Cai fora! Não curto barbado, não.

\*\*\*

Por volta das oito da noite, Dona Helena e Otávio deixaram Maria Lúcia no portão principal da casa de André. Apesar de ele ter dito que seria apenas um bolinho, só gente íntima, a casa estava toda iluminada e pela conta dos carros estacionados deveria ter umas cem pessoas lá dentro.

Entrando na sala, ela viu os garçons servindo champanhe e os convidados muito bem arrumados conversando baixinho. Muitos médicos amigos do Doutor Edgar e mulheres de sociedade. Questionou-se se estaria vestida adequadamente. Desde que começara a namorar André, tinha essa preocupação de se encaixar nos ambientes que ele frequentava. Mas sim, o vestido verde na altura do joelho, o cabelo preso e as esmeraldas falsas da mãe faziam uma boa figura.

Na ala jovem, a turma do colégio estava em peso, menos os que não eram descolados o suficiente, como a Rosana. André nunca se lembrava de chamar a amiga de Malu para os eventos. Mas sempre se arrependia depois, pedindo mil desculpas.

Quando Malu chegou, não viu André de cara. Alguém lhe disse que ele estava na garagem mostrando o carro novo a uns amigos. No mais, não recebeu muita atenção do pessoal da sala. Todos os olhares estavam voltados para Vinícios que a pedido de Milena e insistência de Ana Maria, prometera dançar uma música com a sua mãe, Dona Eleonora.

A mãe de Vini era uma mulher alta e esguia, pernas enormes e torneadas, a pele tinha um tom de bronze e a aparência saudável. Era uma bela mulher, dessas que têm um charme e uma sensualidade natural. Muitos olhares masculinos viravam para segui-la quando Vini foi tirá-la para dançar. Era uma mulher tão bonita que Malu nem pensou em ir procurar por André. Queria vê-la dançando, além disso, não sabia que Vini tinha dotes de dançarino tão aprimorados a ponto de promover comoções como aquela.

Ana Maria foi logo procurar um CD, escolheu uma música de Alejandro Sanz que ela adorava, bem dor de cotovelo. Milena sentou no braço do sofá para ver melhor, torcia as mãos de tão empolgada.

Nos primeiros acordes da música, Maria Lúcia compreendeu o porquê da empolgação. Os dois dançavam lindamente. Vini conduzia com uma firmeza e Dona Eleonora mais parecia uma pluma. Dançavam de olhos fechados, totalmente entregues. A música falava de um amor doído, sofrimento em ambas as partes, de aprender a ser cruel. As expressões que os dois faziam acompanhando os passos cada vez mais elaborados traduziam isso com mais força do que as palavras do cantor. Às vezes, ele a conduzia apenas pelos rostos que se tocavam, em outras vezes seus corpos estavam totalmente conectados, um ao outro e ao ritmo.

Maria Lúcia ficou encantada, principalmente com a presença que Vini impunha. Ela nem imaginava que ele fosse capaz de tanta suavidade.

– Caraca! O Vini é muito gato! - Malu ouviu Carolina comentando com outra menina que ela reconhecia como sendo do time de vôlei também.

No final da música, todos aplaudiram de pé. Era visível o constrangimento do rapaz, sua mãe, pelo contrário, agradeceu com naturalidade. Depois, agradeceu a dança ao filho com um beijo no rosto e retomou seu lugar entre os amigos dos pais de André. Nessa hora a mulherada caiu em cima dele pedindo dicas e passos e Malu achou melhor procurar pelo seu namorado aniversariante e sumido. Pegou a direção da cozinha porque era um atalho para chegar à garagem.

Inicialmente, pensou até que ele nem estivesse lá, pois a garagem estava escura, mas então ouviu uma voz. A voz de Angélica.

– Sabe, Deco. Muito legal o seu carro.

Angélica estava sentada no banco do passageiro, lugar que Malu ainda não tinha experimentado. André no banco do motorista. Pensou em ir de uma vez lá e acabar com esse enxerimento da loira, mas algo lhe impedia. Ficou somente ouvindo.

– Acabo de me lembrar de uma coisa, Deco. Ainda não entreguei seu presente de aniversário.

E dizendo isso, ela se ajeitou no banco para dar um beijo na boca de André. Fazendo Maria Lúcia sentir a terra rodar de tanto ciúme. Mas o pior é que André, ao invés de afastá-la, segurou o pescoço da moça com as duas mãos a impedindo de terminar o beijo e a trouxe para sentar em seu colo no banco do motorista. Malu quis gritar, mas, como num pesadelo ruim, o grito

não saía. Então, correu feito uma louca dali, refazendo o caminho de volta para a casa. Uma lágrima dolorida queimou seu rosto.

– Malu? - Vini, na porta da cozinha para tomar um ar, bebendo um copo de água, percebeu a palidez dela. - Aconteceu alguma coisa? Você viu alguma coisa?

Rapidamente ela enxugou a lágrima. Os pensamentos latejando todos de uma vez na cabeça. Juntou os cacos do coração e respondeu o mais controlada possível:

– Vi. Vi sim. Vi você dançando. Você dança divinamente bem. - forçou um sorriso - Por que é que eu te conheço há tantos anos e nunca te vi dançar daquele jeito?

– Bom. - ele sorriu sem jeito. - Talvez você não tenha me dado a oportunidade de mostrar muitas coisas sobre mim. Inclusive esses meus talentos na pista de dança.

– É mesmo. - Prendeu os lábios para não começar a chorar.

– Malu? O que foi que aconteceu? - vendo a expressão da moça, aproximou-se, tentando ser o mais suave o possível.

– Nada. Nada. - esticava o braço na tentativa de impedi-lo de chegar perto dela, mas já não controlava as lágrimas.

Vini levantou a cabeça procurando alguém ou algo que pudesse ajudá-lo. Viu André sair da garagem com Angélica e compreendeu tudo.

– Olha, Malu. Por que a gente não vai ali na piscina um pouco? Acho que você precisa tomar um ar. - Tentou ser discreto, mas como ela não compreendeu, insistiu. - Acho que se a gente ficar aqui muita gente que não precisa ver você indisposta vai acabar dando por nossa falta?

– Certamente. - ela enxugou o rosto com as costas da mão resignada. - Obrigada, Vini.

Ela foi na frente, ele entrou na cozinha, pegou uns salgadinhos, uns refrigerantes, guardanapos de papel e uma rosa do arranjo que iria para a mesa do jantar. Foi encontrar Maria Lúcia chorando muito no discreto banquinho do jardim da casa de André, o mesmo em que Milena o encontrara na festa de fim de ano.

---

# 15 Capítulo

Vinícios arrumou como pôde a bandeja que trouxe ao lado de Malu no banco e ficou em pé em frente a ela sem dizer uma palavra, tentando até nem mexer muito. Demorou uns dez minutos até que Maria Lúcia parasse de soluçar. De repente, ela parou. Limpou o rosto com os guardanapos. Estava imaginando o que diria para o rapaz plantado na sua frente. Não queria encontrar justificativas para o que iria fazer. Aos poucos, foi se acalmando.

Vini continuava calado, mas agora se sentara com ela no banco e dividiam os salgadinhos.

– Toma. - entregou a rosa para ela. – Peguei para você...

Malu sorriu. Mas o gesto quase a fez chorar novamente. Ele não precisava ser tão legal assim. Controlou-se. Ela não tinha culpa. Sabia que Vini a amava, mas... Ela não podia escolher por quem seu coração batia.

– E seu pai, como está? - perguntou, nada interessado nos motivos que a levaram a chorar. - Continua com problemas com aquela lata velha que ele chama de trator?

– Acho que sim. - riu lembrando-se do trator velho do pai e completamente aliviada pela atitude de Vini. - Pergunta sempre de você. Quando é que você volta... Essas coisas.

– Diga a ele que promessa é dívida. Vou lá quando nossa afilhada for nascer. Aí eu dou um jeito naquela máquina.

– Temos até que pensar que presente daremos à Laura. A gente pode juntar um dinheirinho e dar uma coisa melhor. O que é que você acha? - fungava Malu.

– Acho legal. - Vini não conseguia esconder a felicidade de ter uma conversa daquelas com Malu.

– Pensei em dar um carrinho.

– Legal. Parece presente de gente grande, né? - ele confirmou com a cabeça. - Então, fica combinado. - ela sorriu, dessa vez um sorriso sincero. - Falta só marcar um dia para a gente escolher o modelo.

– Ótimo. - adorou a ideia de um dia com Malu em situações mais amenas do que as que eles costumavam partilhar.

– E, então, onde foi que você aprendeu a dançar daquele jeito? - Malu se apressou a falar antes que o silêncio constrangedor tomasse conta dos dois.

– Segredo sombrio. - Vini escondeu o rosto fingindo vergonha.

– Ah! Agora fala. - ela insistiu.

– Também não é nada demais. Minha mãe é professora de dança de salão.

– Aí ela te obrigou a fazer aula desde pequeno, foi? Acho que ela estava certa. As meninas lá na sala estavam embevecidas vendo você dançar.

– E você, o que achou?

– Achei muito lindo.

– Eu e a minha mãe dançando? Ou eu?

Malu achou aquela pergunta totalmente inapropriada. Uma cantada barata que numa situação como aquela tomava proporções mais que desagradáveis. Arregalou os olhos indignada. Vini continuava sério, até que deu uma gargalhada.

– Hei! Brincadeira! - levantou os braços. - Pode ficar tranquila, você encontrou a melhor forma de manter à distância. É a namorada do Deco. E eu jamais faria uma crocodilagem dessas com ele.

– Ah bom! - ela também sorriu.

– Mas, se você quer saber, não foi a minha mãe quem me obrigou a dançar, não... Quer dizer, mais ou menos... - ele aos poucos foi perdendo o ar de graça - É uma história meio longa. Você tem tempo? - ela fez que sim com a cabeça enquanto olhava no espelhinho da bolsa se o nariz continuava muito vermelho. - Meu pai conheceu minha mãe numa aula de dança de salão. Ele foi aprender a dançar para o casamento dele e minha mãe era a professora.

– Jura?

– Juro. - sorriu. - Pelo menos é a história que minha mãe me conta. Bom, obviamente, eles se apaixonaram perdidamente e o casamento acabou.

– A noiva deve ter ficado louca. - Malu acompanhava empolgada a história.

– A noiva, eu nem digo nada, mas meu avô... Esse surtou. Meu pai ia casar com uma moça de sociedade e acabou fugindo com uma dançarinazinha de boate como ele chama minha mãe.

– Ai que horror!

– Você não conhece meu avô paterno. Nunca aceitou minha mãe. Não quis nem conhecê-la. É um homem muito rico e com o coração duro.

– Não sabia.

– Não sabia que eu sou podre de rico. Não sou mesmo não. E nem faço questão de ser. Meu pai não casou legalmente com a minha mãe porque tinha certeza de que um dia meu avô ia acabar aceitando o relacionamento deles e a minha avó ia poder planejar o casamento que ela sonhava para o filho. Mas isso nunca aconteceu. E hoje, eu nem me lembro direito do meu avô que só vi umas duas ou três vezes quando criança. - Vini entristeceu.

– Sinto muito. - Malu passou a mão pelos cabelos de Vini tentando consolá-lo. Mas ele logo se animou novamente.

– Essa é outra história. Estávamos falando de dança. Pois é, meu pai era médico como o pai do André, eles eram grandes amigos inclusive. Sabia?

– André me disse.

– Pois bem, quando meu pai conheceu minha mãe, ele ganhou uma nova paixão, além da medicina e dos motores: a dança. Nossa, Malu, você não faz ideia de como eles dois dançavam bem. Minhas lembranças dos dois dançando na sala de casa são tão vívidas que eu quase posso tocá-las. Minha mãe com os cabelos soltos, girando e o papai desabotoando a camisa para ficar com o corpo mais próximo do dela. - Vini estava de pé imitando alguns dos passos de seus pais. Maria Lúcia acompanhava encantada os movimentos. - Então, meu pai morreu.

O silêncio se estabeleceu entre eles feito uma bomba depois dessa afirmação. Vini parecia muito tocado ainda pela ausência do pai. E Malu sentia uma angústia de não poder fazer nada. Não sabia como agir. Seguiu o que seu coração mandava e o abraçou carinhosamente. Vini sorriu um sorriso sem a menor graça, forçando-se a continuar.

– Eu me lembro da minha mãe sentada no sofá da sala, tudo escuro, horas e horas sentada ouvindo as músicas que eles costumavam dançar...

– Ai, Vini, que coisa triste! - ela puxou o rosto dele para estalar um

beijo. - Eu sinto muito. - Malu pensava nos anos do divórcio, todo aquele sofrimento, mas nada que ela sentira podia se comparar a dor daqueles dois.

- Foi aí que eu resolvi pedir, quase implorar, na verdade, para minha mãe me ensinar a dançar. No começo, ela relutou um pouco, não queria mais dançar, mas aos poucos foi ganhando vida de novo.

- Você é mesmo um cara especial, Vini! Foi aprender a dançar por causa da sua mãe. Que outro menino tão pequeno ia ter tamanha sensibilidade? - Malu, ainda abraçada a ele, começava a vê-lo com olhos totalmente diferentes.

- É, mas mesmo assim, não salvei Dona Eleonora de todo.

- Como assim? Ela estava dançando divinamente com você lá na sala.

- Aquilo não é nada, Malu. Minha mãe perdeu o brilho nos olhos e um sentimento profundo que bate na gente quando se dança com a pessoa certa, sabe? Ela agora se contenta com os aplausos, com o palco, mas perdeu aquilo que ela tinha com o meu pai. E é bem por isso que eu não gosto de dançar com ela, sinto mais falta dele. Penso que ela sinta o mesmo.

- Que pena, Vini!

- É... - suspirou profundamente. - É também por isso que não gosto de me exibir em público. Dançar pra mim tem muitos significados, todos tão íntimos, intensos. Não gosto de pensar que estou dançando só para pegar umas meninhas, sabe? Pra isso, prefiro jogar uma conversa, tirar a camisa, essas coisas...

- Credo, Vini. - ela riu das caretas dele de sedutor. - O pior é que nem posso falar nada, funciona...

- Pois é, posso até ser abusado, sou facinho, facinho. Mas dançar comigo, só se for especial...

Era a primeira vez que Malu percebia como o sorriso de Vini era lindo, um sorriso tão expansivo e natural que parecia atingir os olhos verdes muito vivos.

- Vamos. - Vini desfez o abraço e segurou na mão dela. - Você ainda precisa passar no banheiro para retocar a maquiagem e já está quase na hora de cantar os parabéns. - Foi virando na intenção de conduzi-la ao banheiro feminino.

- Espera. - Malu segurou a mão dele com força. Estava meio confusa com todos os sentimentos. - Queria te dizer uma coisa antes da gente ir...

– Diga. - ele voltou para a posição que estava antes sem entender bem aonde ela queria chegar. - Precisa de alguma coisa? Mais lenços, um batom emprestado... Posso pedir pra Milena.

– Não. Não é isso. - ela tremia. - Eu queria te dizer que... - chegou ainda mais perto do corpo dele e com a mão lhe alisou o rosto. - Também achei você muito lindo dançando hoje.

Vini percebeu que ela queria beijá-lo. Bastava que ele abaixasse e tocasse em seus lábios, ela não ia negar. Passou as mãos no cabelo, respirou fundo, tentou pensar o mais rápido o possível. Com muito esforço, controlou-se. Ninguém mais no mundo queria tanto aquele beijo, mas não ia desperdiçar o primeiro beijo deles dois em um momento de confusão de Maria Lúcia, quem sabe até de vingança.

– Obrigado. - disse frio. Continuou a conduzi-la ao banheiro feminino. Malu ficou atônita, não esperava aquilo de um rapaz que se dizia tão apaixonado.

\*\*\*

– Malu, por onde você andou, meu amor? - André foi logo a puxando para um beijo. - Estava esperando só por você para cantar os parabéns.

E mais uma vez o sorriso que fazia Malu derreter por dentro. Preferiu esquecer tudo que tinha visto, ouvido e sentido naquela noite para continuar a pertencer um lugar naquele sorriso.

– O Vinícios estava me ensinando uns passinhos de dança. Mas eu sou tão ruim que fiquei com vergonha de mostrar pra alguém...

– Sério? - André olhava espantado de Malu para Vini. - E ele pisou muito no seu pé? Porque do jeito que essa criatura adora te perturbar...

– Tá vendo, Malu. Não importa o que eu faça. Só saio de vilão perto do bom moço aqui.

Cantaram os parabéns de André. Muitos flashes das máquinas dos fotógrafos profissionais e amadores que cobriam o evento. Malu bem ao lado do aniversariante tão feliz quanto Dona Heloísa e Doutor Edgar. Quem os visse ali podia pensar que eram a família perfeita, mas algo, bem lá no fundo de Malu, rachara para nunca mais ter conserto.

\*\*\*

– Sério que você estava ensinando passinhos de dança para Maria Lúcia? - Ana Maria era a própria desconfiança enquanto passava um copo de refrigerante ao amigo.

- Digamos... - Vini abraçou a amiga e tascou um beijo em sua bochecha.
- Que foram passos bem mais importantes.
- Ah! - ela sorriu, feliz com a felicidade de Vinícios. - Então, o feitiço que o sem futuro ali jogou nela está perdendo o efeito?
- Não fala assim, Ana. O Deco é gente boa.
- Nada comparado a você, mon amour.
- Mas não, continua firme e forte. Ela estava chorando, provavelmente o viu com Angélica na garagem.

Ana Maria estava pasma. Pelo que ela imaginava que Maria Lúcia presenciara naquela garagem, estava chocada de não ter havido um barraco medonho naquela festa. Malu deveria ser uma idiota por ainda estar com André, mesmo tomando ciência das canalhices dele. Era uma boba apaixonada, justamente como seu amigo Vinícios.

- Isso é brincadeira, viu? - Ana Maria balançava a cabeça em desacordo.

- Pode até ser... Mas sei lá. Acho que num primeiro momento, ela até pode querer fingir, mas não sei se as coisas vão ser da mesma forma daqui pra frente não...

\*\*\*

Na manhã seguinte, obviamente André não foi para a aula. Nem telefonou. Nem deu explicações como sempre. Maria Lúcia, pelo contrário, ao invés de ligar procurando por uma desculpa, uma doença, um compromisso inadiável, manteve-se controlada a mais fina força. Estava decidida a não procurá-lo enquanto ele não se manifestasse.

De tarde, não foi à casa de André, não levou suas anotações para copiar no caderno dele. Mesmo assim, ele não ligou. Soube que ele foi ao treino, mas não a procurou na piscina. E ele sabia, ou pelo menos deveria saber, que, com a proximidade da competição, os treinos estavam acontecendo todos os dias.

Não ligou à noite e na manhã seguinte também não foi para aula.

Malu se sentia um lixo. Relembrava o tempo em que era invisível naquele colégio, quando a única pessoa que parecia enxergá-la era o Vinícios, e ainda assim, para pintá-la nas cores da crueldade.

- Ai, Malu, o que é que você tem? Fica andando por aí parecendo um zumbi e não fala nada. - Rosana já estava aflita com o estado da amiga.

- Nada não, Rosana. Nada não.

- Claro que tem. Você é que não quer dizer... -insistiu.
- Tchau, Rosana.
- Você não vai para a casa do André?
- Hoje não. Tenho muita coisa para fazer.
- Aí tem coisa, Maria Lúcia. Aí tem coisa.
- Tchau, Rosana. - forçou um sorriso.
- Tchau, Malu.

\*\*\*

---

# 16 Capítulo

Malu não conseguia encontrar lugar dentro do quarto. Sentara na escrivaninha, não conseguira se concentrar em nenhuma linha do que lera. Deitara na cama, rolou várias vezes sem encontrar posição. Saiu e entrou no quarto. Ligou a TV. Nada aquietava seu espírito. O pior é que tinha um trabalho de Português para fazer valendo nota. Um trabalho em dupla. O fato de ter de fazê-lo sozinha a angustiava ainda mais.

Resolveu abrir as cortinas da janela para deixar a luz do sol entrar com mais força e afastar seus fantasmas. Lá embaixo do prédio, viu Ana Maria e Vinícios sentados em uma das mesas da piscina, com os livros abertos, estavam estudando, mas pareciam se divertir muito. Num impulso, recolheu seus livros e pegou o elevador para se juntar a eles.

– Oi.

– Malu? - Ana Maria estranhou muitíssimo aquela figura segurando os livros diante deles.

– Posso estudar com vocês? Estou com muitas dificuldades de me concentrar sozinha hoje.

Ana sabia muito bem o porquê da dificuldade de se concentrar. Interrompeu o sorriso que tomava forma em seu rosto quando Vini puxou a cadeira em frente a eles para ela sentar.

– Claro, Malu. Senta aí. - disse Vini.

– É. Quem sabe você nos dê uma luz aqui nos adjuntos adnominais e complementos nominais. - completou Ana Maria.

A tarefa era fazer a análise sintática e morfológica de 10 orações tiradas do jornal. Ana Maria tinha muita dificuldade, confundia funções sintáticas e classes de palavras e a toda hora trocava uma coisa pela outra. Malu desenhou

um quadro separando classes e funções e tentava mostrar com exemplos como as palavras com relação às classes eram estáticas, registradas em dicionários e quanto às funções se adequavam de acordo com as orações.

– Sério, Malu? É só isso? - disse quando finalmente entendeu.

– É sim, Ana.

– Pois é... Não sei como é que você ainda tem dúvida. Português é a mesma coisa desde a quinta série. - Completou Vini.

– Ah, mas que saco! Resolvi fazer meu trabalho com as duas maiores cabeças do colégio. É por isso que eu fico aqui me sentindo uma anta. - Ana empurrou o ombro de Vini.

– Hei! Não precisa de violência. - Vini riu. - Quer saber, a senhora está precisando esfriar essa cabeça.

Vini tirou a carteira do bolso da calça do uniforme e colocou em cima da mesa para agarrar Ana Maria e colocá-la no braço. A menina se debatia muito.

– Vinícios Matos Leal, você não teria essa audácia!

Nem bem terminou de falar isso, ele tomou impulso com ela no colo e pulou na água. Ana Maria batia muito no peito dele zangada, mas como Vini nem ligasse, começou a rir. Malu também achou graça da cara de Ana Maria e ficou assistindo os dois ali jogando água um no outro. Guardou o material deles e o dela mesma para que as páginas do trabalho não voassem ou molhassem na confusão.

– Vem pra água, Malu? - chamou Ana Maria. - Está uma delícia.

Ela ainda quis subir para trocar de roupa, colocar um biquíni, mas mais rápido do que pôde reagir, Vinícios já estava de pé na borda da piscina, a roupa escorrendo de tanta água e agilmente a agarrou por trás. Pulando com Malu na piscina.

Divertiram-se horrores na água. Depois, exaustos, estenderam-se na borda como lagartos secando ao sol. Malu adorou, precisava mesmo relaxar um pouco daquilo tudo.

– Isso aqui tá muito bom. - Vini interrompeu o pensamento de todos olhando para o relógio. - Mas tenho que ir treinar...

– Eu também. - disse Ana Maria que pertencia ao time de vôlei.

– E eu. - Completou Malu. - Se vocês quiserem, o Otávio vai me levar, posso dar uma carona.

– Ótimo!! Era tudo que eu queria: escapar daquele ônibus. - respondeu Ana. - A gente se encontra daqui a meia hora, então?

– Certo.

Vini foi buscar os livros dele e de Ana Maria enquanto as duas conversavam e o trabalho de Malu estava numa pasta em cima da pilha. Ele viu que o trabalho estava preenchido dessa vez apenas com o nome dela, ficando vazio o segundo espaço.

\*\*\*

– Alô.

– Oi, meu amor. Que saudade! Você não me deu notícias. Estava preocupado.

– Oi, André.

Somente na noite de terça André se dispôs a ligar e com a maior naturalidade como se nada tivesse acontecido. Aquela falsidade machucava demais Maria Lúcia, ela não estava mais aguentando.

Até porque Angélica fizera questão de comentar na frente dela durante a aula que saíra com um cara muito especial na noite anterior e todas ali sabiam que esse cara só poderia ser André.

– Você está com algum problema, amor? Estou sentindo sua voz meio fria.

– Estou sim, André. - decidiu colocar aquilo para fora de um vez. - Acontece que eu vi você e a Angélica no seu carro novo domingo. E, para ser sincera, não estou mais suportando nem o som da sua voz. Então, se você puder me dar licença. Tchau! - Malu desligou o telefone na cara de um André sem ação.

\*\*\*

Na manhã seguinte, André estava no colégio pontualmente, barba feita, cara limpa e perfumado. Procurou Malu com o olhar, mas ela não lhe deu menor atenção, sentou com Felipe, Rosana e mais um pessoal da nataçãõ.

E ele precisava de um momento a sós com ela. Para sua surpresa maior, percebeu que não entregara o trabalho de Português que Malu entregou apenas com o nome dela e que, desse jeito, provavelmente não entregaria os trabalhos de História e Filosofia também, caso ele mesmo não os fizesse.

Durante o intervalo, aproveitou que Gustavo e Bruno que conversavam com Vini deram um tempo e chegou perto do amigo.

– Cara, tô levando uma dura séria. Desse jeito, vou me ferrar.

– Não se pode dizer que você não está merecendo...

– Ela me viu com Angélica.

– Pois é... - Vini não estava nem um pouco interessado na conversa de André. Continuava guardando os livros. - Você andou vacilando muito, meu chapa. Uma hora seus podres iam ter de começar a aparecer... - Depois tomou o rumo da porta. André o deteve.

– Vini, que a Malu esteja chateada comigo, eu até entendo, mas você... O que foi que eu te fiz?

– Nada, cara. Nada. Mas eu não posso dizer que estou achando bom te ver estragar tua vida.

– Peraí, peraí. Foi só uma briguinha. Eu quero muito me acertar com a Malu e tudo mais, mas também não vou morrer por causa disso. Você sabe muito bem. Nem me importo tanto assim com ela.

– Pois é, Deco. Eu sei disso. Mas eu preferia nem saber. Parece que nada mais tem importância para você. Eu nem te reconheço mais. - Vini olhava bem dentro dos olhos de André. O rapaz se assustou com o escuro dos olhos do amigo. - Não vai para as reuniões do Centro Acadêmico há mais de um mês. Falta mais do que vai aos treinos do salão. Não faz ideia do que vai cair nas provas da semana que vem... E ainda tem essa história com a Malu que eu não quero nem me meter.

– E não quer por quê? - André estava se zangando com a bronca de Vini. - Você já criticou metade da minha vida com tanta propriedade... - disse ironicamente.

– Quer mesmo saber? - Vini também já estava cansando do comportamento cafajeste de André. - Eu não quero me intrometer nessa parte porque eu acho que ela tá muito certa de te meter um pé na bunda. E não tem nada que eu possa fazer nesse caso para segurar suas pontas, porque quando a gente não tem nada de bom para dizer sobre uma pessoa, é melhor ficar calado.

\*\*\*

– Vini!

O rapaz já pegava sua bicicleta para ir almoçar em casa quando ouviu Maria Lúcia o chamando.

– Oi, Malu. - ele sorriu. - Oi, Rosana. - cumprimentou a amiga que a

acompanhava.

– Oi. - Ela respondeu sem jeito, ainda sentia o coração bater mais forte quando ele passava.

– Eu falei com a Isaura ontem e ela adorou saber que nós vamos dar o carrinho. Ela estava mesmo pensando de onde ia tirar o dinheiro para isso.

– Então, por mim, está mais do que acordado que daremos o carrinho. - Falava enquanto amarrava o capacete.

– Falta marcar o dia para ir comprar. Queria saber que dia você está disponível para a gente ir escolher.

– Não vou mentir. Minha semana está cheia. Tenho que fazer os trabalhos. Tem os treinos. E ainda por cima, Milena me liga todo dia me chamando para ensaiar pro aniversário dela.

– Poxa, você tá ocupado mesmo. Deixa prá lá então. Ainda falta tempo. Depois a gente marca.

– Pode ser sábado? - Vini pensou um pouco, visualizou o que tinha de fazer e chegou à conclusão que teria o sábado a tarde livre. - Você vai treinar de manhã?

– Vou.

– Se der para você, a gente se encontra aqui depois do treino e vai. Prometo tomar um banho antes.

– Pra mim tá ótimo!

– Fica combinado. Tchau!

\*\*\*

No sábado, Malu já esperava em frente ao colégio quando Vinícios apareceu com a turma que não o deixava sozinho, os meninos do futsal e as meninas do time de vôlei. Assim que se deu conta de que ela o esperava, despediu-se da galera e correu ao seu encontro.

– Oi. - cumprimentou Malu com um beijo no rosto. - Te deixei esperando muito tempo?

– Não. Cheguei agora. Vamos?

– Vamos almoçar primeiro, não é? Senão é capaz de eu comer um berço na loja.

– Se estas são as condições... É melhor a gente ir mesmo comer alguma coisa.

Entraram numa lanchonete e Vini pediu o maior sanduíche que Malu já tinha visto na vida com tantas camadas que quase não se sustentava em pé. Ela ficou intimidada com o tamanho do sanduíche, quase não conseguia prestar atenção na sua própria comida enquanto Vini vencia dentada depois de dentada a briga contra aquela montanha.

– Que foi? - com a boca cheia se deu conta que ela o observava comer fascinada e perguntou.

– Olha, eu não tava acreditando, mas vendo você aí com esse sanduíche, começo mesmo a pensar que você comeria um berço na loja, um berço inteiro.

– É. Engraçadinha... Mas pelo menos eu não me melo todo com maionese. - Vini passou a mão no rosto dela e mostrou um pouco da maionese que escapara para a bochecha e para o cabelo de Malu. Ela se apressou em limpar envergonhada.

– Não precisa ficar sem graça. Ninguém é perfeito. Não tá vendo, eu como feito um cavalo e você é assim meio desajeitada, mas fica sendo nosso segredo. - ele sorriu.

Mais tarde, divertiram-se muito escolhendo um carrinho para a afilhada. Vini pediu para fazer um test-drive em todos eles, sendo que às vezes guiava e às vezes sentava no lugar do bebê com as pernas enormes encolhidas pedindo para Malu levá-lo para passear.

As vendedoras estavam encantadas com ele, mesmo chegando a se perguntar, depois de tanta demora na escolha, se aqueles dois adolescente teriam dinheiro para comprar um carrinho de bebê. Por fim, acabaram decidindo por carrinho cor-de-rosa com borboletinhas verdes e lilases que tinha um lindo guarda-sol e um cantinho embaixo para colocar a sacolinha da bebê. Vini o achou bastante confortável.

Estavam no caixa pagando e combinando a taxa de entrega para deixar o pacote na casa de Malu quando Vini reconheceu pelo vidro da vitrine da loja um homem de trinta e poucos que entrou para cumprimentá-lo:

– E, aí, rapaz? - deu um abraço em Vini passando a mão para despenteá-lo. - Último lugar que eu esperava encontrá-lo. Pelo menos, por enquanto...

– Pois é... - Vini abraçou Malu por trás, colocando as mãos na barriga dela e lhe dando um beijo no rosto. - Resolvi apressar um pouco as coisas.

– Deixe de brincadeira, rapaz. Não foi assim que eu te ensinei. - ele sorriu e Malu reconheceu traços de semelhança entre eles. Tinham os

mesmos olhos verdes e os mesmos dentes grandes perfeitamente enfileirados. - E eu não tenho idade ainda para ser tio-avô.

– Sério, tio? Essa é Malu, minha namorada, futura esposa e mãe do meu filho.

– Você vai compactuar com isso calada? - perguntou a Malu.

– Estamos somente comprando um presente para uma amiga. - esclareceu.

– Agora sim. Vinícios, Vinícios, você é um brincalhão. Deveria tentar essa com a sua mãe. Tenho certeza que ela iria a-d-o-r-a-r.

– Quer perder o seu único concorrente na herança, é? Minha mãe me mata se eu faço um negócio desses. - Abraçaram-se de novo. - Malu, esse aqui é o meu padrinho, o tio Artur, irmão do meu pai.

– Oi, Malu. - apertou a mão dela. - Cuidado, viu? Andar com esse aqui é fria na certa.

– E eu não sei?

– Até tu, Brutus? E em que fria eu meti você?

– Você acabou de me engravidar há cinco minutos atrás.

– É. Mas eu tava assumindo, não tava?

\*\*\*

O tio de Vini os convidou para tomar um sorvete e ofereceu tanto para levar o pacote do carrinho até a casa de Malu quanto para dar uma carona ao sobrinho para casa. Ele era um cara bem divertido, assim como Vinícios e Malu riu muito das conversas deles.

– Pois é, cara, quando é que nós vamos lá em casa buscar o seu Jipe?

– Não tenho carteira ainda. Calma. Faltam uns meses só...

– Não estou falando de você sair dirigindo. Só de dar um trato no motor da máquina. Bater um papo. Falar com seus avós...

– Ah, tio! - Vini não gostou dessa conversa.

Estavam falando do carro favorito do pai de Vini que ficou em casa quando ele foi morar com Eleonora. Artur cuidou do carro com todo o carinho depois da morte do irmão, da mesma forma que, contrariando as cismas de família, cuidou do sobrinho. Agora, com a maioria de Vini chegando, sonhava em vê-lo entrar e sair daquela propriedade imensa e vazia dirigindo o jipe como Adriano tantas vezes fez.

– Vini, precisamos tocar nesse assunto de vez em quando. Seus avós estão ficando velhos e não vão durar para sempre. Será que vamos levar para o túmulo essa bobagem toda?

– Tio, eles nunca quiseram conhecer minha mãe...

– Você ainda não conhece as barreiras que o orgulho impõe, menino. Já te falei sobre isso. Basta que alguém com mais força que elas as ultrapasse. E eu sei que não vão ser nem meus pais, nem sua mãe que vai fazer isso. Mas você, Vini... Seus avós te adoram de paixão. Vivem procurando saber notícias de você. Mendigando informações no jornalzinho do colégio. Você acha isso justo? Eles morrem de saudades do seu pai também, da mesma forma que

Eleonora. Tenho certeza de que você seria capaz de amolecer aqueles corações.

– Não, tio.

– Com licença. - Malu interrompeu a conversa que de repente ficou séria demais. Precisava descer. - Eu fico no final da rua.

\*\*\*

---

# 17 Capítulo

Mais uma vez diante de um vestido, mais uma vez era preciso ter coragem para enfrentar uma festa. Malu não queria ir, não queria reencontrar com André mais do que o necessário. Desde o rompimento foram inúmeros telefonemas, pedidos de desculpa em bilhetes no meio da aula, nada conseguiu tirar da sua mente o beijo da garagem. Porém, o imenso amor que sentia por ele também não havia partido, por isso calculava todos os passos para não fraquejar.

Por outro lado, era o aniversário de Milena. Todos no colégio estavam comentando como seria uma festa inesquecível. E ela já estava cansada de ser o patinho feio largado nos cantos, mudar isso fora sua resolução de ano novo e estava cumprindo muito bem a promessa. Além disso, os pais de Milena insistiram muito para que ela fosse, era tanta consideração que ficava difícil recusar.

E, para terminar de convencê-la, Vini ia dançar com Mile. Malu, desde que vira o rapaz dançando com a mãe, estava louca para assistir a essa apresentação.

No último mês, Vini e Ana Maria se mostraram bons amigos. As tardes de estudo e as caronas para os treinos se tornaram constantes e aos poucos Bruno, Carolina e Júlio César se juntaram ao grupo. Todo dia estudavam alguma coisa e terminavam a tarde em animadas conversas sobre questões de prova, programas de televisão ou futuros namoros.

De maneira que, pela primeira vez na vida, Malu queria muito ir para uma festa, conversar, dançar, rir das palhaçadas dos amigos, como qualquer adolescente normal. E foi assim que ela decidiu colocar o novo vestido tubinho prata escolhido somente para a ocasião.

Queria, ainda por cima, estar deslumbrante. Sabia por fonte fidedigna, Júlio César, que estava sempre antenado no que acontecia no colégio, havia lhe contado que Angélica pretendia voltar com André naquela mesma noite. Malu sabia que era bem possível que isso fosse de fato acontecer e decidira não ficar por baixo. Se Angélica ia fazer questão de esfregar André em seu nariz, que fosse um nariz muito bem maquiado e em cima de um salto alto.

Com esse pensamento, arrumou o cabelo num belo coque, colocou os brincos e o colar de pérolas de sua mãe e pôs até um pouco do pó compacto com glitter que nunca usara antes. Deu uma olhada no espelho antes de sair e gostou do que viu.

Chegou à festa depois das dez, festa esplendorosa, nenhum centavo foi poupado. Luzes, arranjos florais, DJ, mesa de coquetéis, para qualquer lugar que se olhasse dentro do buffet imenso, poderia se jurar que se estava num baile americano na Cuba de antes da revolução, justamente como no filme escolhido como tema por Milena.

Dona Heloísa, Doutor Edgar e André estavam logo na entrada recebendo os convidados, a aniversariante mesmo ainda estava em sessões de fotos, Vini estava com ela. Malu cumprimentou os pais de Milena e pensou se haveria alguma possibilidade de ignorar o último representante da família. André a esperava tomando uma taça de champanhe. Estava maravilhoso dentro do smoking, bastava olhar para ele para que ela sentisse as pernas bambearem. Para completar, André ainda se aproximou educadamente para um beijo no rosto, ela não teve como recusar.

– Oi, Malu. - sussurrou no seu ouvido tão próximo que ela quase se embriaga com o cheiro gostoso do perfume dele. - Será que mais tarde você me dá cinco minutinhos para que a gente possa conversar?

Era uma voz tão masculina, tão conhecida, tão doce, tão desejada que ela nem resistiu, simplesmente fez que sim com a cabeça. Recebendo mais um beijo no rosto, esse mais perto da boca.

– Malu? Nossa! Você está um luxo! - Júlio César disse levantando o braço dela para fazê-la dar uma voltinha. Ele e Ana Maria a encontraram bem a caminho das mesas.

\*\*\*

A festa estava animadíssima, dançarinos profissionais haviam sido contratados unicamente para ensinar salsa aos convidados, os adolescentes embarcaram na ideia e se esbaldavam na pista de dança. Malu até se esqueceu da história com André e Angélica enquanto rodopiava sem jeito tentando

guardar a marcação ensinada por seu professor, um rapaz moreno muito sorridente que com paciência recolocava Malu no compasso a cada giro.

Ana Maria ria muito do jeito dela e do jeito de Júlio César, que também dançava com uma dançarina, mas dançava tão escandalosamente que simplesmente apagava a moça. Ana esperava sua vez de dançar perto da pista enquanto tomava um coquetel incrível servido dentro de um abacaxi. De repente, Vini chegou por trás da amiga a assustando com um cutucão. Riu demais quando ela quase derrubou o abacaxi:

– Ah! Sacana! - brigou Ana - Isso é coisa que se faça? - Ele sorriu e deu um beijo em sua bochecha, a raiva desapareceu no mesmo instante - E aí, teve uma folguinha?

– Penso que agora chega de fotos. Falta só dançar mesmo... - disse pegando um refrigerante e desarrumando um pouco os cabelos presos no gel por vontade de Milena.

– Essas amigas te metem em cada uma, né? - ela o abraçou pela cintura.

– Pelo menos, elas valem cada sacrifício. - Vini tomou um gole de sua bebida e finalmente prestou atenção à pista de dança. Primeiro, deu uma larga gargalhada de Júlio abafando a dançarina, depois sua visão se concentrou em

Maria Lúcia, rindo, girando ao som de uma salsa.

– Ei! Ei! Acorda! Recolhe a baba. - Ana estalava os dedos na frente dele - Por que você não dança com ela de uma vez? Aproveita que já estamos mesmo na pista. - Ana Maria colocou seu abacaxi e o copo de Vini na mesa mais próxima e saiu o conduzindo pela pista devagar esperando a música acabar.

Quando a música acabou, o rapaz que estava com Malu agradeceu pela dança e a levava de volta à sua cadeira quando encontrou Ana Maria e Vinícios parados em sua frente. Ana imediatamente soltou-se de Vini e partiu para os braços do instrutor.

Vini e Maria Lúcia se encararam por um instante. Malu, tão menor que ele, estremeceu medindo cada centímetro do rapaz, o verde translúcido dos olhos, a camisa de linho branco desabotoada, o peito nu, mãos nervosas. Vini finalmente fez um gesto mostrando as palmas das mãos apontando a pista, Malu aceitou o convite e ele a conduziu com as mãos nas costas dela até um espaço mais vazio, o simples toque o fez estremeecer.

Tocava “Maria Maria” de Carlos Santana, um tipo de salsa muito lenta,

Vini adorava a música. Malu, parada em frente a ele, esperava instruções. Vini, sem dizer palavra, delicadamente colocou o braço esquerdo dela em cima de sua omoplata e a segurou pela cintura a trazendo bem perto de seu corpo.

Malu começou a fazer a marcação ensinada pelo instrutor e imediatamente sentiu o braço de Vini pesar nas suas costas a impedindo de se mover sem a autorização dele, buscou o olhar do rapaz para censurá-lo, mas ao mirá-lo, percebeu que o rapaz sorria a criticando por não se deixar conduzir, não teve outra opção senão ceder e se entregar às vontades de Vini.

Vini preferiu conduzir Malu com o próprio corpo por um bom tempo, impondo-lhe o ritmo, enquanto a música era somente instrumental, estavam tão colados que bastava a ela seguir o movimento. E era muito bom o contato com o corpo esguio e definido de Vini, Malu começou a sentir um calor que a fazia suspirar de vez em quando.

Olhava para ele encantada, Vini estava de olhos fechados, o rosto avermelhado, totalmente entregue, também suspirava vez ou outra. Malu pensou um pouco antes de falar, temia quebrar aquela atmosfera, mas não resistiu.

– Então, eu sou suficientemente especial para ganhar uma dança com você?

– Sempre foi. - disse sem hesitar, parecia não despertar de um sonho muito prazeroso - Você sempre foi a mais especial de todas.

Dizendo isso, abriu os olhos e a empurrou de seu corpo, segurando-a no último instante pela mão, fazendo Malu praticamente cair na marcação da música sem que sequer percebesse. Vini sorria e encaixava um passo no outro, Malu não sabia como conseguia acompanhá-lo, mas Vini pressentia cada possível vacilo que ela pudesse dar e antes mesmo que acontecesse, corrigia a marcação a trazendo para perto de si e travando com a condução um movimento impreciso.

Malu se divertia muito, segura para rodopiar nos braços de Vini. Vinícios dançava bem demais, as pessoas os seguiam com o olhar pela a pista de dança. Ela ainda pensava se valia a pena ficar com vergonha, ele não parecia se dar conta de qualquer outra coisa no mundo que não fosse ela ou a música. Trouxe Malu bem para próximo de si, ela chegou a desejar que ele a beijasse ali mesmo, estava muito quente, suspirou. Vini a girou e a abraçou por trás, aos poucos erguendo os braços dela para enlaçarem seu pescoço. Foi a vez dele de suspirar. Bem no ouvido de Malu que estremeceu.

Maria Lúcia sentia o cheiro de Vini e o calor do corpo dele, nem lembrava mais da existência de André, mas aos poucos os movimentos foram ficando mais lentos e a música acabou. Quebrando o encanto. Ela se afastou lentamente dele. Tentando controlar a respiração. Virou-se. Vini olhava para o chão com um sorriso nos lábios escondido pelos cabelos que caíam no rosto. Finalmente olhou para ela com aqueles olhos muito verdes, jogando os cabelos para trás.

– Então, está quente aqui, não é? Vamos tomar um refrigerante? - disse o mais naturalmente possível.

\*\*\*

Sentaram em uma mesa mais afastada com suas bebidas. Ana Maria, heroicamente, impedia que o time de futsal do Santa Inês e as tietes de Vini, enlouquecidas depois de vê-lo dançar, atrapalhassem a conversa.

– Malu... - Ele fazia carinho na mão dela entre as suas. Olhava encantado para ela.

Infelizmente, Malu não prestava atenção. Seu olhar acompanhava os movimentos de André que nesse instante conversava animadamente a poucas mesas dali com Angélica e suas amigas. Tomavam champanhe.

– Eu acho que ele está muito triste... - disse displicente - Ele finge que está bem, se afoga em champanhe, mas...

– Ah? - Vini acordou de seu sonho. Procurou na direção do olhar dela e encontrou exatamente o que não queria - André. - Murmurou zangado - Nosso assunto favorito. - Bebeu um gole de refrigerante visivelmente decepcionado.

– Sério, Vini. Não sei o porquê, mas o André hoje está muito melancólico. Não consigo mais enxergar o mesmo sorriso, o mesmo brilho...

– Para, Malu. - Não conseguia mais ouvi-la falar como percebia cada mínima alteração no ânimo do seu amigo, enquanto não conseguia notá-lo ali, louco por ela - André não deve mesmo estar nada bem. Está com péssimas notas, perdeu o cargo de presidente do grêmio estudantil por unanimidade na última reunião e caso você ainda não saiba, faz umas duas semanas que eu sou o novo capitão do time de futsal.

– Eu não sabia. - Estava assombrada com as informações, passara essas semanas fugindo de qualquer contato com André.

– Pois é. - tomou o restante da bebida com um gole só e colocou com muita força o copo na mesa, levantando-se em seguida - Acontece que meu

amigo quer viver de farra sete dias por semana e não percebe que está precisando de ajuda urgente!

– Vini, você tem que fazer alguma coisa. Eu vou tentar falar com os pais dele, sei lá. Assim ele vai se afundar num caminho sem volta.

– Você acha que eu já não tentei conversar com ele? - estava tão zangado.

– Vini? - ela se assustou com a reação.

– Me dá licença, Malu. Vou me arrumar. Está quase na hora de eu dançar com a Milena.

\*\*\*

– Vinícios?

Ele passava qual fosse um furacão em direção ao banheiro quando ouviu a voz de quem o conhecia de dentro para fora.

– Mãe. - ela o abraçou imediatamente, sem necessidade de explicações.

– Maria Lúcia? - perguntou já sabendo a resposta e ele confirmou com a cabeça - Sempre é, não é mesmo? - Sorriu para ele erguendo-se na ponta dos pés para lhe dar um beijo na testa - Mas você sabe, não sabe? Um dia ela vai ser sua. Basta um pouco mais de paciência, meu querido.

– Ah, mãe, já nem sei mais...

– Sabe sim, querido. E hoje você teve certeza.

– Tive. - ele sorriu novamente.

– É, lembra do que a sua mãe lhe ensinou? - ela também sorria, muito cúmplice dos sentimentos dele - O sentimento de encontrar o parceiro perfeito? Jamais se esquece de uma coisa assim, meu bem. - acariciou o rosto dele que beijou sua mão.

– Você nos viu dançando? - ela confirmou com a cabeça.

– Exatamente como seu pai e eu. Estou tão feliz por você, meu amor. Por isso, não fique mais chateado, certo? Tudo na vida tem o seu momento. Saiba esperar pelo seu só mais um pouquinho. - Deu outro abraço no filho - Agora vá se arrumar. Milena está quase pronta.

\*\*\*

Malu se levantou da mesa quando a orquestra anunciou o início do

cerimonial. Andava devagar, ainda pensativa, lembrando momentos de sua dança com Vinícios, sentia algo frio no pé da barriga vez em quando.

– Oi, Malu. Você tem aqueles cinco minutinhos para mim agora?

– André? Mas vai começar o cerimonial...

– Melhor ainda. Assim ninguém atrapalha. Vamos! Sei que você quer assistir, mas eu juro que são só cinco minutinhos.

Os dois se afastaram um pouco mais da multidão que acompanhava a apresentação de Milena. Quando estavam em um lugar silencioso perto do estacionamento, ele começou de supetão.

– Vou ser claro e objetivo, Malu. - sorriu, mas tinha uma tristeza incomum em seu rosto - Não vou mais pedir para voltar a namorar contigo, juro. Quero só pedir desculpas por ter magoado você. - tomou mais um gole do champanhe que trazia consigo - Definitivamente, você não merecia um namorado como eu. - outro sorriso sem brilho - Mas eu bem que avisei, não foi? – Ela nem se deu ao trabalho de responder, mas se lembrou da conversa no ônibus na primeira vez que ficaram. – Não sou esse tipo de pessoa. Que namora, sabe? Namorinho de sofá, pipoca, sorvete e tarefa de casa não são comigo. Eu gosto de beijar, de tocar, de sentir desejo. E você? Na verdade, eu nem sequer gosto de você. - Malu sofria com toda essa sinceridade desnecessária. Ele deixou bem claro enquanto estava com ela o quanto o incomodava essa decisão dela de não ceder a impulsos físicos - Não me leve a mal, você é linda. Mas... Poxa! Que saco essa história de não pode, não quero, tenho medo. Eu não tenho paciência pra isso não.

– ...

– Também não quero ser crucificado por você, como estou sendo condenado por todo mundo nos últimos dias, como se somente eu fosse responsável por essa situação. - André fez uma pausa e tirou de dentro do smoking uma garrafinha metálica, abriu a tampa e tomou um gole. O champanhe acabara - Não me arrependo de ter ficado com Angélica. - Malu sentiu essas palavras como se fossem flechas - Ela me deseja, e muito. E eu estava mesmo precisando me sentir assim.

– Então, a culpa é minha? - as lágrimas começavam a vir aos olhos de Malu.

– Não. - continuou friamente - A culpa é minha de ter topado essa situação. Eu sei bem o tipo de garota que você é, você deixa mais do que claro. E não tem nada de errado nisso. Você só não faz meu tipo. - mais um gole, aquilo deveria ser uísque pelo cheiro - A culpa é minha de ter te usado para

tirar notas boas. Para impressionar meus pais que estão enchendo meu saco com tantas cobranças...

– André... Você está precisando de ajuda.

– Estou precisando de um tempo de sossego, menina. Que saco! Você, meus pais, Milena, Vini, o treinador, a galera do grêmio...

– A gente se preocupa com você...

– Que nada! Tudo besteira. Tudo. - Só agora Malu percebia como ele estava bêbado. Sua aparência elegante e aristocrática escondera o efeito do álcool. - Mas isso não vem ao caso - continuou André - A única coisa que eu te peço, Malu, é que você não saia por aí com essa sua pose de santinha. Mostrando como eu sou um monstro cruel enquanto você é a dignidade em pessoa, quando na verdade a gente simplesmente não deu certo.

– Nada mais justo, André. - tentava controlar mágoa, raiva, choro, tudo ao mesmo tempo - Só quero que você saiba, antes de voltarmos para a festa, que eu acredito que você pode sim voltar a ser essa pessoa de quem você foge agora sabe-se lá por qual motivo. E que você tem tudo para ser esse namorado que, mais do que somente desejar uma garota, é capaz de amá-la.

– Bela frase de efeito. Mas eu sou de carne e osso e não o personagem de um livro. - tomou mais um gole. Malu o deixou.

---

# 18 Capítulo

Maria Lúcia não aguentou muito mais daquela festa. Nem viu Milena dançando com Vini. Recuperou-se no banheiro e chamou um táxi o mais rápido que pôde. Tendo ainda o desprazer de encontrar André e Angélica aos beijos e gargalhadas em seu caminho.

\*\*\*

Vini conversava com Ana Maria, a amiga o consolava mais uma vez dos destratos de Malu. A festa estava mais para o final. Milena já se sacudia descabelada na pista de dança quando ouviram um carro cantar pneus e acelerar. Instantes depois, outro som, um estrondo. O carro havia perdido o controle e batido num poste no final da rua.

Todos saíram para ver o que havia acontecido. Era o carro de André, a frente estava totalmente destruída. O rapaz com um pequeno corte no rosto protegido pelo air bag, cambaleava para fora do carro. No banco do passageiro, Angélica estava desacordada.

Muitos gritos de desespero, principalmente de Milena, Doutor Edgar correu para socorrer Angélica. Dona Heloísa tratou de tentar levar André para um lugar afastado, logo a polícia chegaria e tudo que eles menos precisavam era de mais problema.

Vini a impediu de fazer isso. Mesmo André estando abraçado à mãe, Vini o empurrou com força o fazendo cair no chão. Depois partiu para cima dele aos murros.

- Idiota! Quer se matar? Quer matar alguém?
- Vini, não! - Gritava Milena - Por favor!

André ainda teve forças para revidar e os dois se engalfinharam numa luta desesperada. Deco fez a boca de Vini sangrar. Ninguém tinha coragem para separá-los. Até que a polícia chegou e os colocou na viatura para desespero dos seus pais.

– Chega, André! Você vai arcar com as consequências dos seus atos estúpidos!

\*\*\*

Segunda-feira na escola não se falava em outra coisa. A notícia de que André e Vinícios tinham passado a noite na delegacia por conta de um briga fenomenal na festa de Milena era a mais divulgada, mas corriam também os boatos da internação do ex-presidente do grêmio estudantil numa clínica para dependentes químicos para uma desintoxicação geral. Malu estava chocada de receber essas informações de Rosana, que nem sequer fora convidada para a festa. Vini não fora para aula, nem Milena, nem André. E Ana Maria, contrariando toda e qualquer expectativa, não abriu a boca para falar no assunto.

As especulações deixavam o coração de Maria Lúcia apertado. As inúmeras versões dos fatos eram catastróficas, chegaram a dizer que Angélica entrara em coma, que André pegaria pelo menos cinco anos de prisão e que Vini tivera seu rosto permanentemente danificado. Não conseguiria dormir a noite de tanta agonia se continuasse a ouvir boatos. Ligou para André, mas ninguém atendeu ao telefone, nem o celular, nem o residencial. Vini também parecia não querer falar com ninguém.

No final da aula, não pensou duas vezes, pegou o ônibus e foi bater na casa de André. Os jornalistas faziam algazarra tentando uma foto do filho irresponsável de uma das famílias mais influentes da sociedade local. Malu deu a volta e pediu aos empregados para entrar pelo portão de serviço. Encontrou a família inteira abalada. Dona Heloísa parecia que não dormira nada e até aquele momento ainda encontrava lágrimas para chorar. Doutor Edgar a abraçava e Milena segurava sua mão.

– Desculpem. - entrou na sala pela cozinha, tentou ser o mais educada possível - Não quero atrapalhar. Mas, eu precisava de notícias...

– Não se envergonhe, Malu. Entre. - disse a voz firme do pai de André - Apesar da humilhação, nós vamos nos recuperar...

Dona Heloísa começou novamente a chorar com a presença de Malu e Doutor Edgar achou melhor levá-la para o quarto, pretendia dar à esposa um tranquilizante para que ela pudesse descansar um pouco. Milena ficou na sala

com Malu e contou para ela tudo que acontecera na verdade. Angélica estava no hospital por causa de fortes dores na coluna, mas não ficaria lá por muito tempo mais, não sofrera nenhuma fratura. Quanto a Vini, ninguém quis prestar queixa. Então, depois de esclarecimentos ao delegado, foi liberado e sua mãe o levou para casa.

André responderá pelo seu delito, mas o advogado garantiu que, provavelmente, pelo seu histórico, vai fazer apenas trabalho comunitário. Realmente, ele vai se internar numa clínica, mas por vontade própria, Milena acreditava que a batida e a briga com Vini o fizeram recobrar um pouco do juízo. O rapaz passara o domingo no hospital em observação, mas estava em casa agora. Ficaria pouco tempo, pois ainda naquela tarde iria para a clínica por tempo indeterminado. Malu perguntou à Milena se seria muito inconveniente se ela fosse falar com André.

– Nada, Malu. Vá. Pode subir. Meu irmão está muito diferente. Voltou a ser o Deco de outros tempos.

Malu subiu as escadas em silêncio. Queria sentir o clima. Tudo estava tranquilo demais. A porta do quarto de André estava aberta como ela nunca vira antes. O rapaz arrumava uma mala grande azul que ele colocara em cima da cama. Estava bem entretido procurando objetos pessoais nos armários e na mesa de estudo. Ela bateu na porta. André a recebeu com um sorriso, parecia cansado, mas ela já via um pouco do brilho cativante do André de outros tempos, mesmo com o rosto inchado dos socos de Vini.

– Oi, Malu. Cheguei a me perguntar se eu a veria antes de partir. - Ele, meio sem jeito, se aproximou e deu nela um beijo estalado na bochecha.

– Vim ver como você está... - segurou a mão dele entre as suas.

– Melhor, garanto. - outro sorriso sem jeito - Obrigado pela preocupação.

– Fiquei preocupada. - ele a conduziu para sentar-se ao lado da mala azul na cama.

– Todos ficaram. - ele desviou o olhar do rosto dela - Só agora me dei conta de como venho me comportando de maneira estúpida.

– Deco... Não fica assim. Acontece com todo mundo. Às vezes, as coisas ficam mesmo confusas. - André sentou ao lado dela e ela o abraçou.

– Sei não, Malu. Você não perde o controle assim tão facilmente. Nem minha irmã. Nem o Vini... Eu sei que estou com um problema e preciso de ajuda. E urgente. Antes que eu acabe fazendo uma besteira grande, maior do

que a da festa de sábado.

– Que bom que você percebeu, Deco. - ela fez um carinho no rosto de André - Você é um cara tão legal! - Malu sentia o coração acelerar. Aquele que estava ali era finalmente o rapaz por quem ela sempre fora apaixonada. - Você pode contar comigo para o que precisar, viu?

– Bom... Tem uma coisa... - ele hesitou antes de falar, não saberia se tinha esse direito.

– Diga.

– Bem... Eu vou precisar de muita ajuda com isso aqui. - mostrou a mochila ao lado da cama, cheia de livros e papéis, os trabalhos que ele deixara de fazer desde o começo do ano - Vou tentar dar conta de uma parte enquanto estiver me tratando, mas o problema é que vai acumulando e... - Como estava sem jeito foi falando tudo de uma vez na expectativa de convencê-la pelo cansaço - Sei que é uma sacanagem te pedir um negócio desses, que eu fui um cretino, e... Mas prometo que agora vai ser diferente, eu só vou precisar de ajuda, senão eu não vou passar no vestibular e... - parou um pouco para recuperar o fôlego - A essa altura isso é tudo que meus pais não merecem.

– Calma, meu amor. Não se preocupe. Eu vou te ajudar com certeza. - Ela ficou de pé em frente a ele. André também se levantou.

– Obrigado pela disponibilidade.

– Não tem de quê. - Se colocou bem diante dele, queria um beijo.

– Mas, Malu... - ele se afastou - Espero que você saiba que o que eu disse ontem ainda está valendo... Não quero voltar com você.

Imediatamente, Malu murchou. Ainda bem que ele estava de costas para ela para não ver sua reação. Ela de fato acreditava que, recobrando o juízo, poderiam recomeçar do ponto que pararam. Ela o perdoara desde que soubera que tinha sofrido um acidente.

– Posso ter sido grosseiro com você. - retomou a conversa - Mas não retiro a parte de verdade do que eu lhe disse. - discretamente, foi até a porta do quarto e a trancou, o que diria dali em diante pertencia apenas aos dois - Eu não amo ou sequer gosto o suficiente de você para ficar esperando o dia em que estará pronta para... Você sabe. - ele se aproximou dela que o repeliu, sentia novamente vontade de chorar - Não tiro a sua razão de ficar chateada. - ele se afastou - Mas um dia você vai perceber como eu fui legal com você, até no meu pior momento. - tentou novamente chegar, passou a mão pelo cabelo dela. Estava realmente cansado de fazer as pessoas sofrerem, de fazer as

pessoas chorarem. Mas era preciso continuar - Existem muitas formas de forçar uma garota a fazer o que se quer que ela faça. Eu nunca imaginei tentar nada disso com você. Do mesmo jeito que não quero nenhum mané agindo assim com a minha irmã.

Ela não precisava que ele, além de dizer claramente que nunca gostara de fato dela, ainda por cima a comparasse com Milena. Começou a chorar. Todos os sonhos sendo desfeitos.

- Nesse ponto, sempre fui bacana. Mesmo te traindo, posso garantir que, seria muito mais sacanagem se eu te forçasse para conseguir o que eu queria. - Malu sentou novamente na cama, agora sem conseguir controlar o choro - Posso até ter pinta de bom moço... Admito que fingi bem para você e para os meus pais, mas era tudo mentira. Meu negócio não é namoro sério, eu sempre soube.

- Pra que isso? - disse entre soluços.

- Para que você pare de imaginar coisas que não existem, Malu. Para que você não fique esperando por mim enquanto eu estiver fora. Para que você não tenha dúvidas. - novamente ele sentou do lado dela e a abraçou.

- Você nunca gostou nem um pouquinho de mim?

- Pelo contrário, eu gosto muito de você. Só não desse jeito que você espera.

\*\*\*

- Alô.

- Oi, Vini. É você?

- Sou eu sim, André. O que é que você quer? - ainda estava muito chateado. Não tinha a menor intenção de continuar a briga.

- Quero pedir desculpas, meu irmão. Estou indo para uma clínica daqui a pouco e não quero passar esse tempo sem saber que estamos bem.

- ...

- Vini?

- Diz, cara.

- Nós ainda somos irmãos, não somos?

- Ah, Deco!

- Eu sei. Eu tenho feito besteira demais. Mas vai ser diferente agora, prometo. Te dou minha palavra de escoteiro. Vai tudo voltar pro seu devido

lugar, viu?

– Cara, que alívio! Sério, meu irmão, você vai se tratar?

– Vou. De verdade, não é enrolação minha não. - Vini sorria do outro lado da linha, era mais do que ele pensava conseguir. O tom de voz de André voltara a ser o do grande amigo de antes - Obrigado por me lembrar das minhas responsabilidades. Mesmo que na porrada. - ele riu naturalmente - Falando nisso, você tá bem?

– Você me deve uma consulta ao dentista. Quebrei um dente, mané?

– Sério, maluco? Foi mal. Pode botar na minha conta.

– Quero saber quando é que vamos passar essa conta a limpo?

– Em breve, cara. Em breve. - André se afastou um pouco do telefone. Pelo jeito, o pai dele o chamava para irem - Vini, tenho que desligar, mas antes de ir, quero só te dizer que você vai ser um capitão melhor do que eu no ENEC, confio plenamente em você, seu fominha. Tenho certeza de que vocês vão ganhar essa, brother.

\*\*\*

Dona Cecília reuniu todos os atletas no auditório na hora do intervalo. Estavam presentes também todos os técnicos e treinadores. Foram mais de cinquenta minutos de instruções sobre a viagem.

– Bom, como vocês sabem, - a diretora falava em tom solene. Mas com a proximidade da viagem para a Bahia, ninguém prestava atenção, tudo virava motivo para gritinhos e assovios. Uma algazarra. - como vocês vão viajar na última semana de junho, suas provas serão adiantadas em uma semana.

Silêncio geral no auditório.

\*\*\*

– Como é mesmo aquele negócio com o dióxido de carbono que você falou? - Ana Maria, desesperada, soterrava Malu com as dúvidas de Química.

– Ana, você ainda está em Química? - Júlio César jogou os livros sobre a mesa da sala da casa de Malu - A gente não tinha combinado que agora a gente ia passar para Geometria Analítica?

– Eu vou me dar mal nessa. Não sei de nada. - disse Carolina tomando um gole do suco de maracujá que Dona Helena tinha feito especificamente para a ocasião.

– Bora nessa, galera. - Vini saiu do banheiro e pulou por cima do sofá - Tá tranquilo, eu ajudo vocês com a geometria.

\*\*\*

---

# 19 Capítulo

Só quem já viajou em excursão de colégio pode saber o que Malu estava vivendo naquele instante. Horas e horas da mais pura bagunça. No fundo do ônibus, tinha um pagodão, é claro. As meninas do vôlei, muito mais saídas do que as outras, estavam lá requebrando para alegria dos pagodeiros. Chamaram Vini para dançar várias vezes, ele preferiu se sentar perto de Ana Maria, mas vez ou outra tirava uma com a cara de um dos rapazes do seu time, principalmente com o Luan que fazia o primeiro ano e não tinha muito jeito com as mulheres.

No mais, era um cheiro de fritura das coxinhas que a mãe de alguém tinha mandado para o lanchinho, um ou outro apagado pelos remédios que impedem enjoos e casais estranhos se formando.

Malu estava sentada mais na frente com a equipe de natação. O pessoal dos esportes individuais geralmente é mais tranquilo, mais concentrado. Ao seu lado, estava sentada Patrícia que nadava os 200 metros livre, ela passou boa parte do tempo ouvindo Rage Against The Machine no mp4, mas lá pelas duas da manhã, quando os treinadores desabaram de cansaço, ela simplesmente pediu licença e foi se sentar com a Carmem da ginástica olímpica. Deixando vago o espaço ao lado de Malu.

– E aí, Malu? Gostando da viagem?

Felipe veio ocupar o lugar de Patrícia. Nem perguntou se podia, foi logo sentando. Trouxe um travesseiro e um lençol, estava disposto a passar o restante da noite ali.

– Muito legal! - ela sorriu.

Malu não pensara que sentiria frio em uma viagem para a Bahia, estava apenas com uma camiseta e calça jeans. Não contava com o ar condicionado tão potente do ônibus. Tremia de frio. Felipe jogou o lençol por cima deles.

– Ai! Obrigada, Lipe. Eu estava congelando.

– Percebi. Vem cá. - ele deu um abraço em Malu e esfregou as suas mãos nos braços dela.

Aos poucos, o pagodão foi se acalmando e quando só o Alex, muito rouco, continuava a cantar e a castigar o cavaquinho. Vini, sem sequer acordar Ana Maria, agilmente saiu da sua cadeira com sua pasta de dentes e um batom de um vermelho muito horroroso. Fez só um sinal para Bruno que ao se levantar acordou Luan. Vini pediu silêncio com o dedo diante dos lábios, bastou mostrar a pasta de dente para que os dois entendessem aonde o capitão do time queria chegar.

Iam armar para o Guilherme da natação, o rapaz do segundo ano que vinha recebendo suspiros demais das meninas do Santo Inês. Caminharam muito sorrateiramente por entre os bancos. Guilherme era tão bom moço que sentava perto dos professores. Era preciso muita perícia e muita prática. Vini cumpriu a missão com perfeição. Guilherme estava um verdadeiro palhaço quando ele terminou o serviço. Luan ainda levou um sopapo por não controlar uma risada depois de ver a obra.

Voltaram tão quietos quanto vieram. Vini, porém, se deteve um pouco mais ao ver Malu e Felipe dormindo abraçados debaixo de um lençol. Mesmo correndo o risco de Guilherme acordar com a ardência da pasta e pegá-lo com a arma do crime na mão, não resistiu, fez pior ainda no rosto de Felipe.

\*\*\*

– Posso saber por que a senhora não assistiu ao meu jogo?

Maria Lúcia que tomava uma vitamina na cantina com uns rapazes da Bahia tomou um susto. Vini, ainda de uniforme, vinha do ginásio. Acabara de ganhar de quatro a dois contra o time do São Cristóvão do Rio de Janeiro. Ele fizera dois gols.

– Tchau, Malu. A gente se encontra lá?

– Claro. - respondeu com naturalidade.

Os dois rapazes vieram na maior intimidade e deram beijinhos no rosto da moça. Vini coçou a cabeça desconfiado, mas a coceira parecia não passar.

– Tchau, chapa. - ainda cumprimentaram Vini - Você joga muito. Vinícios, não é?

– Vini. Valeu, irmão. - apertou a mão deles.

Quando os rapazes saíram, Vini sentou do lado dela e sem pedir tomou um gole da vitamina dela.

– Então é por isso que você não foi assistir ao jogo?

– E quem é você? Meu pai?

– Se ele soubesse...

– Ia achar muito bom. Você viu como eles eram lindos? Imagina que netos maravilhosos eu não faria com qualquer um dos dois?

– E eu sou lá de ficar secando macho, Maria Lúcia. Mas acho que você está muito saidinha, viu? Não te conheci assim não. - ele tirou a camisa, estava muito perto dela e a blusa estava molhada de suor - Sem falar que namorico não é motivo para faltar torcida para o colégio.

– Faltar torcida? Você tá de brincadeira, né? Pelo que eu sei o ginásio estava lotado de torcedoras. Não sei se torciam pelo Santa Inês, mas boa parte pelo menos torcia pra você.

– Isso lá é verdade. - ele riu e tomou mais um gole da vitamina - Nossa! Uma delícia isso aqui.

– É de cacau. Tomei uma lá perto do Pelourinho.

– Ah! Foi passear?

– Depois do treino toda a equipe de natação deu um passeio pelos principais pontos turísticos de Salvador. Chegamos não faz nem uma hora.

– Muito bom! Muito bom!

– Só tomei um banho e vim tomar uma vitamina porque estava morrendo de fome. Agora dá licença que eu já vou...

– Ai já vai? E pra onde, posso saber? - ele se levantou na hora que ela também levantou ficando bem em sua frente.

– Pode. E até está convidado também. Você e todas as suas fãs. A galera da natação está fazendo uma roda de violão ali no pátio central. - ela colocou a mão no peito dele para afastá-lo com um empurrão, mas ele segurou a mão e deu um beijo nela. – Agora posso ir?

– Poder não pode não, mas você vai do mesmo jeito, né? Tchau, Malu. A gente se encontra lá? - deu os beijinhos no rosto dela imitando os rapazes baianos. Malu riu.

\*\*\*

Quando Vini chegou ao pátio central na companhia de Ana Maria, as meninas do Irmã Maria Goretti de Santa Catarina começaram a cochichar, estavam fascinadas com a morenice do rapaz. A roda de violão do pessoal da natação acabou sendo a principal atividade da noite para quem estava alojado no Colégio São Paulo. Havia uns 100 adolescentes circulando e a azaração corria o mundo. Nem Ana Maria fez questão de muito chamego. Ela se interessara pelos jogadores de basquete do time de Manaus. E a essas alturas trocava várias secadas com eles, deixando claro que o lance com Vini era pura amizade.

Na roda mesmo, tinha umas trinta pessoas. O pessoal da natação do Santa Inês e convidados especiais como a Carmem da ginástica olímpica, uma loirinha do Irmã Maria Goretti que já tinha laçado Guilherme e os amigos mais recentes de Malu. A principal voz da cantoria era a de Felipe que nesse momento cantava “Você é linda” do Caetano, acompanhado de um coro meloso. Ele cantava diretamente para Malu, estava inclusive virado para ela, ignorando a roda.

– Olha, Vini, você tá mesmo muito mole... - Ana gozou da cara do amigo - Perdendo para um pivete com um violão debaixo do braço.

Agora era isso. Felipe ficava na cola de Maria Lúcia para cima e para baixo. Aproveitava-se do fato de serem do mesmo time. E vinha com essas cantadinhas clichês tipo você é linda mais que demais e já estava enchendo a paciência de Vini. Principalmente porque hora dessas Malu ia acabar dando bola.

– Ah! Mas ele não perde por esperar. Essa viola vai pro saco. Ah se vai...

\*\*\*

– Vini?

O rapaz, encostado nas sombras das colunas que levavam ao dormitório feminino, puxou Malu de supetão. Patrícia e Carmem que a acompanhavam primeiro se assustaram, mas quando viram que era Vini seguiram o caminho discretamente.

– Você está maluco? Quer me matar de susto?

Ela batia no peito dele, mas Vini nem se mexia. Até que a controlou pelo braço a fazendo parar. Só então Malu se deu conta de que ele não estava de brincadeira e a encarava com aqueles olhos muito verdes, muito claros.

– O que é que você quer? - diminuiu o ritmo.

Vini foi enlaçando Maria Lúcia pela cintura, encostado na coluna a puxava cada vez mais para si. O cheiro de Vinícios era muito bom. A pele dele estava quente como na pista de dança da festa de Milena. Malu se sentia enfeitiçada, embriagada pelo perfume de Vini. Não encontrava forças para intervir.

As mãos dele foram subindo pelo corpo de Malu. Uma a prendeu pela cintura, a outra subiu pelas costas e a segurou pelo pescoço. Vini deu um último puxão e Malu estava totalmente agarrada ao corpo dele. As mãos em seu peito, sentindo o coração dele bater desesperadamente.

Ele fez carinho na nuca e chegou com a boca bem perto do ouvido dela.

– Isso aqui é só um aviso. - murmurava fazendo Maria Lúcia estremecer - Estou longe por respeito ao meu amigo. Mas nada do que eu já disse que sinto por você deixou de existir. - Agora falava olhando diretamente nos olhos dela - Então, se é para você dar bola para um moleque com uma viola, eu vou ter que garantir pelo menos a minha chance de tentar...

Dizendo isso, Vini beijou Malu com gosto. Um beijo de tirar o fôlego. Um beijo de cinema. De levantar o pé. Um beijo guardado por tantos anos. Por instantes, Vini pensou que seu coração fosse parar de bater de tanto prazer. Era muito mais do que ele imaginara. Restava saber se ela corresponderia. Se ia continuar o beijo ou lhe dar um seguro tapa.

Estava tão nervoso que não conseguiu ler os sinais. O beijo acabara e Malu estava nos seus braços, encostada em seu peito, bem quietinha. Vini tinha até medo de se mexer e assustá-la.

– Malu? Você está bem? - depois de esperar sem resposta começou a se preocupar se a tinha ofendido muito.

– ...

Teve de se mexer. Deixou o encosto da coluna, pondo-se de pé com Malu a sua frente. Ela olhava para ele atônita. Completamente em choque. Não sabia ainda classificar aquilo que sentira.

– Olha... - Vini segurava o rosto dela com as duas mãos - o que eu acabei de sentir aqui... - suspirou profundamente - Nossa! Nem nos meus sonhos cheguei a imaginar que fosse assim. Pensei que fosse derreter. Juro? - ele sorriu.

– ... - ela continuava atônita.

– Mas quando um não quer, dois não beijam. - sem resposta, diminuiu a

empolgação - O que eu estou querendo dizer... Bem... - gaguejava para falar porque não queria que fosse verdade - É que isso não vai se repetir se não for da sua vontade.

- ...

- Eu não vou te perturbar mais... - soltou o rosto da moça - Mas vou ficar desesperadamente esperando um sinalzinho bem pequenininho que seja de que talvez você queira outro beijo desses, viu?

- ...

\*\*\*

- Vai, Malu! Vai! - Felipe se esgoelava no alambrado da piscina.

A equipe de natação do Santa Inês inteira gritava, sacudia a bandeira do colégio, assoviava, enfim, fazia a maior algazarra na torcida. Malu estava na piscina. Era a última bateria para os 100m peito feminino. Puxou as braçadas com toda a força que tinha. O público foi ao delírio. Chegou em primeiro na bateria. Pelo tempo, ficava na raia 5 na final. Era a primeira chance real do colégio de ganhar uma medalha.

- Parabéns, minha querida. - o treinador a puxou da água para um abraço - Esse é o resultado de muito esforço e disciplina. Parabéns, Malu. Parabéns!

Malu foi cercada pelos colegas. Ela ainda estava sem fôlego. Felipe deu um beijo no rosto de Malu, bem perto da boca, se aproveitando da confusão para esconder suas intenções.

Vini assistiu à cena de longe. Nem se aproximou. Mandou um aceno, nem podia garantir que ela o tivesse visto dada tamanha confusão. Seguiu para o ginásio, tinha jogo agora, aliás, já estava atrasado.

\*\*\*

---

# 20 Capítulo

O jogo estava difícil. O Santa Inês enfrentava o time da casa. Ginásio lotado. Por enquanto, tudo igual, dois a dois. O time do São Paulo marcava quase que exclusivamente Vinícios, impedindo o andamento do jogo do Santa Inês que demonstrava depender demais de seu capitão.

– Ai meu Deus! - suspirava uma menina ao lado de Malu na entrada do ginásio - Esse menino é gato demais!

– Vini! - a amiga que estava com ela parecia concordar porque começara a gritar feito uma louca - Vini!

Não dava para negar que ele era muito lindo mesmo. Concentrado nas jogadas, sério, rindo quando algo não dava certo ou ainda chamando a atenção dos colegas com gestos largos. Era uma figura bastante interessante.

Enquanto subia a arquibancada, Malu percebeu pelos sinais que trocavam que os meninos do Santa Inês marcavam a jogada que outro dia ela vira André insistir para que treinassem. A marcação do São Paulo seguiu Vini, que dessa vez resistiu à tentação de sair driblando e deu o passe ao livre e desimpedido Bruno que marcou. Três a dois para o Santa Inês.

A partir daí, a estratégia do São Paulo teve que mudar. As jogadas incluindo cada vez mais jogadores e com velocidade impediam que se dedicassem exclusivamente a Vini. Quase no final do jogo, esse jogo de gato e rato deu resultado. Vini dominou um cruzamento no peito e com categoria partiu para cima no drible. Passou um, deu um chapéu no outro. O ginásio veio abaixo. Ficou de frente para o goleiro, dali não tinha perigo dele errar.

Mas o último homem, depois do drible desconcertante, irritado com a moral de Vini, entrou direto no tornozelo. Vini caiu.

O time quis partir para briga. Foi uma loucura.

Cartão vermelho. Penalidade máxima. Nada disso parecia importar para Maria Lúcia, Vini ainda não conseguia colocar o pé no chão. O treinador o ajudou a sentar no banco de reservas e após um pequeno exame arranhou um pouco de gelo, Vini teve de ser substituído.

Todo o ginásio deu uma grande vaia no time do São Paulo quando percebeu que Vini sairia do jogo por conta de uma jogada desleal.

Luan, escolha do capitão, bateu o pênalti e marcou. A vitória do Santa Inês estava garantida.

Malu tinha intenção de conversar com Vini depois do jogo, mas foi impossível. O treinador o levou diretamente para o hospital. Precisavam urgentemente saber se ele romperia algum ligamento. Ela não teve outra escolha a não ser ir com o pessoal da natação para mais um passeio de turista por Salvador.

\*\*\*

– Oi, Ana. Como foi de jogo? - Malu acabava de chegar de uma tarde na praia, estava com as bochechas bronzeadas. Ana tomava uma vitamina na cantina cercada pelo time de basquete masculino de Manaus.

– Perdemos. - levantou os ombros - Não deu. Estamos fora das finais.

– Que pena! - lamentou.

– Uma pena mesmo. - Ana continuou a tomar sua vitamina - Mas pelo menos fomos liberadas para sair à noite já que não temos mais jogos. Vamos ao ensaio do Olodum, quer ir?

– Não posso. Amanhã eu vou nadar.

– Fiquei sabendo. Parabéns pela classificação. Soube que eram 40 meninas disputando a vaga. Grande feito para quem nunca competiu antes.

– Obrigada. - Malu ficou ainda mais vermelha. Pelo elogio e pelo que ia perguntar. Mesmo assim não foi vencida pela timidez dessa vez. Precisava de notícias - Você tem notícias do Vinícios? Já chegou do hospital.

– Ah sim! Chegou faz tempo. Ainda bem.

– E aí? Algum problema?

– Mais ou menos... - tomou um gole de vitamina - Vini não quebrou nada. Foi só uma luxação. A recuperação vai ser rápida e a base de gelo.

– Que bom!

– É, mas, infelizmente, foi proibido de jogar os dois próximos jogos.

– Jura? Ele deve estar arrasado.

– Se eu o conheço, deve sim... Assim como o restante do time. Afinal, sem o Vini e sem o André as chances do Santa Inês chegar à final são mínimas.

\*\*\*

A tarde estava quente, mas não sentia. Tentava libertar a mente de todo e qualquer pensamento. Alongava os músculos, aquecia o corpo com movimentos rápidos. Podia ver a parte da arquibancada coberta com a bandeira do Santa Inês, ouvia de longe os gritos de Felipe, mas tudo aquilo parecia pertencer a um mundo paralelo, distante. Estava focada na água e nos movimentos treinados, teria de dar o melhor de si para vencer. Não acreditava nessa possibilidade. Nem sonhara com essa final. Mas já que estava ali, estava focada.

Nem a visão de Ana Maria ajudando Vini a caminhar até a arquibancada conseguiu distrair sua atenção. Ajeitou os óculos uma última vez e se posicionou para a largada. Respirou fundo.

Caiu na água com boa distância. A mente limpa. O corpo otimizando o trabalho de cada músculo no contato com a resistência do meio líquido. Malu sentia que pertencia a aquele lugar, era ali que devia estar, metáfora de sua própria vida, só esforço, disciplina e superação. O tempo era diferente ali. Podia dar a volta ao mundo em uma braçada. Tanta força. Tanta força. Tanto empenho. Virara os 50 metros sem nem se dar conta se havia alguém ao seu lado.

Naquele instante, percebera que seu único inimigo era ela mesma. Deveria superar a si. Suas parcas expectativas de si mesma. Podia ser uma vencedora. Podia merecer uma medalha de ouro. Um coração de ouro. Pensou em Vini.

\*\*\*

– Não acredito, Malu! Não acredito! - Felipe pulara o alambrado e a agarrava - Você venceu! Você venceu!

– Parabéns, Malu. Deu show! - Patrícia entregou-lhe a bandeira do colégio para que ela pudesse subir no pódio. Seria a primeira medalha do Santa Inês e começava com ouro.

A equipe de natação a rodeava, pulando, abraçando. Ela ainda recuperava o fôlego perdido. Tentava reaver um equilíbrio tanto físico quanto

emocional. Quando o treinador a tirara da piscina, parecia tê-la atirado novamente na vida, nascia de novo.

Malu atônita ainda não acreditava, nem na medalha, nem na conclusão a que chegara quando sua mente estava limpa e o corpo ocupado, deixando espaço para um coração tão intimidado por conceitos há muito talhados finalmente se manifestar.

Procurou sua resposta na arquibancada e ela estava lá, simplesmente esperando um ínfimo sinal.

– Eu sabia que você conseguiria. Eu sempre soube. - Felipe tomou seu rosto nas mãos e fez estalar um beijo que ela não esperava, bem na boca, diante de um gigantesco Eeeeeeh da galera.

Devia ter gritado, ter dado uma tapa, ter empurrado Lipe pela ousadia. Mas não o fez, não sentiu necessidade de escândalos, de humilhações. Sabia o que era gostar de alguém e não ser correspondido. Simplesmente se afastou sem interesse, sem justificativas e seguiu o caminho da arquibancada.

Ana Maria já levava Vini para o ginásio. O jogo de futsal estava para começar. Apressou o passo, ainda de toalha para alcançá-los. Joel a impediu.

– Posso saber para onde vai, mocinha? - abriu o sorriso - Não vai receber sua medalha? A cerimônia começa daqui a pouco. Vamos, se arrume. Coloque o uniforme e dê um jeito nesse cabelo. Quero fotos incríveis para mostrar para a Cecília.

\*\*\*

Quando, finalmente, terminaram as competições na piscina e a medalha foi entregue, depois das muitas fotos com os campeões e as equipes, ela fora liberada para o banho, o jogo de futsal já tinha acabado. O Santa Inês perdera por 1 a 0, não estava desclassificado, mas ficara em segundo lugar na chave e pegaria o time mais forte na semifinal.

Malu tomou um banho rápido, estava exausta, mas ainda dava voltas no colégio à procura de Vinícios. Ele não parecia estar em lugar nenhum. Queria conversar, precisava falar, expor suas conclusões. Saber como ele se sentia.

Encontrou Vini no campinho infantil atrás da quadra. Estava em pé apoiado por uma muleta e toda a equipe de futsal ao seu redor, rostos bem arrasados como Malu podia perceber mesmo de longe. Vini parecia um gigante de tão imponente, não estava para baixo como seus companheiros, pelo contrário, dele emanava uma força estranha, energizadora.

Malu se aproximou para ouvi-lo falar.

– Quis falar com vocês aqui. Só a gente. Sem o treinador, porque

preciso esclarecer alguns pontos que me parece que vocês esqueceram... - Vini se movimentava com esforço, mas fazia questão de andar por entre seus comandados como um general em tempos de guerra - O que eu vi lá dentro foi vergonhoso. Um bando de fracotes que não sabe agir sem o seu líder. Passes errados, gente sem confiança, pouca ofensividade. Esse não é o Santa Inês que eu conheço. Essas não são as caras dos colegas que batem racha comigo no domingo de manhã. Posso saber por quê? - ninguém teve coragem de responder - Por que eu não estou jogando? Será por isso? Isso é ridículo!

Eu não sou responsável pelo futebol que vocês sabem, seus mazelas! Não coloquem esse peso nos meus ombros. Eu não mereço isso! Não posso ser responsabilizado por um time que não imprime sua marca. Por um time que perde sem lutar, de luto por um único soldado... E o que é um soldado diante de uma guerra, posso saber?

- Vini, você é o nosso principal armador... - Bruno tentou argumentar - Não estamos acostumados...

- Ah! Bruno! Me poupa, faz favor... - Vini continuava chateado - Você sabe muito bem que esse é meu último ano no Santa Inês, faz meses que nós estamos preparando o Luan para essa função na próxima temporada. Não me venha com desculpas. Vocês foram uns frouxos. E eu não estou falando por conta da derrota não. Foi por causa da atitude derrotista. É assim que vocês acham que demonstram carinho por mim? Consideração? Pois eu vou logo dizendo, essa é a pior traição que vocês podem fazer comigo. Eu não suei a minha camisa noite após noite naquele ginásio quente para sair daqui como capitão de um time covarde. Um time de um homem só.

Todos os jogadores abaixaram as cabeças. As palavras do capitão eram duras. Eles não esperavam que a ausência dele em quadra fizesse tanta diferença no ânimo do time. Muito menos, esperavam tremendo sermão de Vini.

- Escutem aqui. Eu vim pra cá ganhar essa copa. Cheguei aqui acreditando nisso. No potencial do meu time, não do meu futebol. Não faço gol sozinho. Faço porque tem toda uma equipe por trás me dando suporte. E aconteceu, por um acaso do destino, que é a vez dessa equipe ir para a frente dos holofotes. E eu quero ver show de bola daqui pra frente. Ouviram? Show de bola. Porque aquilo que vocês mostraram foi um ensaio de banda de garagem.

Vini, não suportando mais caminhar com a muleta, finalmente se sentou no chão entre Gustavo e Bruno. Estava mais calmo do que no começo da conversa. Respirava fundo.

– Se eu acreditasse que o Santa Inês era time de um homem só, não teria aceitado o lugar de capitão que pertence ao André. Aceitei porque sei o quanto todos nós batalhamos para chegar até aqui. Todos nós. Incluindo os reservas e aqueles que nem passaram na peneira da seleção e que dariam um braço para jogar esse joguinho que a gente perdeu. É por eles, é pelo André, é por mim que só vou poder entrar em quadra se vocês, meus amigos, mostrarem o futebol que sabem, que peço mais sangue nessas veias de vocês.

- mostrava o braço e batia nas veias saltadas - Aceitei ser capitão do Santa Inês, porque acredito nas cores desse time. E vocês, acreditam nas cores desse time? - puxava com orgulho o brasão da camisa do uniforme.

Dizendo isso, Vini com muito esforço e alguma ajuda de Bruno, pôs-se de pé novamente, saltando sobre o pé bom com dificuldade e estendeu a mão, chamando o restante do grupo para um grito de guerra. Imediatamente, as mãos dos rapazes se uniram em cima da de Vini e eles gritaram com toda a força dos pulmões: Santa Inês!

\*\*\*

– Finalmente... - Malu se aproximou quando Vini dispensou o time. Bruno e Gustavo o ajudavam a chegar à parte com calçamento para que ele pudesse continuar sozinho.

– Oi, Malu. - sorriu descontraidamente, sem nenhuma intenção - Pode deixar, Bruno. Valeu! Daqui eu me viro sozinho. Vão tomar banho antes que peguem um resfriado. E nada de farra hoje. Amanhã tem jogo importante.

– Pode deixar, cara. Depois desse sermão, se a gente não ganhar amanhã... Pode providenciar um chicote. - Bruno deu um tchau para Vini e um beijo no rosto de Malu, seguindo com Gustavo para os vestiários.

Ficaram os dois caminhando em silêncio. A essas alturas o colégio estava vazio. Era hora do jantar das comitivas e para isso foi montado um refeitório imenso, todos deveriam estar lá.

– Está com fome? - perguntou ele - Vamos jantar?

Malu parou diante dele, impedindo-o de seguir. Queria a coragem das heroínas dos filmes de amor. Nada lhe vinha à mente.

– Antes... - criou coragem para encará-lo nos olhos - Queria saber como você está. Faz dias que não recebo notícias. Estou preocupada.

– Estou como você está vendo... - apontou para a muleta e deu um sorriso maroto - Mas não se preocupe. Não sou de desistir fácil...

– Não desiste fácil, mas desiste... - perguntou inquisidora e Vini percebeu que mudavam de assunto.

– Às vezes, é preciso... - foi a vez dele de baixar o olhar - Apesar de que acho muito menos doloroso continuar insistindo do que me conformar, mas... - levantou os ombros - o que se pode fazer?

Malu não encontrou palavras para continuar a conversa naquele instante. Continuaram caminhando até a cantina.

– Vai ficar aí?

– Vou. - Malu respondeu se sentando num banco. - Não estou com tanta fome. Vou tomar só uma vitamina.

– Sério? - Fez cara de descrença se encostando no balcão - Você deve estar morrendo de fome depois da tarde de hoje. Aliás, meus parabéns pela medalha de ouro. - estendeu a mão de maneira bem formal. Ela correspondeu o cumprimento. - Ah! Agora entendi. - Vini sorriu - Você não quer ir jantar no refeitório porque todo mundo vai ficar te bajulando por conta da medalha, né? Tá com vergonha? - ela fez que sim com a cabeça - Só você mesmo! - ele riu e deu a volta, tornando a tomar o caminho do refeitório - Eu tô indo, então. Aviso ao Felipe que você está aqui?

– Pensei que você fosse ficar aqui comigo... - disse de supetão, quando ele não a olhava diretamente nos olhos, ficava mais fácil ter coragem.

Vini congelou no meio do caminho, franziu a testa desconfiado, deu novamente meia volta para encará-la. Malu já estava de pé a uns dois passos dele. Vini não queria se encher de esperanças mais uma vez, decidira não dar mais um passo em direção a ela. Mesmo assim, seu coração inflava de tanta vontade. Sabia que seus olhos deveriam estar ficando claros rapidamente.

– Quer saber... - Malu se aproximou devagar, Vini mordeu o lábio de desejo quando ela tocou no rosto dele - acho que quem me deu um beijo daqueles sem motivo nenhum não devia me dar parabéns por uma medalha de ouro com um simples aperto de mão.

Vini largou a muleta e a abraçou, beijando Malu desesperadamente. Fazendo com que ela se erguesse na ponta dos pés para alcançar aquela boca ávida.

\*\*\*

---

# 21 Capítulo

Estavam sentados num corredor escuro e vazio do colégio, as horas já voando longe, Vini com as costas apoiadas em uma coluna e Maria Lúcia aninhada nos braços dele. Trocavam beijinhos, pequenos carinhos, mãos dadas e então vinha a vontade de um beijo mais longo, a respiração ficava lenta, profunda. Quase não trocavam palavras.

Malu começava a sentir o peso do cansaço de uma tarde intensa, estava sonolenta, os olhos fechavam contra a sua vontade, mas não queria sair dos braços dele. Vini segurava a mão dela, olhava aquela mão pequenina na palma da sua com atenção, acarinhava-a com os dedos, retinha o possível daquele momento. Sabia que estava chegando ao fim.

Ele puxou delicadamente o queixo dela para mais um beijo. Pensava em um beijinho delicado, mas a ideia de que talvez aquele fosse o último da noite antes de uma conversa fatal o fez sentir a necessidade de um beijo mais profundo. Malu correspondeu com entusiasmo. Diante da empolgação dela, não resistiu, não encontrava mais forças para resistir ao seu instinto. Desceu a mão até encontrar os seios, sentiu o corpo dela esquentar como o dele mesmo esquentava.

– Malu... - sua voz era quase um sussurro ao pé do ouvido.

– Vinícios... - ela olhou para ele e sorriu, beijando as imediações de sua boca.

Cada expressão do rosto de Vini, o jeito como ele a chamava, olhava, tocava, acendia algo dentro do corpo dela. Queria beijá-lo mais, abraçá-lo mais ainda, senti-lo. Não imaginava que estar com aquele rapaz que ela detestava e que depois passou a estar presente de maneira tão positiva em sua vida pudesse ser assim. Nunca sentira isso antes. Ela o queria.

– Eu te quero tanto. - Vini beijava o pescoço dela. Suas mãos pousaram

na cintura de Malu, apertavam as ancas da moça.

– Nunca imaginei... - ela fechava os olhos de prazer - Nunca pensei que pudesse ser tão bom.

– Eu sempre pensei... Mas mesmo nas minhas maiores fantasias, nunca pensei que pudesse ser tão bom assim... - ele a olhou nos olhos, esperou que Maria Lúcia abrisse os dela e o encarasse, queria demonstrar o quão estava falando sério - Eu te amo.

Malu ficou calada. Aquilo em Vini a assustava. Falava de amor muito abertamente com ela. Malu sabia que não era comum aos rapazes falarem assim. Perguntava-se se Vini era leviano, ou se aquilo que ele sentia por ela era de fato tão intenso a ponto de quebrar as barreiras que os garotos têm sobre o assunto. Qualquer das perspectivas a assustava. Não sabia se amava Vinícios ou se só o desejava. Ou até se simplesmente não estava atrás de alguém que a quisesse amar e a pudesse amar.

– Gatinha, não precisa ficar preocupada com isso. - Vini percebeu o constrangimento dela e tentou contorná-lo dando-lhe um beijo carinhoso na bochecha - Não vou te pedir em casamento. - pensou um pouco revirando os olhos e contorcendo a boca - Não agora, só quando chegar o momento... - piscou o olho para ela oferecendo o sorriso mais maroto que tinha em seu estoque - Só preciso colocar pra fora essas palavras. Elas já estavam dentro de mim sufocadas há muito tempo.

– Tudo bem. - ela sorriu. - Acho que posso conviver com o fato de que o menino mais lindo do Santa Inês me ama...

– E namorar esse menino lindo, passa na sua cabeça?

Malu ficou calada. Ela sabia quando beijou Vini que o assunto caminharia para lá, mas ainda não pensara em todas as consequências dessa questão. Principalmente em André.

– Já sei, está pensando no André... - ele perguntou diante da ausência de resposta.

– Estou pensando que talvez seja cedo demais...

– Também acho.

Malu se surpreendeu tanto com a resposta que teve que pensar um segundo para ver se entendera mesmo o que ele dissera.

– Que foi? - Vini riu - Para que essa cara de incrédula? - ele deu um beijo nela - Olha, Malu, eu amo você há muito tempo, mas não sou burro de achar que você esqueceu o André, nem sou capaz de uma crocodilagem dessas com

meu amigo. O Deco pensa que eu te detesto, imagina se ele volta e me vê agarrado com você? Ia ser péssimo.

– Fato. - ela concordou com a cabeça.

– Só perguntei, na verdade, se depois do que a gente está vivendo aqui... Bem... Se existe a possibilidade de um dia...

– Entendo.

– E então? Existe a possibilidade, minha linda?

Malu ficou calada. Fez um pouco de charme. Divertia-se com o nervosismo de Vinícios.

– Claro que existe, seu bobo. - ela deu mais um beijo em Vini. - Como é que eu vou ignorar um cara que beija assim desse jeito?

– Ah bom! - ele deu mil beijinhos no pescoço dela - Você não sabe o quanto isso me faz feliz! - sorriu.

– Nem imaginei... - disse zombeteira.

– Vai, boçal, tira onda... - ele a beijou mais uma vez. Depois aproveitou que ela tomou uma pequena distância do corpo dele para procurar um meio de se levantar. Malu o ajudou. - Mas você pode ser boçal. Quando o assunto sou eu, você é mesmo a dona da bola. - ele sorriu.

– Sou? - fez uma beicinho de quem ia zangar – Você já está querendo ir...

– Nem fala isso. - fez uma cara desolada - Já passa da meia-noite. Nós temos mesmo que ir.

– Sério? - estava incrédula, não vira o tempo passar.

– É... - Malu começou a se arrumar, juntava umas moedas que haviam caído do seu bolso durante os beijos - Mas antes de ir... - Vini a puxou pela cintura novamente para junto de si - Quero deixar tudo às claras, pode ser?

– Dependendo da proposta...

– Certo. - confirmou com a cabeça - Te proponho que a gente não espalhe aos quatro ventos, pelo menos por enquanto, esse meu amor louco por você... - Vini disse isso um tanto contrariado, não era o que ele desejava viver naquele momento. Queria mais é que o mundo inteiro soubesse, mas a sua honra e a amizade de André ainda vinham bem antes de seus desejos - Quero primeiro conversar com o Deco, que ele saiba pela minha boca disso. Vou falar tudinho, do mesmo jeito que despejei minhas loucuras em cima de você. Quero saber como ele se sente.

– Justo. Penso que nem vai se incomodar... - lembrava das palavras duras do dia em que se despediram.

– Mas... - fez uma longa pausa olhando bem nos olhos dela - espero que você saiba que agora que a gente ficou, eu espero que a gente fique de novo - Beijou Malu - E de novo.- outro beijo - E de novo. - Mais mil beijos. - Falando sério. Quero ter a oportunidade de te mostrar pouco a pouco como eu te amo.

Quero construir um sentimento tão forte com você que acabe qualquer dúvida que possa existir nesse seu coraçãozinho.

Malu ficou olhando para ele com carinho. Segurando seu rosto entre as mãos.

Queria sinceramente que aquilo de fato acontecesse, agora, tinha quase a certeza de que seria mesmo possível que fosse acontecer. Mas ainda achava muito difícil pensar numa vida sem amar André.

– Então, - Vini pegou as mãos de Malu entre as suas e as beijou - fica aqui a minha promessa de tentar controlar essa vontade de te agarrar que me dá toda vez que te vejo. Afinal, ninguém precisa saber ainda. - ele sorriu, mas a abraçou com muita força, sem a menor vontade de largar - Vamos deixar as coisas como estão por enquanto. Somos bons amigos e eventuais ficantes. - ele a beijou mais uma vez, mordendo devagar o lábio dela antes de soltar - Te proponho apostarmos nossas fichas num relacionamento leve e quente como a brisa de Salvador.

– Se eu entendi direito... - pensou um pouco antes de responder – Nós, por enquanto, seremos ficantes. - ele confirmou com a cabeça - Quer dizer então que estamos livres, leves e soltos? Solteiros em Salvador.

– Não estou gostando do rumo dessa conversa... - disse desconfiado.

– Ora, só estou dizendo que você continua sendo o menino mais disputado do Santa Inês...

– Malu... Aonde quer chegar?

– Quero só contabilizar as chances do Felipe. - não conseguiu esconder um sorriso diante da cara azeda de Vini - Ele com certeza vai me cobrar respostas. E que eu saiba não tem nada que o impeça de dividir o lençol dele comigo na viagem de volta...

– Ah! Mas saiba que ele tem muitas chances. Muita chance de perder os dentes. Muita chance de voltar para casa no porta-malas do ônibus. Muita chance de levar um violão no meio das fuças. Ele é que invente moda.

\*\*\*

No dia seguinte, foi a vez da equipe masculina se classificar para a final do Revezamento Medley. Felipe e Guilherme puxaram a equipe formada ainda pelo Júlio César e o Leandrino. Foram bem classificados.

A equipe feminina, por sua vez, classificou-se em último lugar para a final, Malu estava exausta e não nadou tão bem. O técnico reclamou muito, principalmente depois que soube por uma das meninas da equipe que Malu tinha chegado no quarto depois da meia noite.

Ela estava de castigo. Nada de passeios. Era treinar, jantar e dormir para se preparar para as competições do dia seguinte. Tomou banho sem a menor vontade. Queria ver o jogo dos meninos do futsal, não haveria a menor possibilidade do Joel deixá-la ir. Pelo menos, conseguiu avisar à Ana Maria na saída da piscina os motivos que a impediriam de ir assistir ao jogo. Esperava que transmitisse o recado como era bem típico dela.

\*\*\*

Vinícios estava particularmente encapetado naquela tarde de quinta-feira. Verdade que ainda não poderia entrar em quadra, mas já andava sem muletas e com um humor nunca antes visto. Bené até tentou controlá-lo temendo uma repreensão da parte dos juízes. Nem ligou. Enquanto os meninos davam o sangue na quadra contra o time do Rio Grande do Sul, Vini levantava a torcida. Pegou um dos tambores e puxou gritos de guerra. Imitou as coreografias das músicas baianas descendo até o chão e deixando as meninas enlouquecidas. Deu estrelinhas e piruetas para comemorar os dois gols do Santa Inês.

– Vai me dizer que essa animação toda é por conta de vocês estarem na final? - perguntou desconfiada Ana Maria.

– Também. - respondeu quase sem fôlego buscando uma garrafinha de água - Mas posso dizer que tenho novidades para te contar... - Despediu-se apressado com um aceno e foi cumprimentar seu time no centro da quadra.

\*\*\*

– Malu, você esteve ótima. - Felipe viera com uma toalha enrolar a moça que acabava de sair da piscina, ficaram com a medalha de bronze, um ótimo resultado diante das equipes de Minas e do Rio de Janeiro.

– Obrigada, Felipe.

Felipe insistiu em lhe dar dois beijinhos no rosto. Estava bem claramente disposto a ficar com ela naquela noite, afinal, acabaram-se as competições de natação, ele mesmo já ostentava no peito a medalha de ouro

pelo revezamento masculino.

– E, então, - Felipe tirava uma mecha molhada do cabelo de Malu do rosto dela - vai sair com a galera hoje à noite? Estamos pensando em ir numa roda de samba.

– Não sei... - queria mesmo dizer que não ia, mas não sabia se seria muito mal-educada.

– Ai, Malu! Vamos? - insistiu chegando perto - Vai ser tão legal. E eu tenho tanta coisa para conversar com você...

– Hei, Malu! - Vini bastante consternado, gritou do alambrado - Você não vem?

– Tô indo, Vini. Vou só tomar um banho. - gritou de volta, mandando também um sorriso derretido para deixar o rapaz mais tranquilo.

– Não acredito que você vai deixar de sair com a gente. De sair comigo. Para ir assistir ao jogo desse cara. - o sorriso de Malu não escapou aos olhos de Felipe.

– Ele é meu amigo, Lipe. Eu prometi a ele que iria pelo menos na final.

– Amigo... Sei... Não é por ele que a minha irmã suspira até hoje?

As palavras de Felipe a fizeram atentar para algo ao qual ela dera pouca importância: a paixãozinha de Rosana por Vini. Os sentimentos de Rosana. Será que a amiga realmente ainda pensava nos olhos verdes de Vinícios com tamanha intensidade?

\*\*\*

– Vamos, rapaz, entra em quadra!

– Sério, Bené? Estou mesmo liberado para jogar? - Vini falava enquanto ajeitava sua camisa por dentro do calção, não estava disposto a apostar numa mudança de pensamento do treinador.

– Rapaz, depois das suas piruetas de ontem, se eu tinha alguma dúvida de que você estava bem... Vá! Ande! Corra! - o enxotava com as mãos em direção à quadra.

Vini entrou para substituir Luan. Imediatamente o clima dentro da quadra mudou. Até porque, no primeiro lance com a bola nos pés, Vini driblou o adversário com um chapéu espetacular. A arquibancada vibrou. Malu entrou no ginásio bem no momento em que Bruno recebia o passe perfeito e sozinho com o goleiro abria o placar: 1 x 0 para o Santa Inês.

– Lindo! - gritava tão desesperadamente uma moça perto do banco de

reservas quando Vini passou correndo para cumprimentar Bruno que fez Luan olhar para ela, levantar as sobrancelhas incrédulo da potência vocal da criatura e fechar os ouvidos - Lindo!

Nem cinco minutos depois, numa jogada individual, Vini avançou meia quadra com a bola nos pés e como a marcação estava forte em cima dele, arriscou de longe. Segundo gol do Santa Inês.

– Ô lá em casa! - dizia uma baianinha de cabelos trançados sentada ao lado de Maria Lúcia, mais uma vez tendo como referência Vinícios.

Qual não foi a surpresa dessa moça quando Vini, antes de ser completamente tomado pelo abraço dos seus companheiros, jogou um beijo em sua direção.

Durante o intervalo, Vini até que tentava se concentrar nas palavras do treinador, mas vez ou outra seu olhar escapava para a arquibancada onde encontrava sorrisos e mais sorrisos, porém, buscava apenas um, o sorriso de Malu.

Ana Maria aproveitou o intervalo do jogo para ir sentar ao lado de Maria Lúcia. Andava mais que desconfiada do que vinha acontecendo. A cor dos olhos do amigo era o indício mais forte, estavam quase translúcidos. Porém, nenhum dos dois afirmava com certeza, pareciam duas portas muito bem fechadas e aquilo atiçava demais a curiosidade de Ana.

– E então? - chegou para Malu já com o sorriso nos lábios.

– Então o que, dona Ana Maria?

– Rolou?

– Não... Nadei. Fui até medalha de bronze. Quer ver?

– Ai, Malu! - queria arrancar os cabelos de tanta curiosidade. - Não se faça de desentendida.

– Ana... Pode sossegar esse seu facho. - Olhou para ela com cara de repreensão. Se ele não contara, não seria Malu que o faria. Vini devia ter seus motivos para não confiar assim abertamente em Ana Maria.

– Ok! Já entendi.

Ana Maria se conformou em assistir ao jogo. A lavada de cinco a zero que o Santa Inês deu no Medalha Milagrosa de Alagoas.

\*\*\*

---

# 22 Capítulo

Última noite na Bahia. Festa do Santa Inês que saia como colégio com mais medalhas. Festa com bandas baianas para comemorar o fim das competições do ENEC. O Colégio São Paulo estava lotado de adolescentes.

Maria Lúcia, acompanhada de amigos que fizera na viagem, assistia à cerimônia de entrega de medalhas e troféus dos esportes coletivos. Vini, além da medalha e do troféu de campeão no salão, recebeu ainda uma placa, fora eleito por técnicos e jogadores o melhor atleta das competições.

– Vem, Malu. Vamos dançar?

Tica, um lindo negro de um metro e oitenta, usando apenas bermudas e uma guia de candomblé no corpo sarado, puxava Maria Lúcia para dentro de uma roda de samba. Ele requebrava com muita categoria. Malu, sem muito jeito, tentava acompanhar, bastante encabulada.

– Mas veja só... - Ana Maria que passava pela roda deixou cair a boca pasma - Dona Maria Lúcia...

– Deixa disso, Ana. Vou morrer de vergonha.

– Vergonha de que, gatinha? - disse Tica segurando na cintura dela - Você tá linda!

– E tem lugar para mais uma aí? - se meteu Ana Maria.

– Oxente! É claro que tem. Venha, nega. - Tica, muito educadamente, deixou seu lugar na roda para Ana Maria. Pouco depois, como era tradição dentro da roda, Diego, amigo de Tica e igualmente sarado, tomou o lugar de Malu ao lado da roda.

– O que é isso? - Vini chegou meio brigando, meio achando graça - Não posso deixar as duas sozinhas um segundo?

– Deixa de besteira e vem dançar também... - Ana o puxou para o meio da roda.

Imediatamente, as meninas da roda ficaram loucas com a presença de Vini. Depois que o viram dar os primeiros passos, então, começou uma briga entre elas para disputar a posição ao lado dele. Maria Lúcia se ria disso. Até porque ele já não conseguia mais sair do meio da roda.

– É isso aí, Vini! O cara quando é presença, as minas caem em cima... - Teve de reconhecer Tica.

\*\*\*

– Oi. - Chegou por detrás respirando sensual bem perto do ouvido dela. Malu quase derramou o suco que tinha acabado de pedir na cantina.

– Oi. - virou-se para ele sorrindo - Como está o melhor atleta do ENEC? Cansado de dançar com meio mundo de mulheres?

Vini estava suado e descabelado. A mulherada não o deixou sair da roda de samba facilmente e Tica teve de socorrê-lo no gingado. Malu desistiu muito antes, ela e Ana Maria foram tomar um suco, mas no meio do caminho, motivado pela proximidade do fim das competições, o paquera favorito de Ana, do time de basquete de Manaus, veio chamá-la para uma conversa e ela nem quis saber de matar a sede, foi com ele.

– Na verdade... - sorriu maroto chegando mais perto da boca dela - Não me sinto nem um pouquinho cansado. Pelo menos, não de dançar... Mas acho que já cansei da mulherada...

– Hum... - levantou as sobrancelhas desconfiada - Entendo... Resolveu mudar de time. Não resistiu ao físico do Tica, foi?

– Maria Lúcia... - ela se divertiu com a cara que ele fez desistindo da sensualidade e deixando-se sentar ao lado dela na cantina, Malu sentia-se completamente à vontade com ele.

– Você que disse que cansou da mulherada...

– Mas nem por isso vou me interessar por um armário...

– Eu me interessaria. Ele é lindo! - Chupou o canudinho fazendo charme.

– Ai, é? Lindo, é? Quer me matar de ciúmes? Ou prefere que eu seja destruído numa batalha mortal pela sua atenção?

– Olha, eu bem que deveria deixar você se acabar... - ela segurava o rosto dele com uma mão - Mas eu não seria capaz de negar, toda a minha

atenção já é sua.

Ele quis beijá-la, mas ali, na frente de todos, não era nem a hora nem o lugar, conteve-se.

\*\*\*

De volta para casa, a bagunça dentro do ônibus já não era a mesma. Talvez pelo cansaço de uma semana intensa, talvez pelo fato do principal armador das brincadeiras estar contando os segundos para que todos fossem dormir e ele pudesse mudar de banco. Foram 4 horas intermináveis até que o sossego predominasse. Finalmente, Vini pegou seu cobertor e seguiu em direção ao banco de Malu. Foi recebido com o maior dos sorrisos.

– Oi. Esse lugar está vago? - devolveu o sorriso.

– Na verdade, está reservado. Para você.

Vini preferiu não estender demais o papo, ainda precisavam ser discretos e até o momento estavam conseguindo manter tudo em sigilo. Jogou o cobertor sobre os dois, aninhou Malu em seus braços e lhe deu um singelo beijo. A vontade, porém, foi atizada com o simples encontro dos lábios. Sem conseguir pensar direito, quis acreditar que estavam protegidos pelo sono e pela penumbra, apenas subiu mais o cobertor e trocou intensos beijos e carícias com aquela menina amada enquanto as primeiras luzes da manhã não vieram para separá-los.

\*\*\*

– Malu, telefone para você? - Otávio batia na porta do quarto com insistência. Ela não se apercebia de nada, andava avoada naquelas férias, passava horas e horas pensando em Vini. Desde que voltaram, falavam-se todos os dias, mas Vini tinha ido passar o final de semana com o tio e ela estava simplesmente morrendo de saudades.

– Malu, é a sua avó. - Otávio insistiu. - Parece urgente.

\*\*\*

Quando soube do que se tratava, Malu pegou o primeiro ônibus em direção à casa da avó. Isaura entrara em trabalho de parto, Laura nascera. Malu olhava para aquela coisinha se movendo no berço quase tão embevecida quanto a própria Isaura. Ainda não acreditava que a amiga tinha gerado uma vida dentro de si e que agora estava ali, fazendo pequenos movimentos e choramingando. Sentia um amor tão genuíno surgindo por Laura que pela primeira vez cogitou a ideia de ser mãe e imediatamente pensou em Vini.

Apesar da pouca experiência, Malu ajudou a amiga em tudo quanto pôde na maternidade. Sempre soube que gostava de crianças, mas nunca tivera muito contato com nenhuma. E ali, segurando e trocando Laura, observando os cuidados das enfermeiras, percebeu que queria ser pediatra.

Finalmente, Isaura teria alta do hospital. Jorge estava nervoso em levar a filha para casa. Andava de um lado para o outro sem resolver nada. Malu tentava colocar os pertences da amiga em ordem e acalmar Jorge quando ouviu alguém bater na porta.

Então, Vini entrou, meio sem jeito a princípio, pensava que estaria interrompendo algo íntimo. Mas logo foi recepcionado efusivamente por Jorge que pareceu se tranquilizar com sua presença. Sentindo-se mais à vontade, cumprimentou Isaura e o marido e antes de perguntar pela pequena deu um beijo na testa de Malu cheio de significados.

– Cadê minha afilhadinha? - perguntou ainda envolvendo Maria Lúcia num abraço.

– Deve estar chegando daqui a pouco, desesperada para mamar. - Respondeu Isaura divertida, sem parar de reparar no comportamento do casalzinho na sua frente. Ali tinha coisa, sabia que se não estivesse tão entretida com os afazeres com sua filhinha teria percebido que a amiga estava bastante diferente naqueles dias.

– Ela é uma gulosa! - Completou Jorge. - Não é, Malu?

Maria Lúcia não respondeu. Ainda não acreditava que Vini estava ali. Segurava forte a sua cintura, desejando não mais se afastar dele. Não tinha percebido como sentira falta de Vinícios naqueles dias de tão entretida que estava com a afilhada, mas vê-lo reavivou o sentimento de maneira mais forte.

– Malu, o Jorge está dizendo que a Laura é uma gulosa. O que você acha disso? - Ele divertia-se com a surpresa dela. Por isso, e por estar ele também morrendo de saudades, continuava abraçado a ela.

– É muito gulosa! Muito gulosa mesmo! - Respondeu.

Logo as enfermeiras trouxeram Laura e antes que ela começasse a chorar de fome, Jorge insistiu para bater a primeira foto da filha com os padrinhos. Então, Vini, muito sem jeito mesmo, segurou a afilhada com um braço e Malu pela cintura com o outro braço.

\*\*\*

– E você, sua danadinha, nem me avisou que a Laura tinha nascido...

Assim que deixaram a família feliz na nova casa e se viram sozinhos novamente, Vini a encheu de beijos segurando o rosto dela com as duas mãos.

– Seu celular estava fora de área e...

– Eu sei... Eu sei... - Não queria mais que ela falasse, queria beijá-la. Enchia Malu de beijinhos inquietos. - Quase morri de saudades!

– Eu também, seu bobo! - Vinícios a levantou do chão num abraço apertado, beijando-a de maneira profunda e entregue. Mesmo sem querer se desvencilhar do abraço, a moça o afastou.

– Vini, estamos no meu interior. Todo mundo me conhece... - disse preocupada.

– Malu, meu problema é com o André. Não com a sua família. - Ele sustentava o olhar em direção ao dela. - Se quer saber, vou até aproveitar a visita para falar com seu pai sobre nós dois.

– Você não se atreveria... - ela o encarava surpresa.

– Por que não? - ele levantava os ombros sem dar atenção à surpresa dela. De repente, porém, veio-lhe um pensamento desagradável. - Ou você ainda tem dúvidas se quer mesmo namorar comigo?

O clima ficou sério, principalmente, porque Malu não respondeu de imediato. Ficou ali parada, no meio do caminho, sem saber direito o que dizer. Gostava de Vini, mas tinha a paixonite adolescente de Rosana, tinha esse amor de gente grande, de filme de cinema que Vini dizia sentir por ela e que ela ainda era incapaz de enfrentar e tinha André, os sentimentos de André e os sentimentos dela a respeito do André, que foram companheiros de muitos anos e que muito provavelmente ainda estavam lá.

– Não... Mas... - disse por fim, absolutamente confusa.

Vini suspirou fundo. Arrependeu-se na hora da pergunta que fizera. Ainda era cedo. Embora estivesse muito feliz e soubesse que ela estava feliz, não precisava atropelar as coisas. Tinha prometido que ela teria tempo, o tempo que precisasse.

– Desculpa, Malu. - ele beijou a testa dela com carinho. - Eu não quis te deixar confusa. - Mais um beijo e um abraço. - Nem muito menos constrangida... Desculpa se eu fui assim estabonado, tá? Às vezes, eu tenho muita pressa. Mas eu te entendo. Entendo mesmo.

– Tudo bem... - ela respondeu, aliviada de não ter que explicar mais nada.

O silêncio tomou conta dos dois enquanto caminhavam lado a lado e, de repente, eles não queriam mais andar de mãos dadas. Malu resolveu puxar assunto antes que aquilo tudo ficasse constrangedor demais.

– E, então, onde você estava com seu tio? Como você veio? Onde estão suas coisas? - sorriu e com muito esforço Vini retribuiu o sorriso.

– Todos os anos, no meu aniversário, vou acampar com meu tio. Cada vez ele escolhe lugares mais longe... Dessa vez, a gente tinha que andar pelo menos duas horas de carro para achar sinal de telefone. Mas, assim que cheguei lá em casa, vi as mensagens que você tinha deixado no celular, fiquei louco para vir. Meu tio mesmo me trouxe.

– Não acredito que foi seu aniversário e você nem me avisou nada.

– Para quê? Só para você se sentir obrigada a comprar um presente? Não. Deixa isso pra lá! - Deu um beijo no rosto dela. Surpreso com a indignação.

– Ah! Vini! E se eu quisesse te dar alguma coisa? - Estava mesmo chateada com o fato de estarem tão próximos e ao mesmo tempo não saber sequer o mês do aniversário dele.

– Deixa pra lá, Malu! - Ele não queria que ela se sentisse obrigada a nada. Não fazia tanto tempo assim, ela o detestava, a moça ainda estava confusa com relação aos próprios sentimentos, ele não queria forçar uma intimidade que eles ainda não tinham. - Ninguém falou comigo pessoalmente mesmo. Já disse. Eu estava num lugar sem sinal de telefone. Mas, se você faz tanta questão, meu aniversário ainda está sendo celebrado nas redes sociais, até agora estou recebendo mensagens, então, deixa uma para mim que está resolvido.

– Eu não participo de redes sociais. - respondeu, visivelmente chateada com o fato de ter sido comparada a uma simples amiga de internet. Porém, refletindo melhor, do que ela poderia reclamar? Quem era ela para querer oferecer algo mais no aniversário dele? A namorada? Se era ela mesma quem se mostrava confusa. Era ela quem apresentava dificuldades para assumirem um relacionamento. – E seu tio está aí? - Engoliu a mágoa e mudou o assunto. - Onde?

– Ele e minha mãe estão numa pousadinha perto do centro...

– Sua mãe também veio.

– É. - Vini nesse ponto da conversa demonstrava a mesma surpresa de Malu. - Tio Artur a convenceu a vir. Não sei bem ao certo, mas...

– Mas...

– Não sei. Posso estar tremendamente enganado, mas acho que o Tio Artur tem uma quedinha pela minha mãe...

– Será, Vini? - Malu estava boquiaberta. - Mas por que você diz isso?

– Nada ainda. - ele coçou a cabeça tentando procurar indícios para aquilo que ele vinha suspeitando. - Tio Artur olha para minha mãe de um jeito... Não sei... É... É quase devoção...

– E você, o que acha?

– Por enquanto, não acho nada.

– E se a sua mãe...

– Ah, Malu! Não sei! - perdeu a paciência, não com ela, mas com a possibilidade da mãe estar namorando o irmão de seu pai. Mesmo assim, pareceu bem grosseiro.

– Desculpa se o assunto te irrita... Só pensei que você gostaria de conversar.

– Não. Não. Eu que peço desculpas. - ele parou no meio do caminho e a beijou. - Só não quero considerar coisas que podem nem estar perto de acontecer... Sem falar que é muito estranho.

– Então, você acha que sua mãe pode estar interessada em seu tio também?

– Como eu disse, ainda não sei... Mas ela está, com certeza, bem diferente...

– Diferente? Como assim?

– Sei lá! Sorrindo... Cantarolando pela casa... E depois, teve essa viagem com o meu tio... Nada contra, mas nós nunca viajamos antes, os três juntos. E, por fim, essa insistência em me acompanhar até aqui.

– É.

– É o que, Malu?

– No mínimo, está bastante estranho.

– É.

– Não sei nem se devo te dizer isso. - hesitou meditando o impacto da sua opinião sobre a mente confusa de Vini. - Mas eu acho que você realmente deveria considerar a possibilidade...

– Para, Malu.

– Olha, Vini, me pedir para parar de falar sobre o assunto não vai alterar em nada essa história. Você deveria ao menos considerar essa hipótese, principalmente, porque o seu tio é um cara legal e a sua mãe merece ser feliz...

– É, mas precisa ser com outro cara dessa família?

– Que família, Vini? A sua? Que eu saiba, a sua mãe foi muito feliz com outro membro dessa mesma família... Por um acaso, ele não se parece com seu pai?

– Até demais... - teve de concordar. Tinham o mesmo sorriso, o mesmo jeito de falar, o mesmo jeito de andar.

– Ela era apaixonada pelo seu pai. E ele é muito parecido com ele. Nada mais natural que...

– Nossa, Malu! Falando assim fica ainda mais estranho! - interrompeu.

\*\*\*

---

# 23 Capítulo

Foi com uma imensa satisfação que Seu Fernando cumprimentou Vini, pareciam amigos de longa data. Tão logo Malu e o rapaz cruzaram a porteira da fazenda, ele nem os deixou entrarem na casa, puxou Vini para a garupa do seu cavalo e seguiram em direção aos estábulos onde ficava estacionado o velho trator. Malu não se deu ao trabalho de ficar indignada pelo fato do pai nem ter lhe dado atenção, achava muito legal essa amizade que crescia entre eles. Chegou até a considerar o quão seria útil toda essa empatia entre os dois quando fosse revelar que estava namorando Vini, se é que faria isso um dia.

Deitou-se numa rede na varanda disposta a tirar um cochilo, mas seus pensamentos voaram para esse futuro com Vini, podia vê-lo tirando as coisas deles do carro, prontos para passar o fim de semana com a família, a avó faria a comida favorita dele e o pai se derreteria em atenções ao rapaz como fazia agora, depois Isaura viria de tarde trazendo Laura para brincar e Malu podia prever que a criança seria louquinha por Vini também, já que todos pareciam cair de amores por ele rapidamente. Ela se perguntou com um sorriso no rosto desde quando Vini era tão encantador.

Enquanto isso, Vini e Seu Fernando desmontavam e limpavam as peças do motor do velho trator. Vini tirara a camisa para não sujar de graxa e Seu Fernando lhe emprestara um chapéu para proteção por conta do sol forte na cabeça. Assim de jeans, chapéu, sem camisa, barriga dividida, pele bronzeada e olhos muito verdes concentrados no trabalho, Vinícios estava bonito demais para manter as jovens lavadeiras trabalhando do outro lado da cerca. A toda hora uma moça vinha puxar assunto com Seu Fernando, vinham cheias de risadas e sorrisos, ajeitavam o cabelo e rebolavam mais do que o costume. O rapaz nem reparava nelas, mas Seu Fernando começava a se divertir com aquele desfile.

– Vem cá, filho, é sempre assim por onde você anda? - finalmente falou

quando a quinta moça, a filha da Dona Mercedes, desistiu de tentar chamar a atenção deles.

– Como assim, Seu Fernando? - Vini levantou o olhar do serviço que fazia. Só então percebeu os acenos e risadinhas de um grupo de moças que lavava roupa num riacho mais a frente - Ah! Isso! - Vini sorriu, baixando a cabeça.

– Como assim? Você nem liga? Hiii! Sei não, moleque, eu na sua idade...  
- aproveitou para tirar onda.

– Se eu fosse deixar de fazer o que estou fazendo cada vez que isso acontecesse... - já que Seu Fernando queria se divertir, resolver bancar o boçal  
- Eu não faria mais nada da vida! - sorriu.

– Arre! Mas olha a petulância do moleque! Duvido. Você é mesmo um frouxo, quer saber? - divertia-se com o rapaz.

– Seu Fernando, eu sou um homem de paixões, aprendi isso com meu pai. Tem horas que eu prefiro a certeza e a previsibilidade dos motores do que mexer com os inconstantes corações femininos. Então, me deixe trabalhar, sim. - disse com a sabedoria de um bêbado de botequim barato. E Seu Fernando, diante da declaração, controlou-se para não desatar a rir. Mas o moleque continuava a se fingir de sério e aquilo tornava tudo ainda mais divertido.

– Pois bem, seu atrevido. Mas foi você mesmo quem me disse que a maior paixão do seu pai não eram os motores...

– Nem a minha. - Vini parou de polir a peça e o encarou sério. - Eu nunca disse que era. Na minha cabeça e o no meu coração, antes de qualquer outra coisa, só tem uma paixão.

– Ah! - Seu Fernando não percebeu que de repente o clima não era mais apenas de brincadeira. - E eu posso saber qual é essa paixão avassaladora que consome esse seu jovem coração, moleque?

– Sua filha.

\*\*\*

Quando o sol já estava se pondo, Maria Lúcia viu um jipe com dois rostos conhecidos entrar pela fazenda. Eram a mãe e o tio de Vini. Maria Lúcia e sua avó vieram recepcioná-los. Ela estava meio sem jeito, nunca havia falado com Dona Eleonora, não esperava pela visita e, ainda por cima, suspeitava que entre Vini e sua mãe não houvesse segredos, de modo que ela devia saber de tudo que andava acontecendo entre eles. Pelos poucos olhares

que trocaram durante os cumprimentos, Malu teve certeza disso e imediatamente ficou vermelha de constrangimento.

Ainda bem que tanto o tio Artur quanto sua avó nada perceberam e reagiram normalmente, ela oferecendo cafezinho, bolo e biscoitos, ele mostrando-se entusiasmado com as coisas da fazenda e mantendo o papo descontraído.

Durante a conversa, Dona Lúcia descobriu que Dona Eleonora adorava flores e pediu que a neta a levasse para ver suas roseiras atrás da casa, enquanto ela e Artur colocavam a mesa para o jantar. Era, aparentemente, um pedido simples, mas Malu congelou. Ficaria sozinha com a mãe de Vini. Dona Eleonora era uma figura tão imponente que dava até medo. Será que gostaria dela? Ou sentiria ciúmes do filho?

Bastaram alguns segundos a sós para perceber que a aparente frieza daquela mulher tão linda era apenas fachada. Entre as rosas da avó de Malu, Dona Eleonora abriu o mais encantador dos sorrisos. Achou sinceramente tudo muito lindo, Malu conseguiu perceber que ela estava realmente encantada com aquele universo.

– Maria Lúcia, diga a sua avó que estou maravilhada com essas rosas. Quanto cuidado! - alisava delicadamente as pétalas entre os dedos longos - Aliás, sua avó é uma mulher maravilhosa também. Estou ansiosa para conhecer seu pai, sabia? Tenho certeza de que também é um homem maravilhoso.

– Obrigada, Dona Eleonora. - sorriu sem jeito.

– Olha, Malu, não precisa ficar assim tão constrangida. - Sorriu de volta. - Vim aqui hoje porque tinha enorme vontade de te conhecer mais de perto. Sempre escuto coisas fantásticas a seu respeito. Como você é doce, inteligente, educada, bonita... Mas não me culpe pela indiscrição de querer ver isso assim de pertinho. - Dona Eleonora chegou perto de Malu e tocou-lhe o rosto com a mesma gentileza com que tocou nas rosas - Você deve saber que um homem apaixonado pode perder um pouco da razão e se confundir em alguns critérios. Principalmente um homem tão apaixonado assim, apaixonado desde menino. - balançou a cabeça de leve, com um sorriso nos lábios, como se lembrasse de outros tempos. - Eu sempre tive medo desse temperamento, sabe? Medo que ele sofresse.

Maria Lúcia não sabia o que pensar. Seria aquilo uma espécie de cobrança. Dona Eleonora falava como se já a conhecesse de muito tempo antes. Abria o coração. Mas algo na fala dela a deixava nervosa. Talvez porque

ela demonstrava acreditar no amor que o filho dizia sentir, esse amor grande demais para Malu. Essa certeza enorme que Vini tinha toda vez que expressava seus sentimentos. Malu era adolescente demais para aquilo. Insegura demais. Não tinha certeza de nada. Não sabia nem se havia esquecido o sorriso de André.

Dona Eleonora percebeu o nervosismo de Malu. Sorriu tentando tranquilizá-la. Não podia jogar em cima daquela menina o que a vida e a convivência levaram anos para ensiná-la. Malu tinha ainda muita coisa para aprender até conquistar a certeza e a segurança da maturidade. Precisavam ter paciência. Ela saberia ter, seu filho, infelizmente, era jovem demais para isso. Portanto, algum sofrimento seria inevitável. Estava conformada com isso.

Enquanto mãe, a visita ao sítio deixara o seu coração em festa, pois seu filho escolhera com sabedoria. Aquela menina, que ela nem bem conhecia, vinha de uma família de gente honesta, trabalhadora, que amava plantas, bichos e, principalmente, que se amava muito. Malu não poderia ser tão diferente deles. E, um dia, essa menina que não estava entendendo nada ainda, mostraria ao filho um conceito de família que ela mesma e as circunstâncias de sua vida não a permitiram ensinar.

– Mas, sabe, Malu, - segurou-a pela mão retomando o caminho da casa - vou te explicar uma coisa. Um conselho de sogra velha, pode ser? - Malu continuava atônita, agora, mais atônita ainda com a ideia daquela mulher belíssima se colocando como sua sogra velha, mas prestou atenção. - Não se culpe se fizer o Vini sofrer. Se tem alguém que não tem culpa de ele ser desse jeito, esse alguém é você. - olhou-a bem fundo dentro dos olhos - Talvez a culpa seja minha dessa passionalidade toda... - Levantou os ombros - Muito provavelmente o pai dele tenha muitos méritos nisso também. - Sorriu nostalgicamente lembrando-se do pai de Vini. - Adriano era um homem inevitavelmente apaixonado por tudo...

– Eu sinto muito por ele. - Malu viu de relance a mesma tristeza dos olhos de Vini estampada no semblante de Dona Eleonora.

– Pois não sinta tanto... - Dona Eleonora Sorriu. - Você conhece essa história pelas palavras de Vini. Meu filho absorveu mais do meu sofrimento do que da minha alegria. Penso que realmente não consegui, nesses anos todos, mostrar o quanto eu fui feliz com Adriano. Para os outros, mas, principalmente para Vinícios. - ela continuava sorrindo, Malu não esperava essa reação. Pensava que a mãe de Vini fosse uma viúva tristonha. - Eu me habituei com a dor, Malu. E disso eu me envergonho. - Dona Eleonora

continuava em pequenos passos a caminhada em direção à casa de braços dados com Maria Lúcia - Mas nada do que eu sofri, nem que se multiplicasse esse sofrimento por dez, se compara a alegria de acordar ao lado do amor verdadeiro, de dançar com ele, de colocar um filho em seus braços... Ah! Malu, Malu, Malu... Eu fui imensamente feliz com aquele homem. - De repente, parou e encarou a menina séria. - Mesmo se eu soubesse o que aconteceria, eu faria absolutamente tudo outra vez.

– Nossa!

– Você deve estar me achando uma louca, não é? Afinal, você nem me conhece e eu aqui falando do passado e de coisas que você ainda não é capaz de compreender por ser tão jovem...

– Na verdade, eu só queria saber...

– Saber o quê? - mas uma vez sorria.

– Saber de onde vem tanta certeza? A senhora e o Vini parecem ter a mais absoluta certeza de tudo.

Dona Eleonora caiu na gargalhada. Malu estava muito distante da verdade. Justo ela que não tinha mais certeza de nada.

– Eu não tenho certeza de tudo, Malu. Aliás, tenho tido muitas dúvidas nesses dias, se quer mesmo saber... Mas a dúvida faz parte do processo. O processo de se abrir para a vida. O processo de ter certeza de algumas coisas, das coisas mais importantes. E, mesmo de um jeito muito doido, é sobre isso que estamos falando. - apontou o dedo em direção ao nariz de Malu, tocou-o de leve - Lá vai o resto do conselho e depois vamos voltar para casa que estou louca para provar o jantar da sua avó. Bem, não tenha medo de fazer meu filho sofrer. Não gosto da ideia, mas é parte desse processo chamado crescer. Sofrimento não arranca pedaço, mas a dúvida, por sua vez, deixa um vazio, um vazio enorme. Por isso, mocinha, eu te peço, só entregue esse coraçãozinho, para quem quer que seja, quando você tiver certeza.

\*\*\*

O jantar foi esquisito por diversos aspectos. A comida estava uma delícia. Dona Eleonora parecia muito à vontade, assim como Vini e o tio. Já Seu Fernando e Malu falavam pouco, tão parecidos que eram, precisavam ambos de certo tempo para digerir aquela tarde. Ainda bem que o tempo passou depressa e pouco depois, com um beijo singelo no rosto, Malu se despediu de Vini.

Mais tarde, já no hotel, enquanto a mãe tomava banho, Vini relatava de modo divertido, estirado numa das cadeiras da piscina, como encontrou a oportunidade ideal para contar a Seu Fernando sobre seus sentimentos em relação à filha dele.

– Vini, você é muito louco, cara! E aí, como ele reagiu? - Artur sorria das peripécias do sobrinho tomando um gole de cerveja.

– Ficou cheio de dedos, é claro. Acho que ele já desconfiava e tudo mais... Só não pensou que eu fosse ter coragem de dizer assim na lata, né?

– E depois disso? Ele não quis te bater?

– Quis sim. Correu atrás de mim com o chicote.

– E te pegou?

– Claro que pegou. Até fugi um pouquinho, para dar certa graça ao momento, mas aí deixei ele me pegar, porque eu não sou de fugir...

– Cadê as marcas das chicotadas, então?

– Que nada! Quando ele me alcançou, me deu foi um abraço. É uma figura esse Seu Fernando!

Artur estava emocionado. Tinha lágrimas nos olhos, estava feliz de viver esse momento tão importante da vida do sobrinho. Não resistiu e ele mesmo, de braços abertos, pediu um abraço a Vini.

– Se você tá emocionado agora, tio, imagina quando eu for pedi-la em casamento, hein? - Vini achava que o tio tinha bebido demais. Nunca o tinha visto tão emotivo.

– Nem fala, moleque. Quando você for casar, eu vou me desfazer em lágrimas. - limpou o rosto e sorriu - Mas isso é para agora ou você pretende deixar para depois da faculdade?

– Já falei que tem que ser logo, tio. A barriga vai começar a aparecer, as pessoas vão falar...

– Peraí. - começou a mexer no celular. - Fala de novo que eu vou gravar para sua mãe ouvir. Ah! Vou mandar também uma cópia para o sogrão.

– Você é louco! Nem de brincadeira. Minha mãe me mataria e eu ia perder todo meu prestígio com meu futuro sogro.

– Então, tirando as brincadeiras, é com ela que você vai casar mesmo?

– Com certeza. Contanto que ela me queira. Eu não tenho dúvidas. Nunca tive.

– Ouvi a mesma coisa de um cara muito parecido com você anos atrás. - Tomou mais um gole de cerveja. - E ele casou mesmo com ela. - afagou os cabelos do sobrinho, desarrumando-os. - Contra tudo e contra todos.

– Lembrei dele esta tarde. - Vini sorriu.

– Você tem a mesma coragem. A mesma certeza. E, se me permite dizer, a mesma sutileza. A sutileza de um rinoceronte.

Caíram os dois na gargalhada.

– Ora, tio, nessas horas é melhor dar a notícia de uma vez. Rodeios não vão adiantar muita coisa.

– Você acha mesmo?

– Acho sim. Tenho certeza.

– Sabe, filho, que bom que você tocou nesse assunto. Porque eu estou com um problema parecido.

– Qual, tio? - Artur bebeu mais um gole antes de responder de supetão.

– Aluguei dois quartos nesse hotel para três pessoas e tenho que falar com um cara para trocar de lugar comigo. E esse cara é você.

\*\*\*

---

# 24 Capítulo

Quinze minutos depois do susto, ainda estavam no mesmo lugar. Vini com a cara amarrada. Artur foi buscar duas cervejas. Sabia que o sobrinho não era chegado à bebida, mas tem horas na vida que um homem precisa de uma. Aquele lhe parecia ser um bom momento. O rapaz ficou calado nos cinco primeiros minutos. Depois, quis bater no tio. Como Artur não fez menção de se defender, acabou se acalmando. Tornou a ficar calado. Tomou um gole de cerveja.

– Precisava ser assim? - finalmente falou. Artur era todo ouvidos. - Você precisa da minha autorização para transar com a minha mãe comigo dormindo no quarto ao lado? Não dava para esperar nem mais um dia?

– Primeiro, não se trata de sexo. Falei que quero dormir com Eleonora.

– Ah tá, tio! Não vem com essa! Minha mãe é adulta. Ela pode... - estava zangado, mas ainda assim era difícil falar da mãe dessa forma, nunca iria desrespeitá-la - Sair... Dormir... Transar com que ela quiser.

– Já falei que não se trata de sexo. Não tô pegando a sua mãe, moleque! Eu quero namorar ela, casar com ela... E pra isso eu vou precisar da sua autorização.

– Ela sabe disso? - desafiava. - Sabe que o irmão do homem que ela mais amou na vida... - engoliu o choro, sentia que o tio traía sua confiança, traía seu pai.

– Sabe sim. - confirmou com a cabeça. - Vini, por favor, não me veja como um vilão... - tentou passar a mão no cabelo dele, mas o rapaz não deixou.

– Então, por que ela mesma não me contou? - continuava revoltado - Nós nunca tivemos segredos.

– Vini, I'm your father. - Artur ainda encontrou forças para imitar o Darth Vader. - Brincadeira!

– Muito sem graça, diga-se de passagem. Nem parece que você precisa da minha permissão para pegar a minha mãe.

– Ei, moleque! Mais respeito. - novamente tentou passar a mão nos cabelos de Vini, que dessa vez deixou. - Se você soubesse como eu teria ficado feliz se você realmente fosse meu filho... Mas eu nunca tive a menor chance. Sabe por quê? Porque você é filho do cara mais legal desse mundo. E, sinceramente, contra ele, eu nunca tive a menor chance.

– Ah, tio! Qual é? Também não precisa ser irônico só porque agora você tá pegando a mulher dele.

– Primeiro, respeite a sua mãe. - puxou o sobrinho pela gola da camiseta e colocou o dedo na cara dele - Eu não estou pegando a sua mãe. Eu amo a sua mãe.

– É sério isso, tio? - não conseguia acreditar.

– Desde sempre. Desde antes do seu pai conhecê-la.

– Isso é brincadeira! Você gosta dela, tipo, há 20 anos? E ficou calado esse tempo todo... Não dá para acreditar.

– Dá sim. Sabe por quê? Porque ela se apaixonou pelo único cara nesse universo que me impediria de ficar com ela, de lutar por ela... Ela se apaixonou pelo cara mais legal do mundo: seu pai. - acabou com a cerveja e pediu uma dose de uísque. A cerveja não estava mais aliviando a dor das lembranças, precisava de algo mais forte.

– Tio, na boa: inacreditável.

– Vini, você sabe que sua mãe foi a professora que ia ensinar a dança de casamento do seu pai, não sabe?

– Sei. Sei. Claro que sei.

– Mas que ela era minha professora de dança antes disso, você sabia?

Vini ficou sem palavras. Começava a sentir uma empatia pelo tio que nunca sentira antes. Aquela história absurda parecia de alguma forma com a sua. Deu a ele toda sua atenção.

– Eu pirei naquela mulher, cara. Desde a primeira vez que eu a vi. Eu conheci sua mãe numa festa de aniversário de um colega. Ele curtia dança de salão e chamou umas colegas da academia. Quando ele tirou Eleonora para dançar, meu mundo parou, meu coração parou. Eu só conseguia olhar para

ela. Ela girava e girava. Meu mundo girava com ela. E aquele sorriso me deixava louco, o mesmo sorriso que eu vejo nos seus lábios às vezes... Um sorriso que chega até os olhos.

– Você ficou com a minha mãe?

– E ela sequer percebeu que eu existia? Se ela tivesse feito isso, provavelmente o nome na sua certidão de nascimento era o meu. - tomou mais uma dose e continuou, envolto em lembranças. - Ela curtiu a festa inteira. Não ficou com ninguém. E não foi por falta de quem tentasse. Mas ela simplesmente não estava a fim. Só que eu não desisti assim tão fácil. Eu era um playboyzinho de vinte anos, colocaria quem eu quisesse dentro do meu carro. Ledo engano. Quanto mais eu tentava ser marrento, mas ela fingia que eu não existia. Por outro lado, mais eu a queria. Fiquei louco. Até que eu tive a ideia de fazer dança de salão. Lembro que seu pai, quando me ouvia falar das minhas empreitadas, se divertia horrores. Muitas vezes, ficou me arremedando enquanto eu ensaiava uns passos. Eu queria ser aluno de Eleonora, mas, naquela época, ela já ensinava o grupo mais avançado e eu era um pereba totalmente sem ritmo. Fazer o quê? Ensiava noite e dia.

– Eu nunca soube disso. Nunca me contaram.

– Quem você acha que poderia te contar uma coisa dessas? Sua mãe nunca me levou a sério, seu pai morreu. Mas, se você perguntar para sua avó, ela contará tudo nos mínimos detalhes. Como a sua mãe destruiu o lar dos Leal. Colocou irmão contra irmão em busca da herança. Tudo besteira, posso garantir. Sua mãe nunca quis um centavo do nosso dinheiro, porque, se ela quisesse, eu teria dado. Dado tudo.

– Bem, e não deu certo?

– Não. Nessa época, seu pai, jovem médico bem-sucedido, seis anos mais velho do que eu e meu grande ídolo em todo o mundo, resolveu casar com a Gisele, afinal, eles já namoravam há quatro ou cinco anos. Fizeram todos os preparativos. Eu estava empolgado, pois finalmente faria aulas com Eleonora e tinha planos para conquistá-la. No jantar de noivado, tirei Tia Teresa para dançar, a velhinha pesava horrores, mas estava tão maravilhado com a dança que me esforcei. - Sorriu se lembrando da dor nas costas de tanto conduzir a tia. - Acho que agradei, porque Gisele quis contratar uma professora da academia que eu frequentava para ensinar a valsa do casamento. Indiquei imediatamente sua mãe. Não perderia a oportunidade de vê-la desfilando três vezes por semana em nossa casa, de levá-la de carona para a academia.

– Mas foi nessa que você se deu mal. - Vini já não conseguia mais conter o riso. O tio, bonitão e bem de vida, na verdade, era um mazela.

– Pode rir... - ele também riu, mas tomou mais um gole. - Você também seria incapaz de prever o que aconteceu na primeira vez que seu pai viu sua mãe. Havia faíscas ali. Eu e Gisele poderíamos tocar na tensão sexual que surgiu entre eles de tão densa que era. Gisele fechou a cara. Eu tentei arranjar outra professora. Em vão. Logo descobriríamos que nada nem ninguém seria capaz de deter aquele sentimento. Contando três meses daquele dia, eles estavam casados, pouco mais de um ano depois, você nasceu.

– Meu pai nunca se importou com você, tio? Com seus sentimentos...

– Ele estava apaixonado demais para notar qualquer coisa, Vinícios. -

Artur passava a mão nos cabelos desesperado. - No dia em que ele fugiu para casar com sua mãe, entrou no meu quarto pela manhã e disse exatamente as mesmas palavras que você me disse ainda agora: “Contanto que ela me queira. Eu não tenho dúvidas. Nunca tive.”

– Deve ser de família... - surpreendeu-se.

– Pois é, deve ser... Nesse dia, ele me perguntou pela menina que dançava por quem eu andava enrabichado. Acho que já desconfiava que fosse Eleonora. Então ele me perguntou se era ela. Mas eu menti que não. Como eu poderia lidar com aquilo? Eu nunca tinha visto meu irmão tão feliz. Ele dançava sobre as camas, o cabelo todo desarrumado. Até aquele momento, para seu conhecimento, eu era o filho rebelde e seu pai era o certinho. O choque foi tanto que depois dali seus avós surtaram. Eu não quis diminuir aquela alegria genuína com aquilo que eu até então achava que era uma paixão adolescente da minha parte.

– Nossa, tio. Eu não poderia imaginar. Então, ele nunca soube.

– Soube sim. Porque eu também surtei. Quando seu pai casou com sua mãe, eu sumi no mundo. Nunca mais dancei. Larguei a faculdade. Não quis mais saber de nada. Nenhuma garota me interessava para além de uma noite. Pensei até em ser monge no Nepal ou coisa semelhante. Tomei todo tipo de coisa que me diziam que aliviava a dor. Fiquei muito doido. E é talvez bastante por minha causa que seus avós não apreciem a sua mãe...

– Então, pelo menos, eles sabem...

– Sabem. Uma vez a polícia foi me deixar em casa e eu estava tão doido que gritava a plenos pulmões o nome da sua mãe. Nada de que eu me orgulhe, se quer mesmo saber...

– Eu pedi para falar com você. Eleonora já tem muitas dúvidas na cabeça. E eu sabia que você ia questioná-la. Tive medo demais que ela desistisse de tentar por sua causa. Eu... - hesitou por um instante - Sinto muito, Vini. Eu não ia suportar mais uma recusa. Não depois de tanto tempo...

– Então, a viagem de aniversário, o jipe do meu pai... Tudo isso era para comprar minha confiança. Minha aprovação.

– Eu pedi para falar com você. Eleonora já tem muitas dúvidas na cabeça. E eu sabia que você ia questioná-la. Tive medo demais que ela desistisse de tentar por sua causa. Eu... - hesitou por um instante - Sinto muito, Vini. Eu não ia suportar mais uma recusa. Não depois de tanto tempo...

– Então, a viagem de aniversário, o jipe do meu pai... Tudo isso era para comprar minha confiança. Minha aprovação.

– Ei, moleque! Menos, viu? Eu não sou o seu avô. - Artur estava realmente irritado. Sabia que Vini ia ficar sentido, mas já estava extrapolando.

- Eu não compro afeto. Não acho que a felicidade da minha família tenha preço. - Tomou mais um gole de cerveja. - Esse jipe é seu desde que seu pai morreu, só cuidei dele. E quanto à viagem, eu queria muito estar com você quando você completasse dezoito anos. Não por causa da sua mãe. Por causa de você. Porque eu te amo desde que você era só um pedacinho de gente desse tamanho. - Artur encheu novamente os olhos com lágrimas. - Aliás, acho que eu não seria capaz de te amar mais, nem se você fosse meu filho de verdade.

Vini voltou a ficar calado. A cerveja descia amarga pela garganta. No fundo, não sabia o que tanto lhe desagradava. Queria que a mãe fosse feliz de novo. Mas não com o irmão do seu pai. Não achava justo. Era traição demais à memória de Adriano. Será que o tio a amara escondido todo esse tempo? Será que tentara alguma coisa alguma vez? Aquilo o perturbava demais. Porém, não era mesmo justo transformar o tio num vilão. Tantas vezes, desde o acidente, não fora ele quem fizera as vezes de pai. De fato, fora Artur quem o ensinara sobre os gostos do pai, sobre motores, sobre mulheres...

– Posso te contar mais duas ou três coisinhas a meu respeito que você talvez não saiba?

– Manda ver. - deu de ombros. Bebeu o restante da cerveja na garrafa mesmo, pediu outra para o garçom - Contanto que não diga que você é o meu pai de verdade e que eu vivi uma mentira todos esses anos.

– ... - Artur ficou calado com cara de espanto.

– Ah não! Nem vem com essa... - Vini arregalou os olhos verdes.

– E como você passou a ser apenas o Tio Artur, que até umas duas horas atrás, eu nem sequer sabia que se interessava pela minha mãe?

– Eu não sosseguei assim tão facilmente. Eu fui na casa de vocês declarar o meu amor, já que ele não cabia mais dentro de mim. Sua mãe estava em casa sozinha, seu pai tinha ido trabalhar. Ela estava muito grávida de você, absolutamente linda, linda e inalcançável. Eleonora me recebeu muito bem, agradeceu mil vezes o meu apoio, ela estava muito feliz, plena. Quando eu vi o tamanho daquele amor crescendo dentro dela, o meu sentimento ficou pequenininho, tão pequeno que eu nem falei mais nada, guardei o amor num cantinho qualquer de mim. E quando seu pai chegou, nós tivemos o melhor jantar em família da minha vida. Aí, depois você nasceu, você era filho das duas pessoas que eu mais amava no mundo. Dei para você aquele amor murchinho e você o transformou em outra coisa, que muitas vezes não sei explicar o que é, mas que é ainda mais forte do que o que eu sentia pela sua mãe.

– Obrigado, tio. - Vini o abraçou com sinceridade.

– De nada, garoto. Mas me deixe terminar de uma vez com essa história. No dia que você nasceu, seu pai estava eufórico. Ele me abraçou e me agradeceu. Eu pensei que tinha sido porque de certa forma eu tinha apresentado sua mãe a ele, mas ele fez questão de esclarecer que se eu tivesse dito no dia do casamento que era de Eleonora que eu gostava, ele teria desistido de tudo. Eu ali tive a certeza de que havia agido certo. - Artur começou a chorar, as lembranças eram muito fortes. - Meus momentos de tristeza somados não se comparam àquele momento de alegria do cara mais legal do mundo.

– Nossa, tio. Estou sem palavras. - continuou abraçado a ele. - Que história linda. Triste. Mas linda.

– Mas, Vini, eu preciso das suas palavras... Eu preciso da permissão do filho do cara mais legal do mundo. Porque esse cara morreu. E eu pensei que eu tinha morrido junto, que meu amor tinha morrido junto, que minha família tinha morrido junto, que a mulher mais maravilhosa do mundo tinha morrido junto... Mas aí, um dia, você estava voltando da escola e eu te dei uma carona, comprei um sorvete e nós brincamos no parquinho até altas horas da noite, você se lembra?

– Claro que eu me lembro. A mamãe dava aula até as onze nessa época.

– E você se lembra o que você me disse quando eu te deixei na porta de casa.

– Eu disse... - As lágrimas rolaram do rosto de Vini e a voz dele embargou. - Eu disse que você era o cara mais legal do mundo. - Lembrou-se com precisão.

– Pois é... - Artur não tentava mais esconder as lágrimas. - Se eu podia ser o cara mais legal do mundo para o filho do cara mais legal do mundo, que não por coincidência é o atual cara mais legal do mundo, então, ainda valia a pena estar vivo...

Os dois ficaram lá chorando feito dois panacas que se amavam, pois era exatamente isso que eles eram. Até que Vini recuperou um pouco do seu bom humor, analisando a cena como um todo. Então, concluiu:

– Certo, mas isso faz uns seis anos...

– Desde daquele dia eu tento alguma coisa com a sua mãe, mas ela não me deu a menor bola... - ele deu de ombros, meio sorrindo, meio amargurado.

– Jogo duro essa mulher!

– Nem me fala. E surpreendente também. Uns dois meses atrás, estávamos no aniversário da Milena, filha do Edgar, e do nada ela me tirou para dançar. Eu estava meio enferrujado na salsa, mas não ia dispensar aquela primeira abertura em anos. Tomei o maior cuidado para não pisar no pé dela. Acho que estava me saindo bem, só que você e o André aprontaram aquele espetáculo lá fora e a festa acabou. Mas depois, eu a convidei para jantar e ela aceitou. E nós chegamos ao ponto onde estamos. Portanto, após essa longa defesa, o que o senhor me diz?

– De cara mais legal do mundo para cara mais legal do mundo?

– Isso mesmo. - sorriu.

– Nem vem... Não é por isso que você vai pegar a minha mãe.

– Vini... - colocou o copo sobre a mesa com violência. - Você perde o tio, mas não perde a piada.

– Foi mal, essa minha sutileza é que me mata. - Depois de muito rir da cara do tio, voltou a ficar sério. - Na boa, tio, sempre senti você um pouco como meu pai... Aliás, foi com você que eu aprendi como ele era. Depois disso que você me contou, eu descobri que você é mesmo quase meu pai. Que direito tenho eu, então, de impedir meu quase pai e minha mãe de ficarem juntos? Se você quer e ela quer, que sejam muito felizes!

– Você tem noção de como isso é importante para mim, Vinícios?

– Faço ideia! - ele sorriu.

– Vem cá e me dá um abraço, seu porqueira. Eu te amo tanto, menino. Tanto. Eu quero que você saiba, seu babaca, que de todos os caras com quem sua mãe poderia se envolver e refazer a vida, eu sou aquele que sempre vai respeitar a memória do seu pai.

– Eu sei, tio. Eu sei. Eu também te amo. Mas e aí, agora eu devo te chamar de Papi, Papito... Você vai comprar meu amor com presentes caros? Eu quero uma moto.

Artur deu um cascudo no sobrinho e deu a conversa por encerrada.

\*\*\*

---

# 25 Capítulo

Maria Lúcia estava feliz. Estava novamente em casa. Deixara o sítio na manhã de segunda ciente de que Laura estava muito bem instalada. Isaura, apesar de cansada, estava dando conta do serviço. Queria ficar e ajudar mais. Mas faltava apenas um fim de semana para o retorno das aulas. Malu precisava estudar. O vestibular chegava com passos cada vez mais largos. Dedicara-se quase que exclusivamente a essa atividade durante a semana, já que Vini estivera bastante preocupado com assuntos familiares. O tio resolvera assumir para Deus e o mundo, o que incluía os avós de Vini, o romance com Dona Eleonora. E isso causou alguns contratempos.

Era fim de tarde. E ela cansou de ficar trancada no apartamento. Pegou a bicicleta e foi aproveitar o pôr-do-sol no calçadão olhando para o mar. Pedalava tranquilamente, ouvia música, sentia uma paz enorme. Até que parou num quiosque para tomar uma água de coco.

– And feels like home to me... - Cantava acompanhando Chantal Kreviazuk.

– Adoro essa música. - Uma bicicleta conhecida parou ao lado da sua.

– André? - Nem acreditou no que viu. - Você voltou?

– Cheguei ontem de tarde. - trocaram dois beijinhos carinhosos no rosto. - Esse é meu primeiro passeio em liberdade condicional. Tenho que voltar para casa antes das sete.

André tinha outra fisionomia. Estava visivelmente mais magro e tinha as bochechas coradas. Os olhos brilhavam saudáveis e o cabelo estava mais comprido que o costume. Continuava lindo como sempre fora.

– E aí, como você está?

– MUITÍSSIMO bem. - sorriu confiante. - Obrigado por perguntar. Mas,

para falar a verdade, estou louco para cair no mar. A clínica era na serra. Um frio! - bateu o queixo de mentira. - Tô morrendo de saudade da água que a essa hora deve estar bem quentinha.

– Pois vai lá... Eu olho as bicicletas.

– De jeito nenhum... Quis o destino que você me acompanhasse nessa empreitada. Vamos deixar as coisas aqui no quiosque, é de um amigo do papai, não tem problema.

– Nem pensar. Não trouxe biquíni.

– Nem eu. - ele não quis saber da opinião de Malu, foi tirando a carteira dela dos bolsos, o celular, os fone de ouvido e deixando tudo no balcão. - Se você não tirar esse tênis, eu vou te jogar na água assim mesmo. - diante do sorriso desafiador de André, resolveu nem arriscar. Tirou o tênis e aceitou o convite. Foram de mãos dadas até o mar.

André jogou longe sua camiseta de marca e deu um grande mergulho na água. Já Malu ficou pulando ondinhas na beirada. Pensava que assim o contentaria, mas após o mergulho inicial, ele saiu da água, a bermuda jeans colada no corpo, sacudiu o cabelo para trás e sorriu para ela maroto. Não, ela não ia escapar do banho. Ainda bem que a água estava mesmo quente, porque André a pegou no colo e entrou com ela as gargalhadas dentro do mar. Brincaram até começar a escurecer. Depois, deitaram na areia, contando as estrelas que apareciam devagar.

– Sabe, Malu, eu fiz umas escolhas bem ruins no último ano. Magoei muita gente. Inclusive você. - disse ainda olhando para o céu.

– Não importa, André. Todo mundo tem o direito de errar de vez em quando...

– Eu sei. - olhou para ela sorrindo. E Maria Lúcia achava aquele sorriso irresistível. - Mas eu prometi que não vou fazer mais isso. Quero voltar a fazer boas escolhas.

– Tomara, Deco. Tomara mesmo que você consiga. - ele pegou a mão dela e levou até os lábios, beijou com carinho.

– Obrigado por tudo que você fez por mim, Malu. Pela dedicação. Pelo carinho sincero. - continuava a beijar a mão dela. Malu se sentia arrepiar, seriam os beijos ou seria o frio, não poderia dizer ao certo, provavelmente, eram as duas coisas. - Eu senti muito sua falta lá onde eu estava. Senti falta de todas as pessoas que me amam e que cuidaram de mim. E você, você foi a dedicação em pessoa sempre e eu não soube te dar o devido valor. Por favor,

me perdoa?

– Claro, André. - já estava até constrangida.

Ele nunca olhou para ela daquele jeito. Parece que a enxergava de dentro para fora. Ela se sentiu nua. Ficou pouco à vontade naquela situação. Resolveu ficar em pé e se despedir. No mesmo instante, André estava na sua frente. Colocou a mão na nuca dela. Se ele a puxasse para um beijo, ela simplesmente não resistiria, mas ele apenas fez carinho.

– Se eu tiver outra chance, Malu, dessa vez eu vou fazer tudo bem certinho...

– Tenho certeza de que vai. - ela tirou a mão dele da sua nuca carinhosamente. - E você vai ter muitas chances, Deco. Muitas chances.

– Você promete?

Malu se perguntou por um instante se aquilo era um pedido. Uma faísca de calor permeou-lhe o corpo com a ideia. Mas depois do que ele dissera antes de viajar, ela não podia duvidar de que não havia nada entre eles dois. Qualquer tentativa seria ilusão da parte dela, ele fora bem claro. Aquela era apenas a versão mais nostálgica do amigo.

Mesmo assim, no caminho para casa, ela se sentiu culpada, pois em nenhum momento naquela tarde inteira havia sequer pensado em Vini. E ela e Vini eram praticamente namorados. Ou não, pois Vini sumia, Vini não avisava sobre seu aniversário para ela. Enfim, eles ficavam. Ela já vira Vini ficar com muitas. Sabe-se lá o que ele falava para cada garota. Rosana era uma que continuava apaixonada. Será que um dia ela mesma engrossaria essa fila enorme?

\*\*\*

– Alô, amore, pensei que tinha me esquecido.

– De jeito nenhum, Nana. Você sempre será minha favorita. Meu porto seguro.

– Sei... Eu e a torcida feminina do Flamengo.

– Que é isso, amore? Você tem o posto cativo de melhor amiga neste meu coração.

– Fala, logo, Vini. O que você quer?

– Só ouvir sua voz...

- Além disso...
- Você por um acaso me considera interesseiro?
- Sim. Agora pede e poupa meus créditos.
- Beleza. Fica de olho na Malu para mim?
- E eu sou lá babá de Maria Lúcia, Vinícios? Me poupa, faz favor.

\*\*\*

- Deco, é você mesmo?

Vini estava surpreso. Ele esperava por Maria Lúcia no portão da escola, quando viu o motorista do Doutor Edgar fazer uma manobra para estacionar o carro. Pensou em ir dar um alô para Milena, mas tomou um susto, pois o primeiro a descer foi André. Nem sabia que o colega tinha voltado. As duas últimas semanas foram intensas. O tio comprara a briga com os avós de Vini e eles até se mostraram dispostos a receber Dona Eleonora, contanto que seu maior sonho fosse concretizado e este sonho era a presença do neto, do filho de Adriano.

O rapaz ponderou muito se deveria ceder. Ainda estava zangado, mas o tempo passara. E agora a vida colocava novas situações para todos nesta família. Ele podia cultivar o ódio ou dar uma chance para o desconhecido. Seus avós não deveriam ser pessoas assim tão ruins, pois, afinal, seu pai e seu tio os respeitavam bastante, apesar de não concordarem com algumas de suas atitudes. E, além disso, a mãe merecia ser feliz por completo, portanto, se fosse depender dele para ela ser aceita na casa dos Leal, ele iria ao menos tentar.

Mas não foi uma aproximação fácil. Exigiu dedicação de todas as partes. Tio Artur era o mediador da relação, era ele quem propunha os encontros, jantares, passeios, era ele também que mantinha a conversa quando o assunto acabava, mas, principalmente, era o tio quem intervinha quando uma das partes extrapolava. E a intervenção se mostrou necessária em diversas ocasiões, pois Dona Augusta, a avó de Vini, perdeu o controle algumas vezes, criticando Dona Eleonora na frente do rapaz. Já o Doutor Demóstenes, grande advogado, mantinha-se tão frio e distante que Vini chegou mesmo a questionar se ele desejava realmente a sua presença ali.

Ele mesmo se tornava um poço de tensão durante as visitas, qualquer menção ao seu pai ou sua mãe já o faziam estremecer. Estava sempre preparado a contra-atacar como se cada palavra fosse uma ofensa. E mais uma vez era o tio quem controlava os ânimos. Somente no quarto encontro,

quando a tensão entre ele e os avós estava quase insuportável, alguma coisa mudou. Dona Augusta, que na maior parte das vezes, mostrava-se bastante afetuosa, sugeriu mostrar a Vini o quarto do falecido filho. Aquele era o lugar que Vini mais gostaria de ver da imensa mansão.

Ao entrar no aposento, Vini sentiu como se o tempo tivesse voltado vinte anos. Era como se o pai, o jovem estudante de medicina, ainda estivesse prestes a voltar. Todas as suas coisas continuavam impecavelmente arrumadas, seus livros de anatomia na estante, seus discos de vinil dos Rolling Stones, do Raul Seixas, suas miniaturas de jipe. Somente olhando para o cuidado com o qual aquelas pessoas haviam mantido aquela espécie de santuário de seu pai, Vini percebeu que Adriano não fora querido apenas como pai, marido ou irmão, ele fora um filho muito amado. Aquilo tocou seu coração, aquelas pessoas, seus avós, deveriam sentir tanta ou mais falta do seu pai quanto ele mesmo. E, talvez, tivessem até um jeito estranho de demonstrar amor, mas eram capazes de um amor imenso.

Pela primeira vez, baixou a guarda chamando Dona Augusta por avó, perguntou onde estavam as ferramentas de seu pai, disse que ele, quando o ensinava sobre motores sempre falava delas. A senhora encheu os olhos de água de tão emocionada por ser chamada assim. Disse, carinhosamente, que estavam onde sempre estiveram, na garagem. Tio Artur conduziu Vini até lá.

Em verdade, a garagem dos Leal era uma verdadeira oficina de restauração, era um cômodo enorme, que, além dos modernos carros da família, abrigava cerca de dez jipes de diferentes épocas, totalmente restaurados. Vini parecia uma criança numa loja de brinquedo, só vira carros como aqueles em revistas especializadas. Tinha até medo de tocá-los.

Perguntou ao tio se todos haviam sido restaurados pelo pai e Artur respondeu que o único carro ali, além do jipe que agora pertencia a Vini que havia sido tocado tanto por ele quanto por Adriano, era o jipe verde que se encontrava mais perto da porta da garagem, ao lado do esportivo que o próprio Artur usava. Era um jipe que tinha ido para a Segunda Guerra Mundial. O restante dos carros havia sido restaurado exclusivamente pelo seu avô, Doutor Demóstenes, peça por peça, estofamento por estofamento.

O queixo de Vini caiu de tanta surpresa. Era um excelente trabalho de reconstrução. O tio lhe explicou que seu avô não nascera rico, ele vinha de uma família de mecânicos e sempre mantivera este hábito de consertar motores como passatempo, embora sua paixão, assim como a do seu pai, sempre tenha sido os jipes. Já Artur preferia o conforto e a velocidade dos esportivos. Talvez por isso, certa vez, quando eles ainda eram meninos,

Demóstenes tivesse dito que deixaria suas ferramentas para o primogênito. E, desde então, Adriano as tratava como suas, o que muitas vezes o chateara como irmão mais novo.

Vini lembrava com clareza da descrição do pai sobre a organização das ferramentas na parede porque sempre que deixava alguma coisa bagunçada, ele repetia a mesma história. Vini ouvira tantas vezes sobre aquelas ferramentas que era como se as conhecesse. Chegando perto delas, percebeu que em cada uma havia um D marcado com lima no metal.

Infelizmente, desde que Adriano saíra de casa, antes mesmo do acidente, Doutor Demóstenes nunca mais mexeu em um carro. Porém, Artur deve ter relatado todo o encantamento de Vini na garagem, pois três dias depois, a própria Dona Augusta ligou para Vini e o convidou para um lanche. O rapaz ficou bastante receoso com o convite, pois o tio não estaria em casa naquele horário, mesmo assim, não tinha como recusar. Quando chegou na casa, Dona Augusta o levou até a garagem dizendo que tinha uma surpresa para ele.

A surpresa era um jipe, ou melhor, a sucata de um jipe da década de sessenta. Vini, a princípio, pensou que se tratava de uma tentativa de comprar o seu amor, mas pensou melhor, a senhora só queria lhe agradecer, pois ela poderia ter oferecido qualquer um dos carros já restaurados. Agradeceu o presente e fascinado começou a estudá-lo. A avó lhe deixou à vontade. E ele mal reparou no lanche servido na garagem.

Por volta das oito da noite, Vini já tinha desmontado o motor do carro inteiro, limpado e identificado as peças que precisavam de reposição. No entanto, não encontrava o motivo pelo qual o carro não dava a partida. O tio, que chegara por volta das seis, ajudava-o o quanto podia. Porém, nenhum dos dois chegara a nenhuma conclusão. Para surpresa de ambos, o próprio Doutor Demóstenes apareceu na garagem e deu uma sugestão e os três trataram de colocá-la em prática. Deu bastante trabalho, mas perto da meia noite o velho motor roncou, ainda fraco, mas inteiro. Os três se cumprimentaram satisfeitos.

A partir dali, o relacionamento deles melhorou muito. Todos os dias, Vini ia para casa dos avós, ele e Demóstenes estavam cada vez mais entretidos com o jipe velho, estudavam o modelo, compravam peças de reposição na internet, Demóstenes ensinava o que sabia. Só paravam na hora das refeições, Dona Augusta se esmerava em agradar, cada refeição era um espetáculo a parte. Tio Artur participava sempre que podia e quando finalmente ele levou Dona Eleonora como sua namorada para jantar, apesar da tensão inicial, já

havia no ar um clima familiar e ela foi muito bem recebida.

Por tudo isso, não tivera muito tempo para Malu nesses dias. Ligara umas duas vezes, conversaram sobre amenidades, ele explicou o que estava acontecendo. Mas sentiu que ela estava meio distante. Precisavam se ver, ele tinha essa certeza. Primeiro, porque ele andava morrendo de saudades e também porque esta distância poderia ser devastadora para a relação que começavam a construir.

Por outro lado, tudo acontecera muito depressa entre eles e ela mesma já havia demonstrado mais de uma vez que tinha dúvidas sobre o que sentia. Então, de certa forma, um tempo distantes um do outro poderia ser o que faltava para que ela tomasse de uma vez uma decisão. Algo no coração de Vini, entretanto, não sossegava. Esse algo lhe dizia que provavelmente a decisão de Maria Lúcia não lhe seria favorável, por isso sentia-se angustiado esperando por ela no portão da escola no primeiro dia de aula.

Enquanto cumprimentava André com um abraço, a angústia crescia. André voltara muito diferente, ele podia perceber. Aquele cara que ele abraçava era o amigo velho de guerra, o cara fantástico por quem Maria Lúcia sempre fora apaixonada. Ele era o cara mais legal do mundo.

\*\*\*

---

# 26 Capítulo

Malu não podia acreditar que depois de uma noite como aquela, ela quase não dormira de tão ansiosa para ir para o colégio, acabara atrasada. Tudo porque sua mãe, ao tentar fazer ovos mexidos no café da manhã, passara mal. Tão mal, que Otávio fora acudi-la no banheiro.

Inicialmente, ela ficou preocupada, pois Dona Helena não era dada a doenças. Logo, porém, uma suspeita lhe veio a mente.

– Otávio, me diz uma coisa, existe a possibilidade de a mamãe estar grávida?

– Assim que ela se recuperar, nós vamos ao laboratório fazer o exame. - disse contente com a possibilidade de ser pai novamente.

– Eu queria ir junto... - ela pediu também contente com a possibilidade.

– Eu já ia perguntar se você queria ir.

Depois, sentada na sala de espera do laboratório enquanto a mãe confirmava a gestação de pouco mais de um mês e fazia outros exames, Malu, muito feliz com o novo irmão ou irmã, esquecera-se por alguns instantes do motivo pelo qual não conseguira dormir a noite, o reencontro entre Vini e André. Será que Vini teria aquela conversa? E ela, será que queria que essa conversa realmente existisse?

\*\*\*

– Meu irmão, que saudades de você! - André passou o braço pelo pescoço do amigo na hora do intervalo.

– Também senti sua falta. Mas, e aí, cara, você está melhor?

– Cem por cento recuperado. E pretendo continuar assim. - Sorriu - E a primeira providência e voltar para o time.

– Excelente pedida! - o outro confirmou com a cabeça.

– Falando nisso, parabéns pela conquista do ENEC! - apertou a mão de Vini. - Claro que eu não esperava nada menos do meu capitão.

– O capitão do time é você, André. Aliás, vamos logo falar com o Bené que eu quero deixar de uma vez esse posto e voltar a ser o fominha de sempre.

Caminharam abraçados até o departamento de Educação Física. Bené os recebeu bem e permitiu que André retornasse ao time, reforçando que o posto de capitão da equipe continuava com Vini. André não reclamou, achava que o amigo merecia mais do que ele.

– André, cara, tenho uma coisa importante para te falar. - sentados na cantina, tomavam um suco e comiam sanduíches de queijo. Vini sentiu que era hora de começar a falar sobre ele e Malu.

– Hum. - limpou a boca no guardanapo - Também estou aflito para falar contigo. Estou tão angustiado que acho que meu coração vai sair pela boca...

– Pois fala logo... - Vini se interessou.

– Acho que pela primeira vez na minha vida estou apaixonado. Apaixonado pela Malu. O tempo parou. Faltou ar. O sangue já não circulava mais no corpo de Vini. André estava apaixonado por Malu.

Enquanto o amigo falava sobre o muito que pensara nela durante a internação, sobre o fato de ela sempre ter acreditado nele, sempre ter gostado do verdadeiro André. Vini se consumia numa mistura de ciúme e desespero na sua frente sem que o outro sequer notasse. André mencionou inclusive a tarde na praia, tarde que Malu não se deu ao trabalho de contar a ele, o que só aumentava o seu ciúme. Ainda o consolava a descrição do amigo que a achou diferente, distante, confusa, mas a explicação de André era plausível, depois da conversa que tiveram quando ele foi embora, Malu, provavelmente, perdera as esperanças.

– Vini, eu sei que você nem gosta muito dela, cara, mas eu preciso da sua ajuda... - implorava André - Quero muito aquela menina.

André falava tranquilo. Esperava uma palavra do amigo, porém, Vini continuava calado, atônito. Perdera totalmente a coragem de falar dos seus sentimentos. Sentia-se como se estivesse caindo e caindo num buraco sem fundo.

– Diz alguma coisa, Vini... O gato comeu sua língua?

Foi com imenso prazer que Vini acolheu a interrupção de Angélica. Ela e mais três representantes do Grêmio estudantil vieram cumprimentar André. Em pouco tempo, Vini ficou em segundo plano e saiu de fininho.

\*\*\*

– Rosana! - Recebeu a amiga com dois beijinhos no rosto na entrada do apartamento. Ainda estava surpresa com a visita.

Rosana não telefonara durante as férias, não retornara suas ligações. Malu pensava que ela tinha viajado com os pais como costumava fazer e andava ocupada por lá. Mas quando a moça entrou na casa dela como um foguete, compreendeu que, em verdade, Rosana passara o tempo remoendo alguma mágoa, pois parecia estar com muita raiva. Malu suspeitava o motivo daquilo, mal ela começou a falar, a suspeita se confirmou.

– Chega de falsidade, Malu. Fala logo! Você ficou com o Vinícios?

– Calma, Rosana. - Rosana alteou tanto o tom de voz que Malu agradeceu o fato de nem a mãe, nem Otávio estarem em casa.

– Como é que eu posso ficar calma, me diz? A menina que se faz passar por minha melhor amiga está pegando meu namorado às escondidas.

– Eu acho que você precisa ir com calma, Rosana. Primeiro de tudo, ele não é seu namorado. - corrigiu Malu tranquilamente. Ela estava constrangida de ver Rosana tão alterada por tão pouca coisa, afinal, nunca mais depois daquela noite no interior, Vini demonstrou qualquer interesse nela e isso tinha meses.

– Então, você não nega que ficou com ele. Bem que o Felipe me falou que andava desconfiado...

Rosana parecia tão afetada que Malu só poderia acreditar que além do fato dela ter ficado com Vini, a moça devia guardar rancor por conta de outras coisas. O escândalo era tamanho que Malu resolveu esperar calada até que ela se acalmasse um pouco antes de dizer qualquer coisa. Enquanto isso, Rosana alternava choros e gritos. Quando, finalmente, Rosana deu uma trégua, Malu recomeçou a conversa.

– Fiquei com o Vini sim, Rosana. Não tenho motivos para negar. Fiquei com ele mais de uma vez. Mas eu espero que você entenda que esse lance meu com o Vini é uma coisa diferente. – Malu ficava corada só de pensar em Vinícios, ele, enfim, tocara de vez seu coração - Bem, ele disse que me ama. Uma coisa de infância, sabe?

– Sua falsa. Fura-olho! Toda fingidinha de amiga, de inocente... Mas na

hora que a oportunidade aparece, dá o bote. – Rosana interrompeu furiosa a fala de Malu - Eu nunca confiei em você, Malu! Você é uma sonsa. Que papinho é esse de amor? Claro que ele disse que te ama! Ele diz isso pra todas. O Vini é um cafajeste, sua otária! Você mesma me disse isso.

Rosana gritava tanto e gesticulava como uma atriz de novela mexicana bem ruim. Malu não acreditava que aquela na sua frente fora um dia uma de suas amigas no grupo escolar. Porém, embora Rosana não soubesse exatamente o que estava fazendo, suas palavras atingiram fundo Malu, porque, em verdade, ela acreditara nas palavras comoventes de Vini, mas, talvez, ela representasse apenas mais uma conquista para a coleção dele, a mais divertida de todas. Aquela constatação doeu muito.

– Você é uma perigete, Malu! Sempre fingindo... Até meu pai acredita nessa sua versão santinha. Toda hora fala: “Feliz é o Fernando que não tem que se preocupar com o boletim da filha”, “Ah se você tivesse o juízo da sua amiga”, blá, blá, blá, Malu isso, blá, blá, blá, Malu aquilo... Não tem quem aguente. Ah! Se ele soubesse que você não passa de uma vagabunda oferecida...

– Alto lá, Rosana. Você já está indo longe demais!

– A voz do povo é a voz de Deus, Malu! O pessoal da escola sabe do que fala...

– Chega, Rosana. Fora da minha casa! Não vou nem me dar ao trabalho de te explicar o que aconteceu. Você não está merecendo. - A referência ao que acontecera no início do ano fora a gota d’água. Ninguém que se considerasse sua amiga de verdade poderia se referir àquele episódio com concordância.

– Vou, sim. Mas exijo que você nunca mais dirija a palavra a mim, sua falsa.

– Não se preocupe com isso. - disse seca, apontando a porta. - Não faço a menor questão de falar com você.

Rosana saiu, mas não sem antes quebrar um vaso de cristal que ficava no hall de entrada do apartamento e que Dona Helena adorava. Malu a encarou indignada pela falta de educação, entretanto, não disse nada para encurtar a conversa. Depois de recolher os cacos, sentou no sofá e chorou pela amizade perdida, pela situação constrangedora, pelo sentimento de Rosana e pela dúvida que ainda estava em seu coração.

\*\*\*

– Como assim, Vini, não entendi... - Vini falava de maneira rápida e angustiada, percebia-se que estava chorando. - O André te falou que está apaixonado pela Malu e você não disse nada para ele sobre os seus sentimentos? - repetiu Ana Maria.

Nenhuma resposta do outro lado da linha, apenas um suspiro profundo e demorado. Vinícios estava chorando muito.

– Certo, Vini, me diz onde você está que eu vou praí agora!

\*\*\*

Na manhã seguinte, Vini não foi para aula. Isto somado ao desprezo de Rosana fizeram com que Malu se sentisse muito sozinha como fora em outros tempos. Portanto, como em outros tempos, tentou se concentrar ao máximo no que os professores diziam e as três primeiras aulas passaram voando.

Durante o intervalo, André, depois de comprar o lanche, veio sentar-se com ela na cantina.

– Nossa, Malu, você parece que nem pisca enquanto o professor fala. - sorriu para ela dando uma mordida na sua coxinha.

– Ah! Oi, André. - ficou feliz com a aproximação dele. - Eh! Eu tento prestar atenção ao máximo. Mas às vezes também perco a concentração.

– Taí uma coisa de que eu duvido... - ofereceu um pedaço de lanche para ela que recusou - Então, por que você faltou ontem? - mudou de assunto, parecendo disposto a conversar.

– Fui ao médico com minha mãe.

– Ela está bem?

– Sim. Descobrimos que ela está grávida. Vou ganhar um irmãozinho.

– Sério? Que bacana!

– Também gostei da notícia. - sorriu.

– Espero que sua mãe tenha logo trigêmeos...

– Nossa, André, também não é para tanto. Para que isso?

– Por nada. - sorriu para ela e tocou nos seus cabelos - Só acho que sua mãe faz um bom trabalho com filhos. Eu, por exemplo, não me incomodaria de viver num mundo com mais Marias Lúcias.

Percebendo tanta intimidade, Ana Maria resolveu se aproximar e tomar partido do amigo, já que ele mesmo não encontrara coragem para tanto. Malu adorou a presença, pois ficara um pouco envergonhada com a

observação de André.

– E, então, Deco, soube que a Angélica te convidou para voltar ao posto de presidente do grêmio estudantil, é verdade? - frisou bem o nome da ex-namorada.

– É verdade sim, Ana. - sorriu para a amiga - Na verdade, meu mandato não acabou e eles acham que se estou em condições de assumir meu posto, eu deveria fazê-lo.

– Pois é, na sua ausência, ninguém fez nada. - Completou Malu.

– Também não é assim, gatinha. - piscou para ela com carinho. - A galera está organizando a festa de encerramento, pelo que eu vi de preparativos será espetacular. Além disso, a maior parte do pessoal do grêmio está no terceiro ano e, como vocês bem sabem: o vestibular está aí...

– Falando nisso, Malu, quando nós voltaremos a nos reunir para estudar. Estou mesmo precisando, depois das férias, estou burrinha, burrinha.

– Por mim, basta marcar...

– Amanhã, na minha casa, pode ser?

– Claro. No horário de sempre?

– Sim.

– Ei, perai... - intrometeu-se André - Vocês estão marcando um grupo de estudos ou coisa assim, é isso?

– É, Deco, eu, a Malu, o Vini, o Júlio, a Carol, estamos nos reunindo para estudar em grupo uma vez por semana. Assim, um explica para o outro, embora que, na imensa maioria das vezes, seja a Malu ou o Vini que façam esse papel...

– Não quero nem saber se vocês vão me convidar, eu vou. Que horas na sua casa amanhã, Ana?

\*\*\*

– Vini, como assim você não vem amanhã?

– Ana, eu... Eu não tenho condições. E, além do mais, meu avô me convidou para ir com ele em Minas buscar uma peça do jipe e...

– Desculpas e mais desculpas... Você não vai nem lutar? Não vai nem perguntar para ela o que ela acha? A Malu tem vontade própria, viu?

– De que adianta isso, Ana? Eu e você sabemos que ela adora o André...

– Muita coisa mudou, Vini... No começo do ano, ela nem olhava direito para você e agora vocês já ficaram uma porção de vezes.

– Não adianta, Nana.

– Olha, Vini, falando sério agora. Tá bom de parar com essa besteira. Você esqueceu que ama a Malu? Ou aquele amor todo era de mentirinha? Porque se você não voltar para o colégio e lutar por ela mais uma vez, você vai perdê-la definitivamente. O André está investindo pesado, sabia?

– Eu já perdi essa guerra. Eu...

– Você quer perder, não é?

– Quero.

---

# 27 Capítulo

Já passava das duas e Maria Lúcia ainda não pregara o olho, pensava em Vini. Ele simplesmente sumira. Segundo consta, fora ao colégio na segunda e não aparecera mais. Ana Maria disse que ele foi viajar com o avô para Minas, não soube dar mais detalhes.

Estava muito chateada com o abandono. Era bem chato não ter notícias dele, nem um telefonema, nem uma mensagem de celular. Começava a ter certeza que fora apenas mais uma conquista de Vini e, por mais insano que isso pudesse parecer, quase dava razão ao chilique de Rosana, pois estava para enlouquecer de tanta saudade.

Vini fez muita falta no grupo de estudos. Além do bom-humor, havia a forma simples como ele conseguia falar sobre matemática e física. Mas ele fazia ainda mais falta na vida dela. Queria seu beijo escondido, contar a ele que ganharia um irmão, saber que fim levaram as histórias complicadas da família dele.

Em contrapartida, havia André. A presença constante e atenciosa de André. O sorriso mágico de André que dissipava todo o mal-estar. Sem querer, ficara muito próxima dele, o rapaz estava sempre tirando dúvidas sobre a matéria, discutia desde os assuntos mais interessantes sobre política que saíam nos jornais até assuntos familiares simples, como os enjoos matinais da mãe dela.

A cada tarde, André a convidava para um programa diferente, um dia tomar sorvete, no outro pedalar na praia, na sexta, assistir a um filme. Ele não forçava a barra, mas estava evidente que as suas intenções com Malu eram românticas. Beijava a mão dela, flertava, sempre prestava toda atenção aos mínimos detalhes das conversas. A galera já tinha percebido o clima de volta entre os dois e ralava o peito toda vez que estavam juntos. Faltava apenas um

sinal de Malu para que ficassem. Ela, porém, continuava a fingir o clima de amizade. Mesmo com André a devorando com os olhos. Mesmo sabendo que, se entregasse novamente seu coração àquele rapaz, seria muito feliz.

Mais uma vez, queria apenas ter certeza. Queria que Vini voltasse a ser o Vini e fizesse o que havia combinado que faria. Ou então, que dissesse de uma vez que entre eles nunca fora verdade. Porém, havia apenas o imenso vazio da dúvida machucando todos, era a lembrança de tudo aquilo que poderia ter sido e não foi.

\*\*\*

– Oi, Malu. – André fez estalar dois beijinhos no rosto dela, bem perto da boca.

– Oi, André.

Maria Lúcia respondeu ao cumprimento de cabeça baixa de tanta vergonha. Estava cada vez mais difícil se esquivar das investidas do rapaz. Como naquela tarde em que ele insistira numa aula particular com Malu, mesmo participando do grupo de estudo. Fez questão de hora marcada e tudo, quis porque quis pagar pelo tempo da moça. Ela não teve como recusar quando a mãe de André deu o telefonema para acertar a aula.

Já que era nesses termos, Malu tentava ao máximo dar um tom profissional a aula. Resolvia uns exercícios de geometria analítica, mas estava difícil se concentrar com André tão perto e cheirando tão bem. Os olhos dele pareciam nem piscar numa mistura de atenção ao que ela dizia e total admiração.

De repente, sem mais nem menos, André segura o rosto dela entre as mãos e sapeca um beijo. A princípio, ela quis reagir, mas acabou cedendo ao beijo gostoso de André. Afinal, ela andava carente e ele ainda era o André.

– Deco... – encerrou o beijo.

– Desculpa, Malu.

– Certo. Não vamos mais falar disso. Deixa eu te explicar esse exercício. – Tentou, totalmente sem jeito, retomar o assunto.

– Ah não, Malu! – lascou outro beijo que deixou Malu sem ar – Não faz assim! Não finge que não aconteceu nada. Eu sei que você também gostou. E eu... – encheu o rosto dela de beijinhos que desceram até o pescoço a deixando em brasa – Eu estou louco por você. Mas isso você já sabe.

– André, eu não tenho certeza se isto é uma boa ideia. – Disse se afastando e retomando a compostura.

– Por quê? – ficou surpreso com o desprezo. – Você por um acaso está com alguém?

Essa pergunta nem ela mesma saberia responder.

– Desculpa, Malu. – André mudou o tom de voz. – Eu não tenho nada com isso. Sei muito bem que depois da maneira como eu te tratei, não posso exigir nem que você seja minha amiga...

– Também não é assim, Deco. – condoeu-se do jeito dele falar como se fosse a última das criaturas. – Eu gosto muito de você. Sempre gostei. Mas... – hesitou porque não sabia se deveria ou não falar sobre Vini – Mas muita coisa mudou...

– Você não gosta mais de mim, é isso?

– Eu não saberia dizer... – Malu demorou um pouco para responder. Queria ser sincera e naquele instante não tinha certeza de nada. – Estou confusa.

André se levantou da cadeira, deu uma voltinha pela sala. Para ele também a situação era nova. Nunca estivera gostando tanto de alguém e, principalmente, nunca recebera uma negativa antes. Entendia os motivos de Malu, pelo menos uma parte deles, ele se comportara muito mal com ela. Se fosse outra garota, provavelmente, aproveitaria a situação para se vingar. Ela, pelo contrário, parecia muito sincera.

– Olha, Malu, – Ela continuava sentada na mesa de estudos e André se abaixou ao seu lado para olhar bem nos olhos dela – pela primeira vez na vida, eu não sei o que fazer do lado de uma mulher. – Ele sorriu. – Acho até que estou gostando disso, sabe? – O rapaz mexeu nos fios curtos do cabelo de Malu com carinho, depois deu um selinho em sua boca a fazendo suspirar. – Então, para que mexer nisso agora? Nós não precisamos decidir nada. – Levantou os ombros relaxado. – Não temos que sair desta sala com o namoro reatado.

– André, eu não sei... – Malu não estava tão confortável com aquela ideia como o rapaz parecia estar.

André a interrompeu com um beijo. Malu se levantou de uma vez.

– Calma, gatinha. Escuta o que eu vou te dizer, por favor. – André segurou as mãos dela entre as suas. – Eu não quero forçar nada, Malu. Por outro lado, quero outra chance de ficar com você...

Vini. Vini. Vini. Vini. Maria Lúcia só conseguia pensar nele. Não via a hora de aquela angústia acabar. Estava decidida, saindo dali, ia ligar para Vini e exigir

explicações.

– Você me diz que está confusa. – André continuava e ela fazia um grande sacrifício de continuar ouvindo. – Eu acho justíssimo depois de tudo que a gente viveu. Então, que tal a gente continuar do jeito que está?

– Como assim?

– Somos amigos, não somos?

– Claro que somos, Deco. – Em algum lugar íntimo do seu ser, Malu sentia que André estava apenas ganhando tempo. Ele era astuto, entendia de pessoas, revidava muito bem os argumentos. Sempre conseguia o que queria. André era um político.

– Pois, então, gatinha, vamos continuar amigos. O que você acha? – Malu não tinha o que dizer, travou. – Porém, eu vou continuar insistindo de vez em quando... – Abriu um sorriso maravilhoso. – Sabe como é, não é da minha natureza desistir do que eu quero... – André chegou perto dela e começou a dar beijinhos em seu pescoço. Ela não resistiria por muito tempo. – Aí, sempre que você quiser, a gente fica... – Quando percebeu que a resistência dela diminuía a cada carinho, André deu um beijo em Maria Lúcia que dessa vez correspondeu.

\*\*\*

Depois de ligar inúmeras vezes para Vinícios sem resposta, Maria Lúcia resolveu mudar de estratégia. Começava a desconfiar que não quisesse falar com ela. O telefone chamava até cair na caixa postal. Insistiu por um dia inteiro sem sucesso. Na manhã seguinte, sem cerimônia, pediu o celular de Ana Maria emprestado alegando que o seu estava sem bateria e discou o número de Vini. O telefone não chamou três vezes.

– Oi, Nana.

– Sou eu, Vini.

Vinícios congelou do outro lado da linha. Sabia que era inevitável o confronto, porém, ainda não se sentia preparado para enfrentar Malu. Não tinha forças nem para pensar sobre o assunto, sequer cogitara voltar para escola.

– Posso devolver o telefone da sua amiga? – disse ríspida. – Será que dá para me atender no meu número mesmo ou vou ter que ficar pedindo o celular das pessoas emprestado para falar com você?

– Pode deixar, Malu. Eu ligo pra você.

Visivelmente chateada, Malu não assistiu à primeira aula. Devolveu o celular para Ana Maria e foi se sentar ao pé da árvore que ficava atrás do ginásio. Alguns minutos depois, Vini ligou.

– Oi, Malu.

– Oi, Vinícios.

Silêncio constrangedor entre eles. Nenhuma brincadeira, nenhuma palavra de carinho. A palavra amor, que saía tão facilmente da boca de Vini, parecia ter ficado engasgada em algum lugar, impedindo inclusive todas as outras palavras de saírem.

– Já vi que você não quer me dar explicações. – Malu resolveu quebrar o silêncio. Ela fazia muito esforço para não chorar, a voz embargava, mas ela continuava guiada pela raiva do abandono, da desconfiança, da humilhação.

– Nem que eu quisesse, eu conseguiria. – As lágrimas escorriam quentes pelo rosto de Vini, a voz, entretanto, permanecia firme.

– Você não precisa mais se esconder, Vinícios. Eu já entendi que era tudo mentira.

Ele poderia gritar que a única mentira naquela história toda era essa conversa descabida, mas não o fez.

– Só queria saber se valeu a pena tanto esforço? Se meu beijo na sua coleção compensou cada falsidade, cada gesto de carinho, cada minuto que você não gozou com a minha cara neste semestre...

– Claro que compensou. – Isso era verdade.

\*\*\*

– Vini!

Dona Eleonora chegou em casa e encontrou Vinícios estatelado no sofá, chorando convulsivamente. Recebera uma ligação estranha do Doutor Demóstenes cedo pela manhã avisando que o filho estava voltando dois dias antes do combinado. Achou estranho, mas o seu sogro nunca foi de dar muitas explicações.

– Acabou, mãe. Acabou tudo. – o rapaz tornava a chorar convulsivamente.

Sem saber mais o que fazer, Dona Eleonora sentou-se no sofá e colocou a cabeça do filho no colo. Por um bom tempo, Vini apenas chorou aconchegado com a mãe. Aos poucos, sem que ela precisasse dizer uma

palavra, foi contando tudo que acontecera, desde o reencontro com André até a ligação de Malu naquela mesma manhã. Quando Vini parecia mais tranquilo, ela puxou o rosto dele para si e falou:

– Vini, você errou. Errou feio e agora vai arcar com as consequências deste erro.

– Mas...

– Sem mas, querido. Ninguém pediu que você fosse um herói.

– Mãe, o André é o cara mais legal do mundo. – tentou justificar.

– Ah não! Não me venha com essa história idiota do Artur! – Dona Eleonora alterou o tom de voz de tão irritada. – Já falei mil vezes para o seu tio que ele deveria fazer terapia. Não bastasse repetir esta baboseira milhões de vezes até acreditar nela, agora, ainda por cima, enche de caraminholas a sua cabeça.

Vini sentou no sofá encarando a mãe zangada. A cabeça doía de tanto chorar.

– Sei que quando ele conta, até parece uma história bonita, uma história de honra, de fraternidade... Um irmão abre mão do grande amor de sua vida pelo outro irmão. Mas sabe o que fica faltando, Vini? Fica faltando a minha opinião. – Era isso que a deixava tão zangada, não gostava de aparecer nessa história como alguém sem vontade própria, jogada de um irmão para o outro como prêmio. – Eu quis casar com o Adriano porque o seu pai era o grande amor da minha vida. Nunca me interessei pelo seu tio até uns meses atrás. Se ele tivesse me perguntado, eu responderia e ele poderia seguir em frente, por mais doloroso que isso fosse. Mas não, Artur preferiu fugir e se esconder por detrás dessa historinha bonita, remoendo esse sentimento por anos.

– Nossa, mãe! Chega a ser cruel a maneira como a senhora fala... Pelo menos, a insistência dele valeu a pena.

– Vini, a dúvida nunca é uma boa companhia quando se trata de relacionamentos. Você não pode saber disso porque sempre teve certeza de que era dessa menina que você gostava. Mas, deixa eu te contar a minha versão dos fatos para ver se você entende, eu tinha muitas dúvidas com relação a namorar o Artur, não por causa do passado. Eu mudei, ele também mudou muito. Não sou mais uma menina, ele não é mais um filhinho de papai. Eu tinha dúvidas por conta dessa capacidade de não me enxergar de verdade que ele tem. Seu tio parece ver uma Eleonora que só ele percebe, perfeita, extremamente sensual... A Eleonora da pista de dança. Você sabe

que aquilo é um personagem. Mas o Artur tem dificuldades para entender isso. Daí vem essa ideia maluca de que eu preciso de um homem perfeito também, um herói. E eu, bem, na maioria das vezes, eu só quero um cara para segurar a minha mão num filme de terror.

– Eu seguro a sua mão. – pegou as mãos da mãe entre as suas.

– Eu sei, meu amor. – deu um beijo no rosto do filho. – Mas do jeito que você é apaixonado por essa Maria Lúcia, logo, logo, logo, eu vou acabar é vovó...

– Não sei, mãe. Acho que agora eu estraguei tudo. – abraçou-a.

– Não posso mentir, meu filho. Você talvez tenha estragado tudo mesmo. Depois de tanta dedicação, você, com esse descaso, colocou uma dúvida no coração dela. E as dúvidas, como eu disse, não são boas companhias.

– O pior, mãe, é que eu talvez tenha dado à Malu uma certeza. A certeza do sentimento que ela sempre nutriu pelo André.

– Esse é o seu medo falando, meu querido. Você está fazendo exatamente a mesma coisa que o seu tio: fugindo. Essa escolha é dela. Sempre foi. Pode doer, mas é a Malu quem vai decidir com quem fica, não sua atitude de herói. Com essa atitude, você não conseguiu mexer com os sentimentos dela com relação ao André. Pelo que você diz, essa menina já lida com eles há muito tempo, você nem conseguiria interferir neste assunto. A única coisa que você fez com esse sumiço, meu filho, foi questionar os sentimentos dela com relação a você. Esses sim são novos. São imprecisos, são inconstantes. Ela não sabe bem o que fazer com eles. E você agora deu todos os indícios possíveis de que cada momento da história de vocês foi uma grande mentira.

\*\*\*

---

# 28 Capítulo

Domingo, Maria Lúcia voltava de um passeio de bicicleta pela orla quando, na portaria do prédio, dá de cara com Vini, encostado no seu jipe, segurando o maior urso de pelúcia que ela já tinha visto.

– O que é isso? Esquizofrenia? – disse sem muito esticar o papo.

– Posso conversar com você só um pouquinho?

– Agora você quer falar, é? – Malu desceu da bicicleta, tirava o capacete tranquilamente. Prometera que, mesmo com o golpe duro que recebera, não iria fraquejar.

Depois de falar com Vini na sexta, chorou, pensou em voltar para casa, mas estava cansada daquilo tudo. Tinha apenas dezesseis anos, não precisava encontrar o amor da sua vida no Ensino Médio. Resolveu ser racional e assistiu às aulas restantes daquele dia. Chegando em casa, estudou sozinha mesmo e lembrou-se do motivo pelo qual costumava ser a melhor aluna do colégio: ela adorava estudar. Maria Lúcia tinha fome de saber.

Começou estudando Biologia, se interessou por uma pesquisa com células-tronco, em pouco tempo, lia artigos de uma universidade americana onde estes estudos já estavam avançadíssimos. Terminou a noite fazendo uma redação em inglês para participar do processo seletivo desta universidade, estava decidida, se passasse, iria e ponto final. O estudo nunca a decepcionara.

Estava decidida a se focar no estudo. Não por timidez, mas por necessidade de saber. André e Vinícios, sentimentos, mudanças, mentiras, aquilo tudo era demais para tentar explicar. Além do mais, só trouxeram sofrimento. Ela não precisava sofrer, não mais. Ia curtir o fim da escola sem pensar em amor. Felicidade, curtidão e estudo na medida certa seriam

prioridade. O resto era distração.

Aquele cara segurando o urso gigante era a maior das distrações.

– Olha, o urso é meu refém, se você não conversar comigo, eu jogo ele numa poça de lama. – Vini forçou um sorriso.

– Pode ameaçar. – Levantou os ombros. – Eu sei que é mentira. Você não me engana mais.

Malu foi entrando no prédio com Vini e o urso logo atrás, o porteiro nem fez questão de tentar impedir. A conversa estava civilizada e Vinícios já entrara e saíra daquele condomínio tantas vezes que o porteiro nem sabia direito se ele morava lá ou não.

– Essa doeu.

– Quer falar sobre o que doeu, Vinícios?

– Não, não quero. Malu, me escuta. – ele segurou o braço dela forçando o contato visual. – Eu quero te pedir desculpas e explicar o que aconteceu. Sei que você está zangada. Mas, poxa! Eu não sou o namorado perfeito! Eu tento, mas também tenho minhas inseguranças e...

– Para começo de conversa, você não é meu namorado. Nunca foi! – interrompeu muito zangada.

– Mas eu quero ser, Malu. Eu quero muito. – Aquela tinha ido direto ao coração. Porém, não estava em condições de fraquejar. Iria insistir e insistir.

– Acontece, Vini, que eu não quero. Aliás, não quero nem a sua amizade. Nunca conheci ninguém tão falso em toda minha vida. Você inventou uma mentira sem fim, investiu pesado em me enganar... Para quê? Já cansei de me perguntar isso.

– Malu, eu posso ter dado essa impressão, mas acredita em mim. Nunca menti sobre o que eu sinto por você. Eu te amo.

– Ama? – ela gargalhou. – Você é muito leviano usando essa palavra. Diz isso para todas.

– Nunca! – ele balançava a cabeça em negação. – Para mim, sempre foi você. Eu sempre quis espalhar aos quatro ventos o quanto eu te amava.

– E por que você não fez isso? Por que não conversou com o André como tinha me prometido?

– Porque eu não consegui... – Vini baixou a cabeça reconhecendo seu erro, mas ela nem percebeu.

– Você não falou porque achou que ia contar a maior das piadas para o seu melhor amigo. Não esperava, porém, que ele tivesse voltado querendo reatar o namoro. Aí resolveu guardar para si o que tinha feito com a “nerdzinha” aqui. E tirar o time de campo. Deixar o caminho livre para ele.

– Malu, além de cruel, isso não faz o menor sentido. Se eu quisesse mesmo me afastar de você, para que eu estaria aqui com esse urso enorme na mão te pedindo desculpas?

– Não quero nem você, nem o urso, nem os seus motivos...

– Mas eu vou te dar mesmo assim, porque eu não tenho alternativa. Eu te amo demais e não posso deixar você sair da minha vida. Se o problema é falar com o André, – tirou o celular de dentro do bolso e começou a procurar o número do amigo – eu falo agora. Talvez ele fique chateado, eu preferia conversar mais tranquilo... Mas você está certa: não posso adiar nem mais um segundo...

– Não é uma questão de adiar, Vini. – ela pegou o telefone da mão dele.

– Nosso tempo passou. Não deu certo. Pronto! É melhor você aceitar de vez: eu gosto do André. – Aquilo doeu em Vini como um murro na boca do estômago, mas ela ainda deixou o pior golpe para o final. – E eu já fiquei com ele depois que ele voltou...

\*\*\*

– Se for para dizer: eu te avisei, é melhor ficar calada.

Ana Maria não pôde deixar de rir da figura do amigo. Acabado, Vini entrava no apartamento da amiga arrastando um urso enorme de pelúcia.

– É pra mim?

– O que você acha?

– Acho que você acabou de levar o pé na bunda que estava merecendo, acertei?

– Posso até mostrar a marca... – virou-se para mostrar o bumbum para Ana.

– Pelo jeito, foi feio. – Ela riu da marca imaginária.

– Malu está de novo com o Deco.

– Você esperava outra coisa?

\*\*\*

Dois meses passaram sem a menor pressa. Malu saiu do grupo de estudo e começou a frequentar um cursinho preparatório voltado para alunos que querem entrar nos cursos da área de saúde. Era bem puxado, ela estudava até altas horas para dar conta, mas, pelo menos, não tinha tempo para pensar em garotos.

André, no começo, ligava todo tempo. Mandava bilhetinhos durante as aulas. Maria Lúcia não respondia, ou cortava logo o assunto. Aos poucos, Angélica começou a solicitar demais a ajuda do presidente do grêmio e o interesse do rapaz, aparentemente, foi diminuindo.

Na escola, Malu evitava ao máximo companhia. Voltara a sentar na primeira cadeira, voltara a usar seus óculos. E, no intervalo, recolhia suas apostilas e ia estudar na biblioteca. De vez em quando, lanchava com o pessoal da natação. Até ficou sabendo, pelo bom e velho Júlio César, que o Felipe andava a fim da irmã de André e levava vários tocos de Mile.

Todos pensavam que o afastamento de Malu era natural. Afinal, mesmo para uma menina tão inteligente, passar em Medicina não era tarefa fácil. Porém, o isolamento era tanto que Dona Cecília chegou a cogitar telefonar para Dona Helena avisando.

Se tivesse ligado, provavelmente, Dona Helena teria tomado uma providência séria com relação ao comportamento obsessivo de Maria Lúcia. Entretanto, em casa, a vida também não estava para brincadeira. Dona Helena descobrira-se com quarenta e poucos anos grávida de gêmeos. Seu corpo andara sofrendo um bocado com a quantidade expressiva de hormônios. Mau-humor, indisposição e enjoo foram constantes neste primeiro trimestre de gestação.

Além de conviver com os sintomas normais da gravidez, sua ginecologista indicou repouso, pois não deixava de ser uma gestação de risco. Mas como manter repouso se precisavam urgentemente mudar para um lugar maior? Queria fazer a mudança antes de a barriga começar a pesar. Até encontraram o lugar, uma casa bem próxima da casa de André, porém, o lugar precisava de reformas e Otávio estava viajando muito a trabalho, não tinha tempo para resolver estes detalhes.

Era Maria Lúcia que ajudava nos detalhes da reforma. Era ela quem acompanhava a mãe às consultas. Era Malu que a obrigava a relaxar de pernas para cima pelo menos quinze minutos a cada hora de caminhada. Então, Dona Helena não percebeu como a filha andava solitária naqueles dias.

Vini, por sua vez, amargou cada minuto da solidão de Malu como se fosse dele

mesmo. Ele também não andava animado. Por outro lado, prometera o melhor ano que alguém pode ter a ela, e não cumprira o acordo. Sentia-se de mãos atadas. Malu recusava-se terminantemente a estar na sua presença. Ele esgotara as estratégias. Tentou usar a simpatia de Ana Maria, Malu foi gentil e clara com Ana dizendo que se afastaria dela por conta dele, mas que se a moça precisasse tirar uma dúvida qualquer de Biologia, poderia procurá-la.

Depois, tentou se aproximar de Rosana, o que foi um grande erro. Descobriu que as duas estavam brigadas e que Rosana era uma garota muito ardilosa, fazia qualquer coisa para conseguir o que queria. Disse mentiras escandalosas sobre o comportamento de Maria Lúcia para ele, justo para ele, fã número um de Malu. Tudo para conquistá-lo. Para possui-lo como se ele fosse uma coisa. E, na verdade, ela só queria ser popular. Quando ela percebeu que não ia rolar nada, partiu com todas as suas forças para cima de André.

Desistindo de qualquer artimanha, ele mesmo tentou ligar várias vezes depois que percebeu que Malu não estava com André. Por um momento, sentiu um alívio no coração. Não aguentava mais o amor de Maria Lúcia pelo seu melhor amigo. Logo, porém, percebeu que nunca antes estiveram tão distantes. Não eram mais sequer inimigos. Ela não atendia ou retornava as ligações, e quando ela resolveu mudar de número, ele entendeu que precisava se afastar.

Na manhã de sexta, entretanto, algo em Vini despertou. Dona Cecília anunciara no serviço de som da escola que Maria Lúcia tinha conseguido uma bolsa de estudos numa conceituada universidade nos Estados Unidos. Todos os professores foram até a sala do terceiro ano cumprimentar Malu pessoalmente. A sala estourou em vivas e assovios. Vini, por outro lado, só conseguia pensar que ela iria embora. Ali mesmo, pegou o celular e ligou para Isaura.

\*\*\*

– Oi, Isaura. Que saudade! Como está a Laurinha?

– Enorme. Você precisa ver... Aliás, você vai ver. Quero marcar o batismo para o fim do mês, pode ser para você?

Malu pensou que teria de enfrentar a companhia de Vini por algumas horas e detestou a ideia. Contudo, sabia que Vinícios era um herói tanto para Isaura quanto para Jorge, então, seria perda de tempo tentar fazê-los mudar o padrinho da criança. Já que aquilo era inevitável, que fosse logo. Tinha medo de ficar adiando este batizado e acabar perdendo-o, uma vez que estava

decidida a ir estudar na América.

– Pode, claro. – respondeu feliz.

– Certo, então, na semana que vem, o Vinícios vai te buscar depois da aula do cursinho. Nós já combinamos tudo, ele vai te dar uma carona.

– De jeito nenhum, eu vou de ônibus.

– Deixa de ser boba, Malu. Não tem ônibus depois do horário desse seu cursinho. E o batizado e cedo de manhã no sábado. Não inventa, você vem com o Vini e caso encerrado.

Os argumentos de Isaura eram muito bons. A alternativa seria faltar aula no cursinho e pegar o ônibus da tarde, mas isso estava fora de cogitação naquela altura do campeonato com o vestibular nos calcanhares. Malu não teria escolha, passaria três longas horas na estrada com Vini.

\*\*\*

– Oi, Malu.

Pontualmente, Vini esperava por Maria Lúcia na porta do cursinho. De banho tomado, perfumado, calça jeans e camiseta verde, ele fazia uma bela figura e arrancava suspiros das meninas estudiosas da sala de Malu. Ela, entretanto, mal podia olhar para Vini.

– Boa noite, Vini. Obrigada pela carona, foi muita gentileza sua.

– Não tem de quê. – ele colocava a bagagem de Malu no banco de trás do jipe junto com o urso gigante do fatídico dia da briga.

Malu não se sentia confortável com aquele urso a encarando pelo retrovisor. Pretendia conversar minimamente com Vini durante o trajeto, de preferência sobre amenidades, e aquele monstro de pelúcia parecia tomar a sua atenção, lembrando-a a todo o momento de como chegaram àquela situação desagradável.

– Resolvi levar o Sozinho para a Laurinha... – disse quando percebeu que ela encarava o brinquedo.

– Você batizou o urso?

– Na verdade, nós nos tornamos muito amigos...

– Que bom! – resolveu encurtar o assunto antes que caísse numa das armadilhas de fofura de Vinícios. Assim que colocaram os cintos de segurança, foi logo tirando da bolsa os fones de ouvido, pretendia ouvir música e dormir o máximo que pudesse.

– Malu, - ele a interrompeu – eu queria te pedir um favor. A viagem é longa, a estrada é muito tranquila e já é noite... Bem... Se você puder ir conversando comigo, para eu não correr o risco de dormir, te agradeço.

– Claro. Claro. – Concordou sem ter como recusar.

\*\*\*

---

# 29 Capítulo

Os primeiros vinte minutos de viagem foram os mais difíceis, Maria Lúcia estava muito resistente ao papo e Vini tomava o maior cuidado na escolha dos assuntos para não dar motivos para brigarem. E ainda tinha aquele urso enorme que não os deixava esquecer tudo aquilo que eles poderiam ter sido.

Aos poucos, os dois foram se soltando. Riram das conversas malucas de Júlio César, do jeito sério do novo professor de Literatura e das opções horríveis de lanche da cantina da escola. Vini perguntou como ela estava no cursinho. Lá se foram mais trinta minutos de conversa. Malu falou de vestibular, mas também parecia bastante empolgada com a bolsa que ganhara para estudar fora.

– E você vai mesmo?

– Acho que sim. Profissionalmente, vai ser muito bom.

– Você tem coragem de largar tudo aqui? Sua família, quer dizer? – esclareceu rápido para que ela não pensasse que ele estava com segundas intenções.

– Ah! Seria só por um tempo... – levantou os ombros – Além do mais, minha mãe está reconstruindo a vida dela... Com a chegada dos meus irmãos, então, aí é que ela nem vai ter tempo para mim.

– Fiquei sabendo que serão gêmeos. Que trabalhão! – ela fez que sim com a cabeça. – É comum na sua família nascerem gêmeos?

– Sim. Do lado da minha mãe, sim. Ela mesma tem dois irmãos gêmeos que moram no Norte. Acho que trabalham para o exército, ou coisa assim, eu não me lembro.

– E o seu pai, como está com essa história de viagem? - retomou o

assunto que o interessava discretamente.

– Ele me apoia a contragosto, mas apoia. Se bem que acho que ele preferia que eu me formasse e fosse trabalhar no posto de saúde aqui perto...

– E você ainda pensa em exercer a Medicina? Afinal, se você for estudar nos Estados Unidos, não vai poder exercer a profissão aqui no Brasil, não é mesmo?

– Não é bem assim, eu posso fazer provas para “adaptar” meu diploma. Porém, acho difícil conciliar uma carreira de pesquisadora com a medicina clínica, eu teria de optar. Confesso que ainda não me decidi quanto a isso. – suspirou fundo, esta dúvida vinha tirando seu sono com frequência. – Mas vou pensar nisso depois, primeiro tenho que passar na prova daqui.

– Eu acho que você passa. – Vini sorriu sem nenhuma pretensão.

– Mas, e você?

– Eu o quê? – estava feliz porque pela primeira vez ela puxava o assunto.

– Ainda pretende fazer engenharia?

– Sim, quero ser engenheiro mecânico. Você sabe que os motores são uma verdadeira paixão para mim.

– Sei sim. Meu pai vive falando sobre o trato que você deu naquela lata velha... Nem sei como aquilo lá ainda funciona.

Vini riu com gosto. O assunto do trator velho do Seu Fernando fez com que eles finalmente relaxassem e a conversa fluiu melhor a partir dali. Até que Vini reparou que a moça estava batendo os queixos de tanto frio, Malu usava apenas uma camiseta e o carro era todo aberto permitindo a entrada do vento da noite.

– Nossa, Malu! Você vai acabar gripando desse jeito. Vamos parar num cantinho qualquer para você se esquentar, a gente aproveita e come alguma coisa. – olhou para ela preocupado.

– Não precisa, Vini. A gente está quase chegando.

– Claro que precisa. Faça questão.

\*\*\*

Por conta da parada, chegaram quase de madrugada no sítio. Seu Fernando não foi dormir enquanto não recebeu a filha na porteira com a tiara de flores de laranjeira como sempre. Para Vinícios, ensaiou uma bronca de sogro, quis impor certo respeito, logo, porém, derreteu-se num abraço

apertado com o rapaz que ele adorava. O pai de Malu não sabia que os dois não eram namorados.

Aliás, todos pareciam pensar que estavam apaixonados. No restaurante, na beira da estrada, a garçonete de meia idade não resistiu e comentou como eles eram lindos juntos. Eles estavam abraçados por causa do frio que parecia que ia fazer Malu trincar. O clima ficou esquisito entre eles depois disso. Então, Vini pediu dois pratos de sopa e foi buscar um agasalho seu no carro para emprestar à Malu.

Novamente ficou difícil conversar. A garçonete pediu desculpas, mesmo assim, eles tomaram a sopa em silêncio. Estava deliciosa. Quando estavam prestes a chegar ao carro e retomar a viagem, Vini a segurou pelo braço e a fez olhar diretamente nos olhos muito verdes e muito claros dele.

– Malu, não aguento mais isso. Eu preciso dizer que te amo.

– Aqui não é hora nem lugar, Vinícios. – disse visivelmente nervosa.

– É hora sim. Tem que ser aqui. – respirou fundo e soltou de uma vez. – Penso que vou explodir se não te falar como eu me sinto. Estou morrendo de medo que você aceite essa bolsa nos Estados Unidos. Não quero que você vá para canto nenhum assim desse jeito comigo. Eu preciso reconquistar a sua confiança de qualquer modo.

Malu continuou calada olhando para o verde daqueles olhos, perdendo-se nas palavras que em outros tempos ela acreditava. Agora, entretanto, continha-se.

– Não acredito que seja uma tarefa fácil. – Vini continuou. – Mas eu já cheguei até aqui. E eu não posso desistir... Malu, me dá uma chance? Fica comigo, por favor? – ele implorou com toda a força que restava em seu coração.

– Não, Vini. Não. Eu não te quero. – Ela nem hesitou.

Vini afrouxou a mão que a segurava abalado com a firmeza da resposta. Os olhos de Maria Lúcia andavam tão frios naqueles dias e mais ainda naquele instante que ele vislumbrou a possibilidade de nunca mais trocarem um beijo e aquilo o feriu demais. Precisava agir rápido, colocar as coisas no lugar, organizar os sentimentos e ser mais forte ainda para persistir e romper as barreiras.

– Então, eu quero um beijo. – Ele falava como o gigante amedrontador de outrora e ela estremeceu.

– Você está louco, garoto! – encontrou forças para rebater. – Tenho

nojo de você. Nojo das suas mentiras. Nojo do seu jeito manipulador. Nojo! Entendeu?

– Então, me dá um beijo e eu desisto de você para sempre. – Vini não se abalou com a recusa. - Igual remédio ruim. Você toma rápido, de nariz fechado e fica boa da doença. – Ele se aproximou de Malu a encurralando entre o próprio corpo e o carro. - A princesa e o sapo. Se com o beijo, o encanto não se quebrar e eu não virar um príncipe... – Ele puxou o rosto de Malu para perto do seu. – Bem, aí você está livre de mim...

Malu não sabia de onde tirar mais forças para resistir. Vini se entranhara de tal forma no coração dela que tudo que ele fazia parecia atraí-la. Estar assim perto era muito forte, o cheiro dele por si só já a inebriava, a declaração de amor a fazia vacilar. Mas algo na maneira como ele exigiu aquele beijo mexeu com os brios dela. O gigante amedrontador já não a assustava mais. Ela agora o enfrentava de frente com a cabeça erguida.

– Vinícios, eu não vou te beijar. Eu não quero te beijar. – disse olhando muito sério nos olhos verdes dele. - Se você não me levar para casa nesse exato momento, eu juro como vou ligar para o meu pai vir me buscar. – Tirou o celular do bolso e preparou-se para discar.

Ela foi tão confiante que ele não teve alternativa senão recuar. Imediatamente, retomaram o caminho, dessa vez, sem muita conversa. E logo chegaram ao sítio, pouco depois da recepção calorosa já estavam cada qual em sua cama, ambos tentando dormir sem obter sucesso.

\*\*\*

Na tarde de sábado, enquanto ajudava a amiga a lavar os pratos do almoço comemorativo após o batizado, Malu ainda não estava completamente recuperada da conversa com Vinícios. Isaura percebeu no ar o desconforto e, em pouco tempo, conseguiu arrancar da amiga o resumo da noite anterior.

– Mas, se você não queria mesmo beijar esse rapaz, por que está tão abalada? – perguntou sabendo que ela ia se zangar com a insinuação.

– Ora, Isaura, você sabe que me irrita esse jeito mandão, de sabe-tudo do Vini. Sempre me irritou. – Malu, nervosa, sacudia Laura nos braços com a intensidade de sua raiva e a menina começou a chorar em desespero até ser resgatada por sua mãe.

– O que eu sei é que você não é dessas pessoas que saem do sério por qualquer coisa... Mas esse cara... Esse cara mexe com você com uma facilidade...

– Para com isso você também, Isaura. Eu já tenho problemas o suficiente e...

– Malu, você ama esse cara. Vê se entende de uma vez: o Vini não é um problema na sua vida, a falta dele é que é. – Isaura, sem cerimônia, abaixou a alça do vestido e colocou a filha para mamar.

– Isso dói? – a espontaneidade de Isaura fez Malu mudar de assunto.

– Amamentar? – Malu concordou com a cabeça. - Agora não mais. – sorriu para a filha que sugava com vontade. – Eu até gosto. Mas, no começo, foi horrível.

– Nossa, Isaura! Você está tão mudada. Tão madura. – concluiu.

– Ora, Malu, não é para menos. Não sou mais uma menininha. – colocava Laura para arrotar. – Agora eu sou mãe.

– E você não se arrepende? - a amizade delas era tão antiga que havia intimidade para uma pergunta dessas sem julgamentos. Isaura pensou um pouco antes de responder.

– Não me arrependo. Não da Laura. Ela é o meu maior presente. – olhava com carinho para o bebê sonolento em seus braços. - Eu me encontrei nessa tarefa de ser mãe. Acho que nasci para isso. Tanto que eu e o Jorge já conversamos, nós queremos pelo menos quatro filhos.

– Quatro? Você é louca, Isaura?

– No mínimo, Malu. No mínimo. Vai depender das condições financeiras... Ah! Nós queremos uma casa cheia de crianças, uma mesa repleta de gente, de amor. Mesmo que seja sem luxo. Você vai ver, deixa só a Laurinha ficar maiorzinha, sair do peito, que a gente encomenda outro bebezinho ao Papai do Céu.

– Definitivamente, Isaura, você é louca! Você só tem 17 anos, como pode ter tanta certeza? Não tem medo de dar errado?

– Medo de dar errado a gente sempre vai ter, amiga. Não interessa o tempo que se gaste pensando. O futuro a Deus pertence... – colocou a filha adormecida no carrinho com cuidado. - Cada decisão é sempre um salto na escuridão. E eu só sei que amo minha filha, amo meu marido e que esse amor só cresce dentro de mim cada vez mais. Isso para mim é felicidade. Aí, você pode me chamar de louca, mas quem vai ter dúvidas diante da felicidade?

Malu ficou pensando nas palavras de Isaura. Os caminhos das duas eram agora muito diferentes. Isaura tinha uma vida simples, a grana faltava às vezes, mas, aparentemente, era uma vida repleta de alegria. Enquanto isso,

Maria Lúcia não conseguia resolver questões essenciais e a angústia a afligia cada vez mais. Tinha de encontrar um centro, uma certeza e nela basear as suas escolhas dali para frente. Mas, ao contrário da amiga, Malu parecia não perceber para onde a sua felicidade apontava.

\*\*\*

– Quer dizer que o senhor andou brincando com o coração da minha filha?

Vini e Seu Fernando conversavam no alpendre. Ele deitado numa rede e o rapaz sentado nas escadas. Vini contou tudo ao quase sogro favorito, sentia uma empatia pelo pai de Malu que aumentava mais e mais. Como se fossem conhecidos de longa data.

– Se eu bem conheço aquela tinhosa, você deve ter levado um belo de um pé na bunda...

– Certamente que sim. – Vini, cabisbaixo, encarava um sorridente Seu Fernando.

– Quem diria, né, moleque? O gostosão da escola dominado por uma menininha tinhosa... – deu uma risada gostosa. – Me diz uma coisa, menino, por que é que você não parte para outra? Deve ter um monte de mocinha doida para passear nesse seu carro...

– Eu só penso nela, Seu Fernando. Estou desesperado com essa história de Estados Unidos. Se ela for mesmo... – suspirou fundo – Ai! Não quero nem pensar. Já me dói o coração.

– Nisso somos dois... – Seu Fernando ficou pensativo. Vini interrompeu seus pensamentos.

– O senhor devia me ajudar, sogrão.

– De jeito nenhum, moleque. – Seu Fernando jogou o travesseiro na cabeça atrevida de Vini. - Você fez a sujeira, agora limpe. Mas, fique logo sabendo, mulher é um bicho dos mais complicados...

– E eu não sei? – questionou com conhecimento de causa.

– Por outro lado, mulher é sempre surpreendente. Você vai ver, a Maria Lúcia sabe bem ser teimosa, desde menina era assim. Se você a ama desse jeito aí, insista com ela até a exaustão. Não é rancorosa, muito menos burra... Confio nela, cedo ou tarde, vai acabar tomando a decisão certa.

\*\*\*

Sábado à noite, shopping lotado. André estava se acostumando com os programas sozinho. Resolvera aceitar o afastamento de Malu, mas não era de desistir fácil daquilo que queria. Se ela precisava de espaço, de tempo, ele estava disposto a esperar um pouco. Tinha sido mesmo um canalha. Era necessário um pouco de paciência. De um ambiente seguro. Da hora certa. Então, na escola, retomou os afazeres e as amizades. Principalmente, as amizades femininas.

Entretanto, estava mais centrado. Assim como Malu, resolveu estudar, pensar no futuro. Além do que, ainda estava em tratamento e fazia parte dele abandonar hábitos antigos e amizades não proveitosas. As noites de fim de semana, portanto, tornaram-se seus maiores desafios. Queria se divertir, relaxar um pouco, porém, dispensava as mulheres fúteis de outros tempos que agora já nem o interessavam mais. Acabava no cinema com a irmã, com os pais ou sozinho.

Neste sábado, estava na fila para o novo filme do Batman. Fila enorme. O filme havia estreado na sexta. Lá da frente um sorriso e um chamado. Conhecia aquela garota, mas não lembrava exatamente quem era.

– Oi, André. – mais sorrisos, todos maliciosos. A moça de cabelos cacheados tinha largado seu lugar na fila para vir cumprimentá-lo. Queria muito lembrar-se dela antes da situação ficar ainda mais constrangedora.

– Oi. Como vai?

– Estou bem. – ela continuou a sorrir. – Mas você não tem a menor ideia de quem eu sou, não é?

– Para ser sincero... Desculpa. Eu sei que te conheço, mas não me lembro de onde.

– Sou do colégio. Rosana, lembra? Amiga da Maria Lúcia? – Rosana disfarçou ao máximo a contrariedade de se apresentar assim.

– Sim. Sim. É claro. – finalmente a reconheceu. – A gente até viajou junto. Como está, Rosana? Mudou a cor do cabelo?

– Pinteí de ruivo. Gostou?

– Ficou legal.

– Olha, André, estou lá no começo da fila com o meu irmão e uns amigos... Você não quer vir com a gente?

– Sei lá... Acho tão chato furar fila.

– Deixa disso! – insistiu o puxando pela mão. – Os ingressos já estão

acabando, se você continuar aí vai pegar só a próxima sessão às nove horas.

A perspectiva de esperar no shopping lotado até tão tarde o convenceu. Segurou a mão de Rosana e foi.

\*\*\*

---

# 30 Capítulo

– Vini?

Maria Lúcia, com Laura no colo, abriu a porta da casa da amiga surpresa. Havia combinado com o pai de vir buscá-la, mas só o esperava mais tarde. Tomava conta da afilhada enquanto Isaura e Jorge iam ao cinema na cidade vizinha. Definitivamente, não esperava Vinícios.

– Seu pai me pediu para vir te buscar.

– Entra aí, Vini. Aqueles dois não devem mais demorar muito. – disse atarefada e sem saber o que fazer.

Vini entrou na casinha simples dos amigos. Já estivera ali pela manhã no almoço de comemoração e ficara bem feliz em constatar, que apesar da pouca grana, Isaura e Jorge estavam conseguindo dar uma vida feliz e organizada para sua afilhadinha.

– Você pode segurar a Laura um pouquinho, por favor?

– Claro. Passa essa gatinha para cá.

– Só vou tirar um arroz de forno que preparei para os meninos. – falou se afastando em direção a cozinha. Vini a seguiu. - Quero que hoje dê tudo certo para eles. Acho que é a primeira vez que eles saem juntos depois da Laurinha.

– Não sabia que você cozinhava. – Vini reparou no cheiro bom que saía do forno.

– Minha avó me ensinou uma coisinha ou outra...

– Se isto estiver tão gostoso quanto está bonito, hein, Laurinha?

– Vini, não sacode tanto. Ela acabou de comer...

Nem bem terminou de falar, a criança deu uma segura golfada em Vinícios. Pegou a blusa toda.

– Valeu, Laurinha! Parece que as mulheres que eu amo estão sempre vomitando em mim...

– Vamos, Vini, me dá ela aqui. – Malu nem ligou para a referência ao ocorrido no começo do ano. – Tira essa camisa e coloca de molho ou ela vai ficar podre.

Vini obedeceu e enquanto ele lavava a camiseta e a colocava para secar, Malu terminou de cozinhar e Laurinha, exausta do dia cansativo, pegou no sono no carrinho. A madrinha a colocou no berço.

Maria Lúcia encontrou Vini, sem camisa, bem sentado no sofá da sala. Procurou não olhar para o corpo definido do rapaz, mas era difícil. Com ele sentado, dava para ver os vários gominhos do abdômen.

– Será que eles demoram ainda?

– Relaxa, Malu. Não tem pressa. Senta aí.

Ela procurou um lugar para sentar, mas a casa era pequena, o único lugar na sala disponível era no sofá, ao lado dele. Hesitou um pouco, mas acabou sentando ao lado de Vini.

Depois de certo silêncio constrangedor, Vini retomou a conversa:

– Malu, você acha que deve ser legal essa vida?

– Como assim, vida de interior?

– Não. Não. Essa coisa de família, sabe? – ele parecia realmente pensativo. – Desde que nós chegamos, venho pensando muito nisso. Acho que me agrada a ideia...

– Quer ser pai adolescente? Deve ter um monte de candidata disponível...

– Engraçadinha. Você sabe muito bem que eu já tenho uma eleita. Você vai ser a futura mãe dos meus filhos.

– Vai começar de novo? – disse contrariada.

– Eu não tenho alternativa. Você ainda não me aceitou...

– Pode parar de uma vez. Não quero saber mais de problemas com garotos. Estou focada em ir estudar no exterior.

– Vai dizer que debaixo desse profissionalismo todo você não sente vontade de ser mãe? De ter uma coisinha linda igual à Laurinha crescendo

aqui dentro? – Vini tocou na barriga de Malu que estremeceu. Ambos perceberam a tensão entre eles. Malu demorou a responder.

– Claro que vou querer ter filhos um dia. Não agora. Eu só tenho 16 anos...

– Pois eu tenho 18 anos, só um pouco mais do que você e já tenho a mais absoluta certeza de que um dia nós vamos construir uma família linda.

– Como você consegue ser tão insistente? E tão confiante? - a resistência dela diminuía a cada instante que passava perto do corpo cheiroso de Vini.

– Tão fofo. Tão interessante. – ele completou sem nenhum pudor. - É simples, minha querida. Eu sempre soube o que eu queria. E eu não vou desistir. – dizendo isso, ele se aproximou de Malu e, confiante, deixou os lábios encontrarem os dela num selinho eletrizante.

Poucos instantes depois, ouviram o barulhinho das chaves, Isaura e Jorge voltavam do passeio.

\*\*\*

Ao contrário do que Maria Lúcia pensou que fosse acontecer, Vini não tocou mais no assunto. Já estavam recompostos quando os amigos entraram em casa, conversaram naturalmente e despediram-se sem que ninguém percebesse nada de diferente.

Depois, Vini a levou para casa falando de todos os tipos de jipe que ele e o avô estavam estudando. Estava animado e com um sorriso no rosto, mas durante o percurso não trocaram uma palavra sobre o ocorrido. Do mesmo modo no dia seguinte, Vini cumprimentou a todos, mas não fez questão da companhia dela, saiu com o Seu Fernando para mais uma vez mexer no motor do trator.

Almoçaram em família conversando sobre diversos assuntos. Um cochilo de tarde. E, em pouco tempo, era hora de pegar a estrada de volta. Ela estava tensa. O beijo da noite anterior a tinha abalado demais, não conseguira nem dormir. Sabia que, tão logo estivessem sozinhos, fariam sobre isso. E ela tinha muitas dúvidas sobre o que dizer, sobre o que sentiu.

Esperou, esperou e esperou que Vini a instigasse, mas ele só falou sobre cinema, sobre música, sobre futebol. Se ela não estivesse muito bem acordada, começaria a duvidar que tudo não passara de um sonho. Talvez, um pesadelo.

Quando ele estacionou na garagem do prédio dela e começou a ajudar a tirar bagagem do carro, ela finalmente se convenceu de que não fariam sobre o beijo. Até tentou conter-se, mas sua inquietação feminina não permitiu. Disse irritada:

– Muito bem, Vini. O que foi aquilo ontem?

– Aquilo o que? – perguntou cínico.

– Você vai fingir que não aconteceu nada?

– E o que foi que aconteceu, Malu? – ele estava se divertindo. Depois do beijo, ele tinha certeza que ficariam juntos.

– Você me beijou,oras...

– Certo. – mantinha a cara cínica que a levava até o limite da paciência.

– Mas e daí?

– Como assim: e daí?

– Malu, foi só um beijo, não é o fim do mundo.

– Só um beijo? Então, essa é mais uma parte das suas brincadeiras? Como quando você diz que me ama?

– Calma lá! Não, senhora. Você que chegou a essa conclusão que eu menti. – ela começou a se irritar de verdade puxou a mochila com as suas coisas de uma vez das mãos dele.

– Você e os seus joguinhos... Não me respeita. Nunca respeitou. – ameaçou se virar e deixá-lo falando sozinho, ele alteou a voz para responder.

– Tudo bem, eu vacilei e admito. Porém, você também não acha que, para um beijinho, você está reagindo com muita intensidade?

– Você sabe muito bem que não foi só um beijo... – disse indignada.

– Ah! – ele sorriu triunfante. – Concordo com você, sabichona. – falou como se estivesse tratando da coisa mais óbvia do mundo. – Resta saber se você está pronta para discutir comigo o que foi aquilo. Ou ainda, o que é que nós sentimos de verdade um pelo outro...

\*\*\*

Malu estava tão furiosa que não aguentou esperar pelo elevador, foi de escada mesmo. Subiu tão rápido que nem notou a distância. Procurava a chave no chaveiro sem conseguir se concentrar. Isaura estava certa, Vini tinha muita facilidade para tirá-la do sério.

Malu se perguntava como ele tinha coragem de falar novamente de sentimentos com ela. Será que não percebia o esforço que ela estava fazendo para matar aquilo dentro de si. Chegou mesmo a se iludir, pensar que conseguiria esquecer, aquele beijo mudou tudo. Naquele instante, não havia lugar para mágoa, para desconfiança. O beijo, ainda que curto, foi só certeza.

– Malu, minha filha! Graças a Deus você chegou!

Nem bem entrou em casa, Malu dá de cara com a mãe apoiada na porta do quarto. Ela estava sangrando. Não pensou, ligou para Vini.

\*\*\*

Em dez minutos, dona Helena já estava medicada. Malu esperava inquieta o resultado dos exames, ainda não conseguira respirar aliviada. Vinícios a abraçava em silêncio.

A mãe agira de maneira irresponsável. Sozinha em casa passara a tarde levantando pesos, encaixotando livros para a mudança que se aproximava, até percebeu que era muito esforço, que as costas estavam doendo, mas não imaginou que nada de mais grave pudesse acontecer, então, o sangramento e a fraqueza começaram.

Ainda bem que Vinícios não tinha sequer atravessado o quarteirão por conta de um sinal de trânsito quebrado. Ao receber a ligação, nem quis mais detalhes, imediatamente fez a volta e ajudou Malu a colocar a mãe dentro do carro. Vini cortou sinais, desviou feito um maluco dos carros no meio da rua. Malu nunca tinha visto alguém chegar tão rápido ao hospital.

Assim que dona Helena foi socorrida, tratou de estacionar e de cuidar da parte burocrática, Malu não tinha a menor condição de fazer isso. Depois, foi juntar-se a ela que aflita andava para lá e para cá no corredor.

– Será que ela vai perder os bebês?

– Calma, Malu. – ele a abraçou. – Vamos esperar e confiar em Deus, tá?

\*\*\*

– Malu? – Otávio estava desesperado. – Como ela está? – Ele estava em outro estado numa reunião de negócios, quando recebeu a ligação da enteada, largou tudo e pegou o primeiro voo. Infelizmente, só conseguira chegar àquela hora da madrugada.

– Ainda está em observação. – ela começou a chorar. – Eles não sabem se os bebês vão resistir...

Vini tentou fazer Malu comer alguma coisa. Ela só queria rezar. Com esforço, engoliu uma barrinha de chocolate e, exausta, com o sol já nascendo, cochilou nos braços de Vinícios.

\*\*\*

Por volta da seis horas da manhã, o médico apareceu com boas notícias. Dona Helena estava bem, as crianças estavam fora de perigo, mas precisavam ficar em observação por uns dias. Malu, Otávio e Vinícios respiraram aliviados.

Depois disso, Otávio insistiu que Vini levasse Malu para casa. Ela precisava descansar e dormir um pouco. A noite tinha sido uma dureza para todos. Maria Lúcia não queria ir, mas ele a convenceu dizendo que precisariam revezar os cuidados, de tarde, ela deveria voltar para cuidar da mãe.

Vini dirigiu em silêncio, também exausto. Ainda teve forças para preparar uns mistos quentes e um suco de laranja enquanto Malu tomava banho.

– Bem. – levantou-se do sofá quando ela entrou na sala de pijama. – Acho que eu já vou...

– Nem sei o que te dizer, Vini. Muito obrigada mesmo. – Malu deu nele um abraço apertado e sincero. – Parece que você sempre está pronto para me ajudar...

– Tomara que eu seja sempre a primeira pessoa para quem você ligue na hora da necessidade. – ele puxou o rostinho cansado dela para olhar em seus olhos. – Se você soubesse o quanto eu gosto quando posso te ajudar de alguma forma...

– Então, por favor, não vai agora. Fica comigo pelo menos até eu conseguir dormir?

Maria Lúcia estava tão fragilizada que ele não chegou sequer a cogitar a possibilidade de recusar esse convite. Foi com ela ao quarto, colocou-a debaixo das cobertas e ficou sentado na cama fazendo cafuné. Em pouco tempo, ela adormeceu. Então, ele lhe deu um beijo e partiu.

\*\*\*

---

# 31 Capítulo

– Muito obrigado, Rosana. – a moça entregou uma pasta cheia de orçamentos que André começava a analisar um por um. – Nossa! Deve ter dado um trabalhão organizar tudo isso aqui...

– Que é isso, Deco? Seu pedido é uma ordem... – Rosana era toda sorriso e simpatia para o presidente do grêmio estudantil. Desde a tarde no cinema, ela estava engajada nas preparações da festa de formatura.

Quem não gostou nem um pouco da presença constante de Rosana foi Angélica. As duas disputavam para ver quem prestava mais favores na esperança de fazer palpitar o coração de André, mas tudo que as duas receberam até aquele momento foram ofensas mútuas e a gratidão sincera do organizador do evento. Nenhuma das duas queria apenas gratidão.

\*\*\*

– Vini? – Malu abriu a porta sem acreditar no que via.

– Que foi? Para que a surpresa? – Ele já foi entrando, pegando uma fita gomada e fechando uma caixa. - Você não achou que eu ia deixar você fazer essa mudança sozinha, achou?

Fazia quase quinze dias que Dona Helena estava internada. O prazo para entregar o apartamento chegara. Precisavam se mudar antes do fim do mês. Otávio dividia-se entre a esposa no hospital e as viagens inadiáveis de negócio. Quase não parava em casa. Sobrou para Malu supervisionar o evento.

Otávio contratou a melhor empresa de mudanças, gente confiável que tinha muito tempo de mercado, porém, sempre havia pequenos objetos frágeis, roupas de uso diário e coisas de foro íntimo que precisavam ser

guardados e catalogados pelos donos. Além disso, tinha também toda a parte de organização da casa nova. Para isso, Malu contava com o arquiteto contratado que quando soube do ocorrido deu uma forcinha extra.

Apesar da assessoria, estava nervosa. Ajudara a mãe em tudo, mas não contava em ter de fazer a mudança sozinha. Eram muitos detalhes. Muita responsabilidade. Não podia se esquecer de nada. Estava tensa.

Toda tensão se desfez com a presença de Vinícios. Ele estava como nunca. Cantarolava. Tirava Malu para dançar. Fazia malabarismos com os enfeites de mesa. Malu brigava com ele, mas a tarde passou depressa. Logo, tudo já estava embalado e Maria Lúcia dava uma última olhada em seu quarto vazio antes de fechar o apartamento e entregar a chave ao porteiro.

– Vai sentir saudades? – ele perguntou percebendo que ela estava pensativa.

– Sim e não...

– Essa Maria Lúcia... Sempre enigmática. – ela sorriu do jeito dele exotérico de falar.

– Vou sentir saudade da minha infância, sabe? E o que este quarto representa nisso. Mas... Sei lá... Eu sinto aqui dentro de mim que o melhor ainda está por vir.

– Tipo assim: nós dois? – Vini a abraçou por trás, depois a fez virar em sua direção e a beijou suavemente.

Malu não rejeitou o beijo, pelo contrário, o correspondeu com paixão. Vini abriu os olhos muito verdes, muito claros, encantado com o momento que vivia. Pela primeira vez, sentia que fazia parte da vida de Malu. Era, finalmente, sua namorada. Mas, quando ela abriu a boca, todas as ilusões foram desfeitas.

– Vini, eu vou estudar nos Estados Unidos. Já comprei a passagem.

Vinícios sentiu um calafrio pelo corpo. As pernas bambearam. Faltou a voz. O que mais ele poderia fazer para que ela entendesse? Nada.

– Vini, você está bem? Ficou branco de repente. – ela passava a mão pelo rosto dele que a segurou interrompendo o carinho.

– Como você espera que eu me sinta, Malu? – sua voz soou transtornada. – Deixa eu esclarecer de uma vez por todas essa nossa história. Você ao menos gosta de mim?

– Calma, Vini. Claro que eu gosto de você.

– Mesmo assim, você vai embora?

– Nós somos só adolescentes, Vini. Não posso abrir mão de uma oportunidade dessas...

– Você me ama, Malu? - ele a interrompeu novamente.

Ela ficou calada.

– Só esse silêncio deveria bastar para mim... - ele deu um sorriso irônico. - Infelizmente, eu preciso de mais para me convencer. Posso te fazer uma pergunta? Tenho certeza que você até já sabe qual é. - ela fez que sim com a cabeça. - Você ainda gosta do André?

Malu até poderia responder, se soubesse essa resposta. Mas a única coisa de que ela tinha certeza naquele instante é que a mudança era inevitável, pois tudo ao seu redor mudara bruscamente. No fundo, sentia um medo incrível. Queria de qualquer maneira ter algum controle sobre a situação, decidir o que quer que fosse, ainda que a decisão fosse fugir. Só não queria sofrer, fazer a escolha errada e causar sofrimento.

Ela ficou calada.

\*\*\*

Vinícios mal cumprimentou o tio na sala de estar e partiu para o quarto batendo as portas. Artur, não acostumado com as atitudes apaixonadas dos adolescentes, perguntou o que era aquilo para Eleonora.

– Quando ele chega assim, pode ir atrás que o problema tem nome: Maria Lúcia.

\*\*\*

– E, então, minha querida? Como foi tudo lá? – Dona Helena puxava Malu para perto da cama para beijá-la e abraçá-la. Ficara bastante pegajosa com a internação e não cansava de pedir carinhos tanto do marido quanto da filha.

– Deu tudo certo. – ela sorriu.

– O Nacinho te ajudou? Eu pedi que ele ajudasse... – Inácio era o arquiteto que a mãe só chamava de Nacinho.

– Ainda está ajudando. A bagunça ficou toda lá nos esperando para amanhã.

– Ai minha filha! Se você soubesse como eu fico arrasada com essa situação. Faltam poucos dias para o vestibular e você sozinha aguentando tranco de mudança, de reforma e de mãe internada...

– Não se preocupe, mãe. – Malu passou a mão pelos cabelos dela. – Vai dar tudo certo. O importante é a senhora se cuidar e cuidar aí dos meus irmãozinhos. Daqui uns dias, você volta para casa e vai ver como vai ficar lindo o quartinho deles.

– E o seu quarto, meu amor. Você ainda não decidiu a cor. O que você está inventando, Maluquete?

– Sobre isso a gente tem que conversar depois...

– Nada disso, Maria Lúcia. – a mãe se sentou melhor na cama quando percebeu que o assunto era sério. – Não estou mais doente. Pode falar. Agora. Malu ficou hesitante, mas o olhar inquisidor da mãe a obrigou a falar.

– Não quero fazer um quarto para mim naquela casa. Acho melhor a senhora fazer um quarto de hóspedes.

Aquilo feriu profundamente Dona Helena. Verdade que a vida se transformara radicalmente naquele ano e pouco dera atenção aos desejos da filha que quase nunca falava sobre seus problemas. Sabia que eram muitas mudanças para a personalidade de Maria Lúcia. Porém, ainda assim, considerava uma punhalada ela não ter dito nada até aquele momento. Foram tantas conversas sobre Otávio, achava que respeitara o espaço de Malu e a filha sempre aceitara tudo tão bem. E agora, com a chegada de gêmeos, a mudança era inevitável.

– Mãe, antes que a senhora pense em traumas, ou que eu desgosto do Otávio, ou qualquer outra besteira de ordem psicológica, eu só queria dizer o que eu decidi. Eu vou para os Estados Unidos.

– É isso mesmo que você quer, Malu?

– É uma excelente oportunidade, mãe... É uma das melhores universidades do mundo. E eu recebi uma bolsa.

– Você não precisa me convencer, filha. Sei de tudo isso. E continuo não concordando. Acho você muito nova, nem tem 18 anos... – Dona Helena percebeu que aquela conversa desagradava à filha e mudou de assunto. Não era uma decisão fácil, a moça devia ter passado noites em claro tentando chegar a uma conclusão. Portanto, como mãe, cabia a ela apoiar. – Por outro lado, se for o que você deseja, não posso fazer nada.

– É o que eu quero, mãe.

– Então, boa sorte, minha querida! – elas se abraçaram emocionadas. – Você merece todo o sucesso do mundo. – Depois de uma pausa, dona Helena continuou. – Mesmo assim, mocinha, trate de escolher a cor do seu quarto.

Morando fora do país ou onde for, você sempre terá um cantinho na nossa casa. Ouvia?

\*\*\*

– Deixa eu ver se eu entendi, você está carrancudo desse jeito porque a Malu preferiu ir estudar nos Estados Unidos em uma das melhores universidades que existe ao invés de viver feliz para sempre com você?

– Tio, você coloca as coisas de um jeito... – disse zangado.

– E você tá me saindo um egoísta de marca maior. – sorriu diante da birra de Vini. – Vocês são jovens! Têm mais é que estudar mesmo, conhecer o mundo...

– Nem vem com essa, tio. Eu acho que eu morro se ela for...

– Que amor roxo, hem? - Artur riu reconhecendo no sobrinho os seus mesmos exageros.

– Até parece que o senhor tem envergadura moral para falar de mim. – respondeu irônico.

– Justamente por saber como você está se sentindo é que eu acho que você está sofrendo sem motivo.

– Como assim? – interessou-se.

– Cara, se você ama desse jeito essa menina, vai com ela.

– Tio, é uma das melhores universidades do mundo...

– Vini, você é um aluno excelente! – interrompeu – Além disso, é uma universidade paga e seu avô tem uma fortuna apodrecendo, esperando por você. Ou você acha que se o único neto dele manifestar o mínimo desejo de ir estudar nos Estados Unidos ele se negaria a ajudar?

– Tio, eu só posso ir se ela quiser que eu vá.

\*\*\*

Os dias passaram depressa entre os cuidados com Dona Helena, a reforma e decoração da casa e os estudos. Malu andava cortando um dobrado para acompanhar o cursinho nessa rotina louca. Mas o tempo de sacrifício chegara ao fim.

A mãe voltara para casa pronta para outra, a barriga crescendo cada vez mais. A casa nova estava quase pronta, faltavam detalhes de decoração, Dona Helena assumira essa tarefa junto ao arquiteto. E hoje era o último dia de prova do ENEM. Enfim, sentia-se livre de todas as responsabilidades como

há muito não sabia ser. Pegou a bicicleta para passear pela vizinhança.

Andou pelas alamedas arborizadas, pelo silêncio dos condomínios de luxo, ouvia música e relaxava. Tudo voltava para os eixos. Não queria saber nem o resultado da prova. Agora, ela iria tratar da viagem. Passaporte, moradia, alimentação. Ganhava velocidade pelas curvas do bairro, logo estaria no calçadão. Tentava esvaziar a mente, algo impedia, ela pensava em Vini.

\*\*\*

– Então, Deco, como foi de prova?

Na segunda-feira, não se falava de outra coisa além da prova. Rosana aproveitou mais essa oportunidade para se aproximar e conversar com André na maior intimidade. Interrompeu o papo com Vinícios na saída da escola.

– Sabe, Rosana, considerando minha vagabundagem do começo do ano, até que fui bem... - respondeu gentil.

– Eu sabia que você se sairia bem. - Sensual, deu um beijo na bochecha do rapaz.

– Tchau, irmãozinho. Amanhã a gente conversa. - Vini se despediu do amigo com um tapinha nas costas. O rapaz passou apressado. O avô em pessoa veio buscá-lo no colégio.

Rosana ficou impressionada quando viu o famoso advogado das capas de revista na porta da escola. Estava tão admirada que nem conseguia fechar a boca.

– Aquele é quem estou pensando? - perguntou a André cheia de interesse.

– Provavelmente sim, Rosana. Aquele é o avô do Vini.

\*\*\*

– Malu, quando o Vini me contou que você vai mesmo para os Estados Unidos, eu não acreditei.

Ana Maria tinha encontrado Malu no banheiro e as duas eram as únicas da escola que não estavam discutindo sobre as questões da prova de Domingo.

– O Antonio já está vendo as acomodações para mim na universidade.

– Ah! Ai Antonio!! - lembrou-se da beleza escultural do rapaz - Não fala de Antonio que eu perco a concentração. - As duas riram do jeito engraçado de Ana. - Ainda não acredito que você vai mesmo...

– Mas se eu consegui foi uma bolsa, Ana...

– Nossa! - Ainda estava espantada com a coragem de Malu em se largar sozinha para o exterior com tão pouca idade. - E vocês dois?

– Como assim? - Malu se fez de desentendida.

– Você e o Vini, oras... - Ana fazia cara de quem falava a coisa mais óbvia do mundo.

– A gente continua como está...

– E vocês não estão namorando?

Malu demorou um pouco a responder. Gostava de Vini, era evidente, mas, por outro lado, tinha de ser objetiva. Estudar no exterior era uma grande conquista. Além disso, os dois eram ainda muito jovens para tanto sentimento. E Vini, apesar de muito falar de amor, nunca sequer havia conversado com André sobre eles dois. Então, decidira-se: não trocaria uma certeza pela dúvida. Dúvida esta que não a deixava mais dormir em paz.

– Não existe eu e o Vini. O Vini é o Vini e eu sou eu.

– Quanta frieza para quem vive aos beijos! Você quer bem me dizer, Dona Maria Lúcia, que o seu coração não balança nem um pouquinho pelo meu amigo?

Malu riu, mas inventou uma desculpa para não continuar a conversa. A história com Vinícios era complicada demais até para ela mesma entender. Queria fugir, focar em outra coisa, esquecer e não sofrer mais.

\*\*\*

---

# 32 Capítulo

– Como assim ela já viajou? - Ana Maria, deitada na borda da piscina, tomou um susto.

– Pois é... - Vini sentado debaixo de um guarda-sol, cara de poucos amigos, disse visivelmente chateado. - Teve a decência de me mandar um e-mail de cinco linhas avisando o horário do voo.

– E você?

– Desejei boa sorte! O que mais eu poderia fazer? Uma cena no aeroporto?

– No mínimo. Você não é louco por ela?

– Sou. Acho até que sempre serei. Mas não posso competir com uma das melhores universidades do mundo... Com o medo da Malu... Com o André... Enfim, com todos os problemas do mundo.

– Mas ela foi assim, sem fazer prova, sem nada...

– Acho que a Malu já tinha nota para passar, Ana...

– E você, como está se sentindo?

– Péssimo! Arrasado! A última das criaturas.

– Um pouco de drama sempre combinou com a sua personalidade...

– Falando sério? Acho que foi bom ela ter ido de uma vez. Sério. - Ana olhava para ele com uma cara de quem não estava acreditando em uma só palavra. - Se não era para a gente ficar junto, então, para que ficar adiando esse sofrimento? Chega, não é? Eu tentei de tudo com essa garota. Poxa! Não deu certo. Ela não me quis. Vou ter de conviver com isso e seguir com a vida.

\*\*\*

Vini caiu na farrá. Foram quinze dias de pegação. Cada dia uma boca diferente, uma cantada diferente, uma nova fã. As meninas do primeiro ano, sem se incomodar com a galinhagem, faziam fila para ver quem seria a próxima escolhida. Porém, o sorriso não voltava aos lábios do rapaz, nem as brincadeiras que ele fazia eram divertidas, nem os olhos verdes estavam claros.

– Até onde você pretende ir com isso, meu amigo? - perguntava Ana Maria na hora do intervalo.

– Até esquecer o que eu sinto...

Ana Maria ia continuar, mas Rosana se aproximou. Ana nunca gostou das energias de Rosana. Percebia na garota aquela aura de inveja doentia e não pretendia ser um dos seus alvos, por isso, tão logo a outra se aproximou de Vini, tratou de se despedir.

– Taí, mais uma candidata... Faça bom proveito. Mas cuidado. - disse e saiu de perto.

– Engraçadinha a sua amiga, não é? Não sei o que eu fiz a ela para me tratar desse jeito... - falou de modo irônico.

– Mulheres são imprevisíveis. - desconversou.

– É. Mas já os homens, são sempre iguais.

Vini percebeu que Rosana usava o mesmo perfume que Malu. Poderia até ser coincidência, mas aquilo foi lhe dando um mal-estar.

– Vocês homens são movidos por desejo. - ela se aproximou de Vini e tentou passar a mão nos cabelos dele que não deixou.

– Talvez alguns sejam... Eu ainda uso a cabeça.

– Vini, por que você ficou tão arredio comigo? - fez uma carinha dengosa. - Não gostou dos meus beijos?

Vini nem respondeu. Ela continuou.

– Pois eu, gatinho. Gamei em você, sabia? Desde a primeira vez que te vi. Você é tão inteligente! Tão interessante!

Vini reparou que ela imitava sem sucesso os gestos delicados de Maria Lúcia e até o tom de voz. Era extremamente desagradável ver aquilo. Malu nunca seria tão oferecida.

– Pensei que você estivesse a fim do André, Rosana?

– O Deco é um cara maravilhoso! - sorriu. - Mas não precisa sentir

ciúmes, eu sempre fui caidinha por você... - ela chegou ainda mais perto, tinha uma postura tão agressiva que todos ao redor acompanhavam a conversa. - E agora que você está livre, quem sabe a gente não sai qualquer dia desses? - deu um beijo no rosto dele.

– Acho difícil, Rosana. - afastou-se.

– Não sou tão bonita quanto as meninas do primeiro ano?

– Você é bem bonita, moça. Mas não me interessa.

– E posso saber o porquê? - Rosana alteou a voz irritada com a negativa de Vini, chamando ainda mais a atenção para a conversa.

– Posso ser sincero?

– Faço questão.

– Porque você é uma falsa e interesseira que só se aproxima das pessoas pelo que elas podem te oferecer. Você é capaz de qualquer coisa, não é? Como essa ceninha que você armou aqui agora. Quer ficar popular, Rosana? Pois fica. Táí, tá todo mundo olhando para nós dois. Não era o que você queria?

Todos no pátio do colégio olhavam para Vini e Rosana discutindo. Até o André, que estava na sala do grêmio, saiu para ver o que estava acontecendo.

– E você é tão maravilhoso, não é, Vinícios? Tão herói. Tão íntegro. - Rosana, com ódio no olhar, falava ironicamente. - Por isso você pode me julgar na frente de todo mundo e eu vou sair como a vilã da história, mas, quer saber? Não fui eu que peguei a namorada do meu melhor amigo enquanto ele estava doente.

André parecia não acreditar no que estava vendo. Rosana, enlouquecida, berrava, já Vini, respondia tranquilamente aos insultos da moça.

– Você pegou a namorada do André. O lugar dele no time. Bateu no cara e ainda faz pose de bom garoto chamando o André de irmãozinho.

– Você é uma invejosa, Rosana. Essa tua inveja te consome tanto que você não entende, nem tão cedo vai entender o que é ser amigo de alguém. - olhou para o amigo buscando aprovação, André parecia não entender bem sobre o que estavam falando, mas concordou com a cabeça. Vini continuou. - Você gastou tanta energia querendo ser a Maria Lúcia, ter o que ela tem, que afastou da sua vida a única criatura que tentou ser sua amiga de verdade.

– Vai defender a outra sem-vergonha? Acha que isso diminui seu erro? Santa Malu! Só acredita quem quer...

– Nem ouse tocar no nome dela. - enfim ele se irritou, partiu para cima e Ana Maria teve de intervir.

– Você ainda defende quem passou o ano brincando com os dois bobocas... André ou Vinícios, não consigo me decidir. Mas como eu sou santinha fico com os dois e ninguém vai desconfiar.- fazia uma vozinha infantil e desagradável. - E agora ela deixa vocês dois chupando o dedo e segue a vidinha maravilhosa de moça perfeita que ela tem sem nem olhar para trás. Tá satisfeito com a Maluzinha agora?

A diretora já estava chegando no local do tumulto, Ana Maria empurrou Vini para dentro de uma sala antes que ele perdesse totalmente a razão e quebrasse a cara daquela infeliz. As pessoas foram se afastando sem compreender direito aquilo tudo. Rosana ficou sozinha no pátio.

\*\*\*

– Certo, cara. Pelo menos para mim, você vai ter de explicar o que foi aquilo na hora do intervalo.

André fora procurar Vini no seu esconderijo favorito, a árvore por detrás do ginásio, tão logo o sinal do término das aulas tocou. Vinícios estava sentado no chão, encostado no tronco, olhando para o tempo, no fundo, sabia que o amigo viria a sua procura.

– Deco, a gente tem que conversar...

– E o assunto, imagino eu, seja a Maria Lúcia? - André sorriu e se sentou ao lado do amigo. - Será que eu sempre suspeitei da verdade, meu irmão? Você tem aí nesse peito uma paixãozinha reprimida pela Malu?

– Na mosca. - Vini abaixou o rosto com vergonha.

– E posso saber por que eu nunca mereci a confiança de dividir essa informação contigo, chapa? - ele abraçou o amigo com carinho. - Nós não somos como irmãos?

Vini despejou toda a verdade em cima de André. Contou tudo desde a morte do pai, a terapia, a descoberta de um sentimento tão forte, a impossibilidade de lidar com aquilo. Justificou o tratamento infeliz para com a moça. Disse tudo quanto havia acontecido naquele ano entre ele e Maria Lúcia. Abriu o coração e encontrou um André surpreso, admirado, até confuso. Mas não houve um só momento de raiva, zanga ou rancor, o amigo foi todo compreensão.

– Meu caro amigo Vini, estou estupefato! - riu gostoso descontraindo o ambiente. - Sempre achei você meio maluco. Hoje, tenho certeza da sua loucura.

– Você não está nem um pouco chateado comigo? Sei que não foi certo o que eu fiz, deveria ter te contado... - ele engasgou, estava constrangido. - Mas quando você chegou com aquela história de gostar da Malu...

– Você deveria ter me dado outro murro, seu besta. Diante do que você me falou e do que eu fiz com aquela menina, eu merecia era outra porrada mesmo.

– Deixa disso, Deco. A coisa mais difícil que eu já fiz na vida foi te dar aquele murro.

– Eu sei, cara. Por isso mesmo. - André novamente abraçou o amigo. - Amizade como a nossa não se abala por causa de mulher. Quanto mais sendo a mulher que você ama.

– Mas você disse...

– Não vou negar que eu gosto da Malu. - André o interrompeu para explicar melhor. - Mas nem de longe se trata desse sentimento que você descreveu aí. Isso é muito grande, irmão. Não tenho idade para isso. Ainda quero beijar muitas bocas antes de encontrar um negócio desses. - André sorriu e Vini sorriu de volta. - Mas, quer saber, mesmo que fosse, mesmo que eu estivesse apaixonado pela Malu também, sinceramente, meu amigo, eu ia preferir que você ficasse com ela. Sabe por que? Porque você é o cara mais legal do mundo.

\*\*\*

De: Vini

Para: Maria Lúcia

Assunto: Feliz Aniversário!

Oi, Malu,

Como vc tá aí nos States? Deve tá um frio congelante, vi no noticiário.

Já aqui tá um calorão. Fomos todos pra praia hoje. Comemoração geral. Vc já deve saber q o último resultado da galera saiu ontem. O Santa Inês detonou no vestibular.

A Ana passou para Psicologia na estadual, já está toda metidinha a intelectual. INSUPORTÁVEL! Mas eu amo. O Júlio entrou para Educação Física, fica só falando em corpos sarados. Um luxo! A Carol decidiu fazer

Estilismo numa particular muito boa e cara no centro da cidade. O André, depois de tudo, também decidiu fazer Administração Pública nessa mesma facul. Acho a cara dele. Vai ser um grande político esse nosso amigo. E eu passei para a Federal, Engenharia Mecânica, como eu queria.

Falando nisso, parabéns pra vc tb! Sabia que vc era inteligente, mas nunca pensei q conheceria o segundo lugar geral do vestibular. Os gringos devem estar malucos com vc aí. Se vc continua crânio desse jeito, nunca mais q volta pro Brasil.

Se é pra isso acontecer, se for pra eu nunca mais te ver e um dia nós dois sermos só estranhos, preciso te dizer que eu nunca quis te fazer sofrer.

Espero mesmo q daqui pra frente tudo se renove pra nós dois. Nossas vidas estão tão diferentes. Q vc viva tudpo q sonhou. Ainda tem muita coisa pela frente, muita coisa ainda vai mudar. Sei q agora, pelo menos pra mim, tá difícil. Preferia passar minha vida tentando te conquistar a ter de desistir de vez. Infelizmente, acho q quem decide isso não sou eu. Tive minha chance e não sobrou nada além de lembranças.

Mas ainda temos muito q viver e me enganar não dá mais. Confio em vc. Vc fez a escolha certa. Seu coração vai sempre te mostrar exatamente para onde ir. Por isso eu sigo meu caminho e vc q siga o seu.

Sucesso!

Feliz aniversário!

Bjos,

Vini.

\*\*\*

Maria Lúcia sentou na cama do dormitório universitário e chorou como uma criança. Nunca tinha se sentido tão sozinha em toda sua vida. Era feriado prolongado nos Estados Unidos, praticamente todos na cidade tinham ido ou viajado para suas casas, poucas pessoas ficaram nos alojamentos da universidade.

Estava um silêncio aterrador.

Além disso, fazia mesmo um frio congelante. E era o primeiro aniversário de sua existência que ela passava na mais completa solidão. A família ligara, a mãe depositou um dinheiro na conta para comprar um presente, mas não recebera um abraço sequer. Até comprou um bolo, porém, achava deprimente demais apagar as velinhas sem mais ninguém.

Começou a estudar, como fazia sempre desde que chegara, decidida a dormir cedo. Leu até ouvir o bip do celular avisando que tinha um *e-mail* novo. O *e-mail* do Vini.

Parecia que estivera anestesiada e o e-mail a despertara de um sono profundo. p

Lembrou-se dos devaneios na varanda do sítio, eles dali a alguns anos. Vini tirando as bagagens do carro, brigando com seu pai, ela deitada na rede vendo o tempo passar, talvez tivessem filhos barulhentos e brincalhões como ele. Aquilo era a verdadeira felicidade. Não a solidão que ela escolhera para si.

Malu percebeu que poderia estudar em qualquer lugar. Já encontrar outro Vinícios ia ser muito mais difícil.

Aquilo que eles tiveram fora de fato especial. E ela, muito burra, insegura e medrosa só conseguira ver isso quando ele mandou um e-mail desistindo de tudo, desistindo de esperar por ela. Agora, não tinha mais nenhuma dúvida. Seu coração era todinho certeza.

Tinha de agir. E depressa.

\*\*\*

---

# 33 Capítulo

Última festa no Colégio Santa Inês. Se esta não fosse a última, com certeza, Vini não iria. Não tinha a menor vontade de participar de uma festa pela primeira vez na vida. Ana Maria o convenceu, iria como par dela. Sua amiga jamais deixaria que ele não fosse à festa da formatura deles. Ela sabia ser bem convincente quando queria. Tanto insistiu que conseguiu.

Vini vestiu o terno e parou na portaria do apartamento da amiga. Só essa parada já entristeceu seu coração. Sentiu falta de Malu. Quanto mais o tempo passava, mais se desesperava se perguntando quanto tempo mais seria preciso para esquecê-la.

– Como eu estou? - disse Ana de dentro do seu vestido azul escuro.

– Belíssima! - Vini beijou a mão da amiga e a conduziu ao carro forçando um sorriso.

\*\*\*

– Ai, Vini! Relaxa um pouco. - Ana Maria reclamou puxando o amigo para dançar. - Amanhã você sofre pela Maria Lúcia. Aliás, você tem a vida inteira para alimentar esse seu sofrimento. Mas hoje não, por favor. É a nossa última noite no colégio, lembra? Vale pelo menos um sorrisinho.

Resolveu desistir de ficar emburrado, aquilo não era mesmo para ele, começou a dançar com Ana Maria, depois veio Milena e até a Carol que estava com o André foi pedir uma voltinha no salão, mas o amigo não deixou.

– Qual é, Carol? Você dança comigo. - apertou a menina entre os braços. - Esse cara é muito ganhão. Não posso vacilar. - piscou o olho para o amigo e levou a parceira para mais longe.

Foi estranho durante o cerimonial, quando Dona Cecília chamou outro nome como melhor aluno, um rapaz do segundo ano tão tímido quanto a própria Malu. Vini ganhou o melhor atleta e o prêmio do mais brincalhão, mas, dessa vez, nem fez muita baderna no palco. Milena acabou escolhida rainha, uma raridade, visto que ela ainda fazia o primeiro ano e o rei foi o Guilherme da natação. Os dois dançavam a valsa quando todos olharam para a entrada do ginásio.

Maria Lúcia, com um vestido curtinho rosa-chiclete, aparecera acompanhada por um magnífico Antonio. O cabelo delicadamente preso num coque, uma maquiagem discreta, mas fabulosa. Estava linda. Dona Cecília, André, Ana Maria, todos foram falar com ela. Menos Vinícios.

Logo, logo, Ana Maria se apossou de Antonio. Aceitara participar do plano de Malu, mas fizera questão de receber seu pagamento em Antonio. Nunca esquecera aqueles olhos azuis. Já Malu, depois dos cumprimentos iniciais, pediu licença à Carol e tirou André para dançar.

– Maluzinha, que bom que você veio! - André sorriu o seu sorriso mais bonito, o sorriso que mostrava toda a nobreza do seu caráter, o sorriso que Malu sempre admirou.

– André, tenho algo para te contar. Já devia ter contado há um tempão... - ela não quis alongar a conversa, tinha pressa, urgência de resolver as coisas.

– Espero que você me diga que desistiu dessa maluquice de Estados Unidos e vai ficar em definitivo com meu grande amigo Vini. Tipo namorar, casar e ter filhinhos...

– Exatamente isso. - Malu olhava assustada. Planejava tudo, ensaiara no espelho o que dizer, não esperava que fosse ser tão fácil. - Como você adivinhou?

– Ele me contou, sua boba. - André deu de ombros. - Com uma ajudinha um tanto desagradável da Rosana.

– Falando nisso, cadê ela? - Malu procurou o olhar invejoso de Rosana na multidão.

– Nem sei. Depois da confusão que ela arrumou com o Vini, não apareceu mais. Sumiu. Também não fez a menor falta.

– Coitada!

– Ah! Malu, Malu... Só você mesma. - deu um beijo no rosto dela. - Mas e aí, decidida a ficar com aquele mané?

– Totalmente. - ela sorriu. - Estou completamente apaixonada por aquele mané. Você se incomoda de alguma maneira?

– De jeito nenhum. Vocês se merecem. São dois malucos. - ela o abraçou com força e lhe deu um beijo no rosto. - Você sabe onde ele está, não sabe? - André ainda disse olhando ela sair do ginásio.

– Com certeza. - Malu respondeu tomado o exato caminho de onde Vini estava.

\*\*\*

– Sabia que eu ia te encontrar aqui. O lugar da escola que eu mais fugi a vida inteira.

Vinícios estava em pé, terno desabotoado, apoiado no troco da sua árvore favorita. Apenas um feixe da luz da lua que escapava da frondosa folhagem iluminava seu rosto.

– Foi nesse lugar que eu te conheci. Você não lembra? Bem aqui tinha um parquinho, algum tempo depois de você entrar, Dona Cecília resolveu transferir a parte infantil para o outro lado da escola. - Disse olhando diretamente nos olhos dela. - Nessa árvore, ficava meu balanço favorito, feito de pneu. Eu achava que aquele balanço era meu. Tinha inventado que ele era mágico, que poderia me levar para qualquer lugar, até para o mundo dos mortos para visitar meu pai. - começou a viajar nas lembranças. - Aí eu chego um dia na hora do recreio e tem uma pirralha sentada nele. Imagina a minha raiva. Ah! Eu andava com muita raiva naqueles dias. Eu te empurrei com tanta força que você caiu no chão, mas não chorou, nem brigou, nem nada. Só se afastou de mim. Trancinhas, laço de fita amarelo para combinar com o uniforme e lancheira da Pequena Sereia. Lembro como se fosse hoje o dia que esta agonia começou.

– Eu devo pedir desculpas por isso... - ela se aproximou dele que se afastou, ficou de costas para ela.

– Por isso não, mas por brincar com meus sentimentos como você está fazendo agora, aí sim.

– Não vim aqui brincar com seus sentimentos, Vini. Vim entregar meu coração.

– Para o André? Ou para o bonitão italiano? - disse rude.

– Para você, Vinícios Matos Leal. Para você que sempre foi meu anjo da guarda. Que sempre me amou de um jeito que eu nem sabia que era possível ser amada. Isso se você ainda quiser receber meu coração. - ele

tornou a olhar nos olhos dela desconfiado. - Você tem razão, eu preciso mesmo te pedir desculpas. - ela tocou o rosto dele delicadamente. - Peço perdão por não acreditar nesse sentimento tão forte. Eu desconfiava do meu próprio coração. Nunca imaginei que um amor tão grande assim coubesse no Ensino Médio. Fiquei com medo. Fugi e te fiz sofrer. Peço mil desculpas. - uma lágrima escorreu do olho dela, Vini a enxugou com o polegar.

– Não gosto de te ver chorando.

– Hoje, essa pode ser uma lágrima de felicidade. Basta você dizer que me perdoa, que ainda me ama. Sabe de uma coisa, Vini, eu nunca fui burra, mas juro que me senti uma idiota lendo o seu e-mail. Como é que eu não consegui perceber que é só com você que eu vou ser feliz?

Vini não quis ouvir mais nada, segurou Maria Lúcia com força e lhe deu o beijo mais guardado que tinha no estoque. Malu só faltou derreter naquele abraço. Era tão óbvio, ela o amava e muito. Agora sabia que fizera a coisa certa.

Dali, tudo era consequência. Faria medicina no Brasil, depois, mais velhos, mais unidos, poderiam os dois estudar no exterior. Talvez uma pós-graduação. Mas, naquele momento, era hora de viver um grande amor, sem a menor sombra de dúvida.

\*\*\*

– Será que eu posso levar minha namorada para a pista de dança?

Depois de muitos beijos longos, beijinhos e carinhos, Vini decidiu que era o momento de mostrar a todos naquele colégio sua nova e eterna namorada. Começava a tocar a curta seleção de salsas do DJ do colégio e ele não queria perder a oportunidade de exibir sua mulher e seu amor pelo salão.

– Será que eu dou conta de acompanhar o meu namorado? - fez questão de frisar bem a palavra namorado. - Ele dança bem demais!

– A gente dá um jeito. - deu mais um beijo em Malu.

O que o colégio Santa Inês viu naquela pista de dança foi um verdadeiro espetáculo de salsa. Dona Cecília nunca poderia imaginar que a dança estava entre os talentos de Vinícios, muito menos ainda dentre os de Maria Lúcia. Aliás, o casal como um todo lhe parecia insólito já que passaram boa parte da vida brigando. No entanto, eles estavam tão felizes que exalavam felicidade pelos poros, ela não teve outra alternativa além de ficar também feliz por eles.

\*\*\*

Malu subira no jipe de Vini preparada para encarar a longa viagem até o sítio do pai. Vini demorava para subir no carro, ajeitava a bagagem. Mesmo assim, nesse pouco espaço de tempo, já tinha dado uns vinte beijos em Malu. Não cansava nunca.

– Tenho um presente para o senhor.

– É mesmo? E o que é? Tomara que seja mais um beijo... - Vini subiu no carro e deu um beijo mais demorado na namorada.

– Toma. - ela entregou uma caixinha. - Achei a sua cara.

Ele abriu o pacotinho e encontrou um chaveiro de metal com um ursinho muito parecido com aquele que ele tinha tentado dar a Malu, o urso segurava uma plaquinha onde estava escrito: Mister Lonely.

– Eu adorei. - deu um beijo no rosto da namorada e começou a colocar as chaves do carro no chaveiro. - Eu estava mesmo sentindo falta dele...

– Eu também. Quero levar o Sozinho lá pra casa, não posso me desfazer do primeiro presente que o homem da minha vida me deu. - trocaram um olhar apaixonado. -Será que a Laurinha vai me devolver o urso?

– Claro que eu vai. O padrinho dela vai dar um urso maior ainda para ela se for preciso.

– Eu te amo, sabia?

– Não sabia. - outro beijo demorado. - Mas fico muito feliz de saber disso porque eu te amo demais, sempre amei e tenho certeza que sempre vou te amar.

Vini ligou o som do carro, foram ouvindo a voz de Nando Reis na música que se tornou a música deles: Do seu lado.

\*\*\*





GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
*Secretaria da Educação*